

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

André Condes Ferreira

Imprensa e educação: a “gripe espanhola” nas páginas dos impressos de
São Paulo e do Rio de Janeiro (1918)

Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade

São Paulo
2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

André Condes Ferreira

Imprensa e educação: a “gripe espanhola” nas páginas dos impressos de
São Paulo e do Rio Janeiro (1918)

Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade

Tese apresentada à Banca examinadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de doutor em Educação: História, Política, Sociedade, sob orientação da Profa. Dra. Katya Mitsuko Zuquim Braghini.

São Paulo
2023

Banca Examinadora

RESUMO

Ao final da Primeira Guerra Mundial, uma nova forma de influenza se espalhava com velocidade pelo mundo, transformando-se em uma pandemia. A fase mais mortífera aconteceu no último trimestre do ano de 1918 e causou significativas mudanças na administração dos países em diferentes níveis de suas organizações sociais, de saúde, políticas etc. Esta pesquisa teve como objetivo a realização de um estudo sobre a imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro ao longo da pandemia de 1918, mostrando a construção da narrativa dos acontecimentos, os assuntos mais abordados, os enfoques e a análise dos dados sobre o que foi esta crise sanitária no início do século XX. Diante deste cenário de proliferação de uma moléstia de características desconhecidas e letal, torna-se pertinente compreender, de maneira geral, como diferentes impressos periódicos atuavam em relação à educação do povo em um momento de urgência, e de maneira particular o que coube à instrução pública no mesmo momento. A pesquisa foi estruturada a partir de um banco de dados, pensado como instrumento de pesquisa, para o recolhimento e a catalogação dos dados produzidos pela imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro tendo como base de investigação a hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional e acervos digitalizados de jornais brasileiros, como o do jornal *O Estado de S.Paulo*. As notícias dos periódicos catalogados foram organizadas por eixos temáticos, de acordo os assuntos abordados sobre a pandemia, como por exemplo: a transformação dos espaços escolares; a atuação dos professores; as orientações do Serviço Sanitário contendo as medidas profiláticas que a população deveria aprender e seguir; entre outros itens. A pesquisa se amparou em dois grandes referenciais: os estudos sobre a imprensa tiveram como foco a formação do público leitor de ciências e foram alicerçados pelos escritos de Nieto-Galan (2011). Já Sontag (1977) foi utilizada para compreender as formas de representação que a influenza assumiu. Há destaque para a verificação dos fatos relacionados à instrução pública durante o período e as formas de saberes, científicos e populares, que circulavam durante a pandemia e ajudaram a orientar o povo para a prevenção e o combate da doença. Como resultado, vemos que, em poucos meses, a vida nas cidades estava totalmente modificada e a população procurava formas para entender e combater o mal que se instaurou. Dentre as diferentes mudanças de hábito, a instrução pública também foi afetada e as escolas tiveram seu funcionamento prejudicado, aulas suspensas, incertezas sobre a saúde dos alunos. A imprensa cumpriu um papel de orientadora do comportamento do povo, mas percebe-se a apresentação narrativa de uma pandemia fragmentada, a depender do posicionamento social e político dos impressos, para com a transmissão de informações aos seus respectivos públicos leitores.

Palavras-chave: impressos periódicos; influenza pandêmica; instrução pública; vida urbana.

ABSTRACT

At the end of World War I, a new form of influenza was rapidly spreading around the world, turning into a pandemic. The deadliest phase took place in the last quarter of 1918 and caused significant changes in the administration of countries at different levels of their social, health, political organizations etc. This research aimed to carry out a study on the press in São Paulo and Rio de Janeiro during the 1918 pandemic, showing the construction of the narrative of events, the most discussed subjects, the approaches and the analysis of data on the that was this health crisis at the beginning of the 20th century. Faced with this scenario of proliferation of a disease of unknown and lethal characteristics, it becomes pertinent to understand, in general, how different periodicals acted in relation to the education of the people in a moment of urgency, and what was up to instruction public at the same time. The research was structured from a database, thought as a research instrument, for the collection and cataloging of data produced by the press of São Paulo and Rio de Janeiro, having as research base the digital library of the National Library Foundation and digitized collections of Brazilian newspapers, such as the newspaper O Estado de S.Paulo. News from cataloged journals were organized by thematic axes, according to the subjects addressed about the pandemic, such as: the transformation of school spaces; the performance of teachers; the guidelines of the Sanitary Service containing the prophylactic measures that the population should learn and follow; among other items. The research was supported by two major references: studies on the press focused on the formation of science readers and were based on the writings of Nieto-Galan (2011). Sontag (1977) was used to understand the forms of representation that influenza assumed. There is an emphasis on the verification of facts related to public education during the period and the forms of knowledge, scientific and popular, that circulated during the pandemic and helped to guide the people towards preventing and combating the disease. As a result, we see that, in a few months, life in the cities was completely changed and the population was looking for ways to understand and fight the evil that was established. Among the different changes in habits, public education was also affected, and schools had their functioning impaired, classes suspended, uncertainties about the health of students. The press played a role in guiding the behavior of the people, but the narrative presentation of a fragmented pandemic is perceived, depending on the social and political positioning of the printed matter, towards the transmission of information to their respective readerships.

Keywords: periodicals; pandemic influenza; public instruction; urban life.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, processo número 88887.473578/2020-00.

This study was financed in part by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brazil (CAPES) – Financing Code 001, under process . número 88887.473578/2020-00.

*“No puedo anhelar un desastre, pero sí puedo valorar la forma
em que respondemos a él, tanto práctica como
psicologicamente”*

(SOLNIT, 2020, p. 28).

O desenvolvimento deste trabalho passou por várias fases. Hoje, é muito satisfatório poder entregá-lo e dizer que produzi uma tese sobre uma pandemia enquanto eu vivi uma. A frase pode até parecer clichê, mas cabe perfeitamente neste momento: não foi fácil chegar até aqui.

Nesta caminhada, que também foi de reconstrução pessoal e profissional, não posso deixar de agradecer as pessoas que me acompanharam.

Aos meus pais que estiveram comigo em todos os momentos deste doutorado.

Às minhas sobrinhas que, desde pequenas, viram um tio devotado aos estudos e tentaram entender o que era a academia. Ao citá-las, não posso deixar de, novamente, agradecer minha irmã. Sem sua ajuda financeira, eu não teria feito minha primeira graduação e poderia não ter chegado até aqui.

Meu muito obrigado:

A minha Orientadora, Prof^a Dr^a Katya Braghini, por esses anos todos de acompanhamento e de parceria, desde o mestrado.

A todos os Professores do PEPG EHPS que contribuíram com minha formação acadêmica.

A sempre querida Betinha, secretária de nosso Programa. Sempre gentil e disponível para auxiliar e resolver qualquer questão.

Aos colegas do grupo de pesquisa NEO, pela parceria na jornada acadêmica.

Ao Prof. Dr. Pe. Cláudio Bastos, pela presença acolhedora e pelos incentivos ao longo dos últimos dois anos.

Cada um de vocês contribuiu para que este doutorado se fizesse um percurso que eu adorei trilhar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mortalidade anual de gripe no Rio de Janeiro.....	53
Figura 2 – Relatório das doações arrecadadas pela Cúria Metropolitana	95
Figura 3 – Prestação de contas da parceria Estado-Fanfulla.....	97
Figura 4 – Jornal OESP com informações da gripe.....	101
Figura 5 – Jornal Correio Paulistano com informações da gripe.....	102
Figura 6 – A “espanhola” retratada na página do jornal O Combate (SP)	103
Figura 7 – O Correio Paulistano na divulgação dos hospitais provisórios	112
Figura 8 – O OESP na divulgação dos hospitais provisórios	112
Figura 9 – Primeira página de OESP	117
Figura 10 – Primeira página de O Combate (SP).....	117
Figura 11 – A ironia crítica de uma primeira página da Gazeta de Notícias	120
Figura 12 – Primeira página de O Combate (SP) com menção à censura	122
Figura 13 – A divisão de assuntos de uma primeira página de jornal	123
Figura 14 – Ilustração da revista O Malho para a contaminação da Missão Médica ...	125
Figura 15 – Primeira página da revista O Malho.....	127
Figura 16 – A gripe espanhola nas relações sociais.....	134
Figura 17 – Capa da revista D. Quixote.....	136
Figura 18 – Mais uma representação da “espanhola”	139
Figura 19 – A ilustração da pandemia na capa de uma revista infantil	140
Figura 20 – Gráfico da “epidemia reinante”	157
Figura 21 – Primeira página de jornal com conselhos profiláticos dirigidos ao povo .	176
Figura 22 – Box “Conselhos ao Povo” – Correio Paulistano	177
Figura 23 – Box “Conselhos ao Povo” – OESP	178
Figura 24 – A procura por alimentos: quadro de imagens da revista Fon-fon	192
Figura 25 – A solidariedade da população retratada na Fon-fon.....	194

Figura 26 – Ação caritativa publicada na revista A Vida Moderna.....	195
Figura 27 – Registros da cidade do Rio de Janeiro em plena pandemia de influenza ...	198
Figura 28 – A morte transita pelas ruas das cidades.....	200
Figura 29 – Pilha de caixões em São Paulo	201
Figura 30 – A distinção de um cortejo fúnebre	204
Figura 31 – Ao invés de caixões, o transporte das coroas de flores	205
Figura 32 – Registro das pessoas que faziam caridade em São Paulo.....	207
Figura 33 – A ação da Cruz Vermelha	208
Figura 34 – Registros da Liga Nacionalista durante a pandemia de 1918.....	211
Figura 35 – Registros da Liga Nacionalista durante a pandemia de 1918.....	211
Figura 36 – Entrevista com um médico	246
Figura 37 – A notícia do 8º Congresso Médico Internacional	251
Figura 38 – Propaganda do remédio “Grippina”	255
Figura 39 – Propaganda de “Emulsão de Scott”	257
Figura 40 – Propagandas de xaropes	270
Figura 41 – Propagandas de xaropes	271
Figura 42 – Uma doença de muitos remédios.....	273
Figura 43 – Espaço publicitário de um jornal.....	278
Figura 44 – Localização das escolas-hospitais – Cidade de São Paulo (1916)	314
Figura 45 – Fotografia de uma escola-hospital – Colégio Sion.....	317
Figura 46 – Fotografia de uma escola-hospital – Colégio Sion.....	318
Figura 47 – A rotina das doenças no país	330

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Os jornais e as revistas durante a pandemia de 1918: dados e informações. 34	
Tabela 2 – Palavras-chave de maior incidência nas notícias sobre a “espanhola”	84

Tabela 3 – Atividades da Inspeção Médica Escolar em São Paulo em 1918	305
Tabela 4 – Zonas, locais e horários de atendimentos dos médicos escolares	308
Tabela 5 – Instituições de ensino paulistanas transformadas em hospitais provisórios	310

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação entre os impressos, as categorias e as palavras-chaves utilizadas .	80
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Notícias relacionadas à instrução pública no impresso <i>Correio Paulistano</i>	68
---	----

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO.....	17
O que dizem as pesquisas sobre a “gripe espanhola”	20
Procedimentos metodológicos.....	27
A imprensa como fonte e objeto de pesquisa no caso da “espanhola”.....	36
O aparecimento da nova doença: a “gripe espanhola” é a construção da notícia	49
1. A PANDEMIA PELOS IMPRESSOS E OS IMPRESSOS NA PANDEMIA. 59	
1.1 O perfil e as características editoriais dos jornais e das revistas de São Paulo e do Rio de Janeiro em 1918.....	62
1.2 Os assuntos que foram noticiados pela imprensa durante a pandemia de influenza	80
1.2.1 As temáticas mais desenvolvidas pelos impressos	84
1.2.2 As determinações governamentais que mudaram a rotina das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro	87
1.2.3 A situação de carestia e as ações de caridade publicadas nos jornais e nas revistas.....	91
1.3 A construção gráfica e o espaço destinado à pandemia nas páginas e seções dos impressos.....	100
1.4 Como a “espanhola” foi retratada por outros gêneros textuais	128
1.5 Os jornais e as alterações que a pandemia causou nos lazeres urbanos	144
2. AS REPRESENTAÇÕES DA “ESPANHOLA” NOS IMPRESSOS: AS METÁFORAS E O MEDO DO CONTÁGIO E DA MORTE.....	154
2.1 A guerra da “espanhola”.....	155
2.2 A própria doença como uma grande metáfora	168
2.3 Conselhos e prevenção: a orientação popular para erradicar a doença	173
2.4 Algumas histórias dos vitimados pela influenza.....	184
2.5 A pandemia revelada pelas fotografias	189
3. OS IMPRESSOS E A DIFUSÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO DURANTE A PANDEMIA DE 1918	215
3.1 A formação do público leitor da Ciência	216
3.2 O mistério da “espanhola”.....	221

3.3 A ciência, nas páginas dos impressos, durante o período da influenza: fatos ou ficções?.....	229
3.4 Como curar e tratar uma doença desconhecida?	253
4. OS EFEITOS DA INFLUENZA DE 1918 NA INSTRUÇÃO PÚBLICA E NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS	283
4.1 O fechamento das escolas e a suspensão das aulas	284
4.2 As características da educação escolar paulistana em 1918: dados e propostas pedagógicas	287
4.3 As consequências do fechamento das escolas na organização das atividades educacionais	295
4.4 A Inspeção Médica Escolar paulistana e sua atuação na crise de saúde pública	301
4.5 Quando as escolas passaram a salvar vidas.....	308
4.6 Registro fotográfico e outras histórias das escolas-hospitais	316
CONSIDERAÇÕES FINAIS	323
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	337

APRESENTAÇÃO

A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido.

(BENJAMIN, 1985, p. 224).

No primeiro semestre de 2019, concluí o mestrado pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, História, Política, Sociedade (PEPG-EHPS) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com o trabalho que desenvolveu um balanço tendencial de produções acadêmicas sobre a atividade de coordenação pedagógica.

Minha trajetória profissional conduziu a escolha da temática de pesquisa. Atuante na coordenação de escolas há anos e tendo já realizado muitos cursos, inclusive de pós-graduação Lato Sensu na área de gestão escolar, percebia uma lacuna de compreensão sobre a função específica do coordenador pedagógico.

Dessa maneira, o objetivo do Mestrado foi o de apresentar um mapeamento sobre o assunto e detectar a quantidade de pesquisas voltadas à gestão educativa, a partir de algumas categorias, tais como: em quais programas de pós-graduação foram desenvolvidos os trabalhos sobre coordenação pedagógica; o volume de pesquisas defendidas por estados da federação; por quais linhas de estudo foram elaboradas e em que áreas do conhecimento. No caso, pudemos constatar modificações históricas quanto aos termos utilizados para o trabalho do coordenador, que passa de uma tutoria, acompanhamento escolar, até assessoramento pedagógico, auxiliar de direção e, mais contemporaneamente, “gestor de processos pedagógicos”.

No mestrado, tive como orientadora a Profa. Dra. Katya Braghini, responsável pelo grupo de pesquisa *Núcleo de Estudos Escolas e seus Objetos* (NEO) ao qual fui convidado a participar. À época, o grupo de pesquisa se dedicava à finalização do inventário do acervo de objetos escolares do Colégio Marista Arquidiocesano, escola localizada no bairro da Vila Mariana, em São Paulo. O colégio, gerido pelos irmãos maristas, possui um dos maiores repositórios deste tipo de materiais no país, utilizados nos laboratórios de Química, Física e Biologia: modelos anatômicos, animais

taxidermizados, amostras de mineralogia, entre outros. São artefatos e instrumentos centenários adquiridos para as aulas práticas de Física, Química e História Natural.

As reuniões do NEO aconteciam a cada quinze dias e, nesses momentos, além das etapas de finalização do referido trabalho, realizavam-se discussões sobre teóricos da cultura material, movimento que me apresentou outras abordagens metodológicas de pesquisa, além do próprio ofício do historiador.

As temáticas de estudo do grupo de pesquisa e seus propósitos são: a prática escolar mediada pelos objetos escolares; a análise do mercado educativo no tocante à produção e as aquisições dos mais variados artefatos que vão compor as escolas, principalmente pensando os objetos científicos e o estudo da didática por meio de recursos visuais e táteis. Além destas três abordagens, o NEO se dedica ao estudo das inovações tecnológicas, analisando os fundamentos epistemológicos da técnica, sua história, princípios norteadores e sua relação com a sociedade. Por fim, o grupo tem como quinto campo de estudo, como já dito, o conhecimento acerca das temáticas sobre o patrimônio escolar.

O contato com tais campos de estudo me introduziu a cada uma destas temáticas. No último semestre do mestrado, optei por cursar disciplinas voltadas à História da Educação e aos procedimentos de pesquisa em História, percurso de formação que me concedeu maiores fundamentos para elaborar uma proposta de pesquisa para o ingresso no doutorado. A motivação inicial se encontrou na possibilidade de ter outras perspectivas de estudo da escola como a sua construção e materialização por meio dos objetos que a compõem, ou seja, analisando-a a partir de seu interior; observando os seus artefatos, pensando a ideia de tecnologia como a própria composição da escola, como processo e organizadora de infraestruturas.

Além das linhas de trabalho e de estudo do NEO, para o desenvolvimento de uma pesquisa na História da Educação foi necessário estudar o modo de atuação de um historiador: o ofício de aferir os registros deixados pelo passado, a partir de uma análise documental que estruturasse uma produção acadêmica. Esta perspectiva se configurou, para mim, como uma prática dinâmica e que me possibilitaria desenvolver um trabalho acadêmico capaz de, a partir do contato direto com os mais variados documentos, mostrar como a educação se estabeleceu em dado período histórico.

A partir do segundo semestre de 2019, já como aluno do doutorado do mesmo PEPG, formou-se um ciclo ainda mais aprofundado de estudos na História e, de modo específico, na História da Educação, por meio do contato com os teóricos e a

bibliografia correspondente. Ao mesmo tempo, foi uma etapa destinada à elaboração de um levantamento bibliográfico, para que fosse possível ter um cenário das pesquisas já realizadas para desenvolver o pré-projeto de doutorado e delimitar o tema e o problema da pesquisa, assim como o recorte temporal que seria analisado.

No início do ano de 2019, iniciamos algumas perspectivas de pesquisa, já que o projeto apresentado para a seleção de doutorado apresentou, em grossas linhas, a proposta de compreender os discursos higienistas no início do século XX que circularam nos quadros educacionais, discursos políticos, currículos, conteúdo de disciplinas etc. Tornou-se interessante a possibilidade de compreender a produção e circulação de discursos que tornaram a população responsável por sua saúde, pensando qual seria a relação entre a educação e a saúde pública.

Vale destacar que, quando as ideias iniciais do trabalho foram projetadas, ainda em 2019, era momento muito anterior a atual pandemia de COVID-19. Por outro lado, foi justamente este cenário do novo coronavírus que possibilitou pertinência ainda maior ao projeto, levando-se em consideração as recorrências e os destaques aos assuntos sobre epidemias e doenças, envolvendo aspectos como a saúde pública, os cuidados profiláticos necessários para erradicar uma moléstia e suas formas de contaminação, tanto no cotidiano nacional como internacional, suscitando maior interesse e importância ao conhecimento científico e às práticas médicas, inclusive com referências ao passado.

Desta forma, o novo cenário de crise sanitária e epidemiológica que se constituiu em 2020 trouxe uma evidência ainda maior para nossa pesquisa, uma vez que os assuntos relacionados às doenças e as contaminações voltaram a pautar nossa sociedade. Contudo, dadas às restrições próprias que uma pandemia acarreta, nossa pesquisa teve que passar por vários percursos para poder se estabelecer como uma proposta viável e plausível de ser realizada ante a incerteza do período de isolamento social e da proibição de entrada em museus e arquivos.

Esta é uma história de uma pandemia, pensada e construída durante outra pandemia.

INTRODUÇÃO

O interesse em entender as práticas educativas durante um período de crise sanitária provocada por uma pandemia foi delimitado no momento em que o mundo tomava contato com mais uma pandemia: a de covid-19.

Como já mencionado na Apresentação, o projeto desta pesquisa em doutoramento da educação foi elaborado ainda em 2019 e já tinha como pretensão estudar os discursos higienistas no começo do século passado.

Contudo, a partir do momento em que, em março de 2020, o mundo entrava em quarentena como forma de contenção ao novo vírus, a sociedade passou por profundas reorganizações que impactaram a vida de todos, inclusive daqueles que trabalhavam com a educação.

A imprensa, mais do que apenas noticiar o surgimento e os primeiros casos de uma nova doença, tentava entendê-la e, para tanto, buscava respostas científicas. Além disso, fez um movimento de analisar se já havia acontecido algo similar na história.

As notícias passaram, então, a falar sobre a chamada “gripe espanhola” que acometeu o mundo ao final de 1918. Inclusive, viralizou pelas redes sociais recortes de matérias jornalísticas da época, indicando orientações que o povo deveria seguir para não se contaminar com a influenza.

Rapidamente as publicações começaram a fazer comparações entre a atual pandemia e a do passado. Percebeu-se que, sem abordagem investigativa coerente e atenta aos contextos sociais daquele momento histórico, muitas análises e interpretações se fizeram anacrônicas. Fato era que este período temporal coincidia com o momento histórico no qual já estávamos dedicados a estudar, já tendo, inclusive, analisado as tendências higienistas do início do século XX e como elas marcavam as relações sociais de então, demarcando os currículos escolares. Nosso foco se encontrava nas relações existentes entre certa ideia de saúde e a educação pública.

A vivência de uma pandemia reforçou nosso interesse por entender como uma situação muito similar tinha acontecido no passado. É o momento em que a motivação profissional coincide com o foco da pesquisa acadêmica. Diante da covid-19, vivíamos a reconfiguração das escolas e das aulas para se adequarem a este momento trágico quando o estabelecimento do ensino remoto foi decisivo para que a educação escolar

mantivesse suas atividades. Assim, várias foram às indagações a respeito de como se organizou a educação escolar no período em que foram divulgadas as medidas de contenção que orientavam a não circulação e convivência das pessoas em comunidade naquele período. Mas como isso aconteceu em 1918? Evidentemente é sabido que, no começo do século XX, não existiam os recursos tecnológicos contemporâneos. Desta forma, já tínhamos a certeza de que a situação não aconteceu da mesma maneira, pois estávamos há 100 anos da “espanhola”. A curiosidade sobre o comportamento da instrução pública naquele momento também motivou o trabalho de pesquisa.

Um dos grandes desafios já posto para o desenvolvimento da pesquisa, em meio à pandemia do novo coronavírus, foi acessar os documentos. Estabelecidas às restrições de acesso aos arquivos públicos, foi necessário pensar outros encaminhamentos para nossa pesquisa, conduzindo nosso olhar ao mecanismo utilizado para a circulação daquela informação durante a “gripe espanhola”: os impressos. E este movimento foi decisivo para que pudéssemos delimitar nosso objeto, pergunta e hipótese de pesquisa. A compreensão sobre as características sociais do começo do século XX era importante para compreender quais foram os artifícios e as possibilidades existentes para que a população de então pudesse lidar com o que estava acontecendo e agisse com prevenção e cuidado diante de uma doença desconhecida.

Naquele contexto histórico, o país já contava com uma imprensa atuante: jornais e revistas eram publicados e circulavam em grande parte das capitais. A partir de tal ideia, construímos nossa hipótese de pesquisa ao considerar que os impressos teriam cumprido um papel formativo para a sociedade da época ao fazer circular notícias e informações de caráter educativo para orientar o povo aos cuidados necessários frente a uma nova moléstia. De certo modo, o encaminhamento da pesquisa mostrou que a imprensa cumpriu esse papel, mas não de forma homogênea, já que os jornais e as revistas cumprem essa função de acordo com a linha ideológica e política de seus públicos e nichos de leitores, o que muitas vezes, significa a apresentação de uma formação por recortes de classe e por hábitos de leitura, bem como de controle dos dispositivos de entendimento da palavra escrita, tendo em vista que os contos e reportagens sobre a pandemia de 1918 aparecem diferenciadas, a depender do impresso consultado e analisado.

Desta forma, nosso objeto de estudo foram os jornais e as revistas que circularam em São Paulo e no Rio de Janeiro e de como apresentaram a pandemia aos seus públicos, pensando uma possível função educativa, inclusive posicionando-se

sobre a instrução pública e o desenrolar de suas ações naquele momento. O período demarcado entre o segundo semestre de 1918 e o primeiro semestre de 1919 foi o momento no qual a disseminação da influenza vigorou no mundo e no país, desde os primeiros contaminados às notícias de seu arrefecimento.

Schwarcz e Starling (2020, p. 11) esboçaram que, em julho de 1918, houve o primeiro registro, na imprensa nacional, de uma notícia sobre um surto de gripe que havia paralisado o esforço de guerra na Alemanha. As mesmas autoras delimitaram que, em outubro de 1918, “a gripe desembarcou em São Paulo, vinda do Rio de Janeiro ou de passageiros desembarcados no porto de Santos” (SCHWARCZ e STARLING, 2020, p. 13). No entanto, ainda na segunda quinzena de setembro de 1918, o jornal *O Paiz* trouxe a informação dos primeiros brasileiros infectados durante a missão médico-militar que atuou na Grande Guerra.

Portanto, a utilização do recorte temporal especificado compreende o período no qual se verificou as primeiras notícias sobre o surto de contaminação pela “espanhola”, em julho de 1918, até o aparecimento específico no Brasil, em outubro do mesmo ano, seguindo pelos meses seguintes (novembro e dezembro) nos quais a documentação nos mostra que a influenza se espalhou, provocou muitas mortes e, na sequência, arrefeceu e não foi mais noticiada pelos jornais e pelas revistas.

Assim, nossas perguntas de pesquisa indagaram sobre as formas e as maneiras de como imprensa fez a cobertura da pandemia de 1918. Que tipos de notícias circularam durante o período estudado? Quais foram as tônicas de abordagem utilizadas e quais recursos textuais empregados pelos jornalistas para noticiarem o surgimento e a proliferação de uma nova doença? Como e em que quantidade circularam as informações profiláticas e sobre as características da influenza?

No que diz respeito à temática da educação, podemos dividir este assunto em duas linhas de trabalho. O primeiro deles diz respeito à hipótese que desenvolvemos: a de que os impressos cumpriram um caráter educativo durante a pandemia. Aqui compreendemos a educação em seu sentido de práticas educativas, ou seja, consideramos que, durante este momento de crise sanitária, houve a necessidade de as pessoas serem educadas e instruídas para o desenvolvimento de ações específicas e que, para tanto, conjecturamos os impressos circulantes naquele período como realizadores desta tarefa.

Já o segundo campo de investigação sobre a educação se dedicou, de modo específico, a entender como os impressos noticiaram o comportamento da instrução

pública durante este período de crise sanitária e social. As seguintes perguntas nos nortearam: como a imprensa divulgou as ações referentes à educação escolar em um momento de contingenciamento e de não circulação de pessoas? O que foi feito e como foi publicado?

Ao analisarmos as pesquisas produzidas no campo sobre a pandemia de 1918, constatamos que as produções desenvolvidas apresentam a doença em si como o objeto de estudo, possibilitando maior pertinência para que este trabalho empenhasse uma investigação distinta, visto que buscou compreender, a partir dos registros dos impressos, como a “gripe espanhola” foi noticiada e o papel que os impressos cumpriram ao circularem entre os cidadãos.

Por fim, reforça-se que a escolha por trabalhar com os impressos teve relação direta com as possibilidades materiais determinadas pela vigência da atual pandemia de covid-19, dados os cercamentos de circulação que impossibilitaram o contato com os documentos em arquivos físicos.

O que dizem as pesquisas sobre a “gripe espanhola”

Ao realizarmos um levantamento sobre o volume de pesquisas com a temática da pandemia de 1918, contabilizamos o total de 15 produções acadêmicas: Abrão (1995); Olinto (1995); Ferreira (1999); Bertucci (2002); Bertolli Filho (2003); Goulart (2003); Silveira (2007); Souza (2007) Farias (2008); Coury (2010); Damacena Neto (2011); Gama (2013); Martins (2016); Porto (2016); Silva (2017) e Castro Abreu Junior (2018).

A análise de cada uma destas pesquisas evidencia que seus autores se dedicaram a mostrar a “gripe espanhola” como algo pouco analisado, mesmo tendo sido um acontecimento relevante em virtude de sua gravidade. A principal explicação para que isso tenha ocorrido se deu pelo próprio transcurso dos eventos existentes naquele momento de 1918.

O surgimento da pandemia aconteceu em um contexto marcado pelo término dos combates da I Guerra Mundial, também intitulada de a Grande Guerra. Neste período, as notícias publicadas se dedicavam quase que exclusivamente às informações sobre os últimos combates. Este foi um dos argumentos utilizados para justificar o fato de a “gripe espanhola” ser considerada como um evento esquecido ou sem a devida importância histórica. A própria bibliografia citada faz referência a esta situação.

Goulart (2003, p. 6) pontuou: “Ainda hoje, extremamente reduzida é a produção bibliográfica que se volta para o estudo da gripe espanhola, principalmente em se tratando de Brasil”. Martins (2016, p. 11) enfatizou que “a epidemia de ‘gripe espanhola’ foi registrada por esses estudiosos, no entanto, não foi objetivo desses trabalhos problematizar o evento pandêmico, apenas registraram a passagem da curta, porém avassaladora, epidemia na cidade”.

Já a historiadora Souza (2007, p. 25), de forma clara, delimitou um dos objetivos de sua tese a respeito da pandemia de 1918: “nosso trabalho pretende contribuir para o preenchimento de uma lacuna historiográfica”. A autora procura fazê-lo a partir de um estudo sobre como a gripe atingiu a cidade de Salvador e o interior do estado da Bahia, analisando os impactos da doença nas tessituras das relações sociais do Nordeste. Já Ferreira (1999), ao discorrer sobre a ausência de pesquisas sobre a pandemia de 1918, falou em “escassez de estudos relativos ao tema”. Farias (2008, p. 11) tratou a pandemia como “quase esquecida dos livros didáticos de história”. Gama (2013, p. 13) demarcou que “a epidemia com nome de ‘Gripe Espanhola’ por mais de noventa anos ficou relegada ao esquecimento e a um longo silêncio”.

Bertolli Filho (2003) destacou:

Se, por um lado, foi ‘apagada’ da memória, seu ressurgimento esporádico quer na esfera pessoal, quer na das instituições, convidam a estudos que colocam a análise desse fenômeno como algo que vai além de lembranças esparsas (BERTOLLI FILHO, 2003, p. 15).

O autor fez menção a um dos recursos de pesquisa muito comum para saber o que aconteceu durante a chamada “gripe espanhola”: a memória das pessoas que viveram este período e puderam relatar o que vivenciaram, as “lembranças esparsas”, conforme nominou Bertolli (2003). Desta forma, podem-se considerar as histórias dos sobreviventes da pandemia de 1918 como fontes de informação e as pesquisas que investigaram a “gripe espanhola” se utilizaram deste artifício para compor seus trabalhos. A partir de tais relatos, destacamos que Goulart (2003) e Martins (2016) abriram suas investigações com o episódio da “espanhola”.

Contudo, as pesquisas e os estudos que se dedicaram a entender a pandemia de 1918 não estudaram apenas a questão da memória dos sobreviventes da influenza. Eles seguiram uma tendência de analisar os impactos causados nas cidades e nos estados brasileiros. Ao analisarmos cada uma das pesquisas já produzidas, é possível verificar que há estudo de como se deu a manifestação da “gripe espanhola” em cada uma das

regiões do país. A partir de uma realidade local, os trabalhos acadêmicos mostraram a desconstrução do cotidiano e das formas de organização social até então vigentes, diante das adaptações impostas para controlar a propagação da nova doença pelo país.

As pesquisas exerceram um papel de “reconstrução histórica do fenômeno da influenza hespanhola” (FERREIRA, 1999, p. 5). Foi justamente o que Souza (2007) elucidou em sua tese, ao informar que, de forma progressiva, a “gripe espanhola” vinha sendo mapeada, no Brasil, por meio das pesquisas acadêmicas: “Contudo, essa literatura tem as cidades das regiões Sul e Sudeste como cenário privilegiado da sua produção” (SOUZA, 2007, p. 29).

Coube à própria autora reconfigurar a regionalização das pesquisas sobre a pandemia de 1918, uma vez que se dedicou à compreensão de como a cidade de Salvador e o interior da Bahia foram afetados pela “espanhola”. Mas seu trabalho foi além. Ela se debruçou na compreensão das tessituras sociais da cidade, analisando os usos políticos que foram feitos da moléstia, assim como os impactos por ela causados nas relações de poder e na organização social da cidade e do Estado.

Na mesma tendência de estudar a pandemia de 1918-1919, para além das regiões Sul e Sudeste do país, Martins (2016) produziu um estudo sobre os efeitos da “gripe espanhola” em Belém. Seu foco de trabalho se voltou para a configuração da cidade por meio da investigação deste contexto socioeconômico dado pela extração da borracha na formatação das condições de higiene de Belém, fator de análise decisivo num momento em que eclodiu uma crise sanitária promovida por uma pandemia. A produção da autora se voltou à observação da alteração da rotina da população.

Apenas dois anos depois da pesquisa de Martins (2016), a tese de doutorado em História Social de Castro Abreu Jr. (2018) também se dedicou a acompanhar os rastros da “gripe espanhola” pela mesma cidade. Os trabalhos dos dois autores foram produzidos na Universidade Federal do Pará. Salvaguardadas as devidas diferenças estruturais e de tempo para as pesquisas decorrentes de uma produção de mestrado (Martins, 2016) e de doutorado (de Castro Abreu Junior, 2018), as duas investigações foram conduzidas por percursos de estudos e análise bastante similares.

Houve assuntos que apareceram tanto nas pesquisas de Martins (2016) como na de Castro Abreu Jr. (2018). Tais como: a história da contaminação pela influenza em Belém; as transformações que ocorreram na organização dessa cidade por causa das medidas de contenção adotadas; o aumento da quantidade de pessoas em situação de pobreza em virtude da paralisação das atividades econômicas da região, que foi marcada

pelo ciclo da borracha, e a desconfiança da população com as propostas feitas pelos médicos e cientistas para conter a doença.

A tese de Castro Abreu Junior (2018) apresentou uma personagem da época importante para a temática da “gripe espanhola” naquela região, o médico Crasso Barboza, uma figura atuante no combate à pandemia de 1918 no Pará. Tanto que, até hoje, seu túmulo é frequentado como local de peregrinação e memória. Castro Abreu Junior (2018) partiu desse fato peculiar na apresentação de sua pesquisa: como a memória do povo paraense se lembrava da gripe em virtude do Dr. Crasso.

Segundo Castro Abreu Junior (2018, p. 19), seu intuito foi “ir além do personagem em si e redescobrir a cidade naquele final de 1918 e início de 1919”. Assim, para além do fato de o Dr. Crasso Barboza ter morrido de “espanhola”, transformando-se em um “mártir” daquela época, a sua história possibilitou o entendimento de como a população enfrentava aquela pandemia, pelos medos, dúvidas e inquietações que se faziam presentes.

Ainda na região Norte e Nordeste, Silva (2017) desenvolveu, em sua dissertação, uma análise sobre como a cidade de Recife foi atingida pela moléstia. O autor considerou os elementos de modernização pelo qual a região havia passado e como eles foram decisivos para a construção da estrutura sanitária da cidade, no final do século XIX e começo do XX. Com a chegada da influenza, eles foram colocados à prova e Silva (2017) observou as mudanças de hábitos da população, assim como os discursos higienistas que foram construídos e propagados pelos departamentos governamentais por meio da Diretoria de Higiene do Estado.

Para tanto, o autor utilizou como fonte três jornais: *Diário de Pernambuco*, *A Província* e *A Ordem*. Por meio deles, foi contada a história de como a “gripe espanhola” chegou ao Recife; dos primeiros casos de contaminação, ao aumento do contágio e o número diário de mortos, até o momento em que a crise arrefeceu, meses depois das primeiras manifestações da doença. Vale destacar que Silva (2017) mostrou, inclusive, como os recifenses buscaram práticas de cura, ancoradas em tradições populares místicas, para cuidar do povo e amenizar seu sofrimento.

Além da pesquisa de Silva (2017), as notícias veiculadas nos jornais recifenses durante a pandemia de 1918-1919 também foram tema de pesquisa no trabalho desenvolvido por Farias (2008). Ao contrário da linha histórica adotada por Silva (2017), a dissertação desse autor foi realizada na área da Comunicação. Farias (2008) teve como fonte os mesmos jornais, mas utilizou a Análise do Discurso como

metodologia. Dessa forma, sua pesquisa foi para uma linha de investigação distinta dos trabalhos historiográficos sobre a “gripe espanhola”, indicando que, ao adotá-la, o autor conseguiu mostrar que o mesmo evento epidemiológico foi retratado de diferentes maneiras pelos três jornais do Recife que foram estudados.

Outra autora que recorreu à imprensa para seu estudo foi Gama (2013). Voltada a analisar a cidade de Manaus, dedicou-se a observar os poderes exercidos por determinados grupos políticos responsáveis por criar leis e resoluções governamentais que se valeram de um discurso higienista com o objetivo de construir uma cidade mais moderna e organizada. Todavia, as novas medidas adotadas contribuíram para gerar mais exclusão social, uma vez que segregaram aqueles sem condições financeiras para se manterem e se adequarem ao ambiente urbano. Assim, o foco da pesquisadora residiu em observar como as estruturas de medo foram criadas e publicadas pelos jornais que circulavam em Manaus.

Na região Sul, destacamos a elaboração de dois trabalhos com o estado do Rio Grande do Sul como cenário. Foram desenvolvidas por Abrão (1995) e por Olinto (1995). Abrão (1995), para estudar a situação da pandemia em Porto Alegre, desenvolveu um estudo sobre o histórico das epidemias ao longo da história, assim como mapeou a trajetória da gripe no Brasil. Além disso, sua pesquisa organizou a trajetória constitutiva da saúde pública nacional, dando ênfase para as respostas dos poderes públicos à pandemia por meio da verificação da atuação governamental diante da crise sanitária instaurada: o que as autoridades fizeram e quais políticas foram implantadas.

Já Olinto (1995) se debruçou em analisar as vítimas da pandemia na cidade de Rio Grande, com enfoque especial para as mulheres, as quais tinham por hábito práticas ritualísticas de cura ao mesmo tempo em que eram as responsáveis por organizar as teias de solidariedade em uma cidade totalmente modificada para controlar a doença que se propagava. Destaque para as alterações e novas composições sociais e estruturais que a autora não se furtou em analisar e estudar com o objetivo de compreender os elementos formadores de uma metrópole.

Ferreira (1999) analisou os impactos políticos da influenza na cidade de Pelotas, que era chamada de “princesa do Sul” dadas às características da região e o prestígio político conquistado. Ao estudar as transformações do cotidiano dessa população, a autora elucidou as profundas mudanças ocorridas no seu meio urbano. Para tanto, utilizou-se de uma análise comparativa entre dois jornais locais, um de oposição e o

outro de apoio ao governo vigente, para chegar à conclusão de que ambos apontaram alteração da realidade local enquanto houve a aproximação entre o campo médico e o poder político, ao passo que esses impressos assumissem, aquele, posturas críticas; este, favorável aos posicionamentos das autoridades da época para combater a doença.

Após a descrição das pesquisas produzidas nas regiões norte e sul do país, registra-se uma pesquisa produzida na região centro-oeste, especificamente na cidade de Goiás. Damacena Neto (2011) desenvolveu uma dissertação em História e se utilizou da imprensa e das atas da Câmara Municipal para analisar como a doença modificou a vida naquela cidade. Valendo-se de Simmel e de Durkheim, Damacena Neto (2011) recorreu à Sociologia e utilizou os conceitos de sociabilidade e de representação para compreender como a doença se estabeleceu no cotidiano da população, inclusive para observar se as orientações médicas veiculadas pelos jornais foram seguidas ou não pelo povo.

Na região Sudeste do Brasil, destacamos pesquisas nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Se recuperarmos o que Goulart (2003) considerou como um hiato de produções acadêmicas a respeito da “gripe espanhola”, cabe ao trabalho de Bertolli Filho (2003), defendido em 1986, o destaque por ser pioneiro ao tratar a temática da pandemia de influenza. Bertolli Filho (2003), com o trabalho *A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade*; produziu uma obra sobre como São Paulo se comportou durante a “gripe espanhola”.

O trabalho de Bertolli Filho (2003) permitiu aos leitores uma imersão pela cidade de São Paulo que vivia a crise sanitária causada pela pandemia de “espanhola”. O autor analisou, com um vasto repertório de documentos: a administração oficial; obras memorialísticas; registros fotográficos e depoimentos; publicações médicas; dados estatísticos; relatórios hospitalares e organizações religiosas; além de uma leitura atenta de oito publicações jornalísticas que circulavam pela cidade. Também acessou um rol documental diferente e para este tema, inédito, a contabilização de enterros realizados nos cemitérios da capital paulistana. Esses foram dados específicos e importantes para o verdadeiro trabalho investigativo empreendido por Bertolli Filho (2003) que permitiu a colaboração para a conferência e contabilização das vítimas fatais em São Paulo.

Outro trabalho que teve como foco a cidade de São Paulo foi desenvolvido por Bertucci (2002). Mais do que analisar o cotidiano alterado da cidade, a autora se dedicou a compreender as práticas de cura e o estabelecimento da ciência diante das

crendices populares. Assim, Bertucci (2002) não afirmou que a metrópole se encontrava “enferma”, como fez muitas das demais pesquisas sobre a pandemia. Distintamente, ela atribuiu este adjetivo à própria medicina. Com isso, mostrou o desafio que a ciência médica teve para se estabelecer diante da situação caótica na qual a população estava inserida. Por toda parte, inclusive nos próprios jornais, como este trabalho também observou, as propagandas de remédios milagrosos, orações poderosas e outras práticas místicas se tornavam frequentes. Todas com o intuito de amenizar o sofrimento do povo e de oferecer respostas para as muitas dúvidas e perguntas que a ciência não conseguia fornecer de forma imediata, dada a urgência e a gravidade da pandemia, além de se aproveitar da ocasião para a venda de soluções para doença.

Na mesma linha, Goulart (2003) analisou os impactos da pandemia na rotina da cidade do Rio de Janeiro e se dedicou a entender os efeitos e consequências que uma doença inesperada trouxe à comunidade científica de então. A autora percorreu a crise que foi aberta na bacteriologia, uma vez que a nova doença, circulante pelo país e pelo mundo, foi associada à influenza, mas que não se tinha clareza dessa afirmação. Como esta investigação indica, a imprensa, à época, deixou claro que as causas da patologia e de seu agente causador ainda eram desconhecidas. A autora apresentou a queda e a ascensão de todos os personagens políticos e científicos diante dos insucessos das pesquisas feitas naquele momento. Goulart (2003) foi a única autora empenhada em fornecer uma explicação com pressupostos políticos para o nome “espanhola” atrelado ao da gripe. Seu trabalho também destacou o papel do cientista Carlos Chagas como permanente, frente a um momento de crise sanitária e de valorização dos saberes e práticas de crendices populares para combate à pandemia.

Tendo também o Rio de Janeiro como local para sua pesquisa, Coury (2010) desenvolveu sua investigação no Programa de Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro e elaborou um estudo que pretendeu compreender como se formou a crença simbólica depositada pelas pessoas na Cruz Vermelha, uma das instituições responsáveis pela organização de postos de socorros na cidade. A autora desenvolveu sua análise a partir da verificação de como a imprensa da época retratou o trabalho das enfermeiras e como a população compreendia o trabalho que eles desenvolviam. Teve como foco de investigação os anúncios de vagas de trabalho de enfermagem e de cuidadores publicados no *Jornal do Commercio*, bem como as fotos impressas na *Revista Fon Fon*.

Por fim, Silveira (2007) pesquisou como a “gripe espanhola” atingiu a cidade de Belo Horizonte. Na Introdução de seu trabalho, a autora fez referência à epidemia mais próxima da data de elaboração de seu trabalho: a de SARS, ocorrida em 2003. A partir deste fato histórico, a autora tentou mostrar que, quando surge uma doença epidêmica de novo tipo, há um “retorno à história”, como uma tentativa de efetivar a busca por respostas no passado, como no advento da “espanhola”. Diante da moléstia que se espalhava, Silveira (2007) analisou as respostas religiosas, científicas, políticas e econômicas formuladas à época para tentar explicar o mal que afligia a população daquela cidade. A autora mostrou como a sociedade teve um papel decisivo no socorro às vítimas, seja dos comerciantes, passando pelos imigrantes, profissionais de saúde, as associações de caridade e a Cruz Vermelha. Diante da complexidade e mistério do quadro, houve uma mobilização do povo mineiro que colaborou diretamente para a contenção da doença.

Silveira (2007) também destacou o papel dos jornais na divulgação destas ações, a fim de orientar a população e como eles publicavam o quadro de atividades que foi acionado, com grande participação religiosa, como a dos vicentinos e dos padres em suas paróquias e bairros em que atuavam.

As pesquisas indicam uma perspectiva de estudo nacional, quando pensado na abrangência regional, tendo concentração no estudo de como os principais centros urbanos se mobilizaram com diferentes ações sociais para conter a catástrofe e salvar vidas. Há destaque para a relação da ciência com um objeto imediato e desconhecido e de como este “recorte da ciência” foi observado, enquanto a própria pandemia se alastrava. O choque entre conhecimentos comuns e científicos é relativamente indicado, bem como o papel educativo da imprensa, muito embora os trabalhos destaquem-na como documento e não como objeto de pesquisa.

Pouco se sabe sobre os trabalhos e o acionamento da instrução pública como instituição estatal e como tecnologia social durante os momentos trágicos da pandemia, o que será registrado neste trabalho, considerando, principalmente, o que foi indicado pela imprensa cotidiana em associação a outros documentos.

Procedimentos metodológicos

Este trabalho de investigação teve início no primeiro trimestre de 2020, justamente o momento em que nos encontrávamos no começo da pandemia de covid-19.

Configurava-se, então, a trajetória de uma pesquisa dedicada ao estudo da imprensa durante a “gripe espanhola” no exato período em que outra crise sanitária se estabelecia. E, evidentemente, tal situação impactou o percurso de nossas atividades no que diz respeito à coleta de documentação.

Isso pelo fato de que, durante todo o ano de 2020 e o primeiro semestre de 2021, os arquivos públicos e os demais acervos foram fechados e, posteriormente, funcionaram a partir de limitação de públicos, horários de permanência no espaço e, a cada visitação, acesso restrito às caixas com os documentos; empecilhos que dificultariam o desenvolvimento de nosso trabalho, inclusive a própria manutenção da pesquisa em si.

Diante de um cenário como este, a pesquisa se voltou aos arquivos digitais. Dois foram utilizados: a Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional e o arquivo digital particular do jornal *O Estado de S.Paulo* (OESP). A escolha para trabalhar com acervos digitais, além da questão da restrição de circulação em virtude da nova pandemia, residiu, também, em virtude de certos parâmetros de confiabilidade que esses tipos de arquivos apresentam a partir do trabalho de organização de acervos digitais da Biblioteca Nacional.

Os mecanismos de preservação digital que são explicados pelos próprios acervos digitais corroboram isso, levando-se em consideração que atendem aos padrões internacionais de controle e acesso, supervisionados por uma comissão permanente de técnicos, conforme apresenta o sítio eletrônico da Fundação Biblioteca Nacional. Sem contar que a utilização dos acervos digitais se faz uma forma de incentivo para que as ações de preservação digital se mantenham e garantam o acesso da população ao patrimônio cultural brasileiro.

O trabalho com a documentação foi dividido em duas etapas. A primeira delas diz respeito à seleção e à organização dos documentos. Para realizar as buscas na Hemeroteca Digital e no arquivo privado de OESP, inicialmente foi usado o termo descritor de pesquisa: “grippe hespanhola”. Sua escolha foi feita pelo fato de ele se referir ao nome ordinário que foi dado à doença e pela qual ela ficou mundialmente conhecida. Um dos motivos que levou a influenza a receber o nome de “gripe espanhola” se deu em virtude da ampla divulgação que os impressos deram a este termo.

Como recorte temporal foi pensado o período em que a pandemia de influenza surgiu e se estabeleceu: o segundo semestre de 1918 e o primeiro semestre de 1919. De

acordo com os motivos já explicados, levando-se em conta os acontecimentos deste período, a massa documental de nossa pesquisa está concentrada neste intervalo de tempo. Há também a guarda e o estudo de registros de notícias publicadas em anos posteriores. Elas foram consideradas como fontes em virtude dos assuntos que abordaram, dentre eles: indícios de novas contaminações; memórias sobre o período crítico de contágio; entre outros assuntos.

A última notícia que foi encontrada na Hemeroteca Digital data de 1938. Ela foi selecionada, pois se trata de um registro histórico dos 20 anos da contaminação da missão médica brasileira na Grande Guerra. Elaborada pelo periódico *O Brazil-médico*, a matéria jornalística fez memória sobre a contaminação da frota nacional na cidade de Oran e produziu um bom relato deste que foi o fato entendido como o primeiro relato de contaminação de brasileiros com a gripe de 1918.

Ao aplicarmos o descritor “grippe hespanhola”, contabilizamos um total de 1.105 ocorrências. Cada uma delas foi analisada para que fosse feita a seleção daquelas que comporiam o corpo documental. Ao verificarmos as ocorrências, muitas delas foram descartadas por se apresentarem como anúncios publicitários que não traziam informações relevantes. Por exemplo, o jornal *Diário da Manhã: Órgão do Partido Constructor (ES)* indicava 94 ocorrências para “grippe hespanhola”. Destas, 86 se tratava da propaganda do remédio conhecido por “Emulsão de Scott”: “Grande allimento medicinal para os convalescentes da Grippe Hespanhola a “Emulsão de Scott” (os textos variavam de uma edição para outra, mas sempre no mesmo formato de uma nota). No caso, pensou-se que, pela replicação, não havia necessidade de estudá-lo reiteradamente, embora, por este mesmo motivo, já se destaca que a força dada pela emulsão ajudaria no fortalecimento do doente e, por que não, na sua cura.

Este exemplo se repetiu em outras edições de jornais e revistas. Desta maneira, a leitura que realizamos dos impressos não se deu apenas na página que continha a informação com o termo “grippe hespanhola”, mas em toda a edição do jornal. Com isso, percebemos que outras expressões também foram utilizadas para se referir à pandemia: “influenza hespanhola”; ou apenas “influenza” e “hespanhola”; “grippe eppidematica” ou tão somente “grippe”. Assim sendo, esses descritores também foram selecionados à composição de nosso acervo documental. Portanto, os termos de pesquisa escolhido foi um mecanismo de busca para matérias jornalísticas, mas ele também nos apresentou outras documentações possíveis de acordo com as variações das nomenclaturas que a influenza assumia.

Após este processo, foram selecionadas 676 notícias de 66 jornais e revistas de todo o país. Para a organização deste volume de documentos, foi construído um banco de dados, pensado como instrumento de pesquisa, levando em consideração o contingenciamento de acesso a outras fontes devido ao momento da atual pandemia. Ele foi criado a partir de uma planilha do programa Excel para registrar informações das notícias que haviam sido retiradas dos repositórios digitais.

A tabela do banco de dados foi composta por oito colunas que organizaram as seguintes informações dos documentos: o nome do jornal ou revista; a data de sua publicação; o estado em que era produzido; o número da edição do jornal ou da revista e da página do documento que tratava sobre a pandemia; se era a primeira página do impresso ou não; um resumo da notícia; se possuía autorização para a veiculação de seu conteúdo e a escolha de uma palavra-chave que poderia sintetizar o assunto que estava sendo trabalhado no impresso.

A leitura de cada uma das notícias selecionadas proporcionou a realização de um resumo com o objetivo de tornar mais rápidos os estudos e as análises de nosso trabalho, considerando a delimitação dos principais assuntos do documento. A partir dele, indicou-se um descritor que sintetizaria a ideia principal abordada. Para ilustrar, citamos alguns exemplos de descritores criados: “agente causador”; “ajuda de custo”; “aprovação automática”; “características da doença”; “conselhos ao povo”; “contabilização da doença”; “profilaxia e orientação”; “redução do contágio”; “início do contágio”; “avanço do contágio” e “hospitais provisórios”. Outras notícias conseguiram alcançar seu objetivo apenas com uma única palavra-chave: “caridade”; “censura”; “Dakar”; “crônica”; “propaganda” e “reaparecimento”, por exemplo.

A partir desta organização, e com a estipulação de descritores, nosso trabalho consistiu em construir categorias temáticas que organizassem o volume de notícias encontrado e que fossem capazes de delimitar a tendência da cobertura jornalística durante a pandemia de 1918. Foram criadas sete, a saber: “ciência”; “instrução pública”; “governo”; “educação do povo”; “cidades”; “história da influenza de 1918” e “imprensa”. Em cada uma delas, reunimos e contabilizamos as notícias que desenvolveram conteúdos condizentes ao tema proposto.

Na categoria “ciência”, concentramos as notícias que apresentavam informações específicas sobre as características da doença: sua definição, agente causador, as nomenclaturas que poderiam ser utilizadas para se referir à moléstia. No campo “cidades”, reunimos aquelas dedicadas a cobrir o cotidiano da pandemia, ou seja, que

informavam sobre o avanço da contaminação ao longo dos dias e como esta situação mudava a configuração e a organização dos espaços urbanos.

Em “história da influenza de 1918”, colocamos as notícias que trouxeram elementos históricos para explicar a pandemia de influenza, remetendo-se a outros casos similares ocorridos no passado ou que apresentaram uma cronologia das manifestações gripais ao longo dos séculos. Na categoria “governo”, compilamos as notícias que fizeram a cobertura jornalística das ações diárias das equipes sanitárias de cada cidade brasileira, publicando as declarações e as ações dos governantes e das autoridades públicas do campo da saúde. Também nela situamos as reportagens que publicaram críticas às posturas governamentais e que denunciaram os maus feitos governamentais.

Uma das categorias criadas foi dedicada exclusivamente à imprensa. Nela, estão reunidos os textos jornalísticos que analisaram a própria cobertura feita pelos jornais e revistas durante a pandemia e aqueles que mostraram a mudança de rotina das redações jornalísticas e da circulação dos impressos em virtude das medidas de contenção para combater a doença. Em “imprensa” também foram reunidos editoriais, contos, crônicas, charges, poemas, entrevistas e artigos.

Por fim, explicamos as duas categorias que se voltaram à questão educativa: “instrução pública” e “educação do povo”. Na primeira, elencamos as notícias que mostravam o que aconteceu com as escolas durante o avanço da pandemia. Alguns exemplos: o fechamento dos prédios escolares; a transformação das unidades educativas em hospitais provisórios; o adiamento de exames, entre outros. Já em “educação do povo”, reunimos as matérias jornalísticas que apresentavam orientações higiênicas e outras medidas que os cidadãos deveriam adotar para conter a doença, como os quadros de “conselhos ao povo”.

Desta forma, percebe-se que cada uma das sete categorias se estruturou como um bloco temático capaz de propiciar um mapeamento mais preciso e condizente sobre a produção da imprensa durante a pandemia de influenza. Foi possível organizar as notícias selecionadas por meio de assuntos que acompanhavam os eventos e fazer uma análise detalhada de como os impressos narraram à pandemia de 1918: quais temáticas receberam mais destaque e de que forma.

A partir deste passo, realizamos a segunda etapa de nosso trabalho de tratamento da documentação. Neste momento, verificou-se a desproporção de jornais digitalizados disponibilizados pela Hemeroteca Digital Brasileira nas demais regiões do Brasil em

detrimento do volume documental que estava concentrado em São Paulo e no Rio de Janeiro. Alguns exemplos de determinados estados ilustram a questão.

Quando analisada a quantidade de jornais digitalizada e disponível pela Hemeroteca Digital Brasileira, referente à região Nordeste, a partir do mesmo descritor de pesquisa e no mesmo recorte temporal, vamos ter acesso a apenas 42 documentos que trataram sobre a “espanhola”. Deste total, nem todos os estados foram contemplados. Além disso, poucos exemplares de jornais e revistas de cada um desses estados estavam disponibilizados.

O cenário de jornais disponibilizados na região Nordeste foi o seguinte: no Maranhão, estavam disponíveis os periódicos *O Jornal e Pacotilha*. Em Pernambuco, tão somente o *Diário de Pernambuco*, o *Jornal do Recife* e o *Jornal Pequeno*, ambos com apenas duas unidades. Na Paraíba, contabilizamos apenas duas edições do jornal *O Norte*.

No estado do Rio Grande do Sul, a partir do uso do termo “grippe hespanhola” os únicos dois impressos contabilizados foram o *Cittá di Caxias* e o *A Federação: orgam do Partido Republicano*, ou seja, apenas um periódico específico de uma cidade do estado e outra publicação referente a um partido político. No Paraná, também foram localizados e selecionados dois jornais: *A Republica: Orgão do Partido Republicano Paranaense* e o *Diário da Tarde*.

Em toda a região Norte, foram selecionados os impressos que contemplaram toda a região: *Commercio do Acre: Orgam Independente*; *Jornal do Commercio do Amazonas* e o *Estado do Pará*. Ou seja, mesmo em uma localidade com outros estados existentes, apenas três jornais se encontravam disponibilizados diante dos critérios especificados para esta pesquisa.

Por fim, na própria região Sudeste e Centro-Oeste, destacamos o fato de que, em Goiás, o único impresso considerado foi o *Correio Oficial de Goyaz*. Já no Espírito Santo, o *Diário da Manhã*. E, em todo o estado de Minas Gerais, os únicos periódicos eram *O Pharol* e o *Pão de Santo Antonio – Orgam da Pia União de Santo Antonio*.

A verificação deste cenário recai na preocupação sobre a ausência de documentos que possam ter circulado pelas cidades do Sul, Centro-Oeste, Norte e Nordeste do país, já que não estão contemplados no repositório digital da Hemeroteca Nacional. Desta maneira, tal carência de edições em outras regiões do país poderia gerar uma imprecisão na intenção de produzir uma análise das notícias publicadas durante a pandemia, em todo o Brasil.

A partir do cenário descrito acima, deu-se pertinência ao volume documental composto pelas notícias que circularam, no mesmo recorte temporal, nos impressos das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Este montante passou a ser de 433 documentos selecionados de 28 impressos, dentre jornais, revistas e periódicos médicos.

A compreensão que o presente trabalho assumiu sobre impressos acompanha o que foi delimitado por Barros quando ele define o que são os “periódicos” (2003): “Os periódicos são, efetivamente, todos aqueles tipos de publicação impressa que são postas a circular, publicamente, com algum tipo de periodicidade, seja esta diária, semanal, anual ou qualquer outra” (BARROS, 2023, p. 26).

Este trabalho delimita como “impressos”, as publicações da imprensa periódica, desconsiderando outros tipos de materiais impressos como cartazes, folhetos, santinhos que, embora sejam documentos importantes e interessantes, não fazem parte do escopo desta pesquisa. Portanto, esta pesquisa considerou como impressos esses três tipos de publicações: os jornais de circulação diária, as revistas de variedades com tiragem semanal e os periódicos médicos, cuja periodicidade era mensal ou quinzenal.

Posto isso, elencam-se os títulos e os materiais selecionados. Foram analisados 18 jornais: *A Época*; *A Noite*; *A Rua: Semanario Illustrado (RJ)*; *A União*; *Chronica Subversiva*; *Correio da Manhã*; *Correio Paulistano*; *D. Quixote*; *Gazeta de Notícias*; *Gazeta do Povo*; *Jornal do Brasil*; *Jornal do Commercio*; *O Combate (SP)*; *O Estado de S. Paulo*; *O Furão: semanario humorístico da bohemia nocturna*; *O Imparcial: diário ilustrado do Rio de Janeiro*; *O Paiz e Oráculo*.

Das revistas, 9 foram selecionadas na Hemeroteca Digital: *A Cigarra*; *A Política: O Momento Revista Combativa Illustrada*; *A Vida Moderna*; *O Brazil-Médico: Revista Semanal de Medicina*; *O Malho*; *Para todos*; *Revista Feminina*; *Fon-fon e O Tico-tico: o jornal das crianças*. Por fim, contabilizamos um almanaque: *Eu sei tudo: magazine mensal ilustrado*.

Para uma melhor visualização e entendimento do corpo documental que passamos a trabalhar em nosso trabalho, organizamos uma tabela que apresenta o nome do impresso, o estado de sua produção e circulação, quantos exemplares dele foram selecionados e, de cada edição, quantas foram as notícias selecionadas como documento para nosso banco de dados.

Tabela 1 – Os jornais e as revistas durante a pandemia de 1918: dados e informações

Impresso	Estado	Quantidade de exemplares/edição	Quantidade de notícias/documentos sobre a gripe no recorte temporal utilizado nesta pesquisa
O Estado de S. Paulo	SP	160	160
Correio Paulistano	SP	56	56
O Combate (SP)	SP	46	46
Fon-fon	RJ	3	28
Correio da Manhã	RJ	23	23
Gazeta do Povo	SP	23	23
A Vida Moderna	SP	2	15
Gazeta de Notícias	RJ	7	11
O Paiz	RJ	23	9
A Noite	RJ	8	8
O Brazil Médico	RJ	5	8
A Rua Semmanario Ilustrado	RJ	3	7
O Imparcial: diário ilustrado do Rio de Janeiro	RJ	6	7
Jornal do Commercio	RJ	5	6
Jornal do Brasil	RJ	5	5
O Malho	RJ	5	5
A Época	RJ	3	3
A União	RJ	2	2
A Política: O Momento_Revista Combativa Ilustrada	RJ	1	2
Chronica Subversiva	RJ	1	1
D. Quixote	RJ	1	1
O Furão: Semanario humorístico da bohemia nocturna	SP	1	1
O Tico-tico: Jornal das crianças	RJ	1	1
Oráculo	RJ	1	1
A Cigarra	SP	2	1
Para todos	RJ	1	1
Revista Feminina	SP	1	1

Eu sei tudo: magazine mensal ilustrado	RJ	1	1
--	----	---	---

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional. Organização do autor.

Os dados acima nos mostram um aspecto interessante: dos 28 impressos analisados, 20 foram publicados e circularam pela capital federal daquela época, Rio de Janeiro; 8 dos periódicos analisados são do estado de São Paulo. A partir deste recorte, pode-se vislumbrar que o presente trabalho teria um enfoque muito mais voltado para as notícias do Rio de Janeiro do que de São Paulo, contudo não foi isto que ocorreu.

Mesmo que em menor quantidade no montante de impressos (8 periódicos), contata-se que os jornais paulistanos OESP, *Correio Paulistano* e *O Combate (SP)* foram os que mais apresentaram notícias contendo o descritor de pesquisa utilizado “grippe hespanhola”. Considerando apenas estes três jornais, contabilizaram-se 262 registros no banco de dados, de um montante no qual temos 291 documentos referentes à São Paulo. Desta forma, verificamos que, mesmo que em maior número de impressos na composição do banco de dados, as publicações do estado do Rio de Janeiro não alcançaram a mesma quantidade de notícias com o descritor “grippe hespanhola” que foi o utilizado em nossa pesquisa.

É necessário destacar que a presente pesquisa não foi construída apenas com a análise de um jornal, mas com um total de 28 impressos publicados no período da pandemia. Assim sendo, as categorias temáticas criadas configuraram um mapeamento dos assuntos tratados durante este período de crise sanitária e social, além de oferecerem um mecanismo para compreender como as notícias foram publicadas. Tais dados estruturam o desenvolvimento do presente trabalho. Mas não só.

Destacamos que foram selecionados outros documentos analisados no transcorrer desta pesquisa. Dentre eles, citamos: os Anuários de Ensino do Estado de São Paulo; os Relatórios dos Presidentes dos Estados, especificamente o divulgado pelo presidente do estado de São Paulo em 1918 e, por fim, o documento “Estatística da Imprensa Periódica no Brasil (1929-1930)” produzido pelo Departamento Nacional de Estatística.

Sendo o objetivo desta investigação analisar os impressos ao longo da pandemia de influenza, o primeiro capítulo deste trabalho será dedicado inteiramente a esta tarefa, apresentando as linhas editoriais e a história de cada um dos jornais e das revistas utilizadas, com o objetivo de entender quais foram os contextos que delimitaram a

produção das notícias sobre a “espanhola”. Todavia é importante mencionar que, ao longo deste trabalho, certas notícias devem ser detalhadas materialmente em seu formato gráfico. Logo, serão especificados, sempre quando pertinente ao contexto do assunto trabalhado: o formato assumido pela publicação no impresso; se obteve destaque e de que maneira isso foi apresentado na página do impresso; os recursos de layout utilizados e qual a posição ocupada pela notícia na composição do jornal ou da revista.

O destaque a este detalhamento justifica-se porque os impressos têm por interesse anunciar suas informações e pontos de vista, criando imagens de realidade a partir de suas perspectivas de mundo, valores e posição social. Portanto, a forma como destacam uma informação, as características de estilo e de estética, a centralidade que apresentam um assunto em detrimento de outro, demarcam formas de pensar e de agir diante do mundo e sua participação social e política diante do evento narrado.

A imprensa como fonte e objeto de pesquisa no caso da “espanhola”

Dado que nosso objeto de estudo é a imprensa, suas percepções e análises durante a “gripe espanhola”, retomamos a análise bibliográfica já apresentada das pesquisas que se dedicaram à pandemia de influenza de 1918 com o objetivo de escrutinar como e se a imprensa foi utilizada para o desenvolvimento destes estudos.

As produções acadêmicas que investigaram a pandemia de 1918 foram realizadas a partir de múltiplos enfoques e recortes. Há prevalência de trabalhos no campo da História, com exceção da dissertação de Farias (2008) que, como dissemos, realizou sua pesquisa na área da Comunicação.

Para além das diferenças dos assuntos e temáticas analisadas, há uma característica em comum e preeminente em todos os trabalhos: o uso dos jornais como fontes primárias para a pesquisa.

Bertolli Filho (2009), inclusive, elaborou um artigo intitulado *Estratégias jornalísticas no noticiamento de uma epidemia: a gripe espanhola em São Paulo*. Esse texto é um recorte da pesquisa desenvolvida em 2003, mostrando como os jornais paulistanos se responsabilizaram por narrar os episódios pandêmicos na cidade, tendo por objetivo “verificar as condicionantes da atuação da imprensa em um momento de crise epidêmica e o teor das notícias veiculadas” (BERTOLLI FILHO, 2009, p. 13).

Bertolli Filho (2009) indica a participação da imprensa na construção do evento histórico. O autor utiliza o termo “mídia” como sinônimo de “meio impresso” para a época e reforçou que tudo dito e produzido pela “mídia” é a tradução das estruturas culturais nas quais os comunicadores se encontram inseridos, a partir de estratégias que permitem o amoldamento de eventos em notícias. Segundo o autor:

É possível pensar que a experiência social com uma epidemia encontra-se inscrita nas páginas de uma imprensa que desfruta de autonomia suficiente para (re)apresentar os acontecimentos à sociedade que gerou tais acontecimentos segundo os termos próprios da mídia que, em maior ou menor grau, produz alterações no evento a ponto de criar uma nova “realidade” (BERTOLLI FILHO, 2009, p. 15).

Na perspectiva de uma realidade criada, Bertolli Filho (2009) mostrou como a cidade de São Paulo, por muito tempo, deixou de noticiar a eminente contaminação por influenza que tomava a capital da República por este ser considerado um espaço – e representação de um estado da federação – em situação sanitária e de higiene superior às demais federações nacionais. Assim, as demais regiões do Brasil podiam padecer da nova moléstia que grassava, mas São Paulo permanecia incólume às ameaças à saúde pública de acordo com os jornais da região que circulavam naquela época.

Bertolli Filho (2009) discorreu sobre as várias tônicas adotadas pela imprensa paulista na cobertura dos acontecimentos pandêmicos. O começo da contaminação foi marcado por notícias de teor sensacionalista, voltadas a produzir o medo e a alarmar a população. Já após a decretação do estado de epidemia pelo diretor do Serviço Sanitário paulista, Artur Neiva, que representava a mais alta autoridade política no que concerne às questões sanitárias e higiênicas do estado, o que se percebeu foi uma mudança significativa de abordagem na qual os impressos se transformaram em canais de informações, tentando apresentar informações indicadas como seguras e buscando à contenção da proliferação da moléstia.

O autor mostrou a imprensa paulistana como cumpridora da função de “tribunal de execração pública” ao criticar a atuação de Artur Neiva que foi capaz, com sua inércia, de fazer sucumbir muitos cidadãos. “A imprensa torna-se vigilante da sociedade, denunciando também aqueles que assumiam comportamentos não afinados com o tempo de calamidade” (FILHO, 2009, p. 18). Tal vigilância se fez presente em várias linhas editoriais, desde a publicação, como o autor classificou, mais “reacionária”

como *O Combate (SP)*, até o jornal de linha editorial mais conservadora como *O Estado de S.Paulo*.

Assim, o texto de Filho (2009), que comparou publicações realizadas em São Paulo durante a pandemia de 1918, considerou que, independentemente das abordagens ideológicas adotadas, os jornais da época exerceram protagonismo ao expor as angústias da população, por meio de cartas e outros tipos de manifestações dos leitores, além de terem se estabelecido como um canal de comunicação voltado à solidariedade para colaborar contra a carestia e as demais mazelas que dominavam a cidade.

Seguindo o mesmo enfoque de análise das atividades da imprensa, Porto (2016) fez um trabalho indireto, voltado à compreensão da atuação da imprensa escrita na cidade de Montes Claros, em 1918. O texto iniciou com a investigação sobre como a doença atingiu Belo Horizonte para, na sequência, apresentar os impactos e a contaminação iminente nesta cidade, localizada no norte de Minas Gerais. Foi dado destaque ao jornal *Gazeta do Norte*, enaltecido como um importante instrumento na construção de uma memória na cidade a respeito da pandemia, algo que foi bastante discutido no texto de Porto (2016): a necessidade de criação de memórias documentadas sobre determinado fato, o que, no caso, dizem respeito aos jornais referentes à chamada “gripe espanhola” na cidade de Montes Claros.

A pesquisa nos mostrou diferença entre os jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo em relação ao de Montes Claros. Por ser uma cidade do interior de Minas Gerais, os impressos locais dedicavam maior espaço para as matérias que chegavam da capital do país e de São Paulo. Esta tendência começou a ser mais observada, segundo o autor, conforme a doença se agravava, já que não era mais possível escondê-la da população e, ao que parece, impedir a produção de notícias locais, dada a velocidade da moléstia. Isso apresenta a ideia de que havia replicações da imprensa de capitais para cidades do interior, como agências de distribuição de notícias já veiculadas em outros espaços.

O interessante para a análise a respeito do desenvolvimento da pandemia em uma cidade de localização mais interiorana e com menos habitantes é a possibilidade de constatar muitas similaridades no comportamento, dada a sucessão dos acontecimentos pandêmicos, seja na forma como a rotina da cidade se mostrava desorganizada quando atingida pela influenza, seja na cobertura que a imprensa local fazia a respeito da evolução da contaminação na cidade. O texto de Porto (2016) se dedicou a radiografar esta realidade e a evidenciar as equivalências encontradas nas situações de combate à pandemia – com as cidades maiores – e suas formas de noticiá-la.

Em outra perspectiva, Brum (2021) estipulou, como elemento de análise para o estudo das características da pandemia de 1918, as ilustrações publicadas em quatro revistas da época: *O Malho*; *Fon-Fon*; *A Careta* e *D. Quixote*. O autor estruturou sua reflexão nas formas de representação da doença, seja no campo do uso dos termos e palavras empregados para se referir à influenza, seja nos desenhos elaborados para retratar a realidade pandêmica.

Um dos pontos fortes do artigo de Brum (2021) é a comparação visual que o autor estabelece pela formatação dos jornais diante da ocorrência de dois fatos históricos concomitantes à época: a Primeira Guerra Mundial e a pandemia de 1918. A partir da análise dos desenhos produzidos e publicados, o autor consegue evidenciar um dos aspectos também percebidos nesta pesquisa: os jornais à época evidenciavam a divulgação de informações a respeito dos combates internacionais quando uma nova doença começava a se proliferar pelo mundo.

Inclusive, Brum (2021) registra que a elaboração de sua reflexão – um recorte de uma pesquisa desenvolvida para a Fundação Biblioteca Nacional – tem como enfoque os desenhos na imprensa brasileira durante a Grande Guerra. Os achados compartilhados dizem respeito às descobertas obtidas pelo autor, ao constatar produções gráficas que remetiam à pandemia em detrimento à guerra.

O que este autor mostra, por meio da análise das ilustrações, é a atuação social que a imprensa exerceu no direcionamento das situações do contágio e seus desdobramentos para uma questão política. Os desenhos apresentados Brum (2021) nos mostram mais uma faceta da relação política assumida pela disseminação de uma doença: eles faziam uma correlação da atuação da Alemanha na Grande Guerra com a proliferação da gripe, indicando que teria sido este o país responsável por espalhar a nova doença durante os combates do conflito mundial.

De modo específico, Brum (2021) citou exemplos de charges de jornais que representavam a gripe por meio da imagem de uma dançarina espanhola. Nesses desenhos, a personagem com trajes espanhóis foi retratada em campos de batalha para mostrar como a pandemia surgiu em meio ao cenário da Guerra e também serviu aos interesses políticos que estavam em jogo naquele momento da História, jogando luz, novamente, aos contornos políticos que permeavam as explicações para a origem da moléstia. Nesse caso, o país que estava sendo culpado era a Espanha, situação que marcou o país, equivocadamente, como o responsável pela pandemia de 1918.

Por fim, a já apresentada dissertação de Gama (2013), dedicada a um estudo sobre a cidade de Manaus, demarcou de forma pontual, inclusive por meio do título de seu trabalho, o uso da imprensa como fonte para sua investigação. A autora analisou as formas de representação do medo e do temor em sete jornais que circulavam por essa cidade do norte do país. O foco de seu estudo não foi sobre como a imprensa da época noticiou a pandemia, mas como a “gripe espanhola” modificou o espaço e as relações sociais de Manaus.

Saindo do campo da história, a dissertação de Farias (2008) se estabeleceu como a única pesquisa que teve a imprensa durante a pandemia de 1918-1919 como foco de estudo, e não apenas a história da influenza em si. Sendo uma pesquisa produzida na Comunicação, o autor empregou a Análise do Discurso como metodologia, como já anunciamos. Sua pesquisa analisou os elementos presentes nos noticiários recifenses que influenciaram na construção do discurso da epidemia de 1918 no Recife, na convicção de que a “pandemia era uma só, mas havia múltiplas percepções” (FARIAS, 2008, p. 17). O foco de análise residiu na representação discursiva que faz o evento biológico se transformar em acontecimento histórico. O pesquisador analisou os seguintes jornais: *Diário de Pernambuco*; *A Provincia* e *A Ordem*, por meio do uso de tabelas e a partir do emprego de códigos para se referir a cada um dos três impressos. Farias (2008) realizou comparações e análises de cada uma das matérias publicadas sobre a “gripe espanhola”, desde o primeiro momento de 1918, em que esses três impressos passaram a cobri-la, e a forma que adotaram. De igual maneira, ele apontou as semanas que cada publicação considerou como de término da propagação da moléstia pelo Recife.

O autor justificou sua pesquisa pelo fato de que, em muitos trabalhos acadêmicos sobre a pandemia de 1918, jornais e revistas foram e são utilizados como fontes primárias que colaboraram para a narrativa do que ocorreu em 1918. Contudo, segundo sua percepção, faltava ao campo de pesquisa um estudo em que se pudessem analisar as condições de produção dos discursos, ou seja, a verificação das condições políticas e pessoais que culminaram para a construção da imagem social da pandemia.

Segundo o autor:

Na maioria dessas pesquisas recentes, jornais e revistas da época foram utilizados, em maior ou menor grau, como fonte de informações sobre a pandemia. Em muitas das considerações, a notícia é inserida como fonte isenta e expressão da verdade histórica, ou seja, não são considerados, no noticiário da gripe, sua inserção no contexto

histórico, os diversos filtros que atuaram na época para transformação do fato em notícia, nem a influência que a política, a medicina, e o próprio conceito de jornalismo de então possam ter imprimido no resultado final da notícia divulgada. O jornal visto então como uma entidade única, um bloco homogêneo de informação, é utilizado como um documento descritivo da realidade vivida em 1918 (FARIAS, 2008, p. 15).

A pesquisa de Farias (2008) possui o mérito de oferecer uma contribuição importante ao constatar que um mesmo fato a respeito da gripe se transformou em notícias diferentes dependendo do veículo que a publicava. A partir das comparações entre manchetes e notícias publicadas, o autor elucidou as diferenças de estilos e formatos que foram utilizados para veicular determinado acontecimento da influenza, o que denota a ideia de posição e valores a depender dos interesses dos proprietários e responsáveis pela editoria dos impressos.

Contudo, conforme nos indica o trecho acima destacado, pode-se considerar que Farias (2008) adotou uma fala mais generalista ao se referir à bibliografia existente sobre a temática da gripe, no que concerne à adoção dos jornais como fontes. Ao analisar as pesquisas já existentes sobre a pandemia de 1918, o autor justificou a pertinência de seu trabalho ao considerar que, nas demais produções acadêmicas, “a notícia é inserida como fonte isenta e expressão da verdade histórica” ou que “não são considerados, no noticiário da gripe, sua inserção no contexto histórico, os diversos filtros que atuaram na época para a transformação do fato em notícia” (FARIAS, 2008, p. 15).

Não foi o que constatamos ao tomar contato com cada uma das pesquisas que se utilizaram de matérias jornalísticas como fontes necessárias para a compreensão desse evento histórico: a pandemia de influenza 1918. Se Farias (2008) se referia a apenas algumas produções acadêmicas que não souberam analisar criticamente as suas fontes, ele também não estipulou quais seriam essas pesquisas, o que reforçou a impressão de uma afirmação generalista.

A análise de todos esses trabalhos acadêmicos que utilizaram a imprensa durante o período de vigência da “gripe espanhola” mostra como os impressos assumiram um papel importante no estudo de um momento trágico e cheio de perguntas não respondidas como foi a pandemia de 1918. Ao mesmo tempo, revela que não existe pesquisas que se voltaram à atividade da imprensa neste período, tendo-a como foco da análise.

O levantamento bibliográfico referente à pandemia de influenza permite a elaboração de um debate aprofundado sobre as questões relativas ao percurso, na historiografia, sobre uso dos impressos como fontes e como objetos de pesquisa. Apesar de constatarmos que a imprensa foi um recurso importante para a realização de pesquisas na História sobre a gripe de 1918, vemos que tal tendência não se estabeleceu, com a mesma frequência e importância na historiografia. E isso aconteceu por alguns motivos.

Um deles foi apontado por Luca (2008), ao dizer que houve um período em que “os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas ‘enciclopédias do cotidiano’ continham registros fragmentários do presente, realizado sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2008, p. 112). Por esta perspectiva, os jornais não foram considerados, por um longo período na historiografia, como fontes para a realização das pesquisas já que, conforme nos apresentou a autora, eram compreendidos como “enciclopédias do cotidiano”, ou seja, como veículos nos quais apenas se faziam os registros sucessivos dos acontecimentos diários, como um grande compilado de informações que, segundo aquela visão, não conseguiriam se transformar em fontes para empreender investigações aprofundadas sobre determinado assunto.

Tal discussão convida a uma compreensão sobre as características do jornal, ainda mais ao se levar em consideração que, no presente trabalho, ele se faz o objeto de estudo. Na linha do que Luca (2008) apontou sobre a elaboração de uma notícia se dar a partir do influxo de sentimentos de seus autores, Barros (2023) elucidou, de maneira adequada, as características fundamentais que compõem um jornal:

Podemos entender os jornais, já de saída, como poderosos instrumentos que são utilizados por forças diversas para agir sobre a história, e aqui podemos relevar o papel dos editores e profissionais que produzem os jornais, mas também reconhecer a importância de mesmo nível dos leitores, que não deixam de exercer suas pressões sobre os conteúdos que adentram as páginas dos jornais de todos os tipos. Compreender o jornal não como um veículo passivo e neutro de informação, mas também como um sistema capaz de produzir e difundir discursos e instaurar um processo de comunicação que nada tem de neutro é fundamental para termos a devida consciência da função dos jornais como agentes e instrumentos capazes de interferir na história (BARROS, 2023, p. 12).

De pronto, o autor colocou os jornais como elementos importantes na história, uma vez que podem ser usados por “forças diversas”. Descrito como um “poderoso

instrumento”, Barros (2023) destacou a existência de dois personagens importantes na trajetória da imprensa: os leitores, mas também os editores, ou seja, aqueles produzem os jornais. Na sequência, coloca-se um ponto fundamental na compreensão do jornal e, ainda mais, para seu entendimento seja como fonte ou objeto de pesquisa: ele não se faz um material passivo e neutro; ao contrário, seus discursos possuem tendências e caminhos de análise determinantes para certo entendimento dos eventos históricos.

Aqui está a compreensão essencial que estabelece o jornal como um meio discursivo e não apenas como um repositório de informações. Neste ponto, reside um dos motivos e das preocupações que, antes, faziam com que os jornais não fossem utilizados como canais de pesquisa. Eles foram considerados como veículos não seguros em virtude das narrativas que desenvolviam. Isso se deve pelo fato de a produção de uma notícia se estabelecer a partir do registro de uma narrativa feita por alguém que a redigiu e a elaborou com interesses que passam pela política e pelo mercado, tendo em vista que a sua informação é o artefato vendido.

A elaboração de uma matéria jornalística se estabelece a partir de escolhas feitas pelo jornalista sobre como contar determinado acontecimento, de acordo com suas observações, visões de mundo, perspectivas ou em conformidade a linha editorial do veículo de comunicação para o qual atua. Conforme detalhou Barros (2023, p. 32): “a informação transmitida pelos jornais, (...), mescla-se com a elaboração de um discurso, com a comunicação de valores e ideias, com os projetos de agir sobre a sociedade, com a necessidade de interagir com fatores políticos e econômicos”.

Tal característica fez com que o trabalho com os jornais, como especificou Bertolli Filho (2009), assumisse contornos muito peculiares, tornando-se um verdadeiro desafio sua utilização como fonte:

Dentre as fontes privilegiadas nas últimas décadas pelos analistas, encontra-se a imprensa e, nesta opção, reside uma das principais inovações e também uma das mais claras fragilidades da pesquisa histórica em saúde. Isto porque, se por um lado os jornais e revistas revelam-se como um depositário singular de informações sobre o cotidiano, por outro ainda são raros os estudiosos que se preocupam em levar em consideração as medidas inerentes à prática e ao discurso jornalístico, tendo-se que notar que existe um longo e tortuoso trabalho para que um acontecimento seja admitido enquanto notícia a ser estampada nas páginas de um veículo de comunicação (BERTOLLI FILHO, 2009, p. 13).

O que o autor apontou foi o fato de que, mesmo após a consideração de que os jornais são instrumentos importantes de acesso às informações do dia a dia, sempre há o perigo de ser levado por suas considerações como se elas fossem o real dos dias, em vez de uma observação perspectivada de um evento. Entre relatar um evento e transformá-lo em fato histórico, pelo trabalho do historiador, há um percurso crítico que nem sempre é fácil de ser feito.

O entendimento do jornal como um instrumento que oferece múltiplas visões e dados significativos para o entendimento do momento, permitiu a este veículo de comunicação alcançar outro patamar de relevância e importância na historiografia. Mesmo nos movimentos históricos da historiografia produzida, Luca (2008) delimitou que a apenas a terceira geração dos *Annales* foi a responsável por validar novos caminhos de pesquisa por meio de uma abordagem transdisciplinar que estabeleceu as notícias produzidas pelos jornais como documentos que poderiam ser analisados e tratados como fontes relevantes e seguras para o desenvolvimento de pesquisas.

A partir dessa mudança de compreensão e de perspectiva sobre o desenvolvimento da história, as situações que faziam parte da rotina e do cotidiano dos cidadãos tornaram-se assuntos de relevância e de destaque para a investigação acadêmica. Ou seja, temas e acontecimentos protagonizados pelo grande público, não mais os fatos de reis e de rainhas, imperadores ou grandes eventos e batalhas épicas que propiciavam a construção de grandes narrativas. Os acontecimentos da vida comum passaram a ser elementos de estudo e, para tanto, para além do trato historiográfico, foram utilizados elementos de outras ciências, tais como a Sociologia e a Antropologia.

É justamente neste ponto que podemos refletir sobre como os jornais são importantes para o entendimento do cotidiano. O diferencial é atribuído às visões a respeito dos acontecimentos da rotina não se estabelecerem apenas pela narrativa de uma pessoa, mas por múltiplas visões e concepções que marcadas na produção de uma notícia. Há política envolvida na produção da sequência de eventos determinada como “uma notícia” e essa política merece destaque:

É exatamente porque os jornais são instrumentos e campos de lutas, ocultando interesses políticos e sociais que podem ser desvelados através da análise de seu discurso, que eles se tornam particularmente interessantes para os historiadores que pretendem abordá-los ou como objetos de estudo, ou como fontes históricas para o estudo de temáticas diversas (BARROS, 2023, p. 45).

Como campo de lutas e disputas, os impressos não exprimem apenas uma visão ou uma postura neutra diante dos fatos. Muito distinto disso. Ao publicar determinada notícia, é sempre imperioso recordar que ela trata de uma interpretação sobre determinado fato, ou seja, traduz a forma com que o editor do jornal enxergou e entendeu a realidade e a quis passar para o grande público.

A pandemia de 1918, como acontecimento e evento, foi um tema abordado e analisado pelos jornais e pelas revistas. Por meio dos movimentos de renovação ocorridos na historiografia, as doenças se estabeleceram como temáticas pertinentes para uma investigação histórica por se tratar de eventos que transcendiam sua importância e impacto apenas na área da saúde. O avanço de uma nova doença registrada como pandêmica é capaz de produzir profundas transformações nos espaços das cidades e nas vidas dos cidadãos, de modo que não podia ser tratada apenas como um acontecimento biológico, mas também social e político:

É possível pensar que a experiência social com uma epidemia encontra-se inscrita nas páginas de uma imprensa que desfruta de autonomia suficiente para (re)apresentar os acontecimentos à sociedade que gerou tais acontecimentos segundo os termos próprios da mídia que, em maior ou menor grau, produz alterações no evento a ponto de criar uma nova “realidade” (BERTOLLI FILHO, 2009, p. 15).

Como registrou Bertolli (2009), a notícia, quando publicada, não reproduz mais o evento e o acontecimento histórico da maneira exata de como ele aconteceu. A partir do momento em que o acontecimento se transforma em notícia, estamos diante de algo novo, de outra coisa, e que gera uma noção perspectivada de quem a produziu. Conforme o autor explica, a imprensa exerce este poder de apresentar e representar o cotidiano para a sociedade. Quando isso acontece, não se pode entender este movimento como algo natural ou desprovido de interesses. Há uma rede de interesses que se estabelece.

O texto jornalístico é literalmente produtor de um trabalho coletivo que apresenta em uma de suas pontas uma complexa hierarquia de interferentes que se superpõe efetivamente ao texto produzido pelo escritor-jornalista – incluindo-se aqui o diretor, o chefe de edição e os preparadores e revisores envolvidos no produto final – e, na outra ponta, a não menos complexa figura do leitor coletivo, se pudermos recorrer a esta pequena metáfora (BARROS, 2023, p. 55).

Mesmo podendo vislumbrar que a estrutura da confecção de um jornal, ou seja, da redação de um periódico, conforme narrou Barros (2023), não fosse exatamente com estes nomes e funções, não se pode desconsiderar que esta estrutura de poder e de decisão sobre a montagem e preparação de um jornal diário já se fazia presente em 1918. Ao apresentar esta organização da imprensa do começo do século XX, Marchi da Silva (2021) mostrou que a imprensa daquele período apresentava características editoriais próprias as quais não podiam ser desprezadas quando da utilização dos impressos como fontes para as pesquisas. Inclusive, que os impressos daquela época detinham características editoriais específicas, fazendo das reportagens, contos, ou apresentando debates e duelos de jornalistas e intelectuais a maneira de episódios de novelas.

Esta consideração foi observada pelo presente trabalho, na compreensão de que a produção de uma notícia, independentemente da época, nunca pode ser considerada um trabalho isolado ou autoral do jornalista, mas sempre como um trabalho de várias mãos. Tal coletividade acontece, justamente, para se garantir que os interesses que estão em voga, muitas vezes da própria empresa jornalística, sejam garantidos e mantidos pelo jornal ou pela revista impressa. Desta maneira, ao destacar cada um dos 28 impressos que compõem o banco de dados, estamos interessados em aferir como os jornais descreveram os eventos relacionados à “gripe espanhola”.

Portanto, ao analisarmos o tema desta pesquisa, constata-se que ela só seria mesmo possível a partir do momento em que se estabeleceu uma mudança significativa no tratamento dado aos impressos no concerne a seu uso como fonte de pesquisas históricas. Dessa forma, o entendimento de que a imprensa passou a ser considerada fonte principal e objeto de estudo de muitos trabalhos, vem junto com a compreensão de que o trabalho e o manejo junto a tal documentação também se modificaram.

Cruz e Peixoto (2007) enriquecem este debate:

Os diversos materiais da imprensa, jornais, revistas, almanaques, panfletos, não existem para que os historiadores e cientistas sociais façam pesquisa. Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e entendida como tal (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 260).

Existe, portanto, uma diferença profunda sobre como a imprensa deveria ser tratada. A partir da compreensão de que os impressos se estabelecem como uma linguagem constitutiva do social, desmitificou-se o papel assumido pelo historiador de se reportar às fontes da imprensa apenas como um grande receptáculo de informações que serviriam para confirmar posicionamentos já pré-concebidos. Até pelo fato de que, se a postura se resumisse apenas a isso, o pesquisador não conseguiria perceber as nuances e todo o contexto que envolve uma notícia como um documento envolto em tensões e disputas. Conforme sentenciou Barros (2023, p. 69): “O importante, de todo modo, é nunca recair na visão ingênua de que um jornal pode ser encarado meramente como um veículo de informação”.

Ao considerar a manipulação do evento pela grande mídia, a pesquisa desenvolvida por Rossi (2018) observou, justamente, como este papel é exercido. Ao estudar como OESP noticiou os acordos que o Ministério da Educação (MEC) firmou com a *United States Agency for International Development* (USAID) entre os anos de 1962 e 1973, conhecidos por acordos MEC-USAID, a pesquisadora mostrou como este jornal tentou ser um formador de consenso público para suscitar que os acordos fossem considerados imprescindíveis para a educação nacional.

A partir do desenvolvimento de como esta influência do OESP se deu na opinião pública, a pesquisa citada utilizou Abramo (2003) como referencial, o qual sentenciou que “a grande mídia é imprescindível como fonte legitimadora das medidas políticas anunciadas pelos governantes” (ABRAMO, 2003, p. 8). Ao analisar as 186 vezes que o OESP tratou dos acordos MEC-USAID, Rossi (2018, p. 127) mostrou como o jornal atuou como transmissor de ideais hegemônicos e garantiu a concretização do seu projeto político-econômico-educacional.

A ideia de que os periódicos não são apenas fontes de informação se amplifica a partir do momento que a imprensa se tornou parte determinante da organização da sociedade, adquirindo, assim, uma estrutura que não pode ser desprezada pelo pesquisador, mas reconhecida e trabalhada como parte da investigação desenvolvida, para que também possa ser analisada criticamente.

Questão central é a de enfrentar a reflexão sobre a historicidade da imprensa, problematizando suas articulações ao movimento geral, mas também a cada uma das conjunturas específicas do longo processo de constituição, de construção, consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, e das lutas por hegemonia nos muitos

e diferentes momentos históricos do capitalismo (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 259).

Cruz e Peixoto (2007) nos mostram que à imprensa foi destinada a mesma abordagem e consideração feitas a qualquer outro objeto de investigação: não a tratar de forma descontextualizada ou sem se permitir analisar sua história. Até porque, no caso da imprensa, como as autoras delimitaram, a reflexão sobre sua historicidade permitiria compreender o poder burguês nas sociedades modernas, bem como todas as lutas e processos hegemônicos que se estabeleceram no capitalismo ao longo dos tempos.

Como documento histórico que é, a seleção e o trabalho para com os impressos jornalísticos mostram-se como um processo elaborado de produção que envolve todo o contexto social e cultural existente e que delimita a ação do historiador para exercer sua tarefa de selecioná-los, a partir de seus critérios, e fazer a leitura e a organização das ideias que serão passadas ao teste de hipóteses de pesquisa.

Nesta linha de análise, destacamos uma consideração de Rodrigues (2016):

A imprensa na História é a relação estabelecida entre a imprensa como fonte e possibilidade de pesquisa do historiador, acrescida ao longo caminho percorrido pela imprensa, com sua capacidade de registro e memória, além de se debruçar em como esta fonte tem “incomodado”, no bom sentido do termo, os historiadores, exatamente por ser entendida como uma prática social. E como prática social está diretamente ligada à necessidade que nós, historiadores, temos de problematizar tanto sua forma de registro como os temas por ela (imprensa) registrados. (RODRIGUES, 2016, p. 9)

De forma clara, o autor demarcou que a relação da imprensa com a história pode ser analisada por dois caminhos. Primeiro, como fonte e possibilidade de investigação para os pesquisadores, dada a sua capacidade de registro e construção de uma memória social, das situações e dos acontecimentos realizados pelas pessoas ao longo do tempo. Depois, como uma forma de prática social que pode ser, também, problematizada pelos próprios historiadores, já que tem a capacidade de “incomodá-los”. Ou seja, como prática social, conforme o texto de Rodrigues (2016) nos aponta, a imprensa também pode ser averiguada como um objeto a ser estudado. O esforço de fazê-lo pelos dois caminhos é o que se pretende no caso deste estudo.

Ao transpormos tais considerações para este trabalho, podemos considerar que a imprensa é fonte, mas, essencialmente, objeto de estudo da investigação. A chamada “gripe espanhola” trouxe, parafraseando o autor, muitos incômodos, dada a magnitude e abrangência que assumiu nos países ao longo de 1918. Contudo, como a própria

bibliografia nos mostrou, houve diversos estudos e abordagens que só se utilizaram da imprensa para contar o que aconteceu naquela pandemia.

Esta investigação considera também outra proposta de compreensão desses impressos como objeto de estudo em que se analisou a imprensa a partir de suas características políticas, sua apresentação visual, sua forma, periodicidade, circulação e contexto de produção.

Reitera-se que a presente investigação foi construída tendo por foco como os impressos de São Paulo e do Rio de Janeiro narraram os acontecimentos pandêmicos: quais recursos e estilos foram utilizados, as abordagens e temas desenvolvidos, as tendências de produção de um assunto que se fez presente nos idos finais de 1918. Desta maneira, tendo em conta tal perspectiva, a partir da bibliografia sobre a pandemia, registra-se aqui um breve relato dos principais acontecimentos de como “a gripe espanhola” surgiu e se espalhou pelo mundo, com o intuito de apresentar o que se destacou como os principais pontos desta história.

O aparecimento da nova doença: a “gripe espanhola” é a construção da notícia

A compreensão de como a “gripe espanhola” surgiu é um mistério que ainda persiste. Como já visto, no segundo semestre de 1918, as manchetes e as notícias que circulavam diziam respeito às batalhas finais da Grande Guerra. A entrada de um novo assunto nas manchetes dos impressos se deu aos poucos. No primeiro capítulo deste trabalho, é analisado como ocorreu, materialmente, essa mudança de tônica na imprensa brasileira, uma vez que as primeiras notícias sobre a nova doença foram, praticamente, ignoradas.

Uma das principais controvérsias sobre o significado da “gripe espanhola” diz respeito ao nome que ela recebeu. Schwarcz e Starling (2020) sintetizaram a explicação que se tornou comum e foi apresentada, inclusive, pela documentação. A Espanha, por ser o país que primeiro divulgou e noticiou a nova doença, foi a que ficou com a marca de tê-la originado, comprovação jamais efetivada.

Fato é que a imprensa brasileira, principalmente os jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, passaram a adotar este nome em suas matérias jornalísticas. Contudo a dinâmica de encontrar possíveis culpados e autores para o surgimento de uma nova mazela sempre foi comum na história das doenças, sejam eles países ou pessoas. Não foi diferente na pandemia de influenza e, no caso, a Espanha se internacionalizou como

a protagonista para o surgimento de um malefício pelo qual não fora responsável: “Designar uma doença com o nome do inimigo ou do estrangeiro é algo que se repete pelo menos desde a Idade Média, apesar de constituir um modo covarde de apontar o outro como culpado pelo mal e acusá-lo de semear o contágio” (SCHWARCZ e STARLING, 2020, p. 14).

As autoras também apresentaram outros muitos nomes pelos quais a moléstia foi tratada, dependendo da localidade em que começava a ser verificada e da intencionalidade em culpabilizar um destes países: “febre de Flandres”, como os soldados alemães a chamavam; “gripe bolchevique”, na Polônia; “gripe inglesa”, na Pérsia e, inclusive, em San Sebastián, perto da fronteira com a França, Schwarcz e Starling (2020, p. 15) pontuaram que a influenza foi chamada de “gripe francesa”. Entretanto nada se comparou ao tratamento de “espanhola” com a qual a doença se consagrou. Kolata (1999) foi a que melhor retratou o que acontecia no país ibérico e os motivos que o conduziram à “paternidade” deste novo mal:

Na Espanha, oito milhões estavam enfermos, incluindo o rei Afonso XIII. Um terço da população de Madri estava gripada, obrigando alguns órgãos governamentais a fecharem as portas. Até os bondes pararam de circular. E dessa vez a Espanha não estava sozinha – a primeira onda da gripe havia-se espalhado por toda parte. As tropas chamavam-na de “febre de três dias”, segundo algumas de suas vítimas. “Eles começaram a chamá-la aqui de ‘febre de três dias’, mas não podem camuflá-la com um nome quando ela dura uma semana ou mais” (...) Mas, no resto do mundo, a doença passou a ser chamada de gripe espanhola, por consternação da Espanha (KOLATA, 1999, p. 21).

Se nem mesmo na Espanha se compreendeu os motivos de o país ter sido relacionado como originário da nova influenza, pode-se vislumbrar que as motivações para tal situação tenham sido outras e mais distintas em suas intencionalidades. Na bibliografia sobre a pandemia, apenas Goulart (2003) foi quem apresentou um argumento sobre a utilização de um viés político para a nomeação da nova doença, destacando o fato de a Espanha ter se colocado como um país neutro na I Guerra Mundial, o que pode ter feito com que a Inglaterra atrelasse o aparecimento da doença ao país ibérico.

O que se constatou na história da pandemia de 1918 foram as tentativas de fornecer uma explicação plausível para o surgimento da manifestação desta moléstia e, como será desenvolvido nesta pesquisa, a observação de como a imprensa foi

responsável por estabelecer as condições materiais de divulgação das informações anunciadas sobre o surto de um novo tipo de gripe enfrentado pelo mundo.

É importante destacar que, anteriormente a este período do começo do século XX, a documentação evidenciou que existiram muitas manifestações da gripe pelo mundo. Ou seja, a doença que se espalhava não podia ser entendida como algo totalmente desconhecido da população. O que se apresentava como “novo” eram os acentuados números de incidência e a forma rápida de proliferação, além da alta taxa de mortalidade, logo, a doença passou a ser tratada como uma nova variante de seu agente transmissor.

No momento em que a pandemia de 1918 estava em curso, destaca-se como houve a circulação de informações pela imprensa que tendiam a apresentar uma compilação do registro de outras manifestações da influenza na história:

Que a gripe sempre existiu sob a forma epidemica é causa solidissima. Em todo caso, para como já dissemos, dissipar esses temores de que na epidemia actual não se trata de gripe e sim de uma doença que desconhecemos, façamos uma resenha das epidemias de gripe que conhecemos. A identificação da influenza, sob a forma epidemica, data do princípio do século XVI. Na Europa foi onde primeiro se observou a epidemia na Ilha de Malta, no anno de 1510. A doença, aliás, já era descripta e os seus symtomas isolados anteriormente (O ESTADO DE S.PAULO, 29.10.1918, p. 3).

A matéria jornalística publicada ao final do mês de outubro de 1918 deixou claro que tinha por objetivo expor aos leitores uma resenha sobre as ocorrências epidêmicas da gripe ao longo dos séculos. Ou seja, de registrar que, na história, existiam muitos relatos de como a gripe se disseminou entre os povos. No texto destacado, citou-se que a primeira manifestação da influenza é datada do século XVI. Contudo, no transcorrer desta notícia, foram elencados todos os demais acontecimentos epidêmicos da gripe, a saber: depois da primeira aparição, houve uma manifestação na Ásia e, na sequência, novamente na Europa. Em seguida, OESP apontou uma sucessão de eventos gripais: o primeiro deles na Ásia, em 1590, contágio que se alastrou até a África. Depois deste episódio, a notícia nos mostrou que houve um interregno até, novamente, observarem-se intercorrências nos anos de 1729 a 1733, 1762 e 1789.

A referida matéria do OESP também apresentou os demais surtos de gripe que foram registrados na história até aquele momento: no século XIX, nos anos de 1831 e 1836. Na América, nos anos de 1857, 1858, 1874 e 1875. Depois, o texto jornalístico fez menção a uma série de manifestações da doença que, conforme mencionado,

fizeram-se menos “generalistas”. Até que a notícia trouxe um fato que foi um divisor na evolução dos casos de influenza: ao final do século XIX, entre 1889 e 1892, “Pfeiffer isolou o bacilo que hoje leva o seu nome”¹. Após este episódio, a síntese produzida pelo OESP elucidou que a pandemia de 1918 apresentava uma correlação muito direta com a que foi vista na Rússia em 1880 e que, partindo deste país, espalhou-se por toda a Europa para depois chegar à América do Norte. Segundo o jornal, esta foi a grande última epidemia de gripe antes de eclodir a pandemia de 1918.

Esta notícia do OESP mostra que a influenza não era uma moléstia desconhecida. A diferença que se observou, no caso de 1918, era o desconhecimento dos motivos responsáveis por aquela manifestação se apresentar tão contagiosa e provocar tantas mortes. A virulência daquela forma de gripe foi uma situação surpresa que abalou o mundo justamente no momento em que a Grande Guerra se encerrava.

A partir da leitura das notícias dos jornais e das revistas daquela época, ao se pensar sobre o entendimento a respeito da influenza, observa-se que as concepções das medidas profiláticas a serem adotadas, assim como a própria terminologia “pandemia”, vão sendo construídas ao longo da sucessão dos eventos que marcaram os anos de 1918 e 1919. De igual maneira, a ideia de “vírus” como sendo o agente causador da doença, embora já houvesse estudos sobre isso, não era amplamente divulgado e conhecido.

Fato é que a doença se espalhava e causava muitas mortes. Para além das notícias publicadas pela imprensa, a constatação do aumento do número de óbitos foi registrada por meio de outras documentações. O Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros, de modo específico o de São Paulo, fez o seguinte balanço sobre o número de mortos do estado:

A mortalidade geral do Estado, que tinha sido de 76.890 em 1917, elevou-se a 89.289; isto é, excedeu à anterior em 12.609 obitos, facto de que foi somente causa a epidemia de gripe. Como consequencia, a relação entre a mortalidade por doenças transmissiveis e o total de obitos, foi de 44.21 contra 14.03 em 1917. Semelhante alteração foi também notada relativamente á Capital, onde, durante o anno findo, falleceram 14.811 pessoas, contra 7.908 em 1917 (RELATÓRIO DOS PRESIDENTES DOS ESTADOS BRASILEIROS, 14.07.1919, p. 23).

Entre 1918 e 1917, de um ano para outro, houve uma diferença de 12.399 de vidas perdidas. Como o próprio texto do relatório nos apresentou, a única explicação plausível foi a existência da gripe que se disseminava. A partir da apresentação dos

¹ O Estado de S.Paulo, 29.10.1918, p. 3. Trata-se do bacilo *Haemophilus influenzae*.

dados de São Paulo, constatamos que o número de óbitos praticamente dobrou, de 7.908 em 1917 para, em 1918, 14.811.

Não foi diferente com a cidade do Rio de Janeiro, capital do país, que também sofreu as consequências da “gripe espanhola”. Quase um ano após a pandemia ter se instaurado, o jornal *O Brazil-médico*, impresso voltado para as temáticas de medicina e cirurgia, divulgou os números dos mortos na capital do país. No entanto, a revista não trouxe apenas a quantidade de falecimentos em virtude da influenza de 1918. Ela apresentou um registro de todos os óbitos causados por gripe no Rio de Janeiro:

Figura 1 – Mortalidade anual de gripe no Rio de Janeiro

Mortalidade anual da gripe no Rio de Janeiro							
Anos	Óbitos	População	Coefficiente ‰ hab.	Anos	Óbitos	População	Coefficiente ‰ hab.
ZONA URBANA							
1893.....	4	461.411	0,01	1898.....	4	519.503	0,01
1894.....	23	472.454	0,05	1899.....	36	532.012	0,07
1895.....	4	483.775	0,01	1900.....	88	544.917	0,16
1896.....	9	495.390	0,02	1901.....	163	558.140	0,29
1897.....	10	507.269	0,02	1902.....	201	571.729	0,35
DISTRICTO FEDERAL							
1903.....	529	749.189	0,72	1911.....	624	921.987	0,69
1904.....	511	771.276	0,66	1912.....	756	925.818	0,77
1905.....	618	794.306	0,82	1913.....	721	954.370	0,73
1906.....	530	811.443	0,65	1914.....	747	964.201	0,77
1907.....	589	824.080	0,71	1915.....	584	961.622	0,61
1908.....	597	825.512	0,72	1916.....	426	937.961	0,45
1909.....	609	842.522	0,72	1917.....	411	908.819	0,45
1910.....	684	870.475	0,79	1918.....	12.720	914.292	13,91

Fonte: *O Brazil-médico*, 28.06.1919, p. 6.

A Figura 1 mostra a contabilização de óbitos do período de 1893 a 1918, ao mesmo tempo em que podemos constatar como estes números foram apresentados pela imprensa especializada daquele período: no formato de um quadro comparativo a partir de todos os registros de gripe no Rio de Janeiro, o que indica a guarda científica-estatística para controle de enfermidades neste caso. De pronto, ao analisar os dados, vê-se que o número de óbitos em 1918 é muito maior do que o verificado no ano anterior. Em 1917, 411 cidadãos morreram de gripe no Rio de Janeiro e, no ano posterior, um

volume muito maior foi registrado: 12.720. A própria revista médica apresentou uma análise sobre tais dados:

Excluído o anno de 1918, verifica-se que, no ultimo decennio, de 1908 a 1917, o obituario da grippe varia entre os extremos de 824 fallecimentos em 1911, e 411, em 1917, cifras que correspondem, proporcionalmente, aos coeficientes de 0,89 e 0,45 óbitos por 1000 habitantes. Calculada para todo decennio, a mesma taxa não excede a 0,69 obitos por 1000 habitantes - média pouco maior que a dos 10 annos anteriores (0,44). Comparado qualquer destes coeficientes com o algarismo proporcional que representa a mortalidade da grippe em 1918 a differença enorme: nesse anno a quota mortuaria é muitissimo mais elevada, correspondendo a 13,91 obitos por 1000 habitantes, isto é, mais de 15 vezes maior do que qualquer uma das outras taxas anuaes. Dahi se conclue, positivamente, que a gripe sob a fôrma pandemica é muitissimo mais grave e letifera do que a grippe nostras, que habitualmente figura na estatistica demographo-sanitaria do Rio de Janeiro (O BRAZIL-MEDICO, 28.06.1919, p. 6).

O texto acima foi destacado por ser uma análise feita pela própria revista *O Brazil-médico*, a partir do quadro publicado por ela mesma, contendo o número de infectados na capital do Brasil, desde o ano de 1893. O texto deixa claro como o coeficiente de falecimentos de 1918 se fez muito superior ao dos anos anteriores. Como o periódico precisou, a variação expressa é “15 vezes maior do que qualquer uma das outras taxas anuaes”. Assim, considerando tais números, *O Brazil-médico* afirmou que a gripe, em sua forma pandêmica manifestada em 1918, foi muito grave e letal.

É válido pontuar que, no decurso da pandemia, os impressos da época divulgavam em suas páginas, diariamente, a atualização do número de mortos. Além de trazerem as informações no corpo de suas notícias, eles criaram seções fixas dos jornais nas quais, por meio de quadros, informavam a frequência de óbitos. Junto a tais informações, os periódicos também comunicavam, por diferentes diagramações, os hospitais provisórios e sua capacidade de ocupação de leitos.

Como se vê, o volume de vítimas fatais foi significativo, levando-nos a perguntar como a “espanhola” chegou ao país. A primeira ocorrência da doença nos cidadãos brasileiros teve correlação com a Grande Guerra. Deu-se com a única participação do país nos combates: o envio de uma missão médica militar a Paris para auxiliar no tratamento das vítimas da guerra. A frota fez uma escola em Dakar, na África, e foi lá que os tripulantes tomaram contato com o fato inesperado da doença.

Desta forma, as notícias a respeito de como a “espanhola” atingiu os primeiros brasileiros foram publicadas em nossa imprensa 15 dias depois do ocorrido

(SCHWARCZ e STARLING, 2020, p. 59). Ao consultar o banco de dados desta tese, identificamos dez ocorrências contabilizadas a respeito deste assunto, a partir das palavras-chave “missão médica” ou “Dakar”. Tais notícias foram encontradas em uma ampla variedade de jornais e revistas: *Correio Paulistano*, *Correio da Manhã*, *A Noite*, *Jornal do Brasil*, *O Imparcial* e *O Malho*, o que mostra que a chegada da nova peste não deixou de ser noticiada pela imprensa nacional.

Além da circulação das informações encontradas nos impressos cotidianos, já existia, naquele momento histórico, periódicos específicos sobre literatura médica e clínica que tratavam especificamente dos assuntos científicos. Dentre esses impressos, destacamos a revista *O Brazil-Medico: revista semanal de medicina e cirurgia*, criada em 1887. A revista possuía uma tiragem semanal e tinha vínculos com a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

A revista *O Brazil-Medico* estava vinculada também à Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e fazia publicações das atas de reuniões e dos trabalhos dessa associação científica, além de ser considerada democrática e republicana e lutar pela modernização científica e institucional da medicina brasileira (FERREIRA, MAIO e AZEVEDO, 1998). Um dos principais objetivos da *O Brazil-Médico* foi registrar e tecer comentários sobre experiências e pesquisas dos médicos nacionais, além de divulgar as experimentações novas desenvolvidas no Rio de Janeiro, com foco na área das doenças tropicais (SCHWARCZ, 1993).

Este impresso, mesmo sendo uma publicação voltada especificamente ao público médico e às questões científicas, não deixou de noticiar como se deu a chegada da “espanhola” ao Brasil:

Após missa solene na Cathedral Metropolitana, procedeu-se ao embarque, no caes da Praça Mauá, presentes os membros do Governo, o mundo científico e social do Rio de Janeiro. Foi um acontecimento na ocasião. Ainda em viagem, ao partir o navio de Dakar, irrompendo a gripe hespanhola, então de violência desconhecida, e inúmeros foram os expedicionarios mortos, ficando outros em terras africanas, em Oran, em busca de restabelecimento. Mas os que chegaram em França honraram o nome do Brasil e se impuseram pelas actividades desenvolvidas nos hospitaes em que serviram, sendo alvos de distincções não prestadas comumente a estrangeiro naquela ocasião, não só pela capacidade, como pela dedicação demonstrada (O BRAZIL MEDICO, 12.11.1938, p. 28).

O relato que a revista trouxe apresentou todo o percurso que a missão médica fez até chegar em Dakar e ser contaminada. Durante a referida viagem, conforme escrito,

a “gripe espanhola irrompeu” e atingiu muitos expedicionários que ficaram pelo caminho. Vemos que a narrativa sobre quem foram os primeiros brasileiros atingidos pela gripe também chegou às publicações médicas. Todavia o destaque está para a data da publicação deste relato: novembro de 1938, vinte anos depois da ocorrência da “espanhola”. Trata-se de uma matéria que faz memória das duas décadas dos episódios pandêmicos.

Em comum, elas foram selecionadas e passaram a compor o banco de dados em virtude de seu teor e o veículo de comunicação escolhido para a postagem: uma revista médica. Ou seja, passado um período significativo do episódio da gripe, seja ele de dois, quatro ou vinte anos, os periódicos especializados possuíam mais informações ditas “científicas” e rastreáveis para colaborar com as explicações e as informações a respeito da disseminação da moléstia que chegou ao Brasil em 1918.

Tais reportagens também colaboraram com o registro histórico dos eventos da pandemia, de quem foram os primeiros contaminados e de como a doença se espalhou pelo país. As demais reportagens que se sucederam anos depois de 1918, presentes nos jornais *O Combate (SP)* e na revista *Para todos*, traziam a preocupação sobre os indícios que projetavam um possível retorno da moléstia na rotina das cidades.

Não há uma documentação que mostre ao certo qual foi o primeiro lugar e a região do país nos quais as primeiras ocorrências da “espanhola” ocorreram. Até hoje não sabemos exatamente onde a espanhola se manifestou pela primeira vez no Brasil” (SCHWARCZ e STARLING, 2020, p. 61), mas as autoras também narram sobre um navio, batizado de Demerara, que havia aportado no Recife e se encontrava com membros de sua tripulação já infectada. Elas destacaram que, como não se tem conhecimento de qual foi seu ponto de origem, não foi possível precisar de qual outro lugar da Europa aquelas pessoas haviam tomado contato com a doença.

O que as pesquisadoras detalharam foram as paradas que o Demerara fez ao longo de várias cidades da costa litorânea do Brasil: Salvador, Rio de Janeiro e Santos, fator que pode ter sido decisivo na proliferação da “espanhola” pelo país. Como veremos, não demorou muito para que a doença pudesse tomar corpo e se espalhar de forma veloz por várias as cidades. A maior concentração de notícias e informações estava na capital federal e em São Paulo. A fim de que as análises e os estudos que se seguirão tenham sentido, é importante demarcar as características principais destas regiões quando a influenza as atingiu, ao final da segunda década do século XX.

Após a explicitada apresentação de como a imprensa noticiou a possível chegada da doença no Brasil e de contextualizar as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, essa pesquisa propõe a seguinte organização de sentido.

O primeiro capítulo apresenta e historiciza os impressos considerados, por este trabalho, na constituição da grande notícia “pandemia”. Os jornais e as revistas selecionados foram analisados em sua forma e conteúdo, a partir das charges, entrevistas, poemas, entre outros gêneros publicados. Além disso, são comparadas algumas das primeiras páginas desses jornais, os formatos gráficos utilizados por algumas edições e como as manchetes se transformaram, conforme o transcurso dos acontecimentos pandêmicos.

O segundo capítulo trata das representações que os impressos adotaram para se referirem à “espanhola” e das maneiras como a doença foi abordada e divulgada ao longo das publicações feitas pela imprensa estudada.

Já o capítulo três conta sobre como a imprensa se estabeleceu como um vetor de difusão para o conhecimento científico à época. Veremos como as páginas dos jornais e das revistas foram espaços destinados para a circulação de conhecimento especializado, determinante para a construção do público leitor das ciências. Para tanto, as proposições de Nieto-Galan (2011) serão referenciais que nos ajudarão a pensar a imprensa como divulgadora dos conhecimentos científicos.

O capítulo quatro aborda como a pandemia influenciou diretamente a organização das atividades escolares na instrução pública das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Entenderemos como os espaços de educação foram modificados durante um período de restrição sanitária, sem deixar de considerar como os currículos estavam organizados diante de práticas que visavam à higiene e a um cuidado e controle com o corpo.

Por fim, destaca-se que Sontag (1977) e Nieto-Galan (2011) foram os dois principais teóricos utilizados nesta pesquisa. A partir das considerações de Sontag (2020) sobre como se estabelecem os mecanismos de interpretação dos fatos e dos acontecimentos e seu estudo sobre a compreensão das doenças nas sociedades (1977); foi possível fazer uma leitura analítica de como os impressos registraram e narraram os eventos relacionados à “espanhola”.

De igual maneira, para o entendimento de como a imprensa foi responsável pela formação de um público-leitor das ciências e da difusão do conhecimento científico existente naquele período, as proposições apresentadas por Nieto-Galan (2011) foram

utilizadas para se entender como a ciência se estabelecia diante do exercício dos saberes populares, principalmente em um momento histórico no qual uma doença de causas desconhecidas se espalhou de forma abrupta pelo mundo e foi a responsável por uma série de transformações sociais.

1. A PANDEMIA PELOS IMPRESSOS E OS IMPRESSOS NA PANDEMIA

Pelas páginas dos impressos que circulavam por São Paulo e pelo Rio de Janeiro, no segundo semestre de 1918, vemos como a “gripe espanhola” foi avassaladora. Em questão de dias, passou-se das primeiras notícias que circularam a uma contaminação desenfreada. Nas reportagens, materializava-se um cenário de guerra que convocava todos para o combate. À frente, para orientar e conduzir os leitores, os médicos e cientistas conquistaram um espaço de veiculação de suas ideias, passando a compor as notícias.

A compreensão dessa pandemia do começo do século XX passa pelos jornais e as revistas da época. Defendemos que tais canais de comunicação foram responsáveis por levar conhecimento e instruir a população sobre a moléstia que circulava e é de nosso intuito mostrar como isto aconteceu, materialmente, por meio da análise da documentação que estrutura nosso banco de dados.

Para quais públicos os impressos se reportavam em 1918? Uma vez que falamos da difusão de conhecimentos tecnocientíficos, sobre saúde e sanitarismo, práticas do uso dos equipamentos da cidade etc., é importante delimitar o perfil dos cidadãos que tomavam contato com as notícias produzidas de acordo com cada linha editorial dos jornais e revistas selecionados. De igual maneira, é preciso compreender os espaços físicos que tais notícias ocuparam nos meios de comunicação de então. Quais foram os tipos de textos utilizados? Quais características de diagramação foram empregadas? Além disso, verificar outros gêneros textuais empregados para contar e descrever os efeitos e horrores da contaminação pela influenza. Todos esses pontos são objetivos que delimitam a reflexão e o trabalho do presente capítulo.

Como produto material que circulava nas cidades durante o período de disseminação da doença, a análise é iniciada com a imprensa daquele período mostrando que ela também teve sua atuação afetada em virtude das medidas de contenção empregadas para controlar a pandemia de 1918:

Notas e Informações. Suspendemos hoje e por alguns dias, a publicação da nossa edição da noite. A influenza hespanhola tem feito uma devastação tamanha ao pessoal de todas as nossas secções, que só um terço, ou menos talvez, se acha a postos. Nestas condições, não

nos será possível dar as duas edições da folha sem correr o risco de nos vermos, mais dia, menos dia, na impossibilidade de dar ambas. Uma tinha que ser sacrificada para repouso dos empregados. Era natural que a sacrificada fosse a da tarde. O mesmo motivo explica e justifica as deficiências que se têm notado e que se hão de notar, por algum tempo ainda, na edição da manhã (O ESTADO DE S.PAULO, 04.11.1918, p. 4).

Frente ao avanço do contágio, o recorte desta notícia não nos deixa esquecer uma característica vital para a produção deste tipo de documento e a confecção de um impresso: eles eram realizados por pessoas e elas também ficavam doentes. Os jornalistas que trabalhavam naquele período e foram os responsáveis por apresentar as informações a respeito da pandemia, contaminaram-se e, por este motivo, pararam de trabalhar, afetando a produção e a circulação dos impressos.

Tal situação fez com que os próprios jornais se transformassem em notícia. Conforme o exemplo apresentado acima, as empresas de comunicação se viram na obrigação de informar a seus leitores de que poderiam ocorrer mudanças no formato de suas edições, uma vez que faltavam trabalhadores adoecidos.

A alteração na rotina das cidades afetou a produção dos impressos e não deixou de ser comentada e tratada pelas próprias publicações, principalmente como notas de informação aos leitores de que as edições passavam a ter mudanças em seu formato. Vários foram os exemplos que trataram sobre esta informação ao público leitor dos periódicos.

No caso do jornal OESP – composto, naquela época, por duas edições diárias, uma matutina e a outra vespertina – a escolha feita foi por interromper a produção e a circulação de uma dessas edições.

No *O Tico-tico*, a coluna esportiva, que trazia as principais informações sobre os campeonatos e jogos, teve de ser suspensa por um período, devido à paralisação das competições e do adoecimento de seus funcionários. O retorno da produção da coluna intitulada “Sports d’O Tico-tico” foi motivo de comemoração².

O jornal *O Combate (SP)*, já no final de outubro, publicou uma notícia sobre:

A “hespanhola”, n’o COMBATE. O nosso pessoal está sendo dia a dia reduzido pela gripe. Do nosso corpo typographico, além do sr. Francisco Emilio, enfermo já há dias, faltaram hoje os srs. Aldonso Guatemosin e Andrade Cidete. E ainda nos consideramos felizes, pois que A Nação e A Capital foram obrigadas a suspender sua publicação.

² O Tico-tico: Jornal das crianças, 13.11.1918, p. 11.

Esforçarnos-emos por publicar O COMBATE até quando nos vejamos absolutamente forçados a suspendel-o. Mas as deficiências já se notam no numero de hoje e maiores se notarão, provavelmente. Estamos certos, porém, de que merecemos as devidas excusas dos leitores (O COMBATE (SP), 30.10.1918, p. 3).

Esta consegue nos mostrar o desafio que foi deixar uma redação em funcionamento. O jornal fez questão de citar os nomes daqueles que estavam afastados e documentou seu receio de não conseguir fazer as edições impressas dos próximos dias. Dias depois, o mesmo periódico também publicou uma nota, em meio às notícias sobre a pandemia na cidade, comunicando que iria suspender sua entrega para as regiões fora do perímetro central da cidade. Para os que moravam fora da região chamada pelo jornal de “Triangulo”, o envio se daria pelo correio. A notícia dada pelo jornal já tratava como certa a compreensão das pessoas diante da situação extrema que se vivia e pedia a colaboração de todos, principalmente ao narrar como estava crítica a situação da distribuição de seus exemplares pelo interior, cujas reclamações falavam de atrasos de dias das remessas³.

O jornal *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, informou estarem os companheiros das diferentes seções que compõem o impresso atacados, em sua totalidade, pela “epidemia reinante”. Assim sendo, não tinha como a publicação sair com a mesma quantidade de páginas de costume, tendo sido reduzida, naquele dia, a apenas duas⁴.

Na capa da revista *Fon-fon*., havia um box, no alto da página, ao lado do seu nome, contendo a informação de que, dada a dimensão da pandemia no Rio de Janeiro, muitos assuntos que iriam compor a revista tiveram de ser adiados, uma vez que os jornalistas haviam sido atingidos pela doença. Contudo, mesmo em meio às dificuldades, a revista enalteceu o esforço e a dedicação de seus profissionais, que conseguiram manter a circulação da edição como de costume⁵.

³ O Combate (SP), 12.11.1918, p. 3.

⁴ Gazeta de Notícias, 16.10.1918, p. 1.

⁵ Fon-fon, 19.10.1918, p. 1.

1.1 O perfil e as características editoriais dos jornais e das revistas de São Paulo e do Rio de Janeiro em 1918

Como foi apresentada na Introdução do presente trabalho, a principal característica da imprensa diz respeito à circulação diária, semanal, quinzenal ou mensal de seus textos impressos. Ou seja, trata-se de uma imprensa periódica, na qual suas edições são marcadas e formatadas de acordo com o período de circulação assumido. Por exemplo, a estrutura de um jornal diário tem propriedades bem distintas da estrutura de uma revista de variedades, que pode ter uma tiragem quinzenal ou mensal. Contudo existem outros elementos que se colocam aos impressos e que são importantes para análise como objeto de estudo.

Um deles se estabelece como eixo principal: a consideração de que eles constituem um campo discursivo.

A relação por vezes tensa entre os preparadores e revisores, de um lado, e os jornalistas-autores, de outro, faz do texto jornalístico uma pequena e disputada arena discursiva na qual combatem duas grandes ordens de linguagens: aquela representada pelos jornalistas-autores, que procuram cada qual impor o seu próprio estilo e personalidade autoral, e aquela linguagem única que pretende ser, ao menos nas matérias de autoria não declarada, o estilo geral do próprio jornal como uma entidade maior (BARROS, 2023, p. 56).

Na passagem acima, destaca-se o uso de uma palavra que foi escolhida para representar o campo de um jornal: “arena”. Mais precisamente, “arena discursiva”. O uso de tal vocábulo nos remete imediatamente a um campo de luta e de batalha⁶. Neste caso, em que discursos estão em conflito nas páginas de um impresso.

A reflexão de Barros (2023) se volta à questão da estrutura de um texto jornalístico como gênero. Isso fica claro quando o autor faz uma contraposição entre o estilo próprio de cada jornalista-autor, ou seja, como produtor de um texto inédito, frente ao formato básico delimitado que uma notícia possua, aquilo se configurou como “estilo próprio do jornal”.

Neste aspecto, além das características essenciais que compõem o formato estipulado para a construção de uma reportagem, os jornalistas também lidam com outro tipo de “estilo geral próprio do jornal”, conforme o texto nos apresentou, enquanto uma instituição privada, uma empresa, os donos de um veículo de comunicação possuem interesses e objetivos próprios do “produto jornalístico” que detêm. Isso significa que,

⁶ No Capítulo 2, serão analisadas as expressões e terminologias de guerra e combate que foram utilizadas para descrever a tragédia da pandemia.

em um jornal ou uma revista, existem valores, concepções ideológicas e políticas que são preservadas e perpetuadas a partir da composição de cada uma das reportagens, o que constitui o estilo de cada jornal.

Desta forma, pode-se compreender que uma notícia não se faz, apenas, como o registro do olhar que um jornalista-autor teve para com dado acontecimento, mas também como a maneira que a empresa de comunicação para a qual ele trabalha espera que este mesmo acontecimento seja retratado para seu público leitor. Há, portanto, uma nuance político-ideológica que não pode ser desconsiderada, principalmente quando se tem o jornal ou a revista como objeto de estudo e análise. Ou seja, não se pode considerar que o texto de uma notícia seja um documento isento de intencionalidades e objetivos que necessitam ser apresentados.

Assim, é muito importante o entendimento de que um impresso se forma a partir da composição de múltiplos discursos os quais vão mais do que informar o público-leitor, mas transmitir algo, por meio da perspectiva e dos princípios que cada jornal ou revista assumiu como um veículo de comunicação. Barros (2023, p. 101) caracterizou a composição de um periódico como uma “polifonia de textos”.

Os jornais são conjuntos polifônicos formados por muitos textos. Com esta metáfora, quero chamar atenção para o fato de que os jornais – especialmente nos tempos contemporâneos – são de fato construções coletivas, nas quais ressoam muitas vozes (...). Analisar um jornal é pôr-se em contato com uma obra coletiva e polifônica, que pede que apuremos o ouvido para a escuta das diversas vozes que o percorrem (BARROS, 2023, p. 101).

Sendo muitas as vozes que estruturam um jornal ou uma revista, elas sempre precisam ser consideradas quando se analisa determinado periódico. Tal multiplicidade de visões e textos são elementos constituintes de nosso objeto de estudo que, portanto, necessita estar clara para que consigamos entender a maneira como um assunto foi abordado pela imprensa periódica. Em nosso caso, a pandemia de 1918.

Comprendemos o trabalho com a imprensa na perspectiva que Cruz (2000) delimitou:

Trata-se de entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade e os movimentos de constituição e instituição do social que essa relação propõe (CRUZ, 2000, p. 12).

Assim sendo, antes de ilustrarmos como as reportagens sobre a “espanhola” foram apresentadas nas edições dos jornais e das revistas selecionadas, são apresentadas as características de cada um destes periódicos. Desta forma, para se analisar os elementos gráficos, visuais e materiais que foram usados para compor uma notícia sobre a influenza, considera-se importante a compreensão técnica de cada um dos jornais e revistas que circulavam naquela época.

Com esta perspectiva, Capelato (2015, p. 131) demarcou pontos a serem considerados no estudo e análise de um impresso por meio das seguintes perguntas: “quem são os proprietários dos jornais?; a quem ele se dirige?; a partir de quais objetivos? e “de quais recursos dispõe para lançar na batalha pela conquista de ‘corações e mentes’ dos leitores”.

Para entender tais recursos de conquista “dos corações e mentes”, é preciso saber quais elementos são importantes para que um jornal se estabeleça e constitua seu público leitor, Capelato (2015, p. 133) considerou a necessidade de se observar os elementos internos e externos de cada um dos jornais e das revistas. Como parte interna, entende-se a análise de um jornal por seus elementos gráficos, englobando a verificação de: seu formato; fontes utilizadas; diagramação das notícias; apresentação de fotografias, entre outros tópicos. Dos pontos considerados externos, a autora aprofundou outros elementos, tais como: a análise da esfera de circulação do jornal; quem são seus financiadores; as datas de início e término de sua publicação, entre outros itens.

Feita tal consideração, indica-se que o item 1.1 do presente trabalho foi dedicado à apresentação de alguns desses elementos externos dos impressos, principalmente no que concerne à história de cada um destes jornais e revistas, desde sua fundação às linhas ideológicas e políticas que assumiram em suas trajetórias; tendo a maior parte de tais periódicos se originado no Brasil imperial. Com esta atividade, o intuito é mostrar quem eram os donos e os editores de tais publicações; que pensamentos possuíam e defendiam, a fim de poder enxergar os impactos que exerciam na sociedade e a quais cidadãos atingiam nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro durante o ano de 1918.

É importante ressaltar que não deixamos de considerar os impressos como veículos de comunicação que se constituíam como empresas. Esta foi, conforme elucidou Sodré (1999), uma mudança que aconteceu na concepção de imprensa do Brasil:

A passagem do século, assim, assinala, no Brasil, a transição de pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. Se é assim afetado o plano de produção, o da circulação também o é, alterando as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores. (...). Está naturalmente ligada às transformações do país, em seu conjunto, e, nele, à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas: a transformação na imprensa é um dos aspectos desse avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte. O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades (SODRÉ, 1999, p. 275).

Pelo exposto, constatamos que não se pode mais deixar de analisar os impressos sem considerar toda a sua estrutura de produção e circulação, uma vez que eles não se constituem mais como empreendimentos meramente pessoais, mas sim como instituições que representam interesses privados. Seguindo à lógica do capitalismo, a imprensa brasileira também se conformou dentro destas configurações e, desta forma, seus jornais e suas revistas se transformaram em empresas que entenderam seus impressos como produtos geradores de lucro. Assim sendo, ao pensar a história de determinado jornal e verificando suas características, conseguimos sugerir quem pode ser o seu público-leitor, a quem ele se destina e as esferas de poder com as quais ele se relaciona.

Portanto, o intuito foi o de fornecer um panorama da imprensa paulistana e carioca nas décadas de 1910/1920, a fim de propiciar uma visão de como estava estruturado este nicho quando uma pandemia eclodiu, fazendo relações entre o evento e o produto da notícia. Há uma história da fundação e da linha editorial de cada um dos principais periódicos que compõem nosso banco de dados⁷, além de apresentar uma descrição que sintetiza os principais elementos observados no que concerne a veiculação das notícias sobre a pandemia de “gripe espanhola”.

No estado de São Paulo, Fiorentino (1977, p. 502) considerou existir, em 1904, 76 jornais, sendo 13 diários e 47 deles com menos de cinco anos de existência. Desses periódicos que circulavam na cidade de São Paulo, reunimos quatro impressos: *O Combate (SP)*; *OESP*; *A Vida Moderna* e *Correio Paulistano*. Já o periódico *Gazeta do*

⁷ O primeiro critério estabelecido para apresentar a história de determinado periódico e sua linha editorial foi o significativo volume de notícias que este apresentou sobre a “gripe espanhola”, com que o periódico fosse muito citado e referenciado ao longo de nosso trabalho. Além disso, principalmente no caso das revistas, consideramos oportuno fazer sua apresentação por se tratar de um tipo de impresso distinto aos jornais e com elementos gráficos mais diferenciados como, por exemplo, o uso de imagens e outros gêneros.

Povo saía em Santos: um jornal que estava em seu primeiro ano de circulação e era um diário vespertino, tendo como diretor proprietário o Dr. A. Cyrillo Freire, da firma Castro & Cyrillo. De todos estes impressos, apenas o jornal OESP, também conhecido como “Estadão”, circula até os dias atuais.

De acordo com as informações disponíveis no sítio eletrônico do próprio jornal⁸, o jornal nasceu com o nome *A Província de São Paulo*, em 1875, sendo, portanto, a publicação ainda existente mais antiga da cidade. A referida página informa que o jornal foi fundado por um grupo de republicanos, liderados por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, cujo objetivo era criar um diário de notícias para combater a monarquia e a escravidão.

Dez anos depois, em 1885, “um talentoso jornalista campineiro é trazido por Alberto Salles, Julio de Mesquita, então com 23 anos”⁹. A carreira do promissor editor, segundo o descreveu o sítio eletrônico do próprio jornal, foi composta por uma trajetória ascendente na qual, em 1888, já o fizera gerente deste impresso e, em 1902, tornou-se seu único proprietário.

Capelato e Prado (1980, p. 21) elucidam que, após a morte de Julio de Mesquita, seu filho, Julio de Mesquita Filho seguiu a linha liberal que havia sido apregoada por seu pai e, a partir desta característica, o jornal construiu sua trajetória de se levantar contra a candidatura de políticos que não atendiam aos seus interesses. Era a união, conforme as mesmas autoras definiram, de adaptar as teorias liberais aos interesses que a família Mesquista possuía. (CAPELATO E PRADO, 1980, p. 99).

No que concerne à cobertura jornalística feita pelo *O Estado de S.Paulo*, destacamos que este periódico teve uma dedicação preponderante e uma marca o relato e aponto das modificações ocorridas na rotina da cidade. Além disso, a grande característica do periódico foi o espaço dedicado para falar das ações caritativas que estavam sendo feitas na cidade, ações que o próprio periódico empreendeu.

Ao analisarmos algumas das palavras-chave contabilizadas neste periódico, vemos que ele se dedicou a narrar os assuntos referentes ao comportamento da instrução pública paulistana durante este período: “escolas hospitalis”; “professores como enfermeiros”; “inspeção médica escolar” e “fechamento das escolas” são algumas delas.

⁸ Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm. Acesso em 29 de abril de 2023.

⁹ Disponível em: https://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1880.shtm. Acesso em 29 de abril de 2023.

Além disso, a nossa catalogação de notícias com os termos “conselhos ao povo” e “congresso médico”, mostra-nos como OESP adotou uma linha editorial cujo foco era a apresentação de orientações ao povo sobre medidas profiláticas e, assim, a valorização do discurso médico-científico.

Se considerarmos a data de fundação do impresso, o jornal *Correio Paulistano* é anterior ao *A Província de São Paulo*. Foi lançado em 1854 por Joaquim Roberto de Azevedo Marques, segundo as informações do sítio eletrônico do Arquivo Público do Estado de São Paulo¹⁰. Sodré (1999, p. 225) apontou que, com a fundação do Partido Republicano Paulista (PRP), em 1872, o impresso passou a ser porta-voz deste partido político. Comprado por Leôncio de Carvalho, em junho de 1874, este impresso, como órgão oficial do PRP, adotou uma linha reformista.

Contudo, ao longo dos primeiros anos de sua circulação, o autor evidenciou os posicionamentos políticos do impresso: abolicionista e ferrenho opositor aos liberais no poder, mesmo tendo seguido uma linha monarquista. O texto de apresentação do jornal feito pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo mostra que, ao longo de sua trajetória, o jornal defendeu várias linhas de princípio: foi liberal, independente, conservador e republicando¹¹. Em 1918, o próprio OESP chamou, em reportagem, o *Correio Paulistano* de “folha essencialmente governista”¹².

Mesmo assim, as tiragens do *Correio Paulistano* foram expressivas. Em 1904, Sodré (1999, p. 225) informou que a circulação deste periódico chegou a 8500 exemplares naquele ano, o que mostra seu crescimento e seu volume de circulação e impacto social, anos depois, com o advento da pandemia de influenza.

Deste jornal, assim como ocorreu no OESP, não foram contabilizadas a presença de notícias sobre a gripe em suas primeiras páginas, em virtude da ausência de informações na página principal. Das publicações feitas pelo “Correio”, vale destacar que o termo mais usado pelo impresso para se referir à pandemia foi “influenza hespanhola”, sendo este o nome adotado para a coluna fixa que este jornal adotou para tratar dos assuntos referentes à pandemia.

Ao se considerar as palavras-chaves que classificaram as reportagens, constata-se como o *Correio Paulistano* deu ênfase e destaque para a questão do comportamento

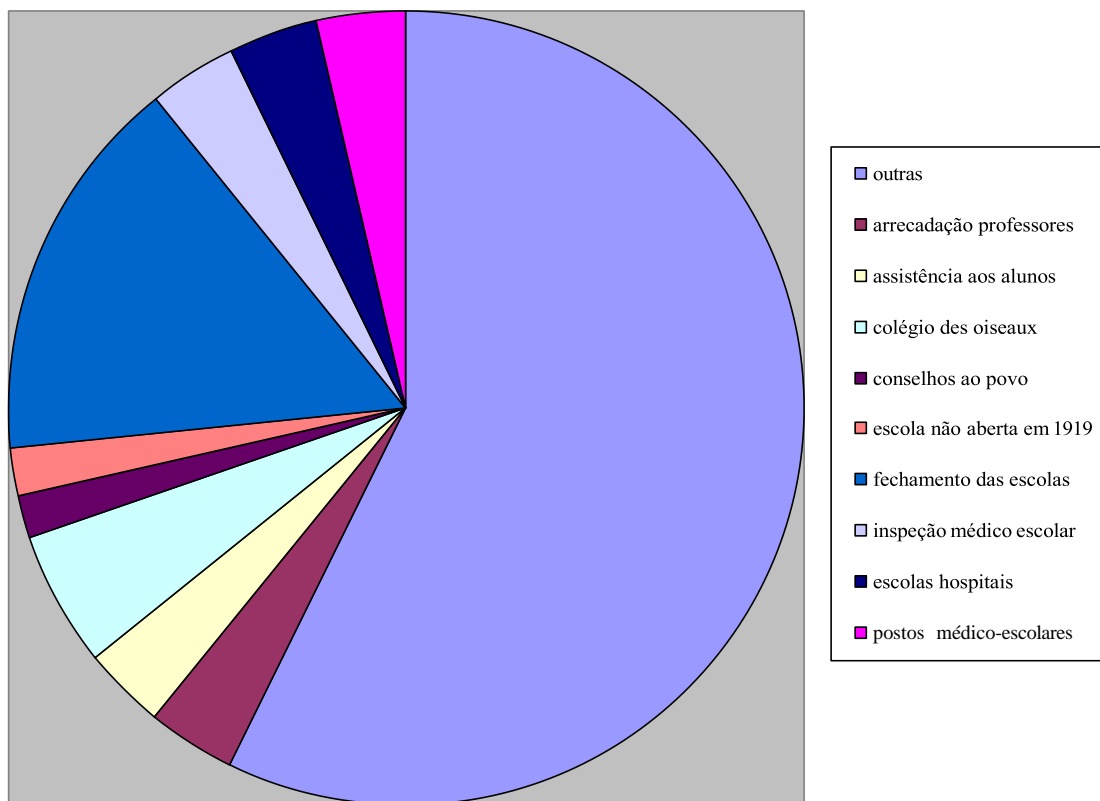
¹⁰ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria_imprensa/edicao_05/secao_correio_paulistano.php. Acesso em 29 de abril de 1918.

¹¹ Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria_imprensa/edicao_05/secao_correio_paulistano.php. Acesso em 29 de abril de 2023.

¹² O Estado de S.Paulo, 11.12.1918, p. 3. Esta expressão voltará a ser citada no próximo item do presente Capítulo deste trabalho.

da instrução pública durante o período da pandemia. De acordo com a nossa análise, ele foi o impresso que mais apresentou notícias a respeito deste assunto, como é apresentado no Gráfico 1, sobre a visualização do volume de reportagens e os temas referentes à educação que elas desenvolveram neste periódico:

Gráfico 1 – Notícias relacionadas à instrução pública no impresso *Correio Paulistano*



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional. Organização do autor.

Foram contabilizadas 55 notícias do jornal *Correio Paulistano*. Deste montante, conforme se analisa no gráfico, mais da metade dos assuntos abordados tinham correlação com a instrução pública. De forma mais precisa, 32 notícias. As palavras-chave selecionadas nos mostram quais os assuntos predominantes na cobertura jornalística a respeito de como a influenza interferiu nas atividades educacionais.

Do total de notícias a respeito da pandemia de 1918 no *Correio Paulistano*, nove delas falaram a respeito do fechamento dos espaços escolares como medida de contenção para controlar a disseminação da doença. Elas narraram como as instituições

de ensino cumpriram as determinações governamentais que impuseram esta medida para as escolas privadas e para as públicas.

Na sequência, as demais temáticas abordaram outros pontos da realidade escolar: três notícias contavam como o Collegio “Des Oiseaux” se transformou em um hospital. Houve duas matérias jornalísticas que indicavam quais e onde ficavam os postos médico escolares. A mesma quantidade de notícias foi contabilizada para mostrar outras instituições de ensino que também se transformaram em centros médicos.

O Gráfico 1 também, evidencia uma reportagem que mostrou uma escola ainda fechada no ano de 1919 e duas notícias sobre a nova rotina dos inspetores médicos escolares, os quais, em plena pandemia de influenza, dedicaram-se ao atendimento dos estudantes contaminados. O *Correio Paulistano* também apresentou duas reportagens sobre as ações de solidariedade que foram realizadas pelos docentes de São Paulo. O aprofundamento sobre a história das escolas e da instrução pública neste período será abordado no último capítulo.

Por fim, destaca-se que este jornal também trouxe o quadro “Conselhos ao Povo” o qual, como evidenciaremos no presente trabalho¹³, estabeleceu-se como um formato para comunicar aos cidadãos as melhores práticas de profilaxia para evitar a contaminação. Assim, a partir da análise do Gráfico 1, vê-se que o comportamento da instrução pública foi uma temática para a qual este periódico se dedicou. Neste sentido, retoma-se a discussão acerca de quem era o público-leitor deste impresso. Ou seja, as informações a respeito da situação da instrução pública foram comunicadas para quais tipos de pessoas que tinham contato com este impresso?

Se os jornais OESP e *Correio Paulistano* estavam voltados à elite paulistana, as quais defendiam os interesses e a manutenção dos poderes dessas pessoas, houve um periódico que se distinguiu desse tipo de abordagem na cidade: o jornal *O Combate (SP): Independência, Verdade, Justiça*¹⁴. Ele foi um jornal operário de São Paulo e considerado anarquista. Decca (1984, p. 93) classificou-o como revolucionário e propositivo, pois mantinha em suas páginas um espaço destinado apenas aos escritos da classe trabalhadora.

¹³ Especificamente no Capítulo 2.

¹⁴ Mesmo sendo um jornal que contabilizou significativa documentação no banco de dados que ampara esta pesquisa, não encontramos referências bibliográficas e documentais expressivas para a compreensão de como este periódico surgiu e de quais linhas e princípios editoriais o acompanham. Cita-se apenas Decca (1984).

Durante a pandemia de influenza, o periódico se encontrava no quarto ano de circulação e sua redação ficava na Rua 15 de Novembro. Este jornal foi o que mais diversificou sua estrutura de apresentação das notícias sobre a “espanhola” principalmente em suas primeiras páginas, ao contrário do que aconteceu nos demais impressos paulistanos analisados. No próximo item, vamos mostrar, mediante as análises que realizamos das primeiras páginas deste jornal, o quanto as manchetes ganharam destaque em suas edições e o quanto elas contemplaram histórias que só foram contadas no *O Combate (SP)*.

De acordo com Bertolli Filho (2009, p. 18) o jornal *O Combate (SP)* se configurava como uma publicação anarquista. Posição semelhante tiveram as autoras Schwarcz e Starling (2020, p. 162) que explanaram sobre a formação da imprensa operária nas duas primeiras décadas do século passado.

Além de sua linha editorial distinta, este jornal também apresentou uma abordagem gráfica diferenciada para as manchetes e os títulos das reportagens a respeito da pandemia. A primeira constatação, que será detalhada no próximo subtítulo, foi a quantidade de primeiras páginas que *O Combate (SP)* trouxe com a temática da “espanhola”: 23 documentos das edições sobre a pandemia que ocuparam, assim, o destaque principal das informações diárias deste periódico.

Ao considerar que o jornal o *Correio Paulistano* era um órgão do Partido Republicano Paulista (PRP), ou seja, ligado aos políticos conservadores da cidade; da mesma maneira que OESP foi fundado com base nos ideais de um grupo de republicanos, podemos sugerir que existia um propósito ao fato de estes jornais não apresentarem, em suas primeiras páginas, imagens e notícias que comunicavam de maneira mais direta ao povo a situação de gravidade da pandemia de influenza.

Assim, a não divulgação de manchetes nas primeiras páginas de alguns impressos não é estranha, quando entendermos o contexto de formação e constituição dos jornais e das revistas existentes naquele momento histórico. Situação contrária acontecia com *O Combate (SP)*. Ele deu destaque para as notícias que poderiam ser consideradas mais sensacionalistas a respeito da pandemia de influenza: em suas páginas foram contadas as histórias de pessoas que enlouqueceram ao se descobrirem contaminadas; dos que morreram sem assistência médica e até do homem que foi enterrado vivo¹⁵.

Já a única revista que foi estudada e era publicada em São Paulo foi *A Vida Moderna*. Era um impresso que alcançava altas tiragens, possuía uma boa qualidade gráfica e priorizava as imagens. Leva-se em conta que uma revista tem mais tempo para organizar-se na parte gráfica, o que justifica parte desses atributos. Na história deste impresso, Moraes (2007, p. 77) conta que ela foi um periódico muito importante em sua época, fazendo-se inovadora e com uma boa organização. Esteve localizada na Rua Capitão Salomão, em 1907 e, a partir de 1913, mudou-se para a Rua Boa Vista. Em 1906, a revista se chamava *Sportman*, tendo assumido o nome *A Vida Moderna* apenas no ano seguinte; mudança que objetivou conseguir ainda mais leitores.

Segundo Cruz (2000, p. 69), a revista era de propriedade da firma Garcia Redondo, Amancio & Cia. cujo redator-chefe foi Amancio Rodrigues. Em termos de estrutura material, um dos dados relevantes que Moraes (2007, p. 77) apresentou foram as dimensões gráficas que a revista assumia. Ela media 19cm x 28cm e possuía, em média, 40 páginas por exemplar, sendo estas divididas em duas ou três colunas, segundo a autora. Sua periodicidade variou de semanal a quinzenal.

Todavia, na época da pandemia de 1918, a revista era publicada semanalmente, sempre às quintas-feiras. Uma consideração importante sobre sua veiculação foi a de que ela esteve muito associada ao jornal OESP e com o *Correio Paulistano*, pois: “ambas consideradas publicações refinadas, eram álbuns da sociedade paulista e atraíam o público que fazia parte dessa sociedade privilegiada, mas também projetavam a burguesia para outras camadas sociais” (MORAES, 2007, p. 16).

Ao analisar as edições que a revista produziu durante a pandemia, fica evidente que o seu diferencial, em termos da cobertura jornalística, foi a utilização das fotografias ilustrando como a cidade de São Paulo enfrentou a pandemia. Foram oito

¹⁵ Essas histórias serão apresentadas no Capítulo 2.

documentos catalogados que trouxeram páginas do impresso contendo imagens do acontecimento, muitas delas ocupando praticamente toda página da revista. Além disso, a revista também explorou outros gêneros literários e trouxe assuntos relacionados à pandemia, tais como as informações profiláticas para conter a doença e a paralisação dos campeonatos esportivos, por exemplo.

Conforme o nome da revista traduzia, Moraes (2007) pontuou que o impresso cumpria uma missão de mostrar a cidade de São Paulo em pleno desenvolvimento no começo do século XX:

O momento, início do século XX, era de transição e as mudanças sofridas e toda “modernidade” vivida pela cidade de São Paulo era estampada nas páginas da revista. *A Vida Moderna* mostrava o progresso de São Paulo, tão comentado nesse momento histórico. Para isso, a revista se valia de notícias sobre empreendimentos comerciais e industriais, fotos de belas construções, matérias sobre o progresso econômico e arquitetônico da cidade. (MORAES, 2007, p. 90).

A análise da revista permite ver a imagem que a cidade de São Paulo adquiria naquele momento. Ela se assumia como símbolo do progresso e da modernidade, fruto de seu desenvolvimento e movido pela riqueza de sua economia. Foi justamente nesta cidade vista como promissora que uma “influenza espanhola” fez suas vítimas e instaurou o caos.

No caso dos periódicos do Rio de Janeiro, capital do país à época, temos o registro de todos os impressos estudados. Por todo o histórico de a cidade do Rio ter sido a sede do Império, momento em que vemos a instalação da primeira imprensa do país, a grande parte dos jornais brasileiros teve início neste período e se encontrava sediado nesta cidade.

Os dois maiores jornais brasileiros, o *Jornal do Comércio* e a *Gazeta de Notícias*, realizam excelentes negócios; têm tantos anúncios que, não lhes bastando a terceira e quarta páginas, dedicam-lhes um suplemento. O *Jornal do Comércio* é uma espécie de Times sem virilidade; é o Times sem os leading articles; um bom repertório de fatos, um conjunto útil de documentos. A *Gazeta de Notícias* é muito diferente; sua impassibilidade não consiste em registrar passivamente os acontecimentos; tem como redator-chefe o dr. Ferreira de Araújo e nisso está a sua força. O dr. Araújo é um excelente jornalista; julga homens e coisas com condescendente ironia; escreve com precisão, elegância e sobriedade claras (SODRÉ, 1999, p. 253).

Além do *Jornal do Comércio* e da *Gazeta de Notícias*, periódicos que foram assim apresentados por Sodré (1999) como os dois maiores jornais do país naquele

período, Barros (2023, p. 80) delimitou que outros dois impressos, o *Jornal do Brasil* (fundado em 1891, por Rodolfo Dantas) e o *Correio da Manhã* (fundado em 1901, por Eduardo Bittencourt) eram publicações que dividiam o mesmo público. Segundo este autor, em 1920, o grande público do *Jornal do Brasil* ainda era composto pelos moradores dos subúrbios cariocas. Ou seja, este era um jornal que adotava uma linha editorial mais popular. Rivalizando diretamente com ele, o *Correio da Manhã* foi, segundo Barros (2023, p. 81), um impresso que apresentava uma tendência um pouco mais à esquerda ou vocalizava melhor as críticas aos governos.

Ao contrário do que acontecia com a *Gazeta de Notícias*, um dos maiores jornais, segundo Sodré (1999); *O Paiz* (fundado em 1884, pelo imigrante português João José dos Reis Junior), segundo Barros (2023, p. 81) mostrava um posicionamento político mais governista. Inclusive, o autor classificou *O Paiz* como o jornal mais conservador da primeira metade do século XX.

Em suma, Barros (2023, p. 84) apresentava o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã* como impressos que se voltavam para as camadas populares, ao contrário do *O Paiz* que, segundo o autor, destinou-se às pessoas mais bem situadas economicamente. Já o *Jornal do Comércio* se caracterizou, especificamente, pela temática econômica e, assim, passou a atender mais a uma parcela específica da população interessada por este tipo de assunto.

Ao verificarmos como esses jornais estruturaram sua cobertura jornalística em relação à “gripe espanhola”, constatamos o que Sodré (1999) mencionou sobre a *Gazeta de Notícias* não ter realizado uma cobertura passiva sobre o tema. Das sete reportagens que foram selecionadas sobre a pandemia, três delas traziam a expressão “mal de Seidl” nos títulos de suas reportagens¹⁶, indicando uma crítica dura a um representante do governo. Ao analisar as outras notícias, vê-se que elas traziam palavras que expressavam o “luto”¹⁷; a palavra “doloroso” para expressar o suicídio de uma pessoa em virtude da febre alta¹⁸ e a crítica ao governo por meio do uso repetido da palavra “desinfecção” na manchete de outro texto jornalístico¹⁹.

¹⁶ *Gazeta de Notícias*, 28.10.1918, p. 2/ 05.11.1918, p. 2 e 06.12.1918, p. 2.

¹⁷ *Gazeta de Notícias*, 28.10.1918, p. 3.

¹⁸ *Gazeta de Notícias*, 25.10.1918, p. 3.

¹⁹ *Gazeta de Notícias*, 05.11.1918, p. 1.

Forma totalmente distinta de abordagem foi verificada no jornal *Correio da Manhã*²⁰. Para ilustrar, destaca-se a mudança de tom para se falar da mesma temática de um caso de suicídio ocorrido em virtude da contaminação por influenza. Na *Gazeta de Notícias*, temos o uso de um adjetivo forte como “doloroso” para tratar do tema. Neste periódico, a notícia a respeito deste ocorrido se limitou a estar em uma seção do jornal intitulada “Pingos & Respingos”²¹. Uma tônica extremamente mais sóbria e, podemos dizer, mais contida do que visto sobre o mesmo episódio na *Gazeta de Notícias*.

No que concerne ao *Jornal do Brasil*, cujo estilo editorial foi assemelhado ao *Correio da Manhã*, compuseram nossa coletânea apenas duas notícias, a partir do descritor “grippe hespanhola”; elas tratavam do início da contaminação e de como a doença ainda parecia benigna. As outras três reportagens do *Jornal do Brasil* já eram de 1919 e versavam sobre o surgimento de outras aparições da “espanhola” pelo mundo, meses depois da pandemia²².

Dos impressos publicados na capital do país, um deles diz respeito diretamente aos assuntos trabalhados pela classe médica nacional, tratando das questões de uma classe em específico, os médicos: o periódico *O Brazil-Médico: revista semanal de medicina e cirurgia*. Para compreender melhor esta proposta, transcrevemos dois textos da apresentação do jornal, seguidos do nome do periódico: “*O Brazil Médico é o órgão dos interesses científicos, praticos e profissionais da classe medica brasileira. Suas columnas estarão sempre francas a todos os interessados desde que assumam pela assinatura a responsabilidade das opiniões que emitirem*”²³.

O pequeno texto já esboçava qual era a finalidade da publicação: um impresso que atendia os interesses científicos. Na sequência, logo abaixo do título do jornal, também, lia-se: “*O Brazil-médico é o jornal semanal de Medicina mais antigo da América do Sul. Tem grande circulação, não só da capital, mas como todos os estados do Brasil*”²⁴. A descrição fundamentava as principais características deste periódico: ser o mais antigo da classe médica no continente americano e estar presente em todos os estados brasileiros.

²⁰ O Jornal do Comércio não compôs o banco de dados da presente pesquisa.

²¹ O Brazil-Médico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, 11.10.1918, p. 2.

²² Sobre esta situação, infere-se como possibilidade que justifica a baixa produção de notícias sobre a pandemia de 1918 o fato de o termo de pesquisa utilizado não ser a terminologia que o jornal usou para se referir à doença.

²³ O Brazil-Médico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, 05.11.1927, p. 1.

²⁴ O Brazil-Médico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, 05.11.1927, p. 1.

Assim, pelas dimensões que o próprio *O Brazil-Médico* apresentou de sua tiragem e veiculação, vislumbra-se o alcance que esta publicação alcançou durante o período da pandemia de influenza, período em que as informações provenientes da classe médica se fizeram necessárias. Ela foi um canal para a veiculação das ideias e dos conhecimentos científicos, seja por meio das entrevistas que os médicos e peritos forneceram, seja pelo fato de terem produzido notícias. No presente caso, temos contato com um jornal especializado no assunto e que se dedicou, exclusivamente, a veiculação de informações técnicas sobre a influenza e outras tantas doenças.

Destarte, do volume documental correspondente ao segundo semestre de 1918, há menção apenas a uma matéria que apresenta o discurso do Sr. Azevedo Sodré na Câmara dos Deputados no qual fez um balanço da situação da gripe e propôs a criação do Ministério da Saúde, a fim de que a prevenção às doenças se estabeleça como política pública nacional²⁵. Além dele, nesta mesma edição da revista, destaca-se a publicação que o impresso fez da sessão de 10 de outubro de 1918, da Academia Nacional de Medicina²⁶ na qual o Dr. Carlos Seidl apresentou nove configurações finais sobre a “gripe espanhola”²⁷

Além disso, aferimos a existência de um volume documental de 15 outros registros do impresso *O Brazil-Médico* concentrados em um período de 1919 a 1938 e que se dedicaram a estudar as consequências trazidas pela pandemia de influenza para o país²⁸. Pelo exposto, vemos que esta publicação especializada foi um veículo de informação importante e necessário à classe científica do país, principalmente no momento dedicado à compreensão do que foi, de fato, a pandemia de influenza que marcou o mundo em 1918.

Contudo, ao nos voltarmos novamente às características dos impressos e das publicações existentes no período da gripe, constatamos que, no Rio de Janeiro, além de uma publicação específica destinada à classe médica como *O Brazil-Médico*, fez circular também revistas de variedades, em São Paulo, como *A Vida Moderna*. Uma delas é a revista *Fon-fon*. Para melhor defini-la, recorreremos à Macena (2010, p. 10) que fez uma descrição interessante à publicação: “reconhecida posição de semanário sintonizado com os novos tempos da modernidade carioca”. Ou seja, a revista foi o

²⁵ O Brazil-Medico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, 14.12.1918, p. 5.

²⁶ O Brazil-Medico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, 14.12.1918, p. 9.

²⁷ Elas serão trabalhadas nas Considerações Finais do presente trabalho.

²⁸ Retornaremos a esta questão nas Considerações Finais de nossa pesquisa.

instrumento capaz de mostrar e sintetizar as transformações da capital do país que, assim como São Paulo, passou por profundas modificações espaciais.

Conforme a autora precisou, as alterações na paisagem da cidade, por meio da transformação do espaço público, fizeram com que seus novos contornos entrassem em contraste com o “velho” Rio de Janeiro e se assemelhassem à cidade de Paris. Uma reforma feita pelo prefeito Pereira Passos foi dedicada a um “esforço de concepção, organização e integração do espaço urbano aliado ao projeto civilizador de seus habitantes” (MACENA, 2010, p. 18). Era um projeto que envolvia todo o corpo social durante o período da Primeira República.

A concepção do moderno, conforme Macena (2010), delimitou que a imprensa da época assumia este discurso e, assim, a revista *Fon-fon*, objeto de estudo da pesquisadora, firmou-se como uma publicação que mostraria “algumas práticas e representações produtoras/reprodutoras da modernidade carioca daquele período” (MACENA, 2010, p. 25). Assim como a própria autora apontou, não se podiam entender as revistas da época em seu aspecto apenas mundano, mas estritamente politizadas e traduzindo as relações de poder do contexto no qual estavam inseridas. Mesmo consciente desta realidade, Macena (2010, p. 31) não deixou de situar as principais características da *Fon-fon*: semanal carioca, publicado de 13 de abril de 1907 até agosto de 1958, que se encarregava de mostrar aos leitores brasileiros as últimas tendências de modo de Paris e a vida social dos cariocas.

Neste sentido, não se pode desconsiderar o nome completo da revista: “*Fon-fon*: semanário alegre, político, crítico e esfuziante”. Portanto, a revista possuía um propósito claro de ser a tradução de uma proposta impressa que unia literatura, humor, vida social e variedades em uma mesma publicação, o que fez com Macena (2010, p. 32) considerasse que seus principais colaboradores entendiam o espaço de produção da revista como um local no qual se uniam vários propósitos e, assim, constituía-se algo como uma própria família.

O objetivo da revista foi o de ser um periódico leve e ágil que conseguisse traduzir os tempos modernos. Tempos estes que, em 1918, foram marcados pela proliferação de uma doença que mudou toda a rotina social e urbana, sem contar que conseguiu produzir uma sensação contrária aos benefícios trazidos pela modernidade. Este foi, então, o principal desafio da revista: como publicar a vida social carioca se ela se encontrava abalada pela “espanhola”? A *Fon-fon* se dedicou como publicações que mostravam, em muitas sequências de imagens fotográficas, tal qual aconteceu com a

revista *A Vida Moderna*, em São Paulo, como a elite carioca se comportou no período da doença. Destarte, as fotografias revelavam as ações caritativas que foram promovidas junto à Cruz Vermelha e outras ações voluntárias e de caridade para as quais a revista deu destaque, sendo o formato encontrado para mostrar como a classe dominante da época se comportou frente aos novos desafios causados pela crise sanitária.

Se as duas revistas até aqui estudadas, *A Vida Moderna* e *Fon-fon* tinham este foco editorial, também houve publicações que se voltavam para públicos-leitores específicos, como as crianças. O impresso *O Tico-tico: jornal das crianças* era um deles. Mas a história deste impresso não se dissocia da de outro: *O Malho*, também produzido na capital federal. Costa e Almeida (2017) refletiram sobre os objetivos de um jornal feito para crianças, mas comprado por adultos, na presente dúvida de como os pais poderiam ler o conteúdo do jornal sem antes ter acesso à edição? As autoras rapidamente desmistificaram esta crença e, ao analisar os materiais da revista, foram claras ao indicarem que os conteúdos feitos são, na verdade, destinados aos pais das possíveis “crianças-leitoras”.

A associação com *O Malho* fez com que as autoras apresentassem o “jornal das crianças” de acordo com as características deste outro impresso que se fazia, conforme elas mesmas mencionaram, voltado para “destruir a praxe” (COSTA E ALMEIDA, 2017, p. 104). A temática principal a que *O Malho* se dedicou disse respeito à defesa da educação escolar obrigatória, ou seja, à instrução pública fornecida pela escola como instituição de ensino.

Desta maneira, Costa e Almeida (2017, p. 105) delimitaram que a revista *O Tico-tico* também se configurou como um veículo devotado à formação de uma sociedade republicana, contra os traços de “ignorância” que simbolizavam o atraso e o pouco acesso ao conhecimento já disponível.

O processo de escolarização e de formação social fazia parte do projeto de modernização pensado por vários intelectuais nas primeiras décadas republicanas. Com a criação da revista *O Tico-tico*, abria-se uma possibilidade de disseminação das ideias desses agentes sociais que atuavam na imprensa (COSTA e ALMEIDA, 2017, p. 106).

A partir do uso de breves histórias ilustradas, em quadrinho, a revista *O Tico-tico* desejava transmitir o conteúdo da importância de as crianças frequentarem as escolas para se instruírem. É interessante observar como Costa e Almeida (2017), por meio da análise deste impresso, constataram o papel que um impresso assumiu de ser o

condutor de boas maneiras, civilidade e, termo utilizado por elas, “adequação social” com a legitimação das práticas de escolarização.

A verificação de como *O Tico-tico* desenvolveu sua cobertura jornalística a respeito da influenza de 1918, revela-nos este caráter didático de um periódico voltado à educação escolar. Em suas páginas, houve a publicação de ilustração que remetia à pandemia, do mesmo modo que a publicação de conto na seção “As lições do Vovô” que, de maneira clara e em caráter formativo, sugestivo, explicava as causas das doenças, sua possível origem e forma de combatê-la.

Por fim, destacamos que algumas das ilustrações veiculadas pelo *O Malho* foram analisadas neste trabalho, a fim de que pudessem ser consideradas as ilustrações publicadas por este periódico. Contudo, assim como a do impresso especializado *O Brazil-médico*, as dez notícias sobre a “grippe hespanhola” disponibilizadas na Hemeroteca Digital Brasileira foram veiculadas pelo *O Malho* nos anos subsequentes à pandemia. Inclusive, o último registro de notícia sobre a influenza foi publicado, por este jornal em 1932.

A última publicação analisada neste item é a revista de tiragem semanal intitulada de *D. Quixote*. Tendo como referência as informações disponíveis no sítio eletrônico da *Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida*, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), este impresso circulou entre 1917 e 1920 sob a edição do jornalista, bibliotecário e humorista Manuel Bastos Tigre. Segundo este sítio eletrônico, a revista tinha como proposta o uso de textos irreverentes e se consolidou pelo uso de gêneros textuais diversos, além de críticas aos posicionamentos culturais e políticos daquele período²⁹.

Desde o título do impresso, vemos uma linha mais provocadora ao referenciar a obra homônima de Miguel de Cervantes, clássico da Literatura que se assentou pela produção de um romance de cavalaria a partir de uma paródia. Assim, este mesmo humor também foi encontrado nas páginas da revista *D. Quixote*, algo que foi também percebido nos textos e nas imagens analisados nesta pesquisa sobre a influenza de 1918, a qual foi muito referenciada por este impresso por meio de caricaturas que remetiam à imagem de uma espanhola.

Assim sendo, de acordo com as apresentações das características editoriais e dos perfis dos principais periódicos que foram utilizados neste trabalho, ficam esboçadas as

²⁹ Disponível em: <https://bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br/2020/03/05/obra-do-mes-de-marco-revistas-d-quixote-1917/>. Texto publicado em 05.03.2020. Acesso em 21.05.2023.

possíveis perspectivas de leitores do quadro de periódico das duas cidades. Não existe aqui a ideia de decretar certezas sobre isso, porque a condição de confirmação de públicos leitores dependeria de pesquisas mais específicas. No entanto, amparado por literatura especializada, foi possível traçar um panorama de quais seriam os leitores mais diretos de cada um dos periódicos apresentados nesta pesquisa. Deve levar em consideração que os impressos cativam públicos por suas qualificações e grupos de interesse. Do mesmo modo, deve-se ter em mente que por suas lentes são apresentadas diferentes pandemias, marcando tanto as suas especificidades editoriais, gêneros e projetos gráficos, quanto os possíveis convencimentos e omissões que são representativos de suas posições sociais e políticas, bem como operativas na marcação de diferenças de classes sociais.

Esta pesquisa observou que recursos de linguagem foram utilizados pelos impressos na estruturação das notícias e que ajudaram na forma de divulgação dos fatos da pandemia de influenza, a partir, por exemplo, do uso de metáforas e de expressões alusivas às situações de guerra e de combate que, conforme elucidou Sontag (1977), são partes de como as pessoas expressam sua realidade quando uma doença as acomete ou passa a fazer parte de suas vidas.

Assim, se uma doença é enriquecida de sentidos e projetada no mundo, neste caso, a partir da imprensa periódica, ela o é contando uma história de dor, pelas diferenças de classe, pela ideia de assistencialismo e melhoria da forma de ser dos pobres, da obstinação e solidariedade dos ricos, pela presença física de mulheres em aglomerações em busca de comida e a massiva presença masculina em postos de comando e médicos, entre outras coisas.

Além disso, para cada uma destes impressos, a apresentação das principais abordagens das notícias veiculadas a partir do assunto da pandemia de influenza, levando em consideração as palavras-chaves que foram criadas com a leitura de todas as notícias selecionadas, mostra como a “gripe espanhola” foi apresentada ao público por temáticas de interesse. O que vemos é uma influenza “picotada”, se pensamos na narrativa de cada um dos jornais vistos separadamente.

1.2 Os assuntos que foram noticiados pela imprensa durante a pandemia de influenza

A análise de cada uma das reportagens selecionadas suscitou a seleção e a escolha de descritores capazes de sintetizar os conteúdos trabalhados em cada uma das notícias. A partir desta definição, verifica-se a recorrência das abordagens utilizadas para a delimitação de categorias temáticas capazes de mostrar os assuntos, a respeito da influenza, que mais foram abordados pela imprensa da época.

Na apresentação dos procedimentos metodológicos da pesquisa, foi mostrado o processo de construção das categorias temáticas que nortearam o trabalho de investigação. Levando em consideração o propósito do presente Capítulo de detalhar as formas de como a imprensa atuou naquele período, aqui se apresentam os dados de forma mais refinada, primeiro, pela apresentação de uma tabela que mostre como as palavras-chave. Também no Quadro 1 se inseriram nas categorias temáticas estipuladas.

Quadro 1 – Relação entre os impressos, as categorias e as palavras-chaves utilizadas

Jornais	Categoria	Palavras-chave
O Combate (SP) Correio Paulistano O Estado de S.Paulo Gazeta de Notícias A Noite Correio da Manhã	Instrução pública	arrecadação professores Colégio Des Oiseaux hospitais provisórios escolas hospitais professores enfermeiros inspeção médica escolar postos médicos escolares protesto professor reabertura escolas adiamento de exame assistência aos alunos casos nas escolas morte de aluno encerramento do ano letivo carta aos pais
O Estado de S.Paulo O Combate (SP)	Governo	ações do governo Arthur Neiva Carlos Seidl Rodrigues Alves crítica ao governo mal de Seidl

Correio Paulistano O Estado de S.Paulo A Vida Moderna Correio da Manhã Jornal do Brasil	educação do povo	conselhos ao povo profilaxia e orientação
O Estado de S.Paulo Gazeta do Povo O Combate (SP) Correio Paulistano A Vida Moderna O Paiz Fon-fon	idades	organização das cidades suicídio; teatro caridade; futebol abertura cinema e teatro Serviço Sanitário feriados; interior Liga Nacionalista prefeitura; loucura cemitérios e mortes estabelecimentos fechados assassinato policimento sanitário
O Combate (SP) O Estado de S.Paulo	história da influenza de 1918	África, Dakar história das gripes início do contágio avanço contágio redução contágio missão médica brasileira
O Estado de S.Paulo O Combate (SP) Gazeta do Povo A Vida Moderna O Tico-tico Correio da Manhã	imprensa	propaganda; editorial censura; crônica crítica; crítica à imprensa humor retorno de circulação do jornal atraso e suspensão dos jornais enterrado vivo; notas sociais imagem real; revistas
Gazeta do Povo O Estado de S.Paulo Correio da Manhã O Brazil-Médico O Paiz	ciência	remédios e tratamentos médicos; outras doenças ministério saúde agente causador Congresso Médico nomes da doença

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira. Organizado pelo autor.

Ao apresentar cada uma das linhas editoriais dos periódicos que compuseram nosso repositório, identifica-se uma breve consideração sobre as principais abordagens que determinado impresso adotou para narrar os acontecimentos da “gripe espanhola”.

A partir dessa contextualização, observa-se que o Quadro 1 apresenta com um panorama dos assuntos principais que permearam as publicações de cada um dos periódicos de São Paulo e do Rio de Janeiro, selecionados na Hemeroteca Digital.

A partir dele constatamos como os jornais narraram o comportamento das escolas e dos colégios naquele período. São 15 palavras-chave que compuseram a categoria “instrução pública”. Elas estiveram presentes nos principais jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, como o OESP e o *Correio da Manhã*. A variedade de palavras-chave sobre o fechamento das escolas, sua transformação em hospitais e as consequências do encerramento do ano letivo, mostra-nos como este assunto se fez consideravelmente nos impressos.

Esta constatação também corrobora como a temática da presente pesquisa é relevante ao cruzar o acontecimento histórico da pandemia de influenza em 1918 com a situação das escolas naquele período. A emergência de uma doença que modificou as formas de organização da sociedade civil trouxe impactos na instrução pública e privada, mas, para além disso, o trabalho também se dedicou a observar a posição da imprensa frente às atividades da instrução pública.

A categoria “educação do povo” objetivou reunir as notícias que se dedicaram a tal finalidade. Basicamente, duas palavras-chave compuseram este campo: “conselhos ao povo” e “profilaxia e orientação”. “Conselhos ao Povo”, como já descrito em nosso trabalho, diz respeito ao nome dos quadros que foram publicados pelos jornais contendo as recomendações que foram dadas aos cidadãos para que ajudassem na contenção da doença.

A categoria “instrução pública” reuniu notícias que apresentaram assuntos mais diversificados a respeito da situação escolar se comparados aos quadros orientativos com as medidas restritivas do Serviço Sanitário. Eles se limitaram a este escopo temático e foram muito presentes no *Correio Paulistano* e no OESP.

Na mesma linha da difusão de conhecimentos específicos que visavam à contenção da moléstia, constatamos a presença de assuntos científicos também nas notícias dos jornais e das revistas. “Agente causador” e “nomes das doenças” são as palavras-chave que mostram as tentativas feitas pelos especialistas daquele momento para esclarecer quais foram os motivos condicionantes à proliferação de uma variante da influenza.

Neste sentido, destaca-se o impresso *O Brazil-médico* como uma publicação específica e técnica que trouxe informações científicas específicas sobre a doença. Mas,

para além dele, vemos outros impressos periódicos listados nesta categoria, uma vez que se dedicaram à veiculação de entrevistas e declarações dos médicos e cientistas com informações sobre as causas da pandemia. Destaca-se a cobertura jornalística feita do Congresso Médico ocorrido no mesmo período da pandemia de influenza e que recebeu relevo de divulgação principalmente das revistas.

Além das atividades científicas e de certas autoridades médicas daquela época, a relação de categorias e palavras-chave traz os nomes das revistas *A Vida Moderna* e *Fon-fon* no campo de “cidades”. Isso pelo fato de que tais publicações se dedicaram a mostrar como a vida social de São Paulo e do Rio de Janeiro teve sua rotina alterada em virtude da pandemia. Não à toa, a palavra que categorizou esta movimentação foi “organização da cidade”, pois, mais do que apenas as notícias de coluna social das revistas, os jornais, principalmente OESP, padronizaram uma estrutura de divulgação de todas as situações que modificaram a forma como o espaço urbano se estruturava³⁰.

Por isso, foi arrolada na categoria “cidades” uma sequência de descritores, como “feriado”, “suicídio”, “estabelecimentos fechados”, “abertura cinema e teatro”, entre outras. Elas ilustram como as matérias jornalísticas contaram a história da transformação das cidades em um período crítico como o do segundo semestre de 1918. Situação que teve início ainda em terras longínquas, especificamente em “Dakar”, quando a Missão Médica Brasileira partiu para atuar na Grande Guerra e se deparou com a gripe.

Foi assim que a história da influenza foi contada pelos impressos ao mesmo tempo em que tal terminologia foi utilizada para especificar uma categoria temática sobre o percurso que a doença fez para até chegar ao país. Foi interessante observar que apenas dois impressos, de linhas editoriais distintas, foram os responsáveis por narrar como a “gripe espanhola” aqui se instaurou: OESP e *O Combate (SP)*.

Os mesmos periódicos foram também elencados na categoria “governo” por concentrarem as notícias que se dedicaram à crítica das ações governamentais no combate à pandemia. Por isso, os nomes de “Carlos Seidl” e “Artur Neiva” se tornaram palavras-chave. *O Combate (SP)* foi uma publicação que cumpriu esta característica com destaque, inclusive com a utilização da expressão “mal de Seidl” para se referir à doença.

³⁰ As ações dos governantes serão analisadas e detalhadas no item 1.2.2 desta seção.

Por fim, vemos pela categoria “imprensa” quatro jornais e duas revistas que em suas páginas mencionaram como a doença afetou sua própria circulação como veículo de comunicação, uma vez que a suspensão de sua produção ou atraso na circulação aconteceram, dada à redução de efetivo para o trabalho nas redações. Mas, a partir do uso de outros gêneros textuais e do emprego de fotografias, principalmente nas revistas, a chamada “gripe espanhola” foi narrada pelos periódicos da época a partir de vários recursos, inclusive daqueles que se valeram dos acontecimentos mais trágicos, envolvendo casos de “loucura” e “suicídio”, para mostrar os estragos e as consequências provocadas pela “espanhola”.

Especificamente os jornais e as revistas publicados em São Paulo e no Rio de Janeiro apresentaram os fatos relativos à gripe de 1918 por meio de um volume de assuntos e temas muito diversos e, assim, enfatizaram a relevância de um acontecimento histórico das proporções de uma pandemia como a da “espanhola”. Mesmo que, em muitos casos, a gripe que acometeu o país no começo do século XX tenha sido preterida em virtude dos assuntos relacionados à Grande Guerra.

1.2.1 As temáticas mais desenvolvidas pelos impressos

O Quadro 1 torna visual a relação existente entre as categorias temáticas construídas para este trabalho e como elas foram desenvolvidas pelos jornais e pelas revistas selecionados, ou seja, por quais temas os impressos se destacaram na cobertura jornalística que empreenderam sobre a “gripe espanhola”.

Assim, tornou-se possível contabilizar a incidência de uso das palavras-chave de modo mais global, não necessariamente atreladas a um impresso em específico. Dessa forma, pode-se projetar um cenário perante o qual se analise quais assuntos se fizeram mais recorrentes no desenvolvimento das notícias da pandemia de 1918.

Tabela 2 – Palavras-chave de maior incidência nas notícias sobre a “espanhola”

Organização das cidades	38
Propagandas	26
Reaparecimento da doença	25
Fechamento das escolas	18
Hospitais provisórios	16

Contabilização dos Mortos	14
Caridade	13
Redução do contágio	12
Características da doença	11
Cidades específicas (que não São Paulo e Rio de Janeiro)	10
Hospitais	9
Missão médica	9
Cemitérios e mortes	8
Imagem real (fotografia)	8
Serviço Sanitário	8
Críticas ao governo	6
Remédios e tratamentos	6
Carestia	5
Colegio Des Oiseaux	5
Futebol	5
Rodrigues Alves	5

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira. Organizado pelo autor.

Na Tabela 2, foram elencados os termos de maior recorrência e estipulada como quantidade mínima para esta demonstração cinco menções ao tema que a palavra-chave sintetiza. A expressão “organização da cidade”, que teve a maior quantidade de uso, foi pensada para reunir todas as notícias que apresentaram os fatos e as situações vivenciadas com o estabelecimento de uma crise na saúde pública em decorrência da influenza. Sua prevalência evidencia que a imprensa deu ênfase, na cobertura jornalística da pandemia de 1918, para os assuntos da realidade cotidiana dos cidadãos, ou seja, para as situações que impactavam a rotina de São Paulo e do Rio de Janeiro e afetavam diretamente a vida das pessoas³¹.

Logo na sequência, constata-se a alta incidência de propagandas publicitárias, anúncios comerciais e vendas de produtos que estavam relacionados à pandemia de 1918. São textos que vendiam remédios, medicamentos para curar a moléstia,

³¹ Dada a sua prevalência, os assuntos tratados nas notícias que compuseram a palavra-chave “organização da cidade” serão analisados no tópico 1.2.2.

tratamentos “milagrosos”, receitas de preparados para reestabelecer a saúde dentre outros temas que irão, desde o começo da manifestação da influenza, estampar as páginas dos impressos³².

Na terceira posição dos assuntos mais trabalhados pelos jornais e pelas revistas está o temor do reaparecimento da doença. Aqui, inclusive, foram concentradas as notícias publicadas já fora do escopo temporal que foi delimitado neste trabalho. Concentram os indicativos e indícios de que a doença poderia retornar. Junto com isso, expressavam-se os receios e os medos das pessoas em ter que conviver com todas as situações de caos e vulnerabilidades vistas no segundo semestre de 1918, momento em que a influenza esteve mais forte.

O fechamento das escolas também foi um dos temas que compuseram as pautas das reportagens em 1918. Sendo um dos enfoques cruciais da presente pesquisa, verifica-se como o fechamento dos prédios das unidades escolares, bem como todo o comportamento da instrução pública, durante aquele período, mereceu destaque da imprensa com a divulgação de todas as medidas de contenção determinadas pelo governo.

Conforme esboçado na Introdução do trabalho, um dos mecanismos que a imprensa fez, ao longo da pandemia, foi a divulgação dos números de óbitos. Elencamos 14 notícias mostrando os destaques dados pelos impressos para tal contabilização diária, como uma espécie de “cronometro”³³. Os jornais usavam as informações oficiais apresentadas pelo governo e as publicizavam por meio de formatos diferentes. No OESP, este registro fez parte da seção fixa “Notícias Diversas: a influenza espanhola”³⁴. No *Correio Paulistano*, os dados vinham destacados e em cima da manchete³⁵. Já no *O Combate (SP)*, o registro destes dados era apresentado em quadros intitulados: “A marcha da pandemia”³⁶.

Mas, para além de como os impressos divulgavam tais dados, é válido nos determos para o momento em que tal divulgação se tornou rotina na produção das

³² O Capítulo 3 deste trabalho irá analisar as propagandas publicitárias veiculadas na imprensa durante a “gripe espanhola”.

³³ Para melhor entendimento, salvaguardadas as devidas diferenças, cabe aqui uma comparação com a atual pandemia de covid-19. Como de conhecimento, em virtude da recusa do governo federal em oferecer dados fidedignos a respeito do número de vítimas, criou-se um consórcio entre os veículos de comunicação que passou a divulgar, dia a dia, o número de mortos no Brasil.

³⁴ O Estado de S.Paulo, 25.11.1918, p. 3.

³⁵ Correio Paulistano, 28.11.1918, p. 3.

³⁶ O Combate(SP), 29.10.1918, p. 1.

notícias sobre a gripe. Ao analisarmos o banco de dados, observa-se que os dois jornais mais alinhados aos assuntos do povo, *O Combate (SP)* e *A Gazeta do Povo*, foram os que, ainda no mês de outubro de 1918, deram destaque para os números de mortos na primeira página de suas edições. A mesma tendência não foi visualizada no OESP, por exemplo. Este periódico só começou a trazer os dados sobre o volume de mortos no mês de novembro de 1918.

Assim, esses são pontos que mostram como a gravidade da doença não recebeu o mesmo tratamento dos impressos e nos permite inferir que a divulgação mais “comedida” destes dados por parte de jornais alinhados às elites poderia atender a interesses outros daqueles que não desejavam dar ênfase e notoriedade para a tragédia que se instaurava.

Em suma, a Tabela 2 mostra uma variedade de assuntos que também tiveram destaque nos veículos de comunicação: a divulgação dos hospitais provisórios, as ações de caridade desenvolvidas, entre outros temas. É importante destacar que não apenas o enfoque sobre o ocorrido com a instrução pública, mas todos os demais assuntos desenvolvidos e veiculados pela imprensa da época, compõem as análises e as observações deste trabalho³⁷.

1.2.2 As determinações governamentais que mudaram a rotina das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro

Continuamos a insistir nos conselhos que temos feito ao publico, para que se preserve, principalmente agora, contra os resfriamentos, evitando as reuniões, diversões e quaisquer aglomerações, para que a epidemia não venha a recrudescer. O recrudescimento da gripe, como se tem observado em toda parte onde ela tem apparecido, é sempre mais perigoso produzindo maior numero de casos fataes (O ESTADO DE S. PAULO, 17.11.1918, p. 3).

O excerto supracitado, publicado na segunda quinzena do mês de novembro de 1918, é um comunicado do Serviço Sanitário. Na data em que foi veiculado, as notícias de um possível refreamento da pandemia já existiam. Contudo, ao citá-lo, vê-se como um órgão do governo, no caso, o Serviço Sanitário, tinha espaço no jornal para poder orientar a população.

³⁷ Inclusive, ao longo da pesquisa, a quantidade de palavras-chave encontradas poderá ser citada novamente, com o intuito de compor a análise feita sobre o assunto abordado.

A principal orientação transmitida nos jornais, ao longo de todos os meses de crise, foi para que a população não aglomerasse e evitasse diversões e reuniões coletivas. Seja nos quadros de comunicado do Serviço Sanitário ou, como será analisado, nos boxes publicados nos impressos intitulados “Conselhos ao Povo”, as medidas tomadas pelas autoridades governamentais remodelaram a vida social em vários sentidos.

Não foi apenas a solicitação de não circulação das pessoas, pela cidade, que modificou a rotina. Outros exemplos podem ser citados como as determinações do governo de São Paulo para ajudar na contenção do avanço da influenza: sobre a utilização dos bondes da *Light & Power* para a remoção dos enfermos em suas casas³⁸; o recrutamento dos estudantes de medicina dos segundos e terceiros anos de curso para se apresentarem à Faculdade de Medicina, a fim de receberem ordens de atuação nos hospitais provisórios³⁹ e a supressão da circulação de algumas linhas de trem da capital paulista para reduzir a circulação de pessoas, contando que todos os trens noturnos também não circulariam mais⁴⁰.

Dentre outras medidas, a Diretoria Geral do Serviço Sanitário, no final do mês de outubro, com o objetivo de dar vazão ao volume de receituários em seus postos, autorizou a emissão de receitas com carimbo desta própria Diretoria, visando agilizar o acesso dos cidadãos aos medicamentos⁴¹. Da Diretoria de Companhia Telefônica, a recomendação publicada foi para que as pessoas não mais se utilizassem deste serviço ou, se tivessem de utilizá-lo, fizessem-no em caso de necessidade, uma vez que era grande o número de telefonistas afastadas⁴².

Além dessas determinações feitas logo no começo da pandemia para conter o avanço da chamada “gripe espanhola”, as notícias mostraram também várias outras situações determinadas pelo governo para mitigar o avanço da moléstia: o fechamento dos prédios escolares e o encerramento do ano letivo; a suspensão das atividades culturais nos teatros e das partidas de futebol dos campeonatos e o estabelecimento de feriados podem ser citados exemplos⁴³.

³⁸ O Estado de S.Paulo, 02.11.1918, p. 4.

³⁹ O Estado de S.Paulo, 02.11.1918, p. 4.

⁴⁰ O Estado de S.Paulo, 02.11.1918, p. 4.

⁴¹ O Estado de S.Paulo, 30.10.1918, p. 2.

⁴² O Estado de S.Paulo, 25.10.1918, p. 10.

⁴³ Tais ações serão analisadas ao longo do presente trabalho.

Assim, constata-se que existiram determinações e medidas dos governos como forma de atender às situações que se impunham em decorrência do avanço da influenza por São Paulo e pelo Rio de Janeiro. Contudo nem sempre elas foram entendidas e cumpridas pela população. Em muitos outros momentos, conforme mostram as reportagens, as autoridades e os governantes foram cobrados em virtude da letargia para que as resoluções de combate à doença fossem adotadas:

Prevenido por todos os modos, com muitos mezes de antecedência, da grave epidemia que grassava na Europa, avisado, cerca de um mez antes, da hecatombe dos nossos marinheiros em Dakar; sciente de uma invasão de uma molestia epidemica na capital do paiz, o ilustre chefe da hygiene paulista assistiu, descuidado, sem um só acto que revelasse o seu zelo pela saude da população do nosso Estado, a irupção de uma doença que todas, note-se bem – *todas* as revistas de medicina hygiene declararam ser extremamente contagiosa e mortífera. É certo que, como o dr. Carlos Seidl, o diretor do Serviço Sanitario de S.Paulo, estava atrasado de 28 annos! (O COMBATE (SP), 12.11.1918, p. 1).

A crítica publicada na primeira página do jornal *O Combate (SP)* revela que a atuação das autoridades públicas frente à moléstia que se instaurava não aconteceu sem a crítica ou a contundente cobrança do jornal do povo para que fossem adotadas estratégias de refreamento da transmissão da doença. No alto da página principal desta edição do periódico, a crítica estava estabelecida e a manchete falava na “falência da hygiene paulista”⁴⁴.

A reportagem faz menção crítica à letargia das duas principais autoridades sanitárias de São Paulo: Arthur Neiva, responsável pelo Serviço Sanitário da cidade e Carlos Seidl, que era o responsável do governo federal para as questões de saúde pública. O jornal evidenciou como ambos não tomaram as atitudes necessárias, logo no começo da contaminação, mesmo sabendo da gravidade da doença. De forma distinta, o que o periódico relatou foi à questão de estas duas autoridades terem esperado o pior acontecer para tomarem as medidas pertinentes.

A mesma situação pode ser observada no Rio de Janeiro:

“**A Hespanhola**”. O aspecto da cidade tem sido, esta semana, de profunda desolação. Cessou o movimento. A “gripe hespanhola” passou a grassar com uma intensidade de peste. Em todos os bairros, em todas as corporações civis e militares, tem a pandemia colhido milhares e milhares de pessoas. A sua preferencia é sobre o sexo

⁴⁴ O Combate (SP), 12.11.1918, p. 1.

masculino. Fecharam-se varios cafés, varios restaurantes, varias casas commerciaes e até pharmacias, pela queda do pessoal respectivo. E´avultado o numero de fabricas e officinas paralyzadas. Os theatros e cinemas tambem se, movimento. Que resta de pé? Uma relativamente pequena massa popular que, entretanto, oferece em cada individuo um aspecto de moleza physica. O moral da população está, assim, acabrunhado (...) Mas para que appellar? A Saude Publica está fazendo prescripções... de expediente. O Sr. Dr. Seidl, entre os seus conselhos, o que mais preconiza é a vaccina contra... a variola! Dest´arte é sempre bom inquerir: para quem appellar? (A POLÍTICA, 25.10.1918, p. 25).

De acordo com Oliveira (2014), a revista *A Política Revista Combatida Illustrada* foi fundada pelo jornalista João Rodrigues e circulou de abril de 1918 a fevereiro de 1922. Utilizando-se de uma estrutura gráfica diferenciada para os padrões da época, chegava a ter de 14 a 18 páginas e seu conteúdo era marcado por editoriais críticos aos mais variados aspectos políticos (OLIVEIRA, 2014, p. 238).

É o que se constata no texto acima. A tônica deste artigo foi contundente ao expor a pergunta sobre a quem se fazia o apelo para que a situação da pandemia pudesse ser resolvida e melhorada no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, o relato consegue informar sobre todas as alterações presenciadas nesta cidade. O documento também indagou sobre o que e quem poderiam sobreviver diante de uma tragédia daquelas proporções e que provocou significativos desequilíbrios sociais.

De igual maneira, vê-se a crítica tecida a Carlos Seidl⁴⁵ que, segundo o periódico, orientava a população a tomar a vacina contra a varíola, tendo-a por eficaz no controle da pandemia de 1918, o que causou espanto no registro.

Assim, o texto acima destacado de *A Política* colabora para demarcar como uma parte da imprensa da época também se estabeleceu como um canal de cobrança às autoridades governamentais, na inquirição de que elas pudessem agir de maneira efetiva contra a proliferação da influenza. Contudo, mesmo diante de tal pressão e com a implantação de medidas de controle, a “gripe espanhola”, além de todas as alterações

⁴⁵ O presente trabalho já mostrou como o nome de Carlos Seidl foi utilizado para, inclusive, se referir à influenza a partir da alcunha de “mal de Seidl”. Assim, vale delimitar quem foi esta personagem naquele período da pandemia. Médico higienista, foi escritor e professor. Segundo as informações biográficas apresentadas por Queiroz (2015, p. 2): Seidl nasceu em 24 de novembro de 1867 na cidade de Belém. Iniciou sua vida acadêmica no Seminário de Belém do Pará e, em 1888, mesmo ainda não tendo se formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, já atuava na Santa Casa daquela cidade. Segundo o mesmo pesquisador: “A trajetória de Seidl e sua presença no campo da medicina social e nos problemas da capital federal, se tornou uma escolha pessoal que marcou uma trajetória que se entrelaça com a história das transformações no cenário urbano à medida que a cidade se modernizava e se industrializava” (QUEIROZ, 2015, p. 3). Assim, sua trajetória o fez um médico engajado nas questões sanitárias urbanas e no envolvimento da saúde pública, sendo, de 1912 a 1918, o Diretor Geral de Saúde Pública do país.

que ocasionou na organização do espaço público, deixou como consequência um cenário no qual a fome e a miséria tomaram conta das ruas e acometeu aos moradores de duas das principais cidades do país.

1.2.3 A situação de carestia e as ações de caridade publicadas nos jornais e nas revistas

A imprensa noticiou por meio dos mais diversificados gêneros textuais, o avanço da tragédia provocada pela pandemia de influenza. Um dos recursos utilizados por determinados veículos de comunicação foi a publicação de fotografias⁴⁶. Ao analisá-las, observou-se o registro da situação de carestia e o agravamento da miséria da população, situação que se acentuou e se agravou, uma vez que, como já visto, os governos estipularam medidas de contingenciamento sobre a circulação dos cidadãos pela cidade, situação que paralisou as atividades econômicas e, conseqüentemente, agravou a crise social. Mas não foi apenas por fotos que se registrou a fome e as necessidades básicas dos cidadãos.

Dentro da categoria “cidades”, das palavras-chaves que foram utilizadas para demarcar as notícias que mostravam a situação de miséria da população, “carestia” possui cinco registros, quatro deles do OESP e um do jornal *O Imparcial*, do Rio de Janeiro. Na sequência, empregaram-se descritores remetentes a duas instituições que trabalharam em prol dos pobres e miseráveis: a Cruz Vermelha e a Liga Nacionalista, cada uma contabilizando três notícias a respeito. As matérias da Liga Nacionalista são de três impressos distintos (*Correio Paulistano*, *A Vida Moderna* e OESP). Já as notícias que mostravam a ação da Cruz Vermelha, dividem-se: apenas uma no OESP e, as outras duas, na *Gazeta do Povo*.

A partir da constatação das atividades desenvolvidas por tais grupos, vemos que, da mesma maneira que a situação de vulnerabilidade social se tornou notícia nos impressos, constatou-se um volume maior de reportagens que mostraram as mais diversas ações caritativas empreendidas nas cidades em razão da pandemia de influenza: a palavra-chave “caridade” foi contabilizada 16 vezes. Deste montante, duas

⁴⁶ Vale destacar que, ainda neste Capítulo 1, serão analisados os outros gêneros textuais utilizados pela imprensa para noticiar a pandemia de 1918. Quanto às fotografias, especificamente, serão discutidas no Capítulo 2, quando da discussão das formas de representação da doença.

reportagens foram do *Correio Paulistano*, uma da *Gazeta de Notícias* e as outras 13 notícias são todas do jornal OESP⁴⁷.

Percebe-se que há uma discrepância entre o volume de notícias publicado pelo OESP a respeito da miséria que abatia o povo em detrimento das ações de caridade que se manifestavam em São Paulo e no Rio de Janeiro: este periódico deu muito mais destaque para os trabalhos sociais realizados por determinados grupos da sociedade.

Pode ser feita uma comparação a respeito das abordagens empregadas pelo OESP:

Em prol dos necessitados. Movimento de solidariedade humana em favor das victimas mais desamparadas da situação em que se encontra a cidade de S.Paulo. Entre as contribuições que figuram em nossa lista de hoje cumpre destacar a valiosíssima feita pela Sociedade de Cultura Artística. (...) O seu movimento de generosidade ganha por isso mesmo uma significação especial e dá sem grande conforto a todos quantos esperam a caridade particular, o allivio indispensável, o allivio immediato, que a miseria, a vasta, a dolorosa, a immensa miseria das classes pobres está reclamando (O ESTADO DE S.PAULO, 04.11.1918, p. 3).

O título, devidamente destacado, apareceu no alto da página, logo na primeira coluna das notícias que falavam sobre a situação da cidade de São Paulo diante do avanço da influenza. Com tal recurso, vemos que o assunto da solidariedade mereceu destaque pelo periódico que, no subtítulo, explicou sobre o conteúdo da reportagem ser, o que o jornal estipulou, o “movimento de solidariedade humano” voltado às vítimas da influenza. Vale destacar também que OESP deu nome para quem realizou tal “movimento”: a Sociedade de Cultura Artística.

Ou seja, o jornal mostrava a ação caritativa que era feita, mas, muito mais do que isso, enaltecia o grupo que a desenvolvia. Assim, vemos que havia alguém ou algum grupo/entidade nas ações em prol da “imensa miséria das classes pobres”. E OESP fazia questão de divulgá-los.

Ao contrário do enfoque dado para as notícias a respeito da escassez de alimentos e de suprimentos básicos:

O pão, o leite e a carne. Escrevem-nos: “Apesar das categóricas afirmações da Prefeitura, segundo as quaes a população de S.Paulo

⁴⁷ Esses dados corroboram como os assuntos relacionados à crise social desencadeada pela “gripe espanhola” e foram temas bastante noticiados pelos jornais e pelas revistas, fato que, no item 1.2.1., é analisado com mais detalhes.

tem a sua alimentação garantida por tres mezes, a verdade é que ainda mal são passados quinze dias de epidemia, e já em muitos pontos da cidade falta pão, leite e falta carne” (O ESTADO DE S.PAULO, 07.11.1918, p. 4).

De modo distinto à reportagem sobre a caridade da Sociedade de Cultura Artística, esta notícia do OESP não se encontrava no alto da página em que foi impressa, tampouco seu título mereceu o destaque devido. A notícia foi publicada em meio a todas as demais informações a respeito da “espanhola”, no meio da página quatro do jornal entre as notícias que falavam sobre as ações da Liga Nacionalista e da Cruz Vermelha. Estas sim, com o devido destaque, uma vez que o nome das duas entidades abria as matérias como subtítulos das reportagens.

É importante precisar também que a informação sobre a eminente escassez de pão, leite e carne foi publicada apenas três dias após a notícia sobre a ação caritativa feita pela Sociedade Artística. Ora, se já existiam atividades assistenciais sendo realizadas pela cidade, significa que as pessoas já passavam por necessidades, certamente motivadas pela falta de alimentos, ou seja, a carestia era fato anterior. Mas não foi esta sequência de eventos publicada pelo OESP. Aliás, a nota, em meio às ações de caridade, serve de reforço ao empenho do caridoso. Isso dá a entender que este periódico tinha por objetivo enaltecer as pessoas que desenvolviam os trabalhos caritativos em detrimento às responsabilidades do governo paulista.

Tanto que observamos o título da matéria acima transcrita, “Em prol dos necessitados”, o qual foi utilizado mais quatro vezes como uma chamada fixa que o impresso empregou para se referir às ações sociais realizadas por determinados grupos paulistanos. Junto com outro título, “Coisas da cidade”, outro campo de informações foi criado e nele cinco reportagens falavam sobre as classes e os setores sociais que ajudavam na contenção daquela crise.

Dessa forma, o jornal OESP foi um grande responsável por dar visibilidade e comunicar as ações sociais que estavam sendo feitas em São Paulo. Como já mencionado a respeito do emprego das palavras-chaves, duas entidades mereceram destaque neste periódico, diante do assistencialismo dado: a Cruz Vermelha e a Liga Nacionalista⁴⁸. A elas se juntam o trabalho que foi desenvolvido pela Cúria

⁴⁸ Existe um conjunto de fotografias que retrataram as ações deste grupo as quais serão analisadas no Capítulo 2 do presente trabalho.

Metropolitana da cidade. Todo o esforço e o dispêndio que a Igreja destinou aos cuidados dos cidadãos foram comunicados pelo OESP.

O grande braço operador da igreja católica na caridade ofertada durante a pandemia foi a Sociedade São Vicente de Paulo, cujos membros são reconhecidos pela alcunha de vicentinos. Os socorros aos pobres foram realizados por meio de visitas domiciliares agendadas na própria cúria metropolitana que foi fechada para atender tais solicitações. Realizadas, muitas vezes, pelos vigários das paróquias, os padres se utilizavam do empréstimo de carros feito pelas famílias que os possuíam⁴⁹.

Ao final de 1918, a igreja preparou um documento intitulado “Assistência domiciliar e hospitalar. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado pela Cúria Metropolitana de S. Paulo”⁵⁰. Publicado pelo OESP, este relatório, assinado pelo arcebispo de São Paulo e datado de 12 de dezembro de 1918, apresentou uma síntese completa de todos os trabalhos realizados pela igreja e obteve um amplo destaque na edição do referido jornal. Foi diagramado em uma grande caixa de texto cujas dimensões atravessaram a página do jornal de alto a baixo.

As informações da cúria relacionavam todas as instituições de ensino católicas que se transformaram em hospitais provisórios⁵¹, mas não apenas isso. Este relatório da cúria desenvolveu uma síntese muito bem elaborada de todo o trabalho empreendido pela igreja católica durante a pandemia. A descrição da doença feita pelo então arcebispo de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, foi certa: “insidiosa enfermidade que, ferindo famílias inteiras, ameaçava desorganizar toda a nossa vida social e econômica, pela paralyzação do trabalho”⁵².

Frente a tal moléstia, o jornal OESP não apenas disponibilizou suas páginas para trazer as notícias sobre a solidariedade existente naquela época. Ele fez mais: publicou relatórios produzidos por essas entidades que promoveram ações assistenciais. Além de toda projeção que deu para os feitos da Cruz Vermelha, a Liga das Nações e a Igreja Católica, o próprio OESP começou a divulgar que também promovia arrecadações e campanhas solidárias para ajudar os cidadãos.

⁴⁹ Correio Paulistano, 02.11.1918, p. 3.

⁵⁰ O Estado de S.Paulo, 14.12.1918, p. 10.

⁵¹ Dados que serão apresentados no Capítulo 4.

⁵² O Estado de S.Paulo, 14.12.1918, p. 10.

Figura 2 – Relatório das doações arrecadadas pela Cúria Metropolitana

ASSISTENCIA DOMICILIARIA NA CURIA METROPOLITANA	
BALANÇO GERAL ENCERRADO EM 11 DE DEZEMBRO DE 1918	
ACTIVO	
Generos alimenticios:	
Distribuição de generos alimenticios nas diversas parochias da capital	185:300\$500
Carne:	
Pela carne distribuida nas diversas parochias	6:372\$300
Leite e Dieta:	
Distribuidos a enfermos e convalescentes	6:297\$000
Medicamentos:	
Pela distribuição até esta data	41:294\$000
Roupas e fazendas:	
Idem, idem	3:699\$600
Soccorros diversos:	
Idem, idem	13:044\$500
Locomoção:	
Dispendido em carros e automoveis para medicos e enfermeiros	7:610\$900
Medicos e pharmaceuticos:	
Serviços profissionais	4:637\$700
Hospitais provisionais:	
Pela instalação e custeio dos diversos hospitaes	51:501\$300
Orphanas asylados:	
Despesas com a sua collocação	8:260\$000
Auxilios pecuniaros:	
Esmolas distribuidas em dinheiro na curia e nas parochias	11:392\$000
Expediente:	
Despesas effectuadas pela comissão central na curia	2:940\$800
	342:359\$600

Fonte: O Estado de S.Paulo, 14.12.1918, p. 10.

A Figura 2 ilustra como se estabeleceu o espaço que OESP deu, em suas páginas para a publicação das prestações de contas feitas pelas entidades que se voltaram aos trabalhos de voluntariado, neste caso, a Cúria Metropolitana. No documento, podem-se constatar, a partir da estipulação dos gastos obtidos, quais foram as ações desenvolvidas: a manutenção dos hospitais provisórios, a compra de gêneros alimentícios como carne e leite, assim como a aquisição de medicamentos pela entidade.

Para além de fazer a publicação deste tipo de relatório, OESP fez mais. No dia 25 de outubro de 1918, a primeira matéria da seção “Notas e informações” desse jornal trazia o trabalho social que seria desenvolvido pelo impresso. Justificando-o pelo fato de que, dada a epidemia, as atividades organizadas seriam drasticamente afetadas, trazendo escassez e carestia aos mais pobres, o OESP se prontificou a receber qualquer donativo a ser destinado aos mais necessitados, principalmente no caso do agravamento

da situação. Segundo o periódico, todas as arrecadações seriam registradas em um livro distribuídas por pessoas idôneas da sociedade⁵³.

Esta iniciativa foi o embrião para que, em 29 de outubro de 1918, OESP se associasse a outro jornal, o Fanfulla⁵⁴, e assim tivesse início o trabalho intitulado de a “Comissão Estado-Fanfulla”. Para entendê-lo, vamos partir do final para o começo desta história, a partir da análise do relatório de conclusão dos trabalhos, divulgado em dezembro de 1918. Pelo período, constata-se que os trabalhos desta comissão contabilizaram quase 40 dias de ação. Sua essência se encontra na transcrição deste trecho do citado relatório:

O que nos incumbia, principalmente, pelos termos do nosso mandato, era levar aos necessitados, em viveres, roupas ou dinheiro, os auxílios de que acaso precisassem. Ora, tal empresa já era objecto de estudo ou execução por mais de uma sociedade ou comissão philanthropica. Para evitar que a nossa actividade, nesse terreno, fosse correr paralelamente a de outrem, provocando nociva dualidade no serviço geral de assistência aos desamparados, deliberamos operar solidariamente com as associações de S. Vicente de Paulo, ocupadas, também em repartir entre os pobres alimentos, agasalhos e outros socorros (O ESTADO DE S.PAULO, 03.12.1918, p. 3).

Os trabalhos da Comissão Estado-Fanfulla foram organizados, portanto, a partir de uma parceria com as associações vicentinas da igreja católica e se destinava às pessoas menos favorecidas e pobres. Do dia 29 de outubro até o dia 03 de dezembro de 1918, quando vigorou a parceria entre os dois jornais, o OESP publicou, em cada uma das edições, uma tabela que continha a prestação de contas de tudo o que foi arrecadado e doado pelas pessoas, conforme podemos observar na imagem na Figura 3.

Este estilo de relatório trazia os nomes de cada uma das pessoas que realizou as doações, assim como o valor que cada uma delas destinou como doação. Dentro do período acima estipulado, OESP publicou, em todos os dias, este documento de prestação de contas.

⁵³ O Estado de S.Paulo, 25.10.1918, p. 3.

⁵⁴ De acordo com Teresa Malatian, no verbete “Fanfulla”, escrito para o “Transforpress Brasil”, da Unesp, esse jornal foi criado em 1893 e era o mais importante meio de comunicação em língua italiana no Brasil. Em 1910, sua tiragem diária era de 10.000 exemplares. Começou a ser editado, também em português, apenas em 1941 (Fonte: <https://transforpressbrasil.franca.unesp.br/fanfulla/>).

Figura 3 – Prestação de contas da parceria Estado-Fanfulla

SUBSCRIÇÃO	
"ESTADO" - "FANFULLA"	
Sociedade de Cultura Artística de S. Paulo	5:000\$
General Azevedo Marques	500\$
Souza Brandão	200\$
Marina, Helena e Silyia Sabino	150\$
João Venancio de Faria	100\$
Henrique Ambrust Filho	100\$
Dr. Oscar Tollens	50\$
Donita Campos	50\$
Zizinha Campos	50\$
Maria America Coimbra	50\$
Celina Coimbra	50\$
Armando Jorge de Faria	30\$
João Jorge de Faria	30\$
Olympio Jorge de Faria	30\$
Alberto Jorge de Faria	30\$
Ernesto Jorge de Faria	30\$
Fortunato Jorge de Faria	30\$
José Jorge de Faria	30\$
José de Oliveira Cabral	20\$
Nicolau Stoffa	20\$
J. D. A.	20\$
Marlo	10\$
F. M.	10\$
José Alves de Miranda	10\$
Francisco Guedes Fernandes	10\$
Francisco Romeu	10\$
Omenção Arnaldo	5\$
Genny	5\$
Um operário	5\$
D. Maria Mayer	5\$
	6:840\$

Fonte: O Estado de S.Paulo, 04.11.1918, p. 3.

Por meio deles e a partir do que as notícias apresentavam, viu-se que a parceria entre os dois jornais foi muito exitosa em seu objetivo de prestar socorro e atender às pessoas mais necessitadas. Contudo, o contexto em que dois jornais se associaram para a realização de atividades filantrópicas, convida-nos a pensar em alguns aspectos concernentes à divulgação das ações dessa junção: quem era o público leitor, no caso, dos jornais OESP e *Fanfulla*? A quem eles impactavam, na sociedade, com este tipo de informação? Os pobres e menos favorecidos, que foram os principais destinatários das

arrecadações realizadas, recebiam as informações sobre a parceria “Estado-Fanfulla” para conseguirem ser ajudados?

Não apenas essas questões podem ser elencadas. O presente item mostra certo protagonismo que o periódico OESP assumiu na divulgação das ações caritativas desenvolvidas por grupos específicos que atuaram na sociedade. Mas, para além das notícias e das divulgações que foram feitas, fato foi que o próprio jornal atuou e desenvolveu práticas de caridade, bem como as divulgou em suas páginas. Não se tem notícia de que o jornal mesmo, como empresa, tenha dado alguma soma vultosa à causa.

Na explicação dada na matéria do dia 03 de dezembro de 1918, OESP especificou que a subscrição montada junto com o periódico *Fanfulla* se fazia uma “comissão filantrópica”. Neste sentido, ao assumir a filantropia, pensamos em Gramsci que, em 1917, em resposta ao artigo *Humilíssimo Entre a cultura e a ignorância*⁵⁵, o pensador especifica a existência de uma contraposição entre a solidariedade e a organização à filantropia. Há de se pensar que muitas pessoas podem estar de acordo com a necessidade de ajudar aos mais pobres em situação de calamidade, já que a solidariedade é um sentimento estimulante ao bem-comum. Mas isso não é o mesmo que acontece com a filantropia, no sentido de que este tipo de prática, diz respeito à mobilização de ações que não partem de todos, mas é atividade de uma parte muito específica da sociedade que duela pelo benefício público do prestígio.

Fontes (2020, p. 16) evidencia que, desde a constituição do capitalismo, as empresas passaram a exercer ações filantrópicas com intuítos claros:

Desde a formação do capitalismo, mas a prática de tais fundações empresariais remonta aos primórdios do século XX, nos Estados Unidos, com o estabelecimento das Fundações Carnegie, Rockefeller e outras, sob forte denúncia popular e da imprensa contra as tentativas dos “barões ladrões” (robber barons) de ocultar sob o manto filantrópico as marcas de sua atuação predatória na vida social (FONTES, 2020, p. 16).

A autora delimitou o começo do século XX como marco para a existência das fundações filantrópicas das empresas. Ou seja, quando ocorre a pandemia de influenza, já existiam práticas caritativas feitas e patrocinadas por empresas ou pessoas muito ricas da sociedade. O que Gramsci (1917) estipulou foi à condição primordial para a formação de uma organização cultural: a necessidade. Segundo o autor, a necessidade

⁵⁵ Artigo publicado pelo jornal “Avanti!” em 20/12/1917, que se declarava contrário à criação de uma Associação Socialista de Cultura com objetivos e limites de classe.

precisava ser revelada, aos poucos, a todos os demais cidadãos para que, assim, pudessem senti-la e justificar a existência da organização. Só desta forma, a organização não seria, apenas, “amontoado de pessoas”. Ora, a discussão que aqui se apresenta reside, justamente, na observação de como estas entidades/empresas desenvolveram suas ações caritativas durante o período da pandemia de influenza.

Uma coisa foram as notícias e a divulgação, pela imprensa, das ações do Estado frente à necessidade de organizar as práticas sociais em um momento de crise. Outra, distinta se fez quando um jornal, que nada mais é do que uma empresa particular, assume tal função e as divulga como práticas as quais, pode-se dizer, foram tratadas como heroicas, de benevolência e ajuda ao povo quando uma grave doença se espalhava.

Fontes (2020) evidencia a filantropia nasceu nos Estados Unidos como uma forma específica de as empresas, ao desenvolverem práticas de caridade, assim as assumirem com o estatuto de um investimento pessoal. Ou seja, como ela própria esclareceu, é como se: “doações de recursos sejam equivalentes ao respeito, ao merecimento, ou ainda a uma generosidade desprovida de interesses, movidas apenas por amor à humanidade” (FONTES, 2020, p. 17).

Este é o entendimento que, muitas vezes, legitima tais práticas, referendando-as como se fossem verdadeiras missões nas quais aqueles que as realizam são destinados a assim procederem pelo mérito de serem ricos e bem-sucedidos e, dessa maneira, a partir de seus proventos, terem a tarefa de ajudar os outros sem a necessidade de receber algo. Como se fosse uma troca ou uma forma de compensação em virtude de toda riqueza possuída. Tal consideração não se faz válida e assume contornos de salvaguarda da riqueza. Conforme esclareceu Schiavon (2020): “os fundos e as pensões filantrópicas não produzem benesses apenas para aqueles que recebem a filantropia, mas beneficiam diretamente os filantropos” (SCHIAVON, 2020, p. 76).

Por meio deste exemplo, pode se constatar o quanto esta prática se estabeleceu como comum atualmente. Mas, salvaguardadas as diferenças de tempo histórico, a autora também colaborou com a compreensão de que as atitudes filantrópicas de uma empresa de capital privado se fazem carregadas de intenções e benefícios outros que não apenas o voluntariado em si.

Portanto, ao considerar uma associação entre dois jornais (OESP e *Fanfulla*), ou seja, entre duas empresas de capital privado de comunicação, apesar de as notícias selecionadas não elucidarem isso, é possível conjecturar a existência de interesses e

objetivos próprios dos dois veículos de imprensa que, em plena crise provocada pela “gripe espanhola”, não deixaram de registrar, em seus próprios jornais, os fundos e os dinheiros arrecadados por meio de suas ações caritativas.

Além disso, não se pode deixar de precisar, novamente, toda a publicação que OESP fez das outras iniciativas promovidas por outras entidades sociais. Como já mencionado, ao longo do Capítulo 2 será possível analisar algumas fotografias que foram publicadas pelos impressos e que conseguiram ilustrar como aconteceram as práticas de solidariedade nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, sendo eventos com tiveram destaque na composição de notícias sobre a pandemia de influenza.

1.3 A construção gráfica e o espaço destinado à pandemia nas páginas e seções dos impressos

Barros (2023, p. 39) pontuou que, como o aperfeiçoamento da impressão, os jornais puderam garantir um patamar cada vez maior para suas tiragens, conseguindo alcançar vários segmentos sociais de uma população. É a tríade, conforme explicou o autor, estabelecida entre a produção, a circulação e a recepção do jornal como um produto material que se constrói em uma dada periodização.

No Brasil, Capelato (2015, p. 118) considerou que a imprensa nacional passou por uma transformação que conduziu à compreensão dos jornais como empresas jornalísticas e não mais como gazetas que se destinavam apenas a divulgação de informações da corte, pautada em narrativas de acontecimentos. Assim mesmo foi como Barros a caracterizou (2023, p. 89).

Tendo em conta a transformação dos jornais impressos em empresas, analisou-se que, dentro de suas páginas diárias, foi necessário condensar o maior número de informações possíveis da cidade de origem onde o periódico circulava ou dos fatos do dia correspondentes a outras localidades, a fim de que o leitor conseguisse se informar.

Há, de acordo com cada impresso, uma padronização no estilo de comunicação a respeito da “gripe espanhola”, no que concerne à forma como as notícias foram apresentadas, seguindo determinados padrões de layout e apresentação. Ao longo deste item, ilustraremos tal percepção por meio de análises e comparações de determinadas seções, páginas ou notícias dos jornais como *Correio Paulistano*, *O Combate (SP)* e OESP, impresso pelo qual é iniciada a análise.

No banco de dados há 38 documentos deste jornal, concentrados no período de 23 de outubro de 1918 a 14 de dezembro de 1918. A análise aqui desenvolvida está

centrada em uma seção criada no jornal sobre o acontecimento, “Notícias Diversas – a influenza hespanhola” que foi publicada, pelo OESP ao longo de todo o período acima demarcado. Com o intuito de visualizar como os projetos gráficos dos jornais foram construídos, as Figuras 4 e 5 apresentam uma comparação entre dois jornais de São Paulo. O objetivo com as Figuras 4 e 5 é o de analisar dois estilos de diagramação de páginas de periódicos distintos que apresentaram notícias sobre a pandemia de influenza.

Figura 4 – Jornal OESP com informações da gripe



Fonte: O Estado de S.Paulo, 13.11.1918, p. 3.

Ao analisarmos o estilo gráfico do OESP, constata-se uma página constituída por oito colunas finas, nas quais as notícias se seguíam, uma após a outra, sem qualquer tipo de interrupção. A não ser pelos títulos das matérias que estavam escritos mediante um pequeno destaque, vê-se que o desenho do jornal segue a linha de contos em seqüências. Aos olhos de hoje, está repleto de texto, o que torna sua leitura densa. Este era o estilo do jornal durante toda a sessão estudada.

Mesmo em meio a uma *layout* de leitura considerado mais denso, OESP criou a sessão “Notícias Diversas – A influenza hespanhola” e a manteve fixa por toda sua cobertura jornalística, apresentando a mesma linha de apresentação das notícias sobre a influenza, algo que foi verificado nas 66 notícias selecionadas deste jornal. Assim,

vemos que este impresso publicou as notícias a respeito da “gripe espanhola” a partir de um formato padrão, o qual seguiu por todos os meses da pandemia⁵⁶.

Figura 5 – Jornal Correio Paulistano com informações da gripe



Fonte: Correio Paulistano, 17.11.1918, p. 3.

Além do exemplar do OESP, a Figura 5 traz a imagem de outra página de jornal, agora do *Correio Paulistano*. Sua estrutura segue a mesma composição do OESP: oito colunas de notícias cheias de informações publicadas na sequência umas das outras. Todavia a forma como a diagramação foi feita se fez diferenciada ao primeiro jornal analisado. As colunas são mais largas que no OESP e as notícias possuem letras com outro tipo de fonte e espaçamento. Além disso, havia outras informações, inseridas em caixas de texto, espalhadas pela página da edição e que permitiam “quebra de leitura” e maior “fluidez”.

A comparação entre os dois jornais evidencia alterações específicas no que concerne à diagramação dos conteúdos sobre a influenza. No OESP, a leitura se faz mais densa do que no *Correio Paulistano*. Contudo, como já contextualizado, os dois periódicos possuem linhas editoriais similares, de mesmo alinhamento político-ideológico, o que faz com que tais modificações sejam, apenas, de natureza gráfica.

O mesmo não pode ser considerado quando, confrontado com tais publicações, apresentamos uma página do jornal *O Combate (SP)*:

⁵⁶ Conforme apresentado na abertura deste tópico.

Figura 6 – A “espanhola” retratada na página do jornal O Combate (SP)



Fonte: O Combate (SP), 13.11.1918, p. 3.

Na Figura 6, vê-se a mesma composição de colunas (com sete espaços), como a dos dois periódicos anteriores, OESP e *Correio Paulistano*. Contudo, foi dado um destaque maior para o assunto da “espanhola”. O título, em letras destacadas, ocupa o espaço de três colunas. Entre uma e outra reportagem, os títulos foram diagramados pelo uso de letras mais chamativas e recorreram a assuntos que chamam a atenção do leitor. Além disso, a sequência da página completa do jornal mostra que as notícias também foram publicadas entremeadas por propagandas, como a do remédio para a gripe, “Grippina”.

Assim, nas comparações feitas a partir desses periódicos distintos, por meio das três páginas de notícias publicadas na mesma semana, centraram-se em uma comparação gráfica sobre o estilo de apresentar as notícias a respeito da tragédia da “espanhola”. Todavia ressalta-se que, entre eles, existiam diferenças de abordagens dos conteúdos sobre a gripe, principalmente dos dois primeiros impressos em relação ao periódico *O Combate (SP)*, em virtude dos embates políticos e sociais travados pelas frentes de informação. Desse modo, este periódico de seguimento anarquista, fazia-se muito mais crítico e trazia informações distintas às quais, muitas vezes, não apareciam da mesma forma naqueles outros impressos. Há como ilustrar isso com a própria imagem que compõe a Figura 6. Nela, ao lado da coluna com a relação de mortos ocorrida no dia anterior, apresenta-se uma entrevista com o presidente eleito, Rodrigues Alves, que criticava, de forma aberta, a maneira como o país lidava com o avanço da

“espanhola”. Este tipo de informação não se verificou nos jornais OESP e *Correio Paulistano*.

Portanto, diante de um cenário social marcado pela excepcionalidade e que modificou a relação das pessoas com o espaço urbano frente à crise sanitária e de saúde pública estabelecida, a observação de como os jornais e as revistas apresentavam tais informações à população ganha considerável relevância, visto que, de acordo com os estilos textuais e de layout utilizados pelos jornais em suas edições, uma notícia sobre a pandemia de influenza poderia ganhar mais ou menos destaque.

Conforme especificou Luca (2008):

É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural. Das letras miúdas comprimidas em muitas colunas às manchetes coloridas e imateriais nos vídeos dos computadores, há avanços tecnológicos, mas também práticas diversas de leituras (LUCA, 2008, p. 132).

Ao se levar em consideração o perfil editorial de cada jornal, as palavras da autora são muito pertinentes ao pontuar uma das perspectivas de análise dos periódicos é a observação do formato de como as notícias foram divulgadas em suas edições. No caso aqui estudado, a verificação do tratamento que foi dado, pelos veículos de informação, à pandemia de influenza pode ilustrar, muito bem, o que Luca (2008) elucidou, sem deixar de observar os conteúdos em si das reportagens de acordo com as características dos periódicos selecionados.

Quando analisamos a forma como OESP apresentou cotidiano da cidade contaminada, constatamos que, ao fazer as escolhas de divulgar os locais de hospitais provisórios e o texto oficial feito pelo serviço sanitário, o jornal assumia um papel de divulgador das recomendações e orientações populares pertinentes para o enfrentamento da moléstia. Assim, pode-se precisar que OESP cumpria um papel como divulgador oficial das ações governamentais. Um veículo que carregava consigo o apoio público dos seus leitores que se viam retratados, inclusive pelas ações filantrópicas.

Além disso, OESP adotou um estilo de comunicação padrão junto aos seus leitores que não se modificou ao longo das edições. Mesmo tendo sido feito a partir de uma diagramação sóbria, não produziu manchetes ou títulos em letras de caixa alta, amplamente destacadas, que poderiam assumir um caráter mais chamativo e apelativo para as informações que se transmitiam.

Entretanto o tal formato não foi seguido por todos os impressos de São Paulo e do Rio de Janeiro. O percurso da chegada da doença ao país e a trajetória da contaminação nas duas cidades não foram narrados da mesma maneira. As mudanças ocorridas na cobertura jornalística da pandemia pelos jornais e pelas revistas podem ser visualizadas pelas primeiras páginas dos jornais, desde o momento no qual as informações iniciais sobre a “espanhola” chegaram ao Brasil até quando este assunto deixou de estampar as páginas dos periódicos.

São contabilizados 69 documentos como primeira página de jornal que se destacaram pela forma gráfica e de layout com que apresentaram as manchetes e as notícias sobre a gripe, dentre um total de 28 jornais e revistas selecionados. Deste montante, há prevalência de dois impressos: 33 exemplares do *O Combate (SP)* e 16 do *Gazeta do Povo*. Estas primeiras páginas foram selecionadas a partir do termo: “grippe hespanhola”⁵⁷.

Iniciamos pelo primeiro dia em que um impresso registrou a existência de uma nova doença. Em meio a várias notícias sobre as cidades do interior de São Paulo e demais localidades do Brasil, as duas últimas colunas da direita do jornal *Correio Paulistano* tinham como título: “A Grande Guerra”. Dentro deste box, com conteúdo sobre a I Guerra Mundial, lemos, na parte inferior da página, já quase ao término da coluna de notícias, que o presidente da República enviou auxílio médico aos combatentes contaminados, tomando providências, junto ao ministro da Marinha, com as primeiras medidas profiláticas⁵⁸. A expressão para se referir à doença já era “grippe hespanhola”. Na primeira página daquela edição, informações e notas gerais dividiam espaço apenas com as notícias sobre a guerra. Nenhuma menção da nova doença⁵⁹.

Seis dias depois da citada edição, havia um título sobre as medidas profiláticas a serem tomadas contra a gripe. Na sequência, uma nota de um parágrafo, de Recife, sobre a contaminação do porto daquela cidade. O texto se encontrava na seção “Telegrammas”, que trazia informações sobre vários estados brasileiros⁶⁰. Na primeira página desta edição, vemos a mesma estrutura do dia 24 de setembro de 1918: três colunas sobre informações gerais e as outras três, do centro para o lado direito, com

⁵⁷ Vale destacar que, evidentemente, os outros impressos que não foram citados também apresentaram manchetes em suas páginas principais sobre o acontecimento da “grippe espanhola”.

⁵⁸ *Correio Paulistano*, 24.09.1918, p. 4.

⁵⁹ *Correio Paulistano*, 24.09.1918, p. 1.

⁶⁰ *Correio Paulistano*, 30.09.1918, p. 4.

informações da Guerra⁶¹. Nada sobre a “espanhola”. Ela ainda era apenas uma nota dentro da estrutura do jornal.

Esta estrutura se seguiu ainda pelos quinze primeiros dias do mês de outubro de 1918. Apenas no dia 16 daquele mês, o *Correio Paulistano* trouxe, ainda dentro de sua edição, uma coluna exclusiva sobre a doença, dissociada da seção “Telegrammas”, com o título “A ‘influenza hespanhola’”, com o nome da doença grafado entre aspas⁶². Na primeira página ainda não existia qualquer tipo de informação sobre a doença⁶³. Aos poucos, as informações sobre a gripe ganhavam mais espaço. No dia seguinte, a coluna “A ‘influenza hespanhola’” já contava com duas páginas⁶⁴ e mais notícias se espalhavam pelo caderno do jornal, mas ainda sem qualquer menção de manchete à primeira página. A estrutura desta coluna criada, contendo as informações sobre a pandemia, assemelhou-se muito a do OESP. Continha às comunicações do Serviço Sanitário e as ações da Cruz Vermelha.

A primeira vez que o assunto da pandemia ganhou a primeira página no *Correio Paulistano* foi em 26 de outubro de 1918, porém de uma forma muito discreta. Não havia menção do nome da doença em qualquer manchete, tampouco foi dado qualquer tipo de destaque para o episódio. Na parte superior da página, na terceira coluna de informações, abaixo do título “Notas”, existiam declarações a respeito da audiência pública que o presidente do Estado daria naquele dia sobre o assunto⁶⁵.

Na mesma primeira página deste dia do *Correio Paulistano*, é interessante observar, na segunda coluna de informações, o título “Como combater o mal”. E diante de uma pandemia que começava a se proliferar, talvez houvesse um conteúdo sobre as possíveis medidas profiláticas para combater a nova doença. Ao contrário do que se esperava, ele era sobre as ações necessárias para se combater uma praga que atingia as plantações de algodão no Estado⁶⁶.

Apenas no dia primeiro de novembro de 1918 constatou-se uma matéria completa, assinada por “João do Norte” com o título “A epidemia”⁶⁷, texto trabalhado

⁶¹ *Correio Paulistano*, 30.09.1918, p. 1.

⁶² *Correio Paulistano*, 16.10.1918, p. 3.

⁶³ *Correio Paulistano*, 16.10.1918, p. 1.

⁶⁴ *Correio Paulistano*, 17.10.1918, p. 3.

⁶⁵ *Correio Paulistano*, 26.10.1918, p. 1.

⁶⁶ *Correio Paulistano*, 26.10.1918, p. 1.

⁶⁷ *Correio Paulistano*, 01.11.1918, p. 1.

no Capítulo 2 desta pesquisa. Depois de quase 40 dias que o contágio já estava disseminado pela cidade, o tema foi parar na página principal do jornal. Mesmo assim, depois da edição do primeiro dia do mês de novembro, o tema ainda perdia espaço para a Grande Guerra. Em 04 de novembro de 1918, novamente não existia qualquer menção da gripe na primeira página do *Correio Paulistano*⁶⁸. E assim procedeu ao longo de todo o mês de novembro. O assunto predominante na primeira página do jornal foi a Grande Guerra, com exceção da edição do dia 17 de novembro, que trouxe uma página inteira sobre a eleição do novo presidente da República⁶⁹.

O jornal *Correio Paulistano* não trouxe, em sua página principal, qualquer manchete, chamada ou títulos para dar destaque à pandemia na cidade de São Paulo. Em todas as vezes em que este assunto apareceu, sempre foi dentro da coluna de “Notas”. No interior do impresso, a coluna “A ‘influenza hespanhola’” cumpriu este papel de informar. Na primeira página, isso não aconteceu. Desta forma, dando importância às linhas político-ideológicas que construíam este impresso, pode-se inferir a existência de uma motivação maior para que este impresso não divulgasse a real situação da cidade de São Paulo.

Se a maior parte de seu público leitor era composta pela elite paulistana, a divulgação de um cenário de crise perante o qual muitos cidadãos (a maior parte, mais pobres e miseráveis) morriam e sofriam as consequências econômicas acarretadas pela tragédia; não era oportuno aos interesses dessa classe trazer à tona tais conteúdos, fazendo com que fosse privilegiada uma cobertura mais “sóbria” a respeito da pandemia de 1918. Isso pelo simples fato de que, diante de uma situação de crise, os mais ricos não se abalam em seus privilégios.

O tema da “gripe espanhola” só ganhou destaque na página principal do jornal por outro motivo. Na mesma coluna “Notas”, que divulgava, no *Correio Paulistano*, as informações sobre a pandemia de influenza, lia-se:

Emprestando-nos um intuito que nossas sinceras palavras sobre a extinção da epidemia de gripe não comportaram, o órgão da dissidência, na edição de hontem, procurou, como aliás é seu velho hábito, desvirtuar o nosso pensamento, interpretando-o ao sabor das suas conveniências, em detrimento lamentável da verdade. De modo algum, porém, voltaríamos ao assumpto, satisfazendo o desejo manifestado por esta folha, de não encetar polemica, se houvesse ella posto na apreciação do que escrevemos uma dose mínima de

⁶⁸ *Correio Paulistano*, 04.11.1918, p. 1.

⁶⁹ *Correio Paulistano*, 17.11.1918, p. 1.

probidade. Mas, a deturpação proposital e calcula de nosso artigo, que o “Estado de S.Paulo” encarou como uma especie de catalogo, contendo a classificação em diversas categorias dos actos de generosidade, que se praticaram na capital, durante a epidemia, obriga-nos a esta ligeira réplica. Parece-nos que, descrevendo em rapidos traços, como o fizemos, o intenso movimento de solidariedade e altruísmo do povo paulista, não desempenhamos a função que nos foi atribuída pela folha opposicionista. Referir não é classificar. Si o leal reconhecimento dos inestimáveis serviços prestados à causa publica pelos governantes e governados nos induziu a tributar as nossas homenagens e louvores a todos os que se distinguiram, na benemérita cruzada contra a peste, não o fizemos com a ideia de conferir-lhes recompensas ou premios pela immensa dedicação que deram as mais tocantes provas. Levou-nos a isso o puro sentimento de justiça. Cultuar a benemerência dos que, desprendidos de ambições egoísticas, se voltaram abnegadamente a uma fecunda obra de humanitarismo é estricto dever de qualquer homem de consciencia. Para cumpril-o, não fomos primeiramente, como Shylock, nos armar de uma balança, para pesar a generosidade de todos quantos procuraram atenuar os sofrimentos do povo. Felizmente, porém, a caridade não é ainda uma mercadoria que se expõe à venda nos balcões. Os que a exercem, na sua genuina expressão evangelica, não precisam nem de consagrações, nem de auréolas. Contentam-se com a serena alegria íntima de sua consciencia e com a suave felicidade do bem praticado sem ostentação e espectacularidade. Ah fica o motivo por que, referindo-nos indistinctamente a todas as nobilitantes manifestações do altruísmo paulista, na quadra epidemica, adoptámos o nosso methodo e não o preconizado pela folha dissidente e por ella propria definido como “o methodo que no fim dá certo...”. Lendo e relendo a nota em questão, dizemol-o com franqueza, não atinámos com o resultado a que “O Estado de S.Paulo” quis chegar. Ou tivesse por fim atacar o “governo”, ou diminuir a importancia do precioso auxilio prestado pelo exmo. sr. arcebispo de S.Paulo às autoridades publicas e a grandeza de seu gesto, indo em socorro da pobreza, ou uma cousa parece-nos evidente: é que o “Estado de S.Paulo” procurou esse meio para se interpor vaidosamente entre a gratidão publica e os que della se fizeram merecedores. Isso nos faz sorrir e dizer que o “Estado de S.Paulo” é um verdadeiro “bicho”, tal qual o celebre personagem da conhecida comedia “Eu arranjo tudo...” (CORREIO PAULISTANO, 12.12.1918, p. 1).

A transcrição completa do documento nos fornece a possibilidade de entender o espaço que a celeuma ocupou na primeira página da edição do dia 12 de dezembro de 1918 deste jornal. Esta carta editorial ocupou toda a coluna ao lado e a metade da terceira coluna do impresso, desde a parte superior, usada como espaço que nunca foi dado à temática da gripe, só para anunciar o conflito público com o jornal OESP.

Quando o jornal OESP fez a divulgação que originou o desentendimento público, em 11 de dezembro de 1918, ele se valeu de um espaço gráfico grande tanto quanto ao da resposta dada pelo *Correio Paulistano*. A reportagem que deu início a tal

conflito foi publicada na seção “Notas e informações” e trazia uma reflexão sobre a prática da solidariedade das pessoas e das instituições durante a pandemia. Chamando o *Correio Paulistano* de “uma folha essencialmente governista”⁷⁰, OESP fez uma defesa enfática a respeito das ações de solidariedade implantadas em virtude da crise causada pela pandemia, deixando claro que considerava não existir qualquer tipo de “herói” nacional em virtude de tais atos solidários.

De maneira distinta a isso, o jornal OESP mantinha posição de que os cidadãos e as entidades que adotavam práticas voluntárias não faziam mais que uma obrigação que lhes era inerente, ou seja, uma reação natural frente à crise social que se impôs em virtude da pandemia de influenza. Contudo, voltando às ações de filantropia do OESP, pode-se inferir que este jornal tinha objetivo e propósito ao defender, de maneira aguerrida, as ações caritativas como benevolências desprovidas de méritos. Ao travar uma discussão pública com o *Correio Paulistano*, com textos e acusações sendo publicadas em suas páginas, OESP zelava pela permanência e pela continuação de poder exercer suas ações filantrópicas as quais fazia questão de publicar e enaltecer. Certamente, com intenções particulares específicas que legitimariam tais práticas, dando destaque à bondade “desprovida de interesses” que não seja a visão clara da distinção social de quem provê os pobres de doações.

No texto que foi publicado no dia de 11 de dezembro de 1918, OESP fez uma análise de como o impresso *Correio Paulistano* realizou a cobertura das atividades exercidas pelos médicos e pelos jovens da Liga Nacionalista em prol da sociedade que sofria as consequências da pandemia de influenza. Para OESP, a visão que o *Correio Paulistano* quis passar sobre as atividades feitas pelos médicos e pela Liga se limitou a uma obediência ao governo. Algo que foi contestado pelo próprio Estado, uma vez que o governo federal pontuou que tais entidades agiram por instituto próprio de seu ofício e missão/propósito de existência.

Desta forma, a grande crítica que OESP fazia se dava em razão da desarticulação governamental para organizar e fazer acontecer as ações solidárias na sociedade. Segundo este jornal, todas as esmolas foram doadas e os trabalhos caritativos foram desenvolvidos de maneira muito anterior ao pedido feito por qualquer autoridade para isso acontecesse.

⁷⁰ O Estado de S.Paulo, 11.12.1918, p. 3.

A discussão pública travada entre OESP e o *Correio Paulistano* é aqui apresentada, pois ela foi capaz de nos mostrar a forma da cobertura jornalística que a imprensa exerceu naquela época. O texto de resposta publicado pelo *Correio Paulistano*, em 12 de dezembro de 1918, apresenta um posicionamento que sintetizou como este periódico fez sua cobertura jornalística sobre a pandemia de gripe. Desta forma, a argumentação feita pelo jornal justificava a linha de publicações a respeito da influenza, discreta e sem ser chamativa nas manchetes e fotografias utilizadas.

O texto publicado pelo *Correio Paulistano*, mais do que se pronunciar contra um possível entendimento de que ele não prestava informações para a sociedade durante aquele período, foi uma defesa da cobertura jornalística que realizou durante a “gripe espanhola”. Isso pelo fato de que, como já mencionado, por ser um impresso voltado aos interesses governistas, com um público-leitor centrado na elite de São Paulo, o *Correio Paulistano*, ao adotar uma linha de publicações como a realizada durante a pandemia de influenza, estava sendo obediente aos interesses que o sustentavam como uma empresa privada de comunicação. Desta forma, pode-se inferir que a “discrição” e uma tendência “não chamativa” nas manchetes e nas fotografias publicadas era uma maneira de contar os acontecimentos da “espanhola” de forma a acompanhar os seus proprietários e aos seus leitores, sem atentar ou criticar o poder público governamental, que era o responsável pela saúde pública. Isso tudo sob o manto da polidez na escrita jornalística.

Toda esta discussão pública acabou por dar visibilidade ao OESP que, segundo os seus próprios parâmetros, exerceu a solidariedade feita por certo tipo de filantropia como já analisado. Como se vê, os dois jornais, representativos de grupos antagônicos, se utilizam de grandes espaços de seus respectivos jornais para fazer da pandemia o palco político para suas animosidades.

Um dia antes do texto em que o jornal *Correio Paulistano* se defendeu a respeito de como noticiou as informações sobre os movimentos de solidariedade pela cidade, OESP se utilizou de um espaço, em uma coluna própria chamada “Coisas da Cidade” (fora do espaço que o impresso elaborou para tratar da “gripe espanhola”) para fazer a seguinte manifestação:

Coisas da Cidade. O peor do mal. Quando todos nós da imprensa procuramos comover os ricos afim de lhes arrancar alguns contos de réis para os pobres que morriam de miseria, não falámos, muito de industria, dos orphams que iam ficar abandonados. O leitor decerto nunca pediu. Mas, se houvesse precisado um dia pedir, já saberia hoje

que nunca se devem pedir a alguém dois favores ao mesmo tempo... Chegou, porém, o momento de lembrarmos as nossas famílias abastadas que ha na cidade inúmeros orphamns desprotegidos. Socialmente, dizia-me hontem, um cavalheiro dado a estas cogitações, é esse o peor mal das epidemias. Os mortos são chorados, serão lembrados pelos que os amaram – mas já se foram. Os que, porém, ficaram sem a sua proteção, as criancinhas que perderam os paes, e não têm de onde lhes venha o sustento, essas é que vão sofrer por muito mais tempo ainda, quem sabe se a vida inteira... Criar-se-ão na miseria, pedinchando por ai uma fatia de pão, sofrendo fome, vagabundas e maltrapilhas, talvez ladrões e assassinos – porque ficaram desamparadas. A sociedade tem o dever de as socorrer, enquanto é tempo. Não um dever de caridade, mas um estricito dever social, por interesse próprio, porque ainda criança que se alimenta, se veste educa um valor útil com que se pode contar. Ah! Se eu fosse rico, e se dispusse de uma penna de jornalista, que obra grandiosa, a que me consagrar, essa da proteção a infância desamparada... (O ESTADO DE S.PAULO, 11.12.1918, p. 6).

Novamente, observa-se que a defesa feita pelo jornal dos trabalhos necessários para ajudar os desvalidos com a epidemia, no caso específico das crianças órfãs e desamparadas, mostra uma discussão política sobre os assuntos da cidade e sobre quem são responsáveis pelas condições públicas do bem-viver na cidade durante e depois da pandemia. Neste caso, o OESP mostra que há uma responsabilidade do estado a ser cumprida sobre modos para a educação e amparo da criança órfã. Neste texto, o jornal se dirige de forma direta aos mais ricos da sociedade e deles cobra efetiva participação e colaboração frente às mazelas sociais acarretadas com a disseminação da influenza.

De igual modo, ao se pensar no público leitor deste impresso, vemos que este tipo de chamado e cobrança de ajuda aos desassistidos poderia ser direcionado àqueles que, justamente, era um dos seus públicos leitores: a elite paulistana.

Assim, ao centralizar a análise na parte gráfica desses jornais, observa-se que OESP, com sua estrutura de layout criada com a seção “Notas e informações – A influenza hespanhola”, ainda assim, utilizou-se de uma divulgação muito mais ampla como serviço de utilidade pública, algo que não foi feito pelo *Correio Paulistano*. Um exemplo da disputa é o modo de apresentação dos hospitais provisórios.

Nos trechos das Figuras 7 e 8, observa-se que o *Correio Paulistano* delimitou sua forma de comunicação sobre a capacidade dos hospitais provisórios: por meio de uma simples tabela. A relação dos hospitais que prestavam este serviço sempre foi dada dentro do texto da própria notícia, ao contrário do que fez OESP. Este periódico, em todas as edições analisadas nas quais trouxe notícias sobre a “gripe espanhola”, divulgou, de maneira mais completa, todos os dados de ocupação dos hospitais

provisórios, apresentando os endereços de cada um desses locais e seu respectivo telefone.

Figura 7 – O Correio Paulistano na divulgação dos hospitais provisórios

CAPACIDADE DOS HOSPITAES PROVISORIOS	
	Leitos
Santa Casa	1000
Immigração	1000
Balsanos	700
Barra Funda	500
Sant'Anna	400
Escola de Pharmacia	300
Mackenzie College	400
Santa Ignéz	250
Ordem Terceira do Carmo	300
Grupo Escolar da Penha	300
Collegio de Sion	100
São Bento	100
São Geraldo	50
Polyclinien	250
Club A. Paulistano	120
S. Luiz	100
Seminario Diocesano	400
Sagrado Coração	80
Benificência Portuguesa (só recebe socios)	110
Maternidade	100
Collegio des Oiseaux	150
Maternidade de Santa Maria	100
Damas Vicentinas	100
Hospital da Lapa	150

Fonte: Correio Paulistano, 10.11.1918, p. 3.

Figura 8 – O OESP na divulgação dos hospitais provisórios

A EPIDEMIA REINANTE

INDICADOR DOS HOSPITAES PROVISORIOS
(Organizado pelo S. S.)

- 1 — Santa Casa de Misericórdia — Rua Sta. Isabel — Tel. 212
- 2 — Hospital Militar — Rua João Theodoro — Tel. 210
- 3 — Hospital de Imigração — Rua Parahyba — Tel. 214
- 4 — Hospital de Curativos do Brax — Av. Celso Garcia, 105 — Tel. Brax 105
- 5 — Hospital da Cruz Vermelha — "Palestra Italia" — Rua Libero Badaro, 31 — Tel. 2494
- 6 — Hospital da Liga Nacionalista — "Albergo Nocturno" — Rua Adolpho do Nascimento — Tel. 2132
- 7 — Hospital da Liga Nacionalista — "Grupo Escolar Sant'Anna" — Rua Voluntarios da Patria — Tel. 2743
- 8 — Hospital da Colônia Italiana — Rua Pradinska, 3 — Tel. Brax 790
- 9 — Hospital Collegio Missionarias — Rua Conselheiro, 35 — Tel. 2187
- 10 — Hospital do Collegio de Santa Ignéz — Rua Tres Rios, 81 — Tel. 2044
- 11 — Hospital do Collegio Sion — Av. Higienopolis, 49 — Tel. 2137
- 12 — Hospital do Collegio Diocesano — Largo do Jardim, 9 — Tel. 2139
- 13 — Hospital do Mosteiro de S. Bento — Rua Anhangababu, — Tel. 2134
- 14 — Hospital da Policlínica — Rua do Carmo, 4; Tel. 4408 Cont.
- 15 — Hospital do Grupo Escolar da Barra Funda — Rua Albuquerque Lins, 1 — Tel. 2420
- 16 — Hospital do S. S. Machado da Foz de Patibém — Rua Jorge Miranda — Tel. 2135
- 17 — Hospital do C. A. Paulistano — Rua Columbia, 1 — Tel. 2133 (Two ambulancias proprie)
- 18 — Hospital Israelita — Rua cap. Matarazzo n. 15
- 19 — Hospital do Gym. do Carmo — Rua do Carmo — Tel. 2154
- 20 — Hospital do Mackenzie College — Rua Pinhy, 4 — Telephone 21471
- 21 — Hospital S. Vicente de Paula — Rua da Penha — Penha
- 22 — Hospital do Grupo Escolar — Avenida Tiradentes n. 10 — Telephone 2135
- 23 — Hospital da Maternidade de S. Paulo — Rua Frei Caneca — Tel. 2130
- 24 — Hospital do Collegio de São Luiz — Rua Bella Clotia n. 133 — Telephone 21470
- 25 — Hospital de Gansos — (Gansos)
- 26 — Hospital Germania — (Rua D. José do Barco n. 9 — Telephone 21476)
- 27 — Hospital n. 3 da Liga Nacionalista — "Escola de Pharmacia" — (Rua Tres Rios) — Telephone, 21476
- 28 — Hospital Provisorio de São Geraldo — (Rua Cardoso de Almeida n. 1) — Telephone
- 29 — Hospital do Centro Ipiranga — (Rua dos Patriotas n. 23) — Telephone
- 30 — Hospital do Grupo Escolar da Lapa — Cruz Vermelha Indola
- 31 — Hospital dos Padres Franciscanos — (Vila Coqueira Cesar) — Telephone
- 32 — Hospital do Collegio "des Oiseaux" — (só recebe crianças) — Rua Cafe Funda — Telephone
- 33 — Hospital da Beneficência Portuguesa — (só recebe socios) — Rua Irigoinho Tobias n. 11 — Telephone 2122
- 34 — Hospital do Grupo Escolar Prudente de Moraes — (Avenida Tiradentes n. 3) — Telephone 21454
- 35 — Hospital do Grupo Escolar Repente Feliz — (Avenida Tiradentes n. 10) — Telephone
- 36 — Hospital Maternidade "Santa Maria" — (Avenida Lacerda Franco n. 3 — Telephone Canbury, 45)
- 37 — Hospital n. 4 da Liga Nacionalista — (para estudantes) — Rua Tres Rios n. 71 — Telephone 2122
- 38 — Hospital das Irmãs Vicentinas (Penha) — Telephone
- 39 — Hospital da Penha — Grupo Escolar da Penha — Telephone
- 40 — Hospital Balsanos (Linha de Artes e Officinas) — Campos Eliseos — Telephone

Fonte: O Estado de S.Paulo, 11.11.1918, p. 5.

Outras diferenças observadas surgem ao se analisar as primeiras páginas dos periódicos selecionados. Quando debruçados sobre as manchetes principais do OESP, constata-se que, mesmo com a pandemia já em vigor, os assuntos que foram para a página nobre, diziam respeito unicamente à Grande Guerra. Na edição do dia 30 de novembro, todavia, apareceu uma menção à influenza hespanhola. No centro da página, em letras destacadas, o título anunciava o nome da doença, no entanto a caixa de texto dizia respeito, tão somente, a uma propaganda das “Pílulas Sudoríficas de Luiz Carlos”⁷¹.

Bem antes deste dia, em 17 de outubro de 1918, em uma caixa de texto com o mesmo destaque ao título “Influenza Hespanhola”, entre aspas, falava-se da confirmação do primeiro caso de contaminação em São Paulo. Logo o que parecia ser uma notícia, nada mais era do que uma propaganda do mesmo produto. Na mesma primeira página, o nome da doença voltaria a aparecer, também com o devido destaque, mas para outra propaganda, agora da “Água Mineral Platina”⁷². Desta forma, o jornal OESP manteve, ao longo do período de outubro a dezembro de 1918, seu padrão de primeira capa: várias colunas (máximo oito) contendo informações sobre a guerra, com as manchetes relacionadas ao conflito e, em caso de menção à “gripe espanhola”, ela indicava a realização de anúncio publicitário. Em uma edição, por exemplo, foram feitas quatro propagandas: uma das Pílulas Sudoríficas e as outras três relacionadas a produtos como sal de quinino, soro hemostático e um “extracto tonsilar”⁷³, todos remetentes como feitos e elaborados pelo Instituto Butantan⁷⁴.

Portanto, assim como aconteceu com o *Correio Paulistano*, o OESP não trouxe, em suas primeiras páginas, manchetes de capa remetendo à “gripe espanhola”, mesmo que a abordagem apresentada internamente tenha sido bastante rica e detalhada sobre situação do contágio pelo país. Assim, a análise mais minuciosa desses materiais de ambos os jornais corrobora que os dois impressos não deram o devido destaque para a pandemia de influenza em suas páginas principais.

⁷¹ O Estado de S.Paulo, 30.11.1918, p. 1.

⁷² O Estado de S.Paulo, 17.10.1918, p. 1.

⁷³ O Estado de S.Paulo, 26.10.1918, p. 1.

⁷⁴ Seguindo a linha, conforme apresentado no Capítulo 2 deste trabalho, as propagandas utilizavam o nome de institutos científicos ou de médicos/cientistas para validarem seus produtos.

Ao se fazer uma comparação, novamente, com o periódico *O Combate (SP)*, vê-se uma abordagem totalmente diferente desde as primeiras notícias sobre a “espanhola”. Quando se considera o mesmo período utilizado para os demais impressos analisados, ou seja, o mês de outubro de 1918, vemos que este jornal desenvolveu uma cobertura jornalística distinta dos demais. Metade da primeira página edição do jornal, já no dia 24 do referido mês, foi dedicada à gripe. Em letras destacadas e maiores que o texto das reportagens, lia-se: “A ‘influenza hespanhola’ em S. Paulo”. As diferenças com as edições dos outros jornais eram evidentes: o assunto principal do jornal era a epidemia; os conselhos ao povo já estavam estampados nesta página principal da edição, assim como a relação dos primeiros enfermos e das ações iniciais da Cruz Vermelha⁷⁵.

No dia seguinte da primeira manchete, o título “A ‘influenza hespanhola’ em S. Paulo” se mantinha com a mesma característica e formato. Apenas o subtítulo havia mudado para: “A epidemia segue sua marcha natural”⁷⁶. Ao lê-lo, e naturalmente o comparando ao tratamento dado para a mesma doença pelos demais jornais, a pergunta principal era: que caminho natural da doença seria este? A própria matéria destacou:

A crença, que se vae generalizando graças a afirmativas de autoridades scientificas, de que todos havemos de ter a grippe, porque ela é verdadeiramente pandêmica, não seja razão para que cada qual se descuide dos meios preventivos. Ao contrario: seja motivo para que todos redobremos de precauções. Assim iremos offerencendo maior resistência à molestia com dupla vantagem: por um lado, demoraremos o contagio, o que é útil para evitar uma paralyisia da vida da cidade, a desorganização dos serviços de assistência e a crise de médicos e farmacêuticos e de medicamentos; por outro lado, quando o contagio vier, já se encontrará reforçada a defesa natural e dahi a maior benignidade da molestia (O COMBATE (SP), 25.10.1918, p. 1).

O fragmento desta notícia da primeira página deste jornal possui elementos que merecem ser sublinhados. O primeiro deles é uso da palavra “pandêmico”, que não era utilizada pelos demais jornais no mesmo período. No caso do *O Combate (SP)*, ele o empregou para precisar que todas as pessoas iriam se contaminar com a doença de modo indistinto, o que, naquele momento, acreditava-se ser o elemento necessário para que a doença ganhasse benignidade. Mesmo assim, o jornal foi enfático em manter a importância das recomendações de precaução, detalhando-as na mesma primeira página.

⁷⁵ O Combate (SP), 24.10.1918, p. 1.

⁷⁶ O Combate (SP), 25.10.1918, p. 1.

O periódico se destacava como impresso de variedades sobre a pandemia. Apresentava a contabilização do número de novos casos na cidade; publicou a fotografia do “conde Siciliano” pela ajuda de ele ter cedido seu automóvel para o transporte de doenças ao hospital. Abordou sobre o estado de saúde do “futuro presidente do Brasil”, Rodrigues Alves, talvez, contaminado pela gripe. Destacou também: “A ‘hespanhola’ é africana!”. Em nenhum periódico houve a notícia sobre o estado de saúde de Rodrigues Alves e este tampouco compôs a primeira página do impresso como aconteceu com *O Combate (SP)*. Também não havia a reflexões a respeito da verdadeira origem da doença.

O assunto da Grande Guerra não apareceu na primeira página do jornal, algo que em muito destoa dos outros dois jornais analisados, *Correio Paulistano* e OESP. Apenas na edição do dia 26 de outubro de 1918, as notícias sobre a pandemia dividiram o espaço do jornal com a guerra mundial. Metade da primeira página falava sobre a gripe, cujo título passava a ser apenas “A hespanhola”. Um tom prevalecia nas matérias do mês de outubro: o reforço de que a doença se fazia benigna e não apresentava motivos para maiores preocupações. Tal ideia estava presente na referida edição que sentenciou em seu subtítulo: “A situação não se agravou de ontem para hoje”⁷⁷.

Por todo o exposto, entende-se que as primeiras e mais comuns reações dos meios de comunicação foram as de negar a periculosidade da doença. Era como se fosse um roteiro inicial da pandemia: negar sua periculosidade. Ser omissos. Isso aconteceu principalmente com os impressos que, desde o começo da crise sanitária, não esconderam a “gripe espanhola” como fato e o noticiavam do seu surgimento ao seu desenvolvimento.

Assim, no momento inicial da pandemia de influenza, os impressos falavam que a doença era leve, quiçá benigna. A primeira página do jornal *Gazeta do Povo*, da cidade de Santos mostra isso. Dividida com notícias como o roubo de café no porto, a outra parte da página, do centro para o lado direito, as duas colunas traziam manchetes que afirmavam sobre os riscos da nova doença não serem amedrontadores, ao mesmo tempo em que falavam sobre as medidas profiláticas a serem adotadas e garantiam, por uma fala do dr. Carlos Seidl, que não havia perigo com essa doença⁷⁸.

⁷⁷ *O Combate (SP)*, 26.10.1918, p. 1.

⁷⁸ *Gazeta do Povo*, 12.10.1918, p. 1.

Em 21 de outubro de 1918, na mesma *Gazeta do Povo*, o assunto da “gripe espanhola” já estava publicado na primeira página. As demais notícias deste espaço traziam informações sobre a ação da polícia de Santos e as questões dos armazéns do porto. Sobre o contágio, o título da reportagem trazia “A gripe ‘hespanhola’”, fazendo uso de aspas na palavra “hespanhola”. No começo da notícia, a informação recorrente naquele momento era indicar que a doença era de “carácter benigno”⁷⁹.

Com o passar dos dias, a gravidade da doença ficou mais clara, de modo que a imprensa não conseguiu mais sustentar a ênfase de uma doença leve e de fácil procedimento para a cura. Assim que isso começou a ficar evidente, percebemos que, seja na *Gazeta do Povo* ou no *O Combate (SP)*, as notícias sobre a pandemia ganharam ainda mais espaço em suas primeiras páginas, fazendo com que os assuntos da guerra perdessem prevalência sobre a influenza.

Como exemplo, citamos a edição do dia 24 de outubro de 1918 da *Gazeta do Povo*: a página principal inteira tinha como assunto a “gripe espanhola”. Os subtítulos da reportagem indicavam que o jornal traria informações sobre a mudança da rotina da cidade de Santos. Contudo, logo abaixo da manchete deste jornal, lemos a crítica ao governo, outra tônica adotada pelo impresso. “O governo continue inerte”⁸⁰. Mesmo diante de todos os pontos citados, ratificamos que as críticas aos governos e as formas de lidar com a pandemia de influenza foram mais comuns no jornal *O Combate (SP)*.

Na sequência dos fatos que marcaram o começo da crise sanitária, percebe-se, ao final do mês de outubro de 1918, a tônica da cobertura jornalística alterada drasticamente. Porém, se fizermos uma comparação com a capa de um mesmo dia, neste período, entre os jornais OESP e *O Combate (SP)*, constataremos diferenças significativas.

As primeiras páginas dos dois impressos referidas pelas Figuras 9 e 10 foram selecionadas no mesmo dia: 30 de outubro de 1918. Naquela data, OESP não trouxe qualquer informação sobre a “gripe espanhola” em sua página principal, apenas mostrando um reclame de remédio. Desta forma, o contraste de abordagem com a edição do mesmo dia de *O Combate (SP)* se fazia presente em vários detalhes, para além da manchete.

⁷⁹ *Gazeta do Povo*, 21.10.1918, p. 1.

⁸⁰ *Gazeta do Povo*, 24.10.1918, p. 1.

Figura 9 – Primeira página de OESP



Fonte: O Estado de S.Paulo, 30.10.1918, p. 1.

Figura 10 – Primeira página de O Combate (SP)



Fonte: O Combate (SP), 30.10.1918, p. 1.

O subtítulo daquela edição do *O Combate (SP)* trazia a seguinte declaração: “Nem isolamento, nem desinfecção para a mais contagiosa das moléstias até hoje conhecidas!” E uma das primeiras informações que vieram abaixo, tratava: “Cresceu hontem o numero de casos e de óbitos”⁸¹. Todas as frases escritas em destaque. Ao longo da primeira página, nenhuma notícia a respeito dos combates mundiais, apenas as informações pertinentes sobre o aumento da doença e a propagação desenfreada da gripe pela cidade e pelo interior, além da contestação pública que passou a ser feita às autoridades. Talvez o periódico achasse que a história da guerra, distante, não era para ser destacada diante do problema evidente que acontecia na cidade, apaziguado, naquele momento, pelo manto da omissão.

A matéria principal do jornal teve início enaltecendo o trabalho feito pelo Dr. Arthur Neiva como diretor do Serviço Sanitário de São Paulo, mas assim procedeu mediante a constatação de que aquela foi uma ação solitária dele e que não refletia os esforços do governo como um todo para a organização sanitária paulista. Foram dirigidas àquela autoridade perguntas trazendo à tona as indagações sobre se as ações

⁸¹ O Combate(SP), 30.10.1918, p. 1.

governamentais estavam condizentes frente ao avanço da doença. Questionava-se até o fato de os médicos, nos Estados Unidos e na França, utilizarem máscaras protetivas e os do Brasil, não⁸².

Contudo, desta primeira página do *O Combate (SP)*, destacamos a seguinte notícia:

A verdade deve ser dita, inteira, ao povo. Aos que nos informam pessoas recém-chegadas a esta Capital, correm no Interior apavorantes notícias sobre estado sanitário da Capital. Especialmente nas fazendas, a crença geral é que a situação é muito mais grave do que deixam transparecer as informações dos jornaes. Ora, o povo sabe que O COMBATE não lhe faltaria á verdade em tal emergencia. Se a Censura nos tolhesse a liberdade de dizer francamente o que pensamos e o que sabemos, preferiríamos silenciar a inserir mentiras para servir o governo. As nossas columnas sahiriam em branco, ou o jornal seria suspenso, mas não nos prestaríamos a nenhum jogo imoral em relação á saúde publica (O COMBATE (SP), 30.10.1918, p. 1).

A recepção que os cidadãos tinham a respeito das notícias que circulavam sobre a gripe aqui é apresentada de outra forma e mostra que a população já estaria alarmada pelos processos da doença. Não se sabe por evidência, mas as histórias circulavam. Segundo o trecho, os moradores do interior enxergavam a situação como ela sendo muito mais grave do que havia sido noticiado pelos impressos da época. A partir desta percepção, *O Combate (SP)* faz uma defesa de que toda sua abordagem era fidedigna ao que acontecia e que estava no povo.

Neste ponto, vale uma análise a respeito da cobertura jornalística feita como um todo. A maior parte dos impressos de São Paulo não informaram sobre a gravidade da situação no começo da pandemia. Ao contrário. De igual forma, houve publicações que nem cederam suas primeiras páginas para o assunto da “espanhola”, embora ela evoluísse com gravidade.

Ora, este tipo de cobertura jornalística poderia muito bem, como apresentou a notícia da citação acima, suscitar dúvidas na população. Era irresponsável. Se um jornal sequer trazia informações sobre a gripe em sua página principal e enquanto outro a informava, com destaque, o aumento de casos e a situação pandêmica, em quem se deveria acreditar? Mesmo as notícias que já falavam sobre a gravidade do mal transmitido estavam falhas e a situação parecia bem pior. Está claro que os jornais estão

⁸² Importante destacar que, ao longo de toda tese, esta será a única lembrança ao uso de máscaras protetivas no combate à influenza.

direcionados a diferentes públicos e isso os diferencia como repositório crítico de notícias sobre a moléstia e a posição do governo e das autoridades sanitárias sobre o assunto, mostrando que, de certa forma, nem mesmo o sentido “público” do governo aparece como definido. Parece claro que havia uma prática nos costumes de ação da elite, embora a filantropia realizada alimentasse seu prestígio social, de forma a mantê-los como “boa figura” diante da sociedade e frente aos próprios amigos. Uma agitação mais contundente sobre a gravidade da situação circulava nos jornais ditos “do povo”, parecendo alimentar a ideia de que, a ele, resta cuidar-se por conta própria.

Dessa forma, para dar crédito as suas notícias, o jornal *O Combate (SP)* fez uma defesa enfática de que sua cobertura era idônea e assim continuaria, mesmo que se impingisse censura às publicações, algo que nosso estudo também constatou na diversidade de notícias que sustentam o presente trabalho.

Ao longo da pandemia de 1918, houve jornais proibidos de postar informações sobre a “gripe espanhola”, seja pelo fato de que expunham uma crítica contumaz ao governo vigente da época, seja porque anunciavam a gravidade da situação e do avanço do contágio. A responsabilidade governamental frente ao avanço vertiginoso da doença foi cobrada de forma pontual e os “ataques” às autoridades públicas aconteceram de várias formas.

Uma delas foi o de propiciar mais uma alcunha à moléstia, por meio da atribuição de outra nomenclatura que já foi aqui destacada: “mal de Seidl”. Como já explicado neste trabalho, Carlos Seidl era o diretor geral da saúde pública e, a ele, impunha-se esta tratativa para se referir à gripe, tamanha a ferocidade da responsabilidade que parte da imprensa lhe dedicou frente ao descontrole da pandemia. Em formatos que, conforme mostra a Figura 11, assumiram posição de destaque e relevância.

Na primeira página impresso referenciado pela Figura 11, a expressão “mal de Seidl” aparece em conjunto a uma frase totalmente sarcástica para se referir à situação da cidade naquele momento: “um mar de rosas”. Dessa forma, o exemplo dado nos mostra também ter havido crítica da parte de alguns movimentos de imprensa, contestando o poder público diante da calamidade social que abateu as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Ao empregar, ironicamente, a expressão “um mar de rosas”, a Gazeta de Notícias mostrava que tudo estava exatamente ao contrário.

Figura 11 – A ironia crítica de uma primeira página da Gazeta de Notícias



Fonte: Gazeta de Notícias, 19.10.1918, p. 1.

E para marcar tamanha crítica, a referida primeira página deste jornal não se limitou a apenas trazer uma manchete irônica. Disse categoricamente que, ao serem censurados, o mal se extinguiria, posto que, não havendo notícia, nem história, nem povo informado, não haveria mal. Todas as notícias deste espaço se utilizaram deste mesmo tom:

Que beleza! O governo com muito acerto, revelando o maior desvelo pela saúde da população, acaba de tomar a medida que se impunha nas circunstâncias actuais, estabelecendo a censura para a imprensa a respeito do mal de Seidl. Agora com a resolução governamental, a gripe hespanhola cessará completamente. Os jornaes não farão mais nenhuma victima nem produzirão pânico á população indefesa. Se não for possível que os mortos ressuscitem, os agonizantes se levantarão dos leitos curados (GAZETA DE NOTÍCIAS, 16.10.1918).

Na mesma data, jornais como OESP e o *Correio Paulistano* sequer citaram em suas páginas principais a “gripe espanhola”. Em 18 de outubro de 1918, no final da quarta página daquela edição, aquele jornal trouxe a informação, de modo discreto,

sobre um aumento de casos da gripe⁸³. Com um conteúdo totalmente distinto deste, a *Gazeta de Notícias*, afirmava, de forma clara, sofrer as consequências da censura por denunciar a letargia do governo frente ao avanço descontrolado da gripe. O título da matéria foi ainda mais irônico: “Que beleza!”. Assim, o impresso criticava, de forma contumaz, a percepção que se queria impor pelas autoridades governamentais de que era a imprensa quem produzia a sensação de pânico na população e mentia sobre o número de mortos e afetados.

A primeira página daquela edição trouxe mais três menções claras à palavra censura. Ao se analisar as palavras-chave empregadas na composição do banco de dados que sustenta esta pesquisa, o emprego da expressão “censura” aparece quatro vezes. De forma coincidente, é a mesma quantidade referente ao nome de “Carlos Seidl”, representante da autoridade do governo federal, utilizada como termo para a classificação da notícia.

Concernente ao trato que a imprensa deu à censura imposta, nenhuma edição se comparou a primeira página do *O Combate (SP)* do dia 04 de dezembro de 1918. De maneira muito específica e distinta de todas as primeiras páginas que compõem nossa pesquisa, a Figura 12 mostra no documento a palavra “censura” destacada no centro da página em letras maiúsculas. A diagramação da arte ocupa mais da metade de todo o espaço central do espaço principal daquela edição de *O Combate (SP)*.

A partir desta atitude, o periódico assumia uma postura crítica e de protesto diante da situação que se impunha. De modo específico, não se pode deixar de considerar as características do jornal *O Combate (SP)*, cuja linha editorial era a defesa do povo e a crítica aos órgãos governamentais. Isso significa que, as formas de censura sofridas pelo jornal atingiam uma publicação popular e crítica ao governo.

Santana (2020, p. 23) apontou de forma direta que foi Carlos Seidl o responsável pela censura imposta aos veículos de imprensa daquela época: “inclusive, confessou em carta enviada ao Ministro da Justiça, Carlos Maximiliano, que pediu ao presidente censura das notícias sobre a gripe, acusando os jornais de ataque pessoal” (SANTANA, 2020, p. 23).

⁸³ O Estado de S.Paulo, 18.10.1918, p. 4.

Figura 12 – Primeira página de O Combate (SP) com menção à censura



Fonte: O Combate (SP), 04.12.1918, p. 1.

De igual maneira, chama a atenção que esta primeira página fosse assim veiculada em pleno dia 07 de dezembro, um momento no qual já havia, em outros impressos, uma tendência editorial de não mais se falar sobre a situação da gripe. No caso do *O Combate (SP)*, o jornal permanecia com suas publicações aguerridas contra os maus feitos do governo e suas conduções diante da pandemia.

Depois desta primeira página, ao longo de todo o mês de novembro de 1918, *O Combate (SP)* direcionou a mesma cobertura jornalística incisiva para a “gripe espanhola”. Contudo, aos poucos, da mesma maneira que as notícias do contágio ganharam destaque e dividiram espaço com a Guerra, a partir do dia 20 de novembro, elas também foram se alternando com outras informações sobre outros assuntos da rotina da cidade de São Paulo, mas as manchetes que produziram sobre a gripe ainda eram taxativas: “A ‘hespanhola’. Não sejamos optmistas de mais... Alguns collegas de imprensa, impressionados pelo declínio da epidemia nestes últimos dias, anunciam já que a epidemia esta cuase exticta. É optimismo exagerado e perigoso”⁸⁴.

⁸⁴ O Combate (SP), 23.11.1918, p. 1.

Antes da veiculação deste material, em 12 de novembro de 1918, o referido impresso trouxe também em sua primeira página a informação de que o número de casos continuava a aumentar.

Figura 13 – A divisão de assuntos de uma primeira página de jornal



Fonte: O Combate (SP), 12.11.1918, p. 1.

Em tom crítico, este jornal comparou a atuação do Diretor Geral de Saúde Público, Carlos Seidl, com aquele que exerceu esta mesma função na França, no ano de 1890, quando este país sofreu as consequências de uma epidemia de gripe. Neste mesmo texto, o jornal mostrou como o Brasil se encontrava atrasado frente às providências básicas que deveriam ser tomadas em casos de alta contaminação .

Nesta primeira página do jornal O Combate (SP) também vale o destaque por obra da representação gráfica interessante, apresentando os dois assuntos mais em voga naquele período: a Grande Guerra e a pandemia:

Em 12 de novembro de 1918, o país se encontrava no ápice dos casos de contaminação pela “espanhola”. Contudo, naquele dia, foi preciso dar a importante

informação de que a Alemanha havia se rendido nas batalhas. Diante de tal necessidade de pautas, o jornal *O Combate (SP)* se utilizou do recurso de dividir, literalmente, sua primeira página ao meio. Uma linha central dividiu o espaço em duas grandes colunas. Em uma, à esquerda, havia as informações dos combates. Na outra, falava-se da “fallencia da hygiene paulista”⁸⁵.

Nos últimos dias do mês de novembro, mesmo com esta tendência de as notícias começarem a indicar um possível arrefecimento da gripe, *O Combate (SP)* ainda trazia manchetes com informações de cidadãos que foram enterrados vivos⁸⁶, dando um destaque que ainda provocava temor à população. Já no Rio de Janeiro, os indícios de arrefecimento da pandemia foram publicados ainda no final do mês de outubro. A primeira página do jornal *Correio da Manhã* trazia, em sua edição de 28 de outubro de 1918, a manchete amplamente destacada com um grifo sob frases: “As autoridades medicas voltam a afirmar que o estado sanitário da capital melhora”⁸⁷.

Nos dias subsequentes, este jornal permaneceu com este tipo de notícia de capa. Em 05 de novembro de 1918, sua página principal voltava a destacar que “o mal, ao que parece, entrou em franco declínio”⁸⁸. Neste espaço, em uma caixa de texto, logo abaixo do nome do jornal, lia-se “A epidemia”, em letras destacadas; em seguida outra contendo a mesma informação sobre a suposta melhora do quadro. Na sequência desta primeira página, seguiram-se nove colunas, todas elas abordando o assunto da “pandemia reinante”⁸⁹.

Outro jornal que deu amplo espaço à cobertura da gripe foi o *Correio da Manhã*. Como já foi dito, foram eles que noticiaram a Missão Médica Brasileira havia se contaminado a caminho da guerra. Em letras destacadas, lia-se: “Confirma-se, infelizmente, a noticia de ter sido a missão médica atingida também pelo mal terrível que irrompeu a bordo de navios da divisão brasileira”⁹⁰. Na sequência desta manchete, o impresso explicou que um médico e dois intendentess haviam falecido e que 16 enfermos estavam em tratamento em um hospital em Oran, na Argélia⁹¹.

⁸⁵ *O Combate (SP)*, 12.11.1918, p. 1.

⁸⁶ *O Combate (SP)*, 29.11.1918, p. 1.

⁸⁷ *O Combate (SP)*, 29.11.1918, p. 1.

⁸⁸ *Correio da Manhã*, 05.11.1918, p. 1.

⁸⁹ *Correio da Manhã*, 05.11.1918, p. 1.

⁹⁰ *Correio da Manhã*, 05.11.1918, p. 1.

⁹¹ *Correio da Manhã*, 24.09.1918, p. 1.

A notícia ocupou quatro colunas da primeira página do *Correio da Manhã*, do centro do jornal para o lado direito da impressão. Dividiu espaço com as notícias da Grande Guerra e, além de se distinguir por ter dado esta informação em primeira página, trouxe as fotos dos comandantes da Missão. Foram oito fotografias, espalhadas entre os textos da notícia, que apresentavam os médicos, os capitães e os intendentes que estavam entre os primeiros infectados pela nova doença.

Outra revista apresentou este caso em suas páginas, *O Malho*, do Rio de Janeiro. Na edição do dia 28 de setembro de 1918, foi desenvolvida uma arte que tomou uma página inteira.

Figura 14 – Ilustração da revista O Malho para a contaminação da Missão Médica



Fonte: O Malho, 28.09.1918, p. 21.

Nesta arte, vemos a justaposição de dois elementos: um desenho e fotografias reais. A ilustração foi elaborada com a representação de uma mulher ajoelhada diante de

um caixão, em posição de oração. Ele estava envolto em um pano com uma cruz e ao lado da bandeira nacional em um mastro. Nos pés do caixão, existe uma âncora. Por estes elementos, compreendemos tratar-se da representação dos marinheiros mortos pela influenza. A mulher ajoelhada se mostra como a figura de uma esposa ou parente que recebe o corpo daquelas pessoas e sua representação é acompanhada por fotografias de rostos de membros da missão.

Tanto essa revista como o jornal *Correio da Manhã* mostraram esse evento como uma notícia diferente sobre o encaminhamento da “gripe espanhola”. Além do episódio da contaminação da Missão Médica Brasileira, por meio da observação das primeiras páginas do *Correio da Manhã* também é possível constatar empenho para apresentar as condições da cidade naquele momento em que as notícias indicavam o arrefecimento da pandemia.

Como exemplo, pode-se citar a notícia do dia 07 de novembro de 1918, cuja manchete sintetizou como a rotina urbana foi afetada pela pandemia nas cidades: “A vida da cidade, desorganizada pela epidemia durante tantos dias, tende a normalizar-se”⁹². “Normalizar-se”, palavra que merece destaque porque ela apresenta o desejo de que os dias retornem à rotina anterior à pandemia.

O intuito de mostrar que a normalidade voltava a prevalecer pode ser aferido quando, na edição do dia 08 de novembro de 1918, o assunto da pandemia praticamente desapareceu da página principal do *Correio da Manhã*, tendo sido substituído por uma página inteira sobre pautas relativas à guerra. Esta tendência perdurou por praticamente todo o mês. A gripe só vai voltar a ser notícia na primeira página deste impresso vinte dias depois, em 28 de novembro de 1918, quando a manchete informava a respeito de um navio inglês, “Deseado”, como já sabido, que passou por vários portos do país contendo “epidêmicos” em seus passageiros⁹³. Depois desta publicação, a “gripe espanhola” não mais apareceu em qualquer menção na página principal deste periódico.

Portanto, em dezembro de 1918, todos os jornais que trouxeram o tema da pandemia para o destaque de suas primeiras páginas, passavam a apresentar outros assuntos para dividir o espaço gráfico das notícias que compunham suas edições diárias. Por exemplo, em 10 de dezembro daquele ano, publicou-se a última primeira página sobre o assunto “pandemia” no jornal *O Combate (SP)*. Coube dividir espaço com a

⁹² *Correio da Manhã*, 07.11.1918, p. 1.

⁹³ *Correio da Manhã*, 28.11.1918, p. 1.

síntese do relatório do prefeito de São Paulo, Washington Luís, sobre sua atuação durante a crise de saúde pública.

Neste documento, o senhor prefeito elencou todas as autarquias públicas que se encontravam sob sua responsabilidade: a Companhia Telefônica; a Companhia “Light & Power”, de luz e força, os serviços funerários e de limpeza pública. Washington Luiz citou que sua primeira providência foi a observação dos estoques de comida da cidade, garantindo o abastecimento dos frigoríficos. No serviço de limpeza pública, o prefeito citou a contratação que fez de efetivos e o aumento de salário dos já funcionários. Por fim, uma das ações municipais feitas durante o período de crise na cidade em razão da pandemia de influenza foi, justamente, a organização do serviço funerário, que não dava mais conta do volume de enterros para serem feitos⁹⁴.

A compilação de ações feitas pelo prefeito de São Paulo, Washington Luís, já no mês de dezembro de 1918, foi o fruto de uma tendência de os jornais e as revistas já publicarem os fatos relativos a um possível arrefecimento da circulação da influenza pela cidade. Prova disso foi a primeira página que a revista *O Malho* lançou também no mês de dezembro:

Figura 15 – Primeira página da revista O Malho



Fonte: O Malho, 14.12.1918, p. 1.

⁹⁴ O Combate (SP), 10.12.1918, p. 1.

Na capa da revista, vê-se a representação de uma mulher mostrando sofisticação com chapéu, joias e echarpe. Na legenda, lia-se: “A linda carioca, depois da ‘hespanhola’, sorri de novo para a vida...”⁹⁵. As cenas de destruição, os retratos sobre a crise social vivenciada, as imagens de desespero são trocadas pela normalidade da vida social que, novamente, voltava à ativa e mostrava as cidades com aspecto de normalidade, o que não era bem a realidade. Contudo chama a atenção o fato de que a imagem, para retratar a volta à normalidade na cidade, é de uma mulher que aparenta riqueza e sucesso. Está claro que o chamariz para o retorno à vida pós-pandêmica são festas. Essa capa, pensando o público leitor, reitera a ideia de que uma parte considerável dessa imprensa estava ocupada em representar uma elite festiva e solidária e divulgar os interesses que beneficiariam essa classe social.

Portanto, a partir dos exemplos e das ilustrações apresentados e analisados neste tópico, constata-se como período de concentração da maior parte das notícias a respeito da “gripe espanhola” a segunda quinzena de outubro e durante todo o mês de novembro de 1918, um período de 40 dias de cobertura jornalística, variando de jornal para jornal, mas que coincidiu em um aspecto: da mesma forma que o tema da influenza começou a pautar os impressos, ele também foi deixando de existir assim que as primeiras informações sobre uma possível queda na taxa de contágio circulavam, embora alguns periódicos questionassem a informação. Fato é que, a partir da segunda quinzena de dezembro, as menções à gripe passaram a ser mais raras e limitadas a pequenas notas de informação dentro das páginas dos impressos.

1.4 Como a “espanhola” foi retratada por outros gêneros textuais

Crônicas, poemas, contos e cantigas foram encontrados e analisados nos jornais e, principalmente, nas revistas. Mesmo em meio à tragédia, há elementos de humor e a apresentação de charges que ilustraram a gripe na imprensa.

No primeiro dia de 1919, a revista *Tico-tico* apresentou três cantigas. Com o título de “O Pretexto”, logo abaixo dele se lia, entre parênteses: “Cançonetas”. Assinadas por “Eustorgio Wanderley”, tinham como data de criação o mês de dezembro

⁹⁵ O Malho, 14.12.1918, p. 1.

de 1918 e a cidade de Recife como indicativa de seu local de composição. A primeira delas versava:

I. A “grippe espanhola” agora. A muitos já tem servido. P’ra fugir a compromissos. Ou pagar o que é devido. E’ logo o melhor pretexto. Que qualquer um typo encontra, Por mais serio que pareça. Ou mesmo por mais bilontra. (Fala): Quando vemos agora um camarada que nos prometeu qualquer cousa, ou nos deve algum cobre, vai logo dizendo: - Não foi possível “aquillo”que prometti. Estive atacado de influenzae ainda... (Tosse): Eh! Eh! Eh! (Bis). (Canta): Tusso a noite toda. Tusso todo o dia. (Tosse): Eh! Eh! Eh! (Bis). Inda estou tão fraco. Que não se avalia (O TICO-TICO, 01.01.1919, p. 18).

Para compreendermos o sentido deste texto, não podemos desconsiderar seu veículo de publicação. A revista *O Tico-Tico* se identificava como um “jornal para as crianças”. O gênero escolhido à apresentação do tema foi uma cantiga. Por meio da sonoridade de seus versos e da maneira como a doença se apresentou, compreende-se a vontade expressada de não comparecer a um compromisso ou de não cumprir determinado acordo feito.

A segunda cançoneta, da mesma página e edição da referida revista, seguiu a mesma linha:

II. Conheço certa mocinha. Que estava p’ra casar. E no dia do casório. Ficou farta de esperar. O noivo não aparece; Por todos é procurado. E só no fim de tres mezes. E’ que elle foi encontrado. (Fala): Quando a ex-futura sogra, no fim de tres mezes, encontrou seu ex-futuro genro, foi-lhe perguntando: - Então, isto é cousa que se faça? Desaparecer no dia do casamento? Mas o camaradinha foi se desculpando logo assim: - Não me foi impossível vir casar. Estive com a “hespanhola” e até hoje... (Tosse): Eh! Eh! Eh! (Bis). Tusso toda noite, etc. (O TICO-TICO, 01.01.1919, p. 16).

Os temas corriqueiros da vida diária foram retratados aqui sob a escusa para não cumprir uma promessa e a fuga do casamento. Tudo debitado na conta da “hespanhola”. Em cada uma das cançonetas, uma marcação de ritmo se colocou. Há uma ludicidade, em mostrar que a gripe dá subterfúgio para tudo.

III. Agora onde estão me vendo. Queria aqui vir cantar. Não esta cançonetinha. Porém outra de encantar. Mas fui também atacado, Não consegui lhe fugir; E por causa da “hespanhola”. Vivo a espirrar e a tossir. (Fala): Não pensem que é pretexto, não, senhores. Vinha cantar uma bela canção mas a grippe atacou-me a garganta e desde então... (Tosse): Eh! Eh! Eh! (Bis). Tusso toda a noite, etc. (O TICO-TICO, 01.01.1919, p. 16).

Não à toa, o título das cantigas era “Pretexto”. Cada uma delas apresentou um pretexto, dentro de um determinado assunto, para que seus personagens não fizessem o que lhes era esperado, uma vez que creditavam à gripe e às suas consequências deixadas como a tosse, o cansaço e a indisposição como os motivos para que não realizassem determinadas ações.

De um jeito leve e a partir de um enredo divertido, a revista não deixou de tocar no assunto da gripe, mas assim o fez a partir da brincadeira da situação, mostrando que as pessoas têm justificativas para não fazer algo e a gripe foi a razão perfeita para que elas assim continuassem a proceder.

Pode parecer contraditório mencionar a questão de se trazer a pauta da leveza e da naturalidade para se tratar de determinados assuntos, mesmo que estes sejam os mais pesados possíveis, no caso, a tragédia marcada pela “gripe espanhola”. Contudo, para além dos exemplos acima citados, específicos de um tipo de publicação, uma revista destinada ao público infanto-juvenil; um dos principais jornais de São Paulo, e aqui analisado por se caracterizar por um projeto gráfico intenso e nada “leve” para remeter as informações sobre a pandemia, apresentou a seguinte notícia:

Coisas da cidade. Bom humor. Alludindo ha dias aos que se deixam aterrorizar pela gripe, e vivem num susto permanente, com evidente prejuízo para os seus organismos, assim mais facilmente atacáveis e devastáveis pela mollestia – eu insinuava a necessidade de lhes instalarmos um pouco de bom humor, que os tornasse mais leves e despreocupados. E, nessas disposições de espírito, reclamava mesmo algumas canções e modinhas, tropando um pouco com a “hespanhola”... Os paulistas não temos, infelizmente o habito de amenizar a vida, rindo ou apenas sorrindo. Vejam, por exemplo, os cariocas, que levam a vida numa pagodeira, e são, como eles proprios reconhecem, o povo mais carnavalesco do mundo. Ainda agora, achando que o carnaval está muito longe, improvisaram um verdadeiro carnaval, com a multidão a delirar pelas ruas, e serpentinas, e o diabo – só com a notícia do armistício, que põe termo uma guerra, para a qual, effectivamente, em nada contribuimos... O paulista é mais grave e menos expansivo. E´ ,mesmo, reservado demais, de poucas graças, embezerrado e carrancudo... Ora, nem tão divertido e carnavalesco como o carioca, nem tão seco e fechado como o paulista. Afinal de contas, se a vida é na realidade uma carga pesada para todos, muito mais pesada a sentiremos se não a temperarmos com alguma alegria... Em 1889, houve em França, como em outras regiões, uma epidemia horrível de gripe, que naquele tempo ainda não se tinha naturalizado hespanhola. Só Pariz, segundo li algures, perdia, então, cerca de 3.000 pessoas por semana... Naturalmente, os parisienses receberam a devastadora epidemia com... espirituosas canções (“P”, O ESTADO DE S.PAULO, 19.11.1918, p. 5).

O texto, de 19 de novembro de 1918, estava inserido na coluna “Coisas da cidade”⁹⁶, após as notícias sobre a “espanhola”, em uma página contendo outras diversas informações sobre a cidade de São Paulo, principalmente os acontecimentos sobre os esportes. Contudo, seu teor chama a atenção. Ao final, houve uma assinatura: “P”. Foi assim a identificação do autor deste texto que pedia, para os momentos difíceis que se vivia com a pandemia, uma leveza e um humor nas relações vividas. Mas o texto foi muito além disso.

O autor fez uma comparação explícita sobre a forma de ser entre os paulistas e os cariocas, e como levam a vida com seus problemas. Enquanto os moradores de São Paulo assumem uma postura, segundo o autor, sisuda, os do Rio de Janeiro conduzem a vida com bom humor, transformando todas as ocasiões como motivo para fazer Carnaval. Para pedir mais leveza na vida, assumiu o trabalho de criar comparações estereotipadas.

O texto jornalístico também nos remeteu a outra epidemia ocorrida em 1889 em Paris, já citada neste Capítulo. O OESP foi um jornal acostumado a fazer citações a respeito deste episódio, ocorrido na França, como sendo um cenário de características similares à pandemia de 1918. Inclusive, no presente documento, houve a menção de que a doença poderia ser a mesma vista naquele período, mesmo que não estivesse, como dito, “naturalizada como ‘hespanhola’”. Ou seja, o jornal sugeria que, na Paris de 1889, a epidemia lá vista também foi de influenza. E, assim como eles, os brasileiros também deviam encará-la produzindo canções. Todas essas sugestões impressas no mesmo layout “sisudo” e conservador.

No que concerne às crônicas, encontramos cinco registros deste gênero nos seguintes impressos: *A Noite*; *Correio da Manhã*; *D. Quixote* e *A Vida Moderna*. O texto desta última revista citada foi assinado por “Gil Braz” e publicado no mês de outubro de 1918.

A obra apresentava uma enorme contradição: como festejar a paz conquistada pelo fim da Grande Guerra, se a cidade se encontrava em luto? Como celebrar novos tempos, se os que se projetavam eram muito sombrios? Isso porque o relato que a crônica nos ofereceu mostrava uma realidade sobre os sobreviventes da gripe e a grande

⁹⁶ A mesma coluna do jornal OESP que trouxe o texto da polêmica entre este impresso e o jornal *Correio Paulistano*.

maioria deles se encontrava totalmente sozinho no mundo, uma vez que havia perdido toda sua família para a peste.

A crônica de “Gil Braz” fez menção a um episódio em que uma dada senhora contou para o autor do texto um episódio de quando ela comprava laranjas de um vendedor que batia a sua porta, um pobre moço italiano, vendedor ambulante⁹⁷. Ele se contaminou com a “espanhola”, mas sobreviveu. Quando retornou para seu trabalho, a senhora afirmou não conseguir mais reconhecê-lo, devido ao quanto sua aparência havia se transformado. O jovem havia perdido toda sua família e estava sem qualquer companhia e perspectiva para continuar existindo.

A partir deste caso, o autor do texto refletiu que, pelo Brasil, a dor do luto era distinta a dos países em guerra. O seu ponto de vista mostrava as contradições de uma sociedade que via parte dos seus membros abandonados e sofrendo de uma carestia terrível.

Desta forma, as histórias das pessoas comuns passaram a compor os textos das crônicas estampadas nos jornais e nas revistas naquele momento. Se este gênero se caracteriza por falar de uma realidade cotidiana, no período de vigência da “gripe espanhola”, foram as histórias dessas gentes que ilustraram e ajudaram a compor as narrativas deste momento.

Como exemplo, pode-se citar a crônica da revista *D. Quixote*, a qual falava sobre a clara relação existente entre duas pessoas. Uma delas era Carlos Seidl e sua companhia chamava-se “a bailarina”, nome com o qual o texto foi batizado:

A bailarina. Aquillo foi fogo visto linguça. Logo que aqui desembarcou a salerosa bailarina, o Dr. Seidl se apaixonou por ella até perder a Saúde do corpo e da cidade. Levou-a a passeio por theatros, cinemas, casas de família, escolas, por logares que nem elle conhecera antes. Todos se apaixonaram pelos belos olhos della. Logo no primeiro dia, o lobo do Modesto Leal, primeira victima (o lobo) da influenza, foi á cidade á procura de um medico e encontrou balas que não podia digerir, e não eram de quinino. Verificou-se um halo no sol. Dahi o mau halito deste astro, o qual continuava a arder em febre. As nuvens, atacada de hespanhola, nesse mesmo dia abateram-se sobre as montanhas da Tijuca. Todos os artistas dum film norte-americano, ao exhibir-se a projecção, foram atacados de influenza e não puderam continuar. O quinino foi vendido pelo preço do radium. O preço da aspirina chegou até onde não pôde chegar a maior aspiração humana. Na cidade só ficou José Bonifácio a olhar desconsolado para o Parc-Royal, e o Manéco-pipi do Belmiro, o qual (o maneco) havia tomado um diuretico em tempo opportuno. Nas redacções, atéas tesouras

⁹⁷ A Vida Moderna, 26.10.1918, p. 7.

foram atacados e alguns redactores, apesar de terem misturado a gomme arabica com o quinino, não escaparam á sanha da bailarina. Só escapou uma lagrima pela morte do meu papagaio, que não havia molestia que o matasse (D. QUIXOTE, 23.10.1918, p. 15).

Assinada por “Yantock”, o texto transcrito fez uma síntese dos acontecimentos da pandemia após a proliferação da influenza que, pela maneira veloz e rápida com que se disseminava pelo povo, parecendo dançar por entre as pessoas. Por isto que um dos nomes pelo qual ficou conhecida foi “bailarina”. A cena que o autor nos propôs foi, justamente, um enlace entre o Diretor de Saúde pública do país, Dr. Carlos Seidl e a “bailarina”, ou seja, a própria influenza, fazendo piadas e ironias com os aparelhos da cidade.

De maneira assertiva e muito criativa, a crônica foi mais um instrumento da crítica contumaz que Seidl recebeu por seu trabalho à frente da Diretoria Geral de Saúde Pública durante a pandemia de 1918. No texto em questão, todos os elementos sociais que sofreram profundas modificações em suas estruturas ou em suas realidades foram citados: os teatros, os cinemas, as casas de família e as escolas que foram fechadas. Foram descritos os sintomas de uma pessoa contaminada: o mau hálito e a febre; o aumento do preço do quinino e da aspirina; o contágio que não permitiu com que os atores de um filme o gravassem e, por fim, a situação nas redações dos jornais, que não tinham mais redatores para trabalhar, mesmo que estes, segundo o texto, tenham feito algo que se tornou comum naquela época: preparar remédios para se livrar do mal que se espalhava.

Por fim, analisa-se uma crônica que refletiu sobre a atuação da imprensa durante os dias de proliferação do contágio. Seu título foi “Ella...”. Assinada pelo nome de “João Qualquer”. O começo do material já mostra o seu objetivo: “não é justo que a chronica escapa da hespanhola quando o próprio chronista não conseguiu escapar-lhe”⁹⁸. Nesta condição de contaminado, o autor refletiu sobre como a imprensa cumpriu um papel mais de desinformar do que de acalmar as pessoas, a partir do momento em que noticiou erroneamente que a doença se fazia uma moléstia benigna, ao mesmo tempo em que diminuía, drasticamente, a quantidade de páginas de suas publicações. Sinal de que as coisas não iam tão bem assim, uma vez que não conseguia, inclusive, ter seus jornalistas para produzir as notícias.

⁹⁸ D. Quixote, 23.10.1918, p. 5.

Diante de um cenário que mostrava uma crise social intensa, a crônica implorou para que o tempo fosse aquele capaz de normalizar todas as relações existentes. Por fim, criticou o fato de que, mesmo com tantas mortes e com um cenário tão desafiador, a cidade do Rio de Janeiro tinha recebido, “com toda solemnidade, um pomposo e notável Congresso Medico Sul Americano”⁹⁹. Foi um momento em que os considerados e nomeados sábios, pelo jornal, estiveram presentes na cidade para entrar em contato com, as surpresas que a cidade lhes havia preparado, de forma tão gentil, quando, na verdade, a única coisa que o Rio de Janeiro tinha condições de ensinar, naquele momento, era a facilidade e a rapidez com que conseguia propagar uma epidemia.

Foi assim que, a partir dos exemplos analisados, constatamos como as crônicas foram capazes de revelar as mesmas mazelas sociais e as dificuldades enfrentadas pelos cidadãos, algo que as reportagens não cansavam de apresentar diante da proliferação desmedida da gripe. Além da mensagem que seu texto proporcionava, a página em que uma crônica era publicada podia conter outros elementos que ajudavam a compor o tema abordado, mas também permite ver algumas peculiaridades da cultura em questão, como a recorrente mania de fazer paralelos entre os negros e pobres com a doença e o hábito de fazer piada com as desgraças.

Figura 16 – A gripe espanhola nas relações sociais



Fonte: D.Quixote, 23.10.1918, p. 15.

⁹⁹ D.Quixote, 23.10.1918, p. 5.

O texto “A bailarina” estava acompanhado por uma ilustração (Figura 16), no mesmo espaço em que estava publicada. O jogo de palavras entre “influência” e “influenza” evidenciou uma situação presente nas configurações sociais daquela época: a pandemia havia modificado algumas formas de relações existentes. O diálogo da ilustração nos trouxe a seguinte ideia: “- Já sabe que a Finota está noiva de um partido? – Não! – É farmacêutico, e chama-se Limoeiro. - !!!...”. O senhor que aparenta falar sobre o casal que passou, no segundo plano da imagem, não mediu palavras ao dizer que a “Finota” encontrou um excelente companheiro.

Ao revelar o nome e a função desta pessoa, vemos o fino traço de humor e crítica presente neste desenho. Como farmacêutico, era evidente que a personagem estaria muito bem relacionada, uma vez que aquela era a profissão era mais valorizada do momento, pelo elo de segurança contra a pandemia. Quanto a seu nome ser “Limoeiro”, mais um indicativo de que, na verdade, “Finota” se encontrava de braços dados com a proteção contra a influenza, uma vez que este nome nos remete ao limão, insumo que, como já visto, foi muito utilizado nos remédios e nas composições para se tentar a cura para a “espanhola”.

Não podemos esquecer que esta ilustração se correlacionava com a crônica “A bailarina”, publicada no mesmo espaço da revista *D. Quixote* de 23 de outubro de 1918. Naquele texto, o autor sugere o relacionamento de Dr. Carlos Seidl em um relacionamento com uma “bailarina”, alusão feita à influenza. Deste modo, temos a ideia de encontros e relacionamentos que mostram os flertes entre a doença e sua cura, entre medos e salvagens.

Sozinhas ou atreladas a um texto, as ilustrações e os desenhos também fizeram parte do arcabouço textual que desenvolveu a temática da “gripe espanhola”. Nove destes documentos foram contabilizados e publicados nas revistas *Tico-tico*; *O Malho*; *D.Quixote* e *Eu sei tudo*.

Consoante situado por Brum (2021, p. 183): “O interesse nos temas da guerra e da espanhola não acontecia por mero interesse lúgubre do meio editorial: existe um papel político importante no desenho de imprensa da primeira República: era um espaço de discussão política e intelectual”. Brum (2021) mostra a perspectiva de como os desenhos, as ilustrações e as charges publicadas pela imprensa cumpriram, também, o papel de informar o público leitor dos acontecimentos que marcavam aquele período. Como dito pelo autor, ao remontar os temas da guerra, as ilustrações cumpriram um

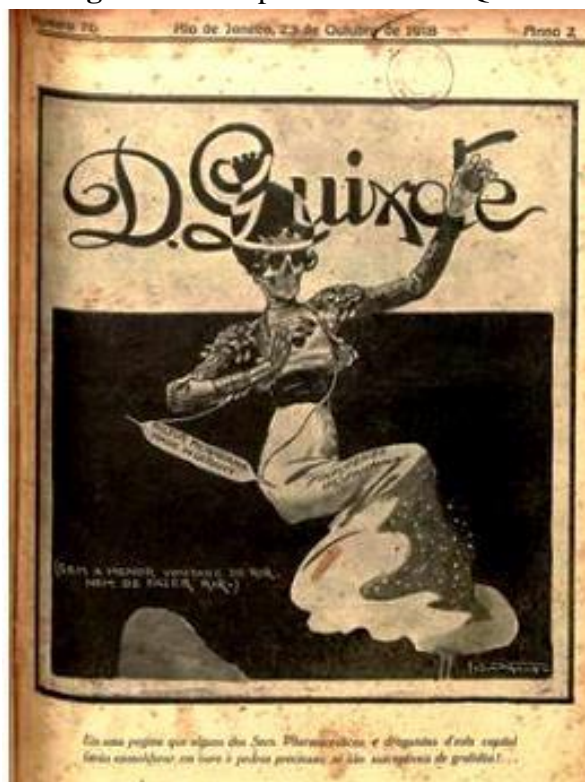
relevante papel social, pois propiciaram um espaço de debate político e intelectual. Conforme também elucidou Luca (2008):

O advento da ilustração foi essencial para o impulso e a diversificação do impresso periódico, ainda mais em um país onde o rarefeito público leitor, que incluía um modesto contingente feminino, avançava lentamente (LUCA, 2008, p. 134).

Assim, vemos que as imagens e as ilustrações serviram como eixo propulsor para a veiculação dos impressos na sociedade, bem como a sua propagação entre os públicos-leitores. No caso específico da pandemia de influenza, as charges e os desenhos detinham uma tarefa árdua dada à delicadeza do assunto a que se propunha registrar. A temática da gripe envolvia morte, crise social e de saúde pública, carestia, entre muitos outros eixos pelos quais as ilustrações representaram uma sociedade que se desorganizou diante da proliferação de uma doença.

Se muitas vezes poderia não ser fácil compreender o teor das notícias, inclusive aquelas que apresentavam possíveis explicações científicas para o que ocorria, um desenho e uma ilustração poderia cumprir o papel de ser um agente comunicador mais rápido e de fácil transmissão da informação para o grande público.

Figura 17 – Capa da revista D. Quixote



Fonte: D. Quixote, 23.10.1918, p. 1.

Certamente, uma das imagens mais emblemáticas foi postada pela na capa da *D. Quixote*, datada de 23 de outubro de 1918 (Figura 17). Ocupando a página principal inteira, a composição artística foi construída da seguinte maneira: a figura de um esqueleto vestindo roupas de mulher tomou conta de toda a capa da revista. Ela representava a “gripe espanhola”. Sabemos disso, pois podemos reparar que, na perna da personagem, há um escrito que diz: “influenza hespanhola”. No outro lado, como que no quadril desta senhora, há algo que remete a uma pipeta de laboratório com os seguintes dizeres: “kultur microbiana made in germany”, cuja tradução pode ser feita como “cultura microbiana feita na Alemanha”.

Abaixo da imagem, há uma frase que transcrevemos, posto que pode ser mote necessário para se entender a mensagem transmitida por esse material. Estava escrito: “Eis uma pagina que alguns dos Snrs. Pharmaceuticos e droguistas d’esta capital farão emmoldurar em ouro ou pedras preciosas, se são susceptíveis de gratidão!...”¹⁰⁰.

A imagem retratada foi a de uma mulher cujos trajes e a posição em que se encontrava faziam menção à representação de uma espanhola. Vemos isso por outros elementos apresentados: o chapéu utilizado, as ombreiras e a posição dos braços e das mãos. Um deles está em direção ao peito. O outro, levantado e parece segurar a letra “t” do título da revista. As mãos estão posicionadas de tal forma que denotavam se movimentar, talvez com movimentos em alusão às danças espanholas. Fato é que a imagem não é de uma mulher viva, mas morta-viva. Ou seja, ali se encontrava a representação da morte, plenamente identificada como a “influenza hespanhola”.

A cena, ao retratar a pipeta de laboratório com a frase em alemão, fez uma associação da *kultur* germânica à cultura dos micróbios realizada por cientistas. Neste ponto, conforme salientou Brum (2021, p. 187), a ideia que se queria passar era a de que uma nova ameaça microscópica poderia ter sido fabricada em laboratório para ser utilizada como uma provável arma de guerra. O mesmo autor pontuou ter havido, no período da pandemia, uma associação entre a doença e os alemães, como uma forma de desmoralizar um inimigo de guerra. A questão também aponta ao embate entre civilização e cultura, como forma de manifesto anti-germânico.

Na capa da revista, junto a esta frase, existia outra localizada na base de página. Ela dava o tom assumido por aquela edição da revista. Entre parênteses, encontrava-se escrito: “sem a menor vontade de rir, nem de fazer rir”. Naquela edição, a mensagem

¹⁰⁰ D. Quixote, 23.10.1918, p. 1.

passada, desde a capa, é que a revista estava focada em trazer as informações sobre a doença no Rio de Janeiro. Portanto, naquele momento, a linha editorial da revista era alterava, uma vez que não se fazia pertinente a descontração em meio a tanta tragédia.

Já a segunda ilustração que a *D. Quixote* apresentou tratou de outra problemática enfrentada pelas cidades: o número crescente de mortes provocava um aumento significativo nos enterros. Sendo assim, o desenho mostrava três coveiros discutindo a respeito de uma greve de sua categoria. Contudo ambos estavam com as pás nas mãos e não perceberam que eles próprios já estavam enterrados¹⁰¹, uma cena que pode remeter ao fato de, dado o volume considerável de mortos existentes, estes eram enterrados por quaisquer pessoas, uma vez que, como já visto, os caixões se espalhavam, em pilhas, pela cidade. Então, com ou sem coveiros, a situação era tão crítica que os próprios coveiros foram desconsiderados em sua função e da greve que tentaram fazer.

Portanto, pelos três exemplos fornecidos pela revista *D. Quixote*, observamos que as imagens cumpriram um papel de ilustrar criticamente a situação de caos e desorganização social promovida pela pandemia de influenza. Os traçados utilizados pretendiam trazer uma representação para a doença que vitimava a tantos e provocava muitos transtornos pelas cidades.

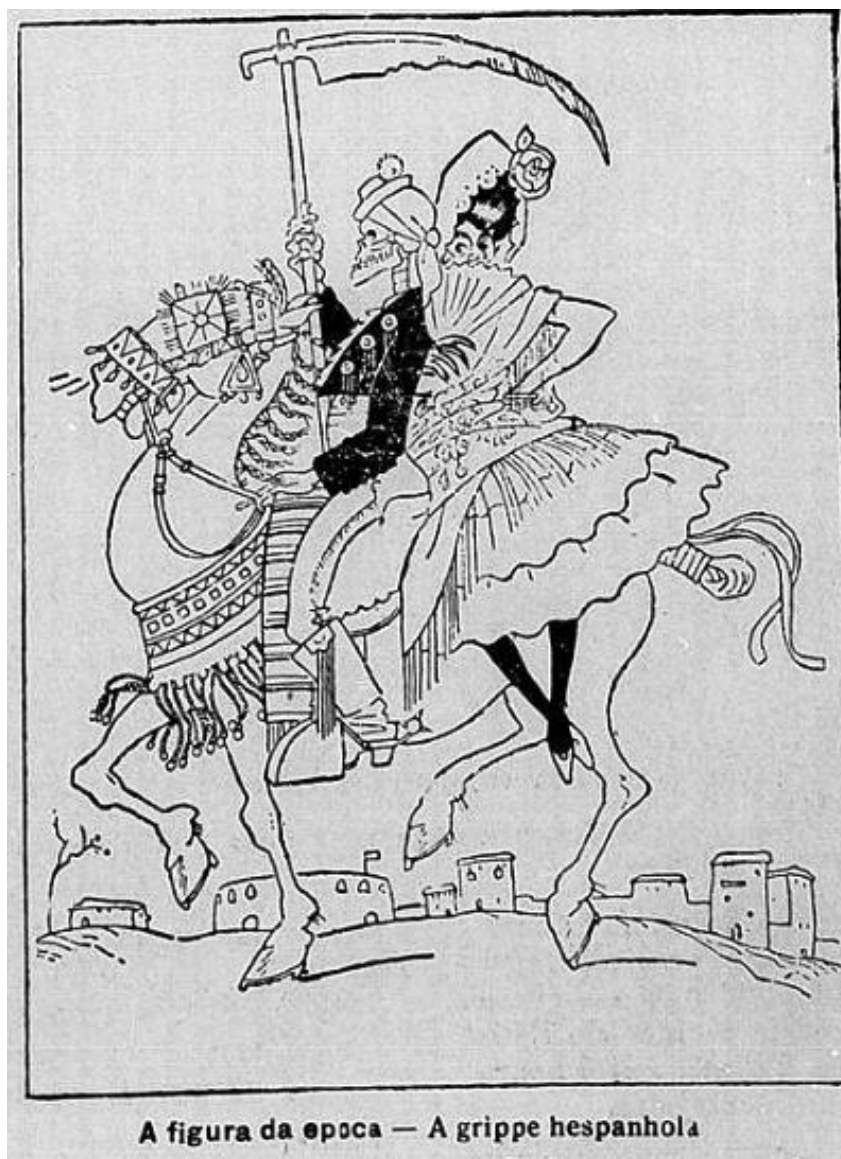
Novamente, pela Figura 18, vemos a representação da gripe da forma como as notícias dos jornais e das revistas popularmente a trataram: como “espanhola”. Assim, os trajes do cavalo e da mulher nos remetem às roupas típicas daquele país. Há franjas, bordados e a mulher tem a mão colocada na cintura. Seu cabelo está amarrado como que em um coque e, no capuz que a envolve, existe uma flor, típico adereço usado por estas mulheres. Junta-se a este perfil a presença de um leque, que tampa o rosto da mulher – a imagem envolve um mistério e uma envolvência ao olhar, característicos dos adornos espanhóis.

Quem se encontra à frente na montaria do cavalo é, novamente, a figura de um esqueleto, segurando uma foice. A representação da morte. Com isso, na união da morte com a mulher trajada como uma espanhola, temos a associação pejorativa que representou, com aquela cena, a chamada “gripe espanhola”. Ainda mais pelo fato de que, ao fundo, vemos a imagem de uma cidade. A gripe não cavalgava sozinha, mas percorria os caminhos pelos quais poderia fazer suas vítimas, neste caso, o Rio de Janeiro.

¹⁰¹ *D. Quixote*, 23.10.1918, p. 20.

Variando entre os traços e as formas como a influenza foi apresentada, na ilustração feita pela O Malho sobre a gripe, anos depois, em 1923, observamos que a caveira, representativa da morte, não veio mais em um cavalo espanhol, mas em um carro pilotado na direção de uma pessoa parada bem em frente a ele . A legenda da imagem fazia uma menção pejorativa ao fato de que ainda poderiam existir pessoas que considerassem a não existência da “gripe espanhola”.

Figura 18 – Mais uma representação da “espanhola”



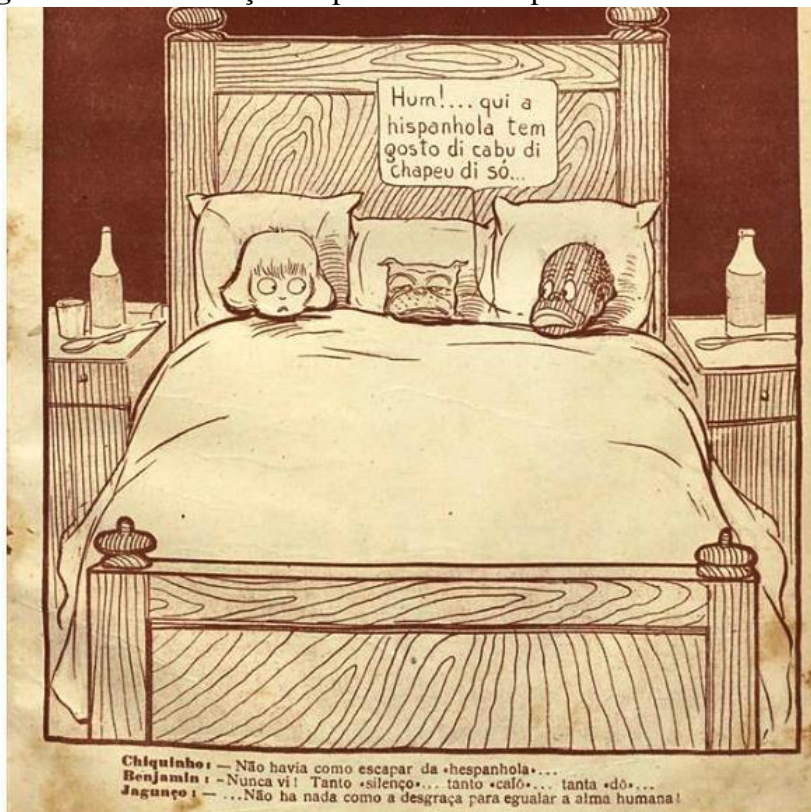
Fonte: Eu sei tudo: Magazine Mensal Ilustrado, 1918, p. 140.

Ao retratá-la como uma caveira em cima de um automóvel, cuja extensa capa vestida parecia balançar ao vento, como se o veículo estivesse em alta velocidade, temos a representação de que ela não apenas existiu como matou a muitos velozmente.

Como último exemplo da presença das ilustrações criadas para retratar a pandemia de 1918, analisamos como cabe à orientação das crianças, uma ilustração. Na Figura 19, observamos que, na cama, encontram-se três personagens. Dois deles estão com os olhos arregalados e se voltam para um cachorro mal traçado. O importante está no conteúdo do balão de conversa. Nele, lemos a frase do garoto afirmando que a “espanhola” teria gosto de um cabo de chapéu de sol, ou seja, que não seria nada agradável se contaminar pela influenza.

Acima das duas cabeceiras, em cada lado da cama, vemos a imagem de um xarope e uma colher, o que nos indica que a fala de um dos personagens relacionava o referido gosto da “espanhola” ao remédio que a eles, certamente, já devia ter sido administrado, indicativo de que já estivessem contaminados. Ao final desta imagem, foram publicadas três frases que versavam sobre a inevitabilidade de se contaminar com a gripe e de que, dado um cenário de bastante dor e silêncio, a desgraça humana é a única capaz de igualar todas as pessoas em uma mesma condição quando a ela se apresenta. Por fim, o cenário indica às crianças que a doença acabou por unificar as diferenças.

Figura 19 – A ilustração da pandemia na capa de uma revista infantil



Fonte: O Tico-tico, 23.10.1918, p. 1.

A composição do cenário contendo a ilustração de dois remédios, unindo à expressão do rosto das crianças que formaram a cena, permite à revista passar a mensagem de que, também entre as crianças, existia o temor de se contaminar e de que, uma vez doente, isso não seria algo benéfico. Ao exibir duas crianças deitadas em uma cama e falando sobre o assunto, indicando estarem em tratamento contra a gripe, a revista encontrou uma forma de ilustrar para as crianças as consequências de se contaminar com a influenza, unificando um menino branco de fala correta, um negro, com expressões conotativas, e um cão.

A partir da diversidade de gêneros textuais, observa-se que diversos recursos foram empregados para que a pandemia se transformasse em assunto. Além das crônicas, charges e cantigas, a pesquisa também identificou a publicação de um conto sobre a gripe e de um poema.

Novamente na revista *O Tico-Tico*, a seção se chamava “As lições de Vovô” e nela há um conto que se constrói a partir da visão de um avô para seus netos sobre a situação da pandemia:

Meus netinhos: De toda parte recebo cartas com perguntas e outras indagações sobre a “influenza hespanhola”, este flagelo tremendo, que acaba de victimar o Rio de Janeiro e invadiu quase todos os pontos do nosso caro Brasil, produzindo grande numero de mortes. Não posso, portanto, fugir ao assumpto, embora contrariado, porque elle não vos póde ser agradável. Entretanto, não deixa de ter utilidade a minha palestra sobre o caso, principalmente para os meninos residentes nos logares que ainda podem ser attingidos pelo grande mal. Quase todos os meus correspondentes querem saber de onde veiu essa terrível epidemia e porque se chama “influenza hespanhola”; e alguns ainda perguntaram de que modo ella penetrou no Brasil. Não posso responder a cada uma dessas perguntas e vou dar a minha opinião pessoal sobre o assumpto, na qual vocês e os meus correspondentes encontrarão elementos suficientes para formarem um juízo passavel. Não há duvida de que se trata de um mal extraordinário, fóra do commum, para não dizer desconhecido. A causa, portanto, deve ser da mesma especie. Para mim essa causa é a grande guerra. E´ o envenenamento do ar atmosférico pela grande e nunca vista agglomeração de homens em logares sem nenhuns recursos hygienicos; pelas emanações de cadaveres de insepultos durante muito tempo e numa quantidade como nunca houve igual; pela projecção constante de gazes mortíferos de todas as espécies, como recurso de guerra. Esse envenenamento do ar, com as violentas oscilações de temperatura, explica perfeitamente, a meu ver, a existencia de uma “grippe” infecciosa, que quase sempre começa por indícios de constipação, mas que tem uma virulencia fóra do commum, devido á

natureza também virulenta do novo microbio desse “morbus” grippal. Dirão vocês meus netinhos: - Mas, nesse caso as primeiras vítimas deviam ser os milhões de combatentes. Não nego que essa observação é lógica, mas observo em primeiro lugar, que milhares de combatentes tem sido vítimas dessa peste, que vem a ser uma modalidade do chamado “mal das trincheiras” (O TICO-TICO, 30.10.1918, p. 7).

É interessante aferir no texto que o vovô da história se refere a seus netinhos no plural. A história, que contém sua observação pessoal sobre um acontecimento, não está sendo dirigida apenas para uma única pessoa, mas para “seus netinhos” – os leitores da revista –, direcionamento realizado ao longo de toda reflexão.

Afirmando se tratar de uma observação pessoal, o autor do texto faz uma consideração que coloca a Grande Guerra como a responsável pela pandemia, inclusive resgatando um dos nomes para a qual a influenza ficou conhecida à época: “mal das trincheiras”. Diz que já há avanços demais em que está contida toda uma série de práticas que envenenam o ar e que, talvez por lógica, sejam os agentes responsáveis pela doença. Também indica a existência de micróbios, colocando no imaginário das crianças o aparato bélico e científico daquele tempo. Portanto, ao assim proceder, não se pode fazer uma leitura ingênua e desprovida da intencionalidade política que este texto carregou, visto que, ao dirigir aos combates o motivo do surgimento desta doença, assumiu-se, claramente, um posicionamento de que existiam culpados para esta situação. Seriam aqueles que teriam iniciado o conflito internacional.

Na sequência da história, o personagem “vovô” ainda afirmou que os primeiros contaminados existentes foram observados entre os prisioneiros de guerra em território espanhol, motivo pelo qual a influenza ficou conhecida popularmente como “gripe espanhola”. Além disso, ele explicou a chegada da doença ao Brasil devido a correntes de ar frio que abaixaram a temperatura provocando um choque térmico violento nos corpos das pessoas, constipando-as. Por fim, o “vovô”, que se pressupõe uma pessoa mais velha e com sabedoria, não deixou de apresentar “o meio de curar a ‘gripe hespanhola’ com receitas que podem ser aviadas em qualquer pharmacia”¹⁰². Na sequência do texto, foram apresentadas três receitas envolvendo água destilada e compostos químicos, tais como sulfato de sódio, bicarbonato de sódio e acetato de amônia.

¹⁰² O Tico-tico, 30.10.1918, p. 7.

A íntegra deste conto, publicado ao final do mês de outubro de 1918 – auge das contaminações pela gripe –, conseguiu produzir uma síntese eficaz de vários pontos que aqui apresentados. Há o movimento existente de se encontrar as razões para o surgimento da doença, aqui associada à Primeira Guerra Mundial. Depois, há explicações sobre a sua nomenclatura, “gripe espanhola” e quais foram às razões que a conduziram ao Brasil. Indica, implicitamente, pessoas procurando remédios e compostos caseiros, mas que o correto seria ministrar remédios de farmácia.

A imagem de um avô, muitas vezes vinculada à sabedoria de uma vida já muito vivida, é forte na associação de que ele poderia ser o detentor de informações e conhecimentos que ajudariam no tratamento e na erradicação da doença. Não à toa, mesmo em um periódico destinado às crianças, documentaram-se receitas para que fossem preparados remédios supostamente eficazes no tratamento contra a gripe, indicando mais uma sugestão aos pais das crianças.

Do aumento no número de mortes, passando pelas explicações para o surgimento da doença às triviais desculpas que as pessoas passaram a utilizar para faltar aos compromissos sociais diante da influenza, os assuntos cotidianos passaram a ser contados diante do impacto que a pandemia trouxe para a rotina das cidades. Não foi diferente no único poema identificado. Isso para tratar sobre a volta do Carnaval que, enfim, podia ser celebrado, sem qualquer moléstia à espreita, em 1920: “Que importa a gripe hespanhola. E ôtras peste que vié. Se o carnává que tá ahi. Faiz cóscas nosso pé, Botano o povo na rua, Misturano lé com cré. Tornano locos varrido. Home, mínimo e muié”¹⁰³.

Assinado por “Joaquim da Silva Garvão”, o texto intitulado “De zoio aberto” versou sobre a alegria e o preparo do povo para poder brincar a festa carnavalesca quando se vislumbrava a possibilidade de finalização do período crítico. Naquele momento, o autor deixava claro que nem a “gripe espanhola”, nem qualquer tipo de peste seria capaz de tirar o povo da rua, dada a vontade de festejar. Uma celebração que, acima de tudo, fazia menção à volta da normalidade nas cidades, tão abaladas pela mudança abrupta, de sua organização, causada pela pandemia.

¹⁰³ D. Quixote, 11.02.1920, p. 10.

1.5 Os jornais e as alterações que a pandemia causou nos lazeres urbanos

Não foi apenas o Carnaval que viu a organização de seus festejos comprometida em virtude da gripe. Naquela época, os campeonatos de futebol já eram uma realidade de entretenimento em São Paulo. No entanto, as medidas de profilaxia e contenção que foram tomadas pelas autoridades sanitárias também afetaram os campeonatos organizados.

Na segunda quinzena de outubro de 1918, os relatos noticiados foram de que, quando deveria começar os jogos dos clubes filiados à Associação Paulista de Sports Atléticos, compareceu uma autoridade em cada campo para suspender as partidas esportivas¹⁰⁴. O grande questionamento feito, naquele momento, dizia respeito à organização destas partidas esportivas pelos clubes e entidades competentes. Segundo eles, toda a imprensa, ao longo daquele período, continuava a noticiar que as partidas de futebol iriam acontecer e nenhuma autoridade pública se antecipou em notificá-los sobre a suspensão dos jogos.

O que se percebeu, segundo as declarações feitas pelos responsáveis dos times de futebol aos jornais, é que houve um questionamento desta medida, uma vez que eles compararam a validade desta ação aos cinemas e teatros, já que, segundo eles, estes continuavam em funcionamento, recebendo muitas pessoas e em locais totalmente fechados e abafados¹⁰⁵.

Não apenas em São Paulo, mas também na cidade do Rio de Janeiro, houve a suspensão de campeonatos de futebol. Em dezembro de 1918, foram reportados à Confederação Brasileira de Desportos os acordos financeiros estabelecidos entre os representantes da Confederação e os jogadores, seja em São Paulo ou na capital federal, valores que se referiam ao período de treinamento dos jogadores para os campeonatos. Só que a pandemia fez com que tais atividades fossem suspensas, segundo a reportagem, por um mês¹⁰⁶.

Ao publicar tais quantias e as movimentações financeiras feitas, houve a divulgação de quanto o futebol foi rentável durante um momento em que os jogadores e os clubes se viram impossibilitados ao exercício de suas atividades. De acordo com a publicação do OESP, os dirigentes dos clubes foram os que mais chamaram à atenção

¹⁰⁴ O Estado de S. Paulo, 21.10.1918, p. 5.

¹⁰⁵ O Estado de S. Paulo, 21.10.1918, p. 5.

¹⁰⁶ Jornal do Commercio – Edição da Tarde, 01.03.1919, p. 6.

para os prejuízos financeiros que as medidas de contenção impuseram a seus clubes, uma vez que as partidas de futebol estavam suspensas¹⁰⁷.

Apenas em dezembro de 1918 se encontrou registro do retorno das partidas de futebol. A revista *A Vida Moderna* registrou a alegria por tal retorno: “Todavia, a notícia da reabertura da temporada de 1918 virá, por certo, encher de jubilo os numerosos aficionados do salutar sport, privados ha tempo do seu passatempo favorito”¹⁰⁸. Foi assim que a revista fez uma bonita matéria sobre o retorno do campeonato paulista, desejando que as torcidas já estivessem com a garganta preparada para, naquele domingo em que o campeonato seria retomado, festejarem tal conquista¹⁰⁹.

A referida matéria também fez uma expressiva homenagem para o diretor esportivo do Palmeiras, Sr. Octavio Egydio, uma das vítimas da pandemia. A doença vitimou o diretor do clube e chegou a contaminar todo o time. Isso às vésperas do retorno do campeonato paulista, justamente quando a notícia informava o Palmeiras como o líder do torneio até antes de sua suspensão¹¹⁰.

Contudo, além de noticiar as suspensões dos campeonatos existentes naquele período e a conseqüente manifestação dos dirigentes esportivos a respeito desta medida, os jornais e as revistas fizeram mais e publicaram as informações sobre o protagonismo que os dois principais times de São Paulo conquistaram.

Mesmo tendo perdido seu diretor esportivo e com a equipe contaminada, um dos hospitais provisórios orientados pelos jornais para que a população frequentasse era, justamente, na sede do Palestra Itália. O hospital provisório erguido no Palestra foi um dos protagonistas do combate à pandemia. Todos os dias, os veículos de comunicação que traziam as informações sobre a capacidade máxima de cada um destes locais de pronto atendimento faziam menção à capacidade alcançada no Palestra.

No discurso da sessão de encerramento das atividades deste local, ocorrido no dia 07 de dezembro de 1918, na presença de várias autoridades, temos a dimensão dos serviços prestados pelo clube, por meio das palavras proferidas por um de seus diretores, o Sr. Valentim Sola:

¹⁰⁷ O Estado de S. Paulo, 21.10.1918, p. 5.

¹⁰⁸ A Vida Moderna, 12.12.1918, p. 18.

¹⁰⁹ A Vida Moderna, 12.12.1918, p. 18.

¹¹⁰ A Vida Moderna, 12.12.1918, p. 18.

Chamados pela directoria do “Palestra Italia” para assumir a direcção do posto de socorro e hospitalar, creado para dar combate á pandemia da gripe, que ameaçava invadir esta capital, não duvidamos um só instante em aceitar esta árdua tarefa, superior ás nossas forças, como toda a boa vontade, pondo os nossos serviços profissionais á disposição da Cruz Vermelha, afim de socorrer os pobre, não somente, mas collocando-nos tambem, desta forma, como bons soldados, nesta cruzada contra o mal, ao lado da Directoria do Serviço Sanitario, que tão bem soube, com maior presteza e melhor critério, organizar este serviço, conseguindo, em menos de um mez, debellar a pandemia, que ameaçava paralyzar por muito tempo a vida desta laboriosa população (CORREIO PAULISTANO, 07.12.1918, p. 3).

As palavras do diretor Valentim Sola revelam um cenário de disposição para assumir a assistência aos mais convalescentes, em parceria com a Cruz Vermelha, para a organização e efetivação do hospital do Palestra. Além disso, o seu discurso mostra, mais uma vez, o uso de expressões bélicas para aplacar a doença e as suas formas de erradicação: “soldados” e “cruzada contra o mal”, indicando a ação em nome dos pobres.

A sequência de sua declaração sinaliza as formas de tratamento que foram utilizadas no combate à doença:

Na gripe pneumônica fizemos largo uso de digitais ou derivados, ventosas secas e sarjadas, cataplasmas quentes, vaccina e soro antipneumococcico e, uso de óleo camphorado em altas doses, tanto que nos faz merecer o título de bebedores de óleo camphorado, segundo diz o pessoal da pharmacia Santos. Bons resultados obtivemos do sôro caprino em paccos quentes geraes e salassos na gripe com complicações renaes: na gripe com localizações meníngeas obtivemos em um caso resultado esplendido com applicação da vaccina e soro anti-meningcoccico (CORREIO PAULISTANO, 07.12.1918, p. 3).

A descrição de todas as técnicas e tratamentos executados revela o nível de conhecimento e de práticas científicas empregados pela equipe desse hospital provisório. Não houve uma descrição tão detalhada dos procedimentos clínicos utilizados em nenhum outro periódico, indicando parcelas de procedimentos da equipe médica dentro dos hospitais montados com a finalidade exclusiva de atender à alta demanda de contaminados.

Assim, por meio desta prestação de contas dos trabalhos realizados no Palestra Italia, foi possível ter contato com o grau de refinamento dos procedimentos médicos

empregados por aqueles que estavam na “linha de frente”¹¹¹ do tratamento e dos cuidados desenvolvidos durante a pandemia de “espanhola”.

A ausência de descrições de procedimentos por outra notícia ou reportagem deixa ainda mais interessante esse detalhamento, indicando o que foi possível fazer, frente às medidas profiláticas e de tratamento aos já infectados. No caso do hospital organizado no Palestra Italia, seu diretor apresentou que o local ficou marcado pela assistência prestada àqueles gripados com complicações pulmonares, renais, hepáticas e meníngeas¹¹². Como veremos adiante, no Capítulo 4, alguns hospitais provisórios, principalmente os que funcionavam nos espaços escolares, abriam suas portas para atender determinado tipo de pacientes, indicando certa logística quanto à organização dos atendimentos.

O total de mortos contabilizado por este hospital foi de 11 casos com pneumonia em detrimento de 14 que entraram e saíram plenamente reestabelecidos. Por fim, outro dado interessante e oportuno da atuação específica do Palestra diz respeito aos atendimentos domiciliares prestados pela equipe deste hospital. De acordo com a prestação de contas de seu diretor, publicada nas páginas do *Correio Paulistano*, foram realizados 3.191 chamados neste formato¹¹³.

Na página oficial do sítio eletrônico do Palmeiras, nome atual do time, existe a biografia do Sr. Valentim Sola. Nesta página digital, ele foi identificado como “Valentino Sola”. As informações veiculadas neste endereço eletrônico¹¹⁴ fazem menção ao trabalho que ele desenvolveu durante a pandemia da “espanhola” por meio da abertura do hospital provisório na sede do clube. Além disso, a biografia de Valentino Sola contextualizou a situação do clube tempos antes da divulgação das primeiras notícias sobre a pandemia de influenza.

Consta que Sola assumiu a condução do time em junho de 1918, dias após o Palestra ter abandonado o torneio paulista por, segundo o texto, “divergências com a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA)”¹¹⁵. A APEA foi uma entidade de

¹¹¹ Para também se utilizar de um termo bélico, tão presente no referido discurso.

¹¹² *Correio Paulistano*, 07.12.1918, p. 3.

¹¹³ *Correio Paulistano*, 07.12.1918, p. 3.

¹¹⁴ Sítio eletrônico do Palmeiras: <https://www.palmeiras.com.br/presidentes/valentino-sola/>. Acesso em 03.07.2023.

¹¹⁵ Fonte: <https://www.palmeiras.com.br/presidentes/valentino-sola/>. Acesso em 03.07.2023.

futebol em São Paulo, fundada em 1913, como dissidência da então Liga de Football¹¹⁶.

Diante deste rompimento, Valentino Sola teria mobilizado outros clubes que já se encontravam alijados da APEA para criar uma liga. Foi assim que surgiu a Federação Olímpica Paulista (FOP), formada pelos times: Palestra Itália, América, Americano Campos Elyseos, Touring Club Paulistano e Luzitano.

O texto de biografia de Sola fez questão de frisar que, com a saída da APEA, esperava-se que o Palestra ficaria enfraquecido. Não foi o que ocorreu e, prova disso, a mesma fonte pontuou que, no dia primeiro de setembro, ou seja, já com a pandemia de influenza em vigor em São Paulo, o Palestra Itália jogou contra a Seleção Mineira para um público de 15.000 pessoas.

A trajetória de vida do diretor do Palestra, Valentim Sola, aparece aqui com o intuito de contextualizar a situação do clube quando a pandemia de 1918 eclodiu. O time se encontrava em uma posição de destaque, ao mesmo tempo em que envolvido uma situação de conflitos e disputas de poder entre as ligas que geriam e organizavam o futebol paulista.

Isso posto, pode-se inferir intencionalidades a mais no serviço prestado pelo Palestra Itália durante a pandemia de influenza. Ao observarmos a veiculação dos resultados alcançados pelo hospital provisório, percebe-se uma divulgação que enalteceu e vangloriou os resultados obtidos com a assistência à população. De fato, a documentação mostra como o hospital atendeu e tratou de muitas pessoas.

Contudo, frente a um assistencialismo divulgado pela imprensa, ao se levar em consideração que o Sr. Valentim Sola se encontrava em um momento no qual precisava marcar território e mostrar influência, a atuação do Palestra Itália no atendimento da população pode ter servido como um canal de projeção e de destaque para o senhor presidente do clube.

Neste mesmo contexto, o jornal Correio Paulistano trouxe a notícia de que o Sport Club Corinthians Paulista também se dedicou a auxiliar a Cruz Vermelha em suas necessidades de socorro e auxílio aos atacados pela gripe.

O Corinthians, composto, como é, em sua maioria, por operários, sente-se na obrigação, isto é, mais que obrigação no cumprimento de imprescindível dever, de vir, apesar de sua insignificância valia, concorrer com o seu esforço, por intermédio da “Cruz Vermelha

¹¹⁶ Fonte: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/612505/>. Acesso em 03.07.2023.

Brasileira” desse Estado, para o allivio dos infelizes operários atacados pela terrível pandemia, que assola esta capital. Pobre por sua natureza, o Corinthians acha-se forte para sahir do seu modesto recanto e vir pelas columnas desse conceituado orgam, contando com o agasalho benigno das suas columnas, dirigir um apelo aos seus consócios e admiradores, para subscreverem a lista que abriu, como auxilio aos esforços duplamente humanitários de benemérita “Cruz Vermelha”. Mais do que nunca, o Sport Club Corinthians Paulista espera que cada sócio “cumpra o seu dever” (CORREIO PAULISTANO, 28.10.1918, p. 2).

O Corinthians, sendo um time de operários, fez-se presente na história da “gripe espanhola” a partir de uma ação concreta de seus sócios em prol dos menos favorecidos, O apelo que o clube fez, e que está documentado pela notícia, mostra que o time pede comprometimento dos sócios para, de forma concreta, entrar em uma lista de doações organizada pela Cruz Vermelha para assistir aos “infelizes operários”.

Naquele período, não foram encontradas notícias mostrando a evidente rivalidade futebolística que marcou e definiu a trajetória de Corinthians e Palmeiras. Todavia é fato que, durante o percurso da pandemia de 1918, ambos os clubes divulgaram na imprensa as ações de voluntariado que realizaram em prol da população vitimada pela gripe. Os dois clubes dividiram o protagonismo das ações caritativas em São Paulo, em um período no qual os clubes da época reorganizavam suas lideranças e suas influências nas decisões do futebol paulista, formando uma nova associação de times como foi a FOP.

No momento em que as partidas dos campeonatos foram suspensas, os donos dos times manifestaram a insatisfação sob a alegação de que outros espaços públicos da cidade se mantinham abertos, tais como os cinemas e os teatros, como já mencionado. Contudo não foi bem assim que aconteceu. Ao contrário do afirmado por eles, os demais espaços também encerraram suas atividades atendendo as normativas que haviam sido estabelecidas pelas autoridades públicas para a contenção da doença.

Os teatros, cinemas e todas as casas de diversão tiveram que parar suas atividades, visto serem lugares de aglomeração. Ao longo deste período de contingenciamento, tais medidas vigoraram de modo efetivo, tanto que, quando teve início o movimento de solicitar a reabertura destas casas, tal iniciativa foi de pronto rechaçada.

Em 19 de novembro de 1918, o Secretário do Interior, Oscar Rodrigues Alves, dirigiu-se ao Secretário de Justiça, Herculano de Freitas, com o intuito de proibir a reabertura dos teatros marcada para o dia seguinte. De acordo com suas palavras, era da

competência do Serviço Sanitário determinar quando seria possível a volta à normalidade das casas de espetáculo de acordo com as condições da saúde pública; esta solicitação foi devidamente acatada pela Secretaria de Justiça, mantendo estes locais fechados¹¹⁷.

Com a obediência a essa medida, os espetáculos foram interrompidos e todos aqueles que dependiam de sua arte para sobreviver não conseguiam mais se estabelecer. Nas páginas dos jornais, foi possível encontrar pequenas notas como a que segue citada na sequência, na qual se constata a necessidade material enfrentada por muitas pessoas quando as medidas de contenção foram tomadas:

Um artista gymnasta, chefe de numerosa família, actualmente em Tatuhy, escreve-nos dizendo que, em vista da proibição dos espectáculos com outras medidas de combate a epidemia naquella cidade, acha-se em serias dificuldades para provêr a subsistência dos seus, pelo que, por nosso intermedio, recorre á generosidade da população desta capital, solicitando quaisquer auxílios afim de fazer face á sua afflictiva situação (O ESTADO DE S.PAULO, 18.11.1918, p. 4).

Os artistas também sofreram dura interferência da pandemia de influenza na realização normal de suas atualidades, o que fez com que eles dependessem da solidariedade alheia. O jornal carioca *A Noite* noticiou a reabertura dos teatros, fazendo um esforço para justificar o ato, comparando a pandemia à guerra e indicando que, durante os combates, os teatros permanecem abertos:

Da Platéa. Voltemos á vida. Reabriram hoje, definitivamente, os theatros. Ha, porém, o receio de que, no inicio d´esta nova phase, se façam sentir os perniciosos effeitos do medo produzido pela calamidade que, numa rajada mortal, passou sobre a cidade. Calcula-se até que venham a ter diminuta frequênciã nos primeiros dias. E´ possível e justifica-se. Em noites frias, temendo recaidas, é logico um tal receio; mas, por motivos de pavôr, de trágicas visões, de perspectivas tétricas, já não ha razão de ser. Nos momentos agitados de guerra, quando a população é dizimada nos campos de batalha, os theatros funcionam como subvenções do governo precisamente para derivarem a attenção do publico, retemperando-lhe o animo. E isso, a guerra, é por culpa dos homens. Agora não é assim: e trata-se de uma desgraça cuja culpa não cabe nos mortaes e que o destino enviou e, portanto, mais uma razão para nos enformarmos com o que já lá vae, ou está prestes a ir, reencetando a vida normal (A NOITE, 03.11.1918, p. 5).

¹¹⁷ O Estado de S.Paulo, 19.11.1918, p. 3.

O título da notícia já chamava atenção para o assunto: a plateia de uma peça teatral. Mas, no caso, a única apresentação que a matéria jornalística tratava era a da própria vida que, naquele momento, encenava sinais de reação ao caos provocado pela pandemia de influenza. Assim, neste relato, há indícios de que as pessoas ainda se mostravam muito reticentes em voltar a frequentar os locais de espetáculo, temerosas de possíveis novas contaminações. Foi interessante observar a comparação que é feita para com a funcionalidade dos teatros em período de guerra: cumprem um papel de tirar a atenção do público da vida real. No caso de uma situação como a “gripe espanhola”, nem isso era possível, pois os teatros estavam fechados.

O fechamento dos teatros e das casas de espetáculo não foi apenas uma realidade da cidade de São Paulo, mas também do Rio de Janeiro. Os jornais paulistanos também noticiaram a forma como a capital do país fechou suas casas de espetáculo. Em matéria do jornal OESP foi publicada, na seção “Notas e Informações”, uma nota crítica sobre a reabertura dos teatros e dos cinemas no Rio de Janeiro, mesmo com a cidade apresentando um elevado número de óbitos. A notícia informava que ainda morriam naquela localidade, no dia 30 de outubro, 546 pessoas por dia e que, mesmo assim, esses espaços de entretenimento seriam reabertos¹¹⁸.

Constatamos que o adiamento dos campeonatos de futebol, bem como a suspensão das atividades dos cinemas e dos teatros foram ações extraordinárias e que foram noticiadas pela imprensa da época. Além delas, a vida nas cidades também se alterou diante dos feriados promulgados para que as pessoas ficassem mais tempo em casa e não circulassem pelos espaços públicos.

O título da reportagem já sentenciava: “Feriados extraordinários”. No Rio de Janeiro, os dias 19, 21 e 22 de outubro foram assim considerados, com exceção daqueles que trabalhavam nas repartições públicas ou nos serviços de saúde¹¹⁹. De forma similar aconteceu na cidade de São Paulo. Foi lançado um decreto do governo federal que estipulou os dias 26, 28, 29, 30 e 31 de outubro como feriados¹²⁰. Mas medidas como essas deixaram consequências econômicas.

Coube ao contundente jornal *O Combate (SP)* registrar uma crítica aos prejuízos causados para o comércio do café que não conseguiu desenvolver seus negócios e fazer

¹¹⁸ O Estado de S.Paulo, 30.10.1918, p. 3.

¹¹⁹ O Estado de S.Paulo, 19.10.1918, p. 4.

¹²⁰ O Estado de S.Paulo, 27.10.1918, p. 3.

seus pagamentos devido aos dias parados como feriado no estado de São Paulo como um todo. De Santos, o periódico publicou a seguinte consideração:

E os pobres operarios, os trabalhadores das Docas e milhares de outros muitos, que já têm a vida atrapalhada pela carestia, pela invasão da gripe hespanhola, e outros males, ficam ainda como que castigados com mais este colossal feriado, privando-os de seus ordenados por inteiro, de suas diarias, de seus salários! Um horror! Sobre queda, couce! Então todo esse enorme pessoal que deixa de receber seus vencimentos há de pedir esmolas, da de contar com ellas para suprir o que, estupidamente, dele retiraram com a supressão do trabalho, base de suas existências? Todo esse pessoal, diga-se um terço, que não foi atingido pela peste vai agora invadir botequins, ficar accumulado em suas residencias, e dahi propagar ainda mais o mal de Seidl?! Que desgoverno! Que falta de bom senso! Que infelicidade deste Estado (e outros) ser governado por uma olygarchia que forma entre seus membros uma cadeia que interessa só em beneficio próprio (O COMBATE (SP), 30.10.1918, p. 3).

Na defesa dos trabalhadores que não conseguiriam receber seus salários, o jornal foi enfático em pontuar que não haveria outro destino, a cada uma das pessoas que estivessem em tal situação de prejuízo, se não o de ir pedir esmolas. Além disso, o periódico também questionou o fato de que as pessoas não atingidas pela doença, não iriam se aglomerar nos bares e nas residências, propagando ainda mais a moléstia. Diante deste cenário, *O Combate (SP)* não mediu palavras para taxar as autoridades políticas como parte de um “desgoverno” no qual, segundo o impresso, o bom senso não imperava, inclusive reivindicando o retorno ao trabalho à revelia do mesmo problema que é a contaminação. Este foi mais um exemplo de como este periódico imprimiu uma marca de defesa dos assuntos que se voltavam e interessavam ao povo, defendendo seus direitos e necessidades básicas.

No fim, o grande dilema que se estabelecia estava entre fazer valer as medidas de contenção necessárias, mostradas ao longo de todo este Capítulo, e manter a economia das cidades ativa por meio do trabalho popular. Se houve a necessidade de feriados para controlar a circulação de pessoas pelos espaços de convivência, esta medida não deixou de trazer problemas, principalmente econômicos e sociais, mostrando verdadeiras contradições de uma sociedade que escancarava o seu segregacionismo de raça e de classe.

Pelo exposto, vemos que, diante de um cenário de profunda crise social e sanitária, determinados impressos, como *O Combate (SP)*, foram os interlocutores dos cidadãos em suas críticas e contestações frente às consequências da pandemia de

influenza. Desse modo, vemos que a imprensa noticiou as transformações que os espaços urbanos apresentaram para enfrentar a pandemia, situação que afetou as atividades de lazer, o futebol e os espetáculos culturais, mas não deixou de registrar as necessidades da população frente às desassistências governamentais.

Destaca-se também a reiterada necessidade de solidariedade, filantropia, amparo, assistência, esmolas e tudo aquilo que se pode fazer em meio a uma catástrofe e que não seja sob a responsabilidade de uma governança que, nitidamente, não aparece nos jornais como constituída no sentido de organização do poder, dito “público”, se pensado para todos os cidadãos. O que se vê é uma logística de fraternidades, fosse de instituições ou de grupos, para amenizar sofrimentos diversos: carestia, falta de salários, falta de medicamento, encarecimento de produtos, ausência de assistência funerária etc.

Essas temáticas compuseram as notícias daquele período e esses assuntos estamparam as páginas dos jornais e das revistas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Ao longo deste Capítulo, foi analisado como isso aconteceu materialmente nos impressos. Foram observadas as construções gráficas, as diagramações e os layouts dos jornais e como os veículos de comunicação estruturaram sua cobertura jornalística a respeito da pandemia de influenza. Constatou-se que determinadas notícias receberam mais enfoque em uma publicação em detrimento de outras, em virtude dos posicionamentos políticos e ideológicos que alicerçavam cada um dos impressos selecionados nesta pesquisa.

Uma das considerações centrais sobre a construção das notícias a respeito da “gripe espanhola” pairava sobre o desconhecimento das pessoas em relação a esse tipo de gripe. Vimos que esse ponto foi determinante para se construir a maneira e o formato que cada impresso adotou para divulgar uma situação que, além de ser uma novidade, acarretava transformação dos espaços urbanos, como até então eram entendidos, e provocava uma grave crise sanitária e econômica.

Diante de tal contexto, a verificação e a análise de como as notícias e as reportagens jornalísticas de 1918 relataram as sensações causadas nos cidadãos por um fato tão extraordinário como a pandemia de influenza, foi um empreendimento que está registrado no próximo capítulo. Nele, analisamos como os impressos representaram esta doença e quais foram os elementos textuais e linguísticos usados para a divulgação dos fatos trágicos que foram vivenciados.

2. AS REPRESENTAÇÕES DA “ESPANHOLA” NOS IMPRESSOS: AS METÁFORAS E O MEDO DO CONTÁGIO E DA MORTE

*“A notícia não é o que aconteceu no passado imediato, e sim o relato de alguém sobre o que aconteceu”
(DARNTON, 1989, p. 10).*

Ao longo da história e de seu processo evolutivo, o ser humano sempre conviveu com as mais variadas doenças e suas manifestações pandêmicas. Como pontuou Rosen (1994): “a incidência e a prevalência das enfermidades variaram muito no tempo e no espaço. Conhecer essas mudanças é essencial para a compreensão dos problemas de saúde e das teorias e práticas relativas à enfermidade, no curso da História” (ROSEN, 1994, p. 33).

A humanidade sempre lidou com vários patógenos e doenças que a acometeram. Os mecanismos que encontrou para tratar e superar essas crises foram importantes para a constituição de várias civilizações. Assim, compreende-se que a convivência humana com as doenças não deve ser entendida meramente com uma questão biológica, mas como um problema social.

Rosen (1994, p. 62), além de situar a existência das doenças como um fato observável no percurso histórico, delimitou que “a peste humana é, em essência, um problema de comunidades urbanas. Por conseguinte, não é surpreendente encontrarem-se poucos relatos de surtos, difusos, no período medieval”.

O que o autor apresenta é que o estabelecimento das pestes e das epidemias como questões específicas das cidades é produto próprio e inerente ao desenvolvimento urbano, mas também que as crises sanitárias só foram conhecidas a partir do momento em que foram registradas e divulgadas. Deve-se considerar, inclusive, que nem sempre tais situações eram imediatamente compreendidas como doenças, menos ainda percebido como algo referente à ordem social.

De acordo com Rosen (1994, p. 65), a partir dos avanços científicos e da presença do homem nas cidades, passou-se a falar sobre as doenças. Observavam-se suas manifestações, seus sintomas e se procuravam respostas para o problema. Isso significava que a existência das doenças e o aparecimento de pestes podiam ser comunicados entre as pessoas.

O trabalho empreendido por Rosen (1994) mostra como as doenças eram percebidas antes mesmo do advento da ciência moderna. Para tanto, o autor delimitou a história da saúde pública em três períodos: o pré-capitalista; o revolucionário (com o advento das revoluções industriais e científicas) e o moderno. A promoção da saúde e do bem-estar dos cidadãos é uma das atribuições dos Estados modernos. Contudo não é exagerado precisar que as epidemias sempre existiram. O próprio Rosen (1994, p. 31) elucidou isso quando mencionou existir evidências ligadas à saúde comunitária nas mais antigas civilizações.

A modificação ocorrida aconteceu quando as manifestações das doenças passaram a ganhar visibilidade, como resultantes diretos de agentes físicos, biológicos, e se fizeram conhecidas por todos, uma vez que, pelos impressos, passaram a ser comunicadas. Dentro da configuração do espaço urbano moderno, os cidadãos conseguiam recursos e mecanismos próprios para fazer circular as informações necessárias quando houvesse a manifestação de qualquer tipo de moléstia.

Conforme pontuou Cueto (1997, p. 17): “el estudio de las epidemias hay permitido analizar las bases ecológicas de la enfermedad colectiva y revelar dimensiones del tejido social que no aparecen claras en la vida cotidiana”. O que o autor nos mostra é que, a partir do momento em que surge uma doença nova e ela desestrutura as formas de organização de uma sociedade, realizar sua divulgação e o seu devido estudo é uma forma de compreender outros elementos sociais que ainda não tinham sido percebidos e trabalhados na vida cotidiana.

Assim aconteceu com o advento da pandemia de 1918, momento em que os impressos publicaram notícias a respeito do surgimento e a proliferação de uma moléstia de características novas, contando para a população os fatos sobre o contágio e colaborando para a disseminação das informações pertinentes à prevenção desta doença.

2.1 A guerra da “espanhola”

Na primeira página de um jornal paulistano, ao final do mês de outubro de 1918, lia-se a seguinte manchete, escrita por letras maiores que as demais e negritadas: “A epidemia reinante”. Na sequência, o subtítulo era: “A moléstia segue sua marcha devastadora”. A reportagem também trouxe palavras não menos duras, tais como: “terror”; “debellar o mal”; “atacadas da moléstia”¹²¹. Neste mesmo período, a frase “A

¹²¹ Gazeta do Povo, 28.10.1918, p. 1.

epidemia reinante. A moléstia segue sua marcha devastadora” se repetiu, da mesma forma e com o mesmo formato de layout, como manchetes em outras primeiras páginas da *Gazeta do Povo*¹²². Estabeleceu-se, neste impresso, uma construção textual fixa para se referir à “gripe espanhola”.

O termo “epidemia reinante” também foi encontrado em outras documentações¹²³. Na revista *Fon-fon*, em duas edições, contabilizamos um total de 11 documentos que se referiram à pandemia a partir desta construção. Já no jornal OESP, “epidemia reinante” foi utilizada três vezes, estabelecida como título fixo para uma caixa de texto que divulgava informações úteis à população da cidade diante da situação sanitária. Para conseguir um efeito de destaque em um impresso que trazia uma sequência de notícias publicadas em colunas, sem qualquer tipo de quebra em sua diagramação, foram inseridos esses boxes, na parte superior das páginas do jornal.

Em um deles, por exemplo, compartilhava-se a relação dos postos de socorros que estavam abertos para atender a população¹²⁴. Em outro, o quadro trazia os conselhos profiláticos para se evitar a contaminação pela doença¹²⁵. Na última notícia, o uso da frase “epidemia reinante” trouxe um peso significativo quando fez parte da apresentação de um gráfico, elaborado pela Associação Brasileira de Escoteiros, e que mostrava o aumento significativo de novos casos de contaminação pela gripe entre os meses de outubro e novembro, conforme ilustra Figura 20.

A publicação deste gráfico, pelo impresso, foi seguida por uma análise que o próprio OESP fez dos dados tabulados:

Acompanhando-se o traçado das curvas da epidemia reinante, verifica-se antes de mais nada a rapidez de sua marcha ascendente e, em seguida, uma queda brusca e continua, sem o planalto tão commum nas curvas das demais epidemias, mostrando que o seu declínio é tão rápido quanto a sua irrupção. Verifica-se, ainda, que o apice da curva foi atingido no Rio, em Santos e em São Paulo, no decimo quinto dia a partir das primeiras notificações. Ressalta ainda a impressão de que os cyclo epidemico não deve exceder de cinco semanas (O ESTADO DE SÃO PAULO, 15.11.1918, p. 3).

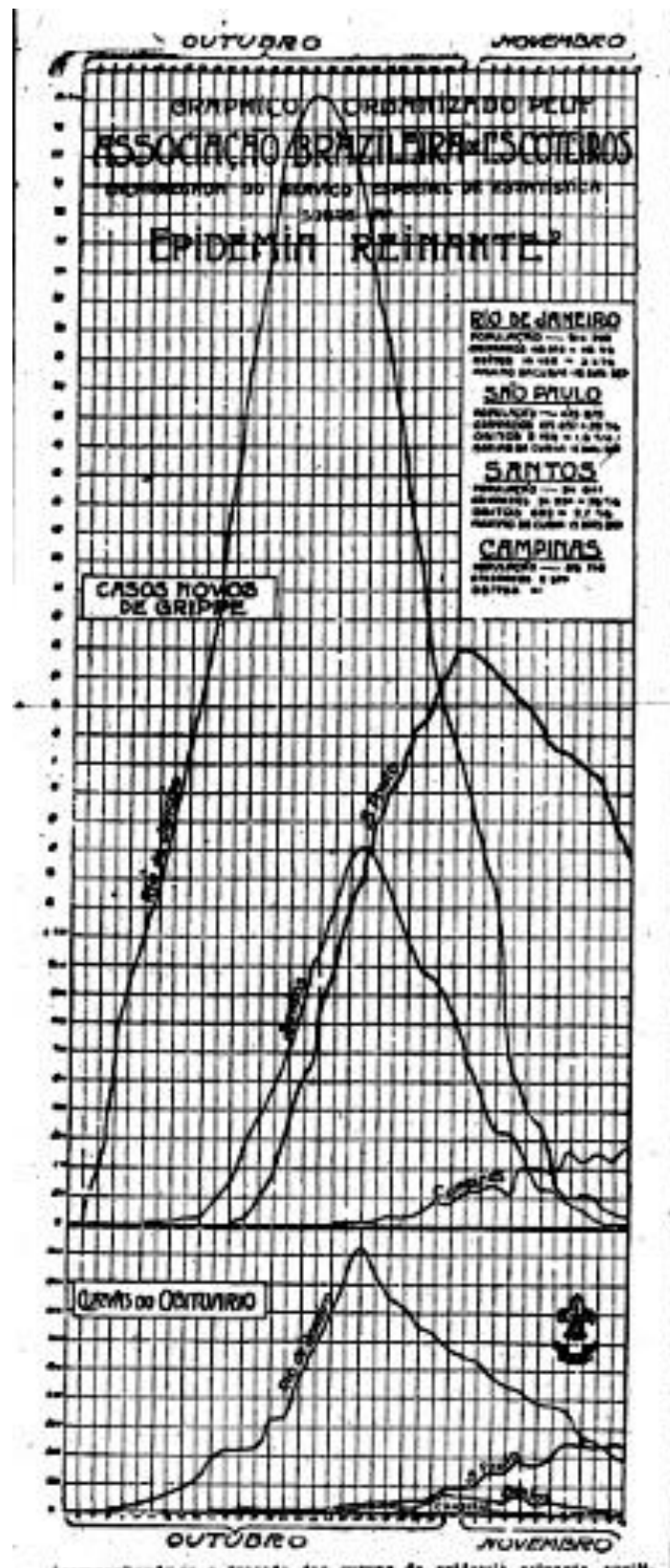
¹²² Edições da *Gazeta do Povo* de 29.10.1918 e 30.10.1918, p. 1.

¹²³ Como, por exemplo, no jornal *Correio Paulistano*, de 05.10.1918, p. 3.

¹²⁴ O Estado de S.Paulo, 29.10.1918, p. 4.

¹²⁵ O Estado de S. Paulo, 24.10.1918, p. 3.

Figura 20 – Gráfico da “epidemia reinante”



Fonte: O Estado de S. Paulo, 15.11.1918, p. 3.

O gráfico e a interpretação dada pelo jornal mostram como aconteceu, repetindo a expressão do impresso, a “marcha da epidemia reinante”: em outubro de 1918, as contaminações cresceram de maneira rápida e contínua. OESP precisou que o ápice da epidemia foi alcançado no 15º dia do início das contaminações. Contudo o “reino” da epidemia começou a cair já logo no mês seguinte. Em novembro de 1918, constatou-se pelo gráfico uma queda expressiva e contínua, indicativa de que a pandemia de influenza teve, no período de dois meses, seu maior crescimento ao mesmo tempo em que presenciou seu declínio.

O jornal OESP construiu este gráfico no começo da segunda quinzena de novembro de 1918 para apresentar um panorama de como se comportaram as contaminações durante a pandemia de influenza. Para assim proceder, o impresso mostrou quais foram as fontes utilizadas para a coleta desses dados.

Os dados referentes ao Rio de Janeiro foram extraídos da própria imprensa carioca. Já os números relativos das populações de São Paulo, Santos, Campinas e também do Rio de Janeiro foram indicados, segundo o periódico, pelos “Boletins de Estatística Demográfico-Sanitário”. Por fim, OESP precisou que os dados de saúde relativos à cidade de São Paulo foram colhidos pela Associação Brasileira dos Escoteiros que, segundo o impresso, foram os responsáveis pelo serviço especial de estatística durante a pandemia.

A utilização dos dados compilados pelos escoteiros e das notícias veiculadas pela imprensa do Rio de Janeiro conduze-nos a inferir sobre a confiabilidade dos números apresentados. O próprio OESP, na explicação publicada sobre como tais informações foram levantadas, disse que fez “um confronto das informações dos principais jornais do Rio de Janeiro”¹²⁶. Ou seja, o próprio jornal indicou a necessidade de checar, por outras fontes impressas, as informações que coletou por meio da imprensa periódica carioca.

Inferir sobre a validade dos dados veiculados pelo OESP é um movimento oportuno por dois motivos. O primeiro deles reside nas características que este impresso apresentou na cobertura jornalística a respeito da pandemia de 1918, aqui já contextualizadas. Sabemos que esta empresa de comunicação desejava se reportar a determinado público e atendia aos interesses de uma elite de poder; depois, por conta da

¹²⁶ O Estado de S.Paulo, 15.11.1918, p. 3.

composição gráfica-textual da apresentação dos dados que reforça a ideia de “reino” da epidemia e sua “marcha” triunfante. A validade de dados parece imprimir realidade às grandiloquências do então gênero jornalístico.

A escolha das palavras e das expressões utilizadas nas notícias sobre a “espanhola” revelam que os exemplos na abertura deste Capítulo não foram apenas constatações isoladas. Ao contrário. Esta pesquisa verificou que eles ilustraram uma escolha feita pelos impressos da época para se reportarem à nova doença. Diante de uma situação desconhecida e que provocava muitas mortes, passava-se a ideia de que era necessário lutar, combater, que se travava uma batalha contra forças maiores. Estes verbos foram muito utilizados nas reportagens jornalísticas.

Assim, constatou-se a partir das notícias que os termos remetentes a expressões bélicas e às guerras foram empregados de maneira frequente pelos impressos daquele período. Pode-se considerar que uma das explicações possíveis para tal uso se dá pelo acontecimento concomitante do final das batalhas da Grande Guerra com o surgimento da pandemia de 1918.

Contudo, vemos que as palavras alusivas às questões da guerra foram usadas muito mais para se referir ao agente causador da nova moléstia como um inimigo que precisava ser derrotado, mostrando as verdadeiras lutas que exigiriam sacrifícios de toda população. Um dos objetivos que se pode inferir era o de conscientizar as pessoas da gravidade da situação para que pudessem colaborar na adoção de medidas profiláticas que ajudariam a conter a contaminação descontrolada, mas, ao mesmo tempo, esta narrativa transmitia uma sensação de violência e causava temor diante da complexidade da situação pandêmica.

Portanto, por meio do uso de palavras específicas que transmitiam a ideia de que a população participava de uma verdadeira guerra sanitária, foi possível criar uma narrativa que conseguiu, além de noticiar os acontecimentos diante da proliferação da nova doença, estruturar um cenário no qual todos se sentiriam pertencentes a uma batalha para a qual precisavam se preparar para vencer.

Este artifício textual de tratar uma doença como fator de guerra, conforme nos aponta Han (2015), fez-se muito presente ao longo do século XX:

O século passado foi uma época imunológica. [...] O próprio paradigma imunológico do século passado foi integralmente dominado pelo vocabulário da guerra, por um dispositivo francamente militar. A ação imunológica é definida como ataque e defesa. Nesse dispositivo imunológico, que ultrapassou o campo biológico

adentrando no campo e em todo o âmbito social, ali foi inscrita uma cegueira: pela defesa, afasta-se tudo que é estranho. O objeto dessa defesa imunológica é a estranheza como tal (HAN, 2015, p. 7).

Assim, não se pode dizer que o uso de expressões bélicas e palavras que remetiam à guerra se deram no contexto da “gripe espanhola” apenas pela proximidade da pandemia de 1918 com o evento histórico do término da I Guerra Mundial. Evidentemente que as notícias publicadas ainda faziam muitas referências ao fim dos combates mundiais¹²⁷, mas a utilização destes termos e expressões nas notícias sobre a influenza foi uma tendência, como nos mostrou Han (2015), muito maior e que se materializou ao longo de todo século.

Para ilustrar, citamos a sentença publicada pelo jornal *A Gazeta do Povo*: “A epidemia reinante. A moléstia segue sua marcha devastadora”. O verbo escolhido para retratar a disseminação da nova doença foi específico: “marchar”. Não se noticiou que a moléstia se “propagava” ou que ela se “disseminava”. O ato de marchar nos remete a um modo de caminhar próprio de uma tropa quando se movimenta de um lado para outro. Como a manchete nos apresentou¹²⁸, o avanço da epidemia provocou devastação.

Outro exemplo que pode ser citado diz respeito ao jornal OESP. No Capítulo 1, vimos que o periódico criou uma seção fixa que trazia os assuntos da pandemia, intitulada “Notícias Diversas. A influenza hespanhola”. Logo abaixo, em seu subtítulo, vemos: “A marcha da epidemia”.¹²⁹ Desse modo, a palavra marcha foi utilizada 49 vezes pelo OESP, no período de 23 de outubro a 12 de dezembro de 1918.

A partir do uso reiterado desta palavra, vemos que o jornal teve o intuito de transmitir a mensagem de que havia uma luta a ser empreendida contra um “inimigo” a ser combatido que “marchava” sobre a cidade, sendo ele um elemento biológico e invisível. A “guerra” era sanitária. Como nos disse Brum (2021), ao exemplificar os termos que eram usados para se referir à doença:

O belicismo dos termos utilizados sempre se refere a um inimigo a ser combatido ou uma organização militarizada que nos coloca em situação de alerta constante: “atuar na linha de frente”, “combate contra o vírus”, “batalha conta a doença”, “atacar os problemas hospitalares”, “mobilizar recursos” e outros termos passaram a fazer parte do nosso cotidiano (BRUM, 2021, p. 175).

¹²⁷ Conforme já apresentado no Capítulo 1.

¹²⁸ *Gazeta do Povo*, 28.10.1918, p. 1.

¹²⁹ *O Estado de S.Paulo*, 06.11.1918, p. 3.

A prática de se referir ao causador da nova doença como um elemento a ser combatido foi utilizada nos textos produzidos pelos impressos paulistanos e cariocas na tentativa de explicar à população quem era o agente causador da moléstia que precisava ser “combatido” ou “exterminado”, sendo tratado como um inimigo causador de morte e destruição. Estabeleceu-se a imagem de que a saúde pública se encontrava em estado de guerra¹³⁰ e o uso das palavras e expressões belicosas pelas matérias jornalísticas foi um elemento importante para este feito.

Além da palavra “marcha”, outras construções foram utilizadas pelos impressos para dimensionar a pandemia, de maneira a criar uma ideia de grandeza. “A gripe hespanhola – o mal alastra-se e toma vulto”¹³¹ foi uma das manchetes circulantes e que ilustra como a doença assumiu a expressão de ser um malefício incorporado ao povo, que ganhava forma e materialidade. A utilização apenas da palavra “mal” também foi recorrente. Sem nenhum outro complemento, apenas como “mal” nos títulos das reportagens: “o mal vae-se agravando em extensão e intensidade”¹³² e, mesmo tendo passado a fase mais aguda da contaminação, em 1919 ainda foi possível verificar uma matéria cujo título foi “mais cidades visitadas pelo mal”.¹³³

As palavras e as expressões que os impressos se utilizaram para se referirem à pandemia de 1918 tentaram fazer jus às descrições de uma doença de características até então desconhecida e cujos relatos sobre seus sintomas causavam pavor e provocavam medo. Conforme registrou Kolata (2002), fazendo indicação do que acontecia ao contraí-la:

Você começava sentindo uma forte dor de cabeça. Seus olhos começavam a arder. Vinham os calafrios e você ia para cama, enrolado em cobertores. Mas não havia nem manta nem cobertor que conseguisse aquecê-lo. Você adormecia sem repousar, delirando e tendo pesadelos à medida que a febre aumentava. E quando você começava a despertar, entrando num estado de semiconsciência, seus músculos doíam e sua cabeça latejava e, de alguma maneira, ficava sabendo aos poucos que, embora seu corpo gritasse debilmente “não”, você caminhava para a morte (KOLATA, 2002, p. 14).

¹³⁰ A Rua: Semmanario Ilustrado, 18.03.1919, p. 3.

¹³¹ Edições da Gazeta do Povo de 17 e 18.10.1918, p. 1.

¹³² O Combate (SP), 31.10.1918, p. 1.

¹³³ O Combate (SP), 24.05.1919, p. 1.

O relato feito pela autora impressiona pelos detalhes e permite refletir sobre o sofrimento daqueles que foram vitimados pela pandemia do começo do século XX. Como Kolata (2002) nos descreveu, foi uma novidade a forma rápida como a doença se alastrou pelo país e os fortes sintomas que causava. A maneira como a “gripe espanhola” matava era muito impressionante. Todas essas características produziram notícias e fortes manchetes para os jornais que passaram, cada vez mais, a informar sobre a gripe, a partir da segunda metade do mês de outubro de 1918.

Justamente pelo alto poder de circulação e contaminação da “espanhola”, outra palavra passou a ser utilizada para traduzir este momento: “peste”. Ainda em setembro de 1918, o jornal anárquico *Chronica Subversiva* trazia em uma de suas páginas o título “A peste!” para se referir à situação dos trabalhadores que morriam e passavam fome na capital do país.¹³⁴ Mesmo que o uso de “peste” pudesse remeter às doenças existentes em séculos passados, como a Peste Negra, a palavra foi utilizada pelos impressos durante a pandemia de 1918 para descrever um cenário social de caos e vulnerabilidade.

A Literatura nos auxilia na averiguação de como o termo peste esteve presente no vocabulário das pessoas. Camus (1947), em *A peste*, construiu uma obra na qual vemos as personagens da cidade de Oran, nos dias dos anos 1940, descobrindo uma pandemia. A história nos conduz aos diálogos entre os médicos e os políticos daquele lugar no momento em que a pandemia ia sendo descoberta e ia se constituindo na cidade. Lemos como o narrador da obra compartilha sua descrença em relação à proliferação de uma doença, pela cidade, uma vez que ela se encontrava com a mesma rotina costumeira.

No entanto, este mesmo narrador, com o transcorrer da história, pontuou: “A palavra ‘peste’ acabava de ser pronunciada pela primeira vez. (...). E, contudo, as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas” (CAMUS, 1947, p. 40). O emprego da palavra “peste” se estabelecia como uma forma de comunicar que uma doença se espalhava e, com ela, chegavam todos os seus horrores e desordens sociais.

No que concerne à pandemia de 1918, os impressos fizeram uso da palavra “peste” para se referir às características da doença que se manifestava em Dakar, local em que a marinha brasileira foi contaminada¹³⁵ até anos depois da pandemia, em 1920,

¹³⁴ *Chronica Subversiva*, 28.09.1918, p. 36.

¹³⁵ *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, 24.10.1918, p. 3.

para afirmar que o mundo era, realmente, um lugar suscetível às doenças, dado que se verificava o retorno de focos da contaminação pela “espanhola”: “O mundo pesteadado: a ‘hespanhola’ reaparece”¹³⁶.

“A razzia da peste”¹³⁷. Esta foi uma manchete escrita em letras negritadas, no canto superior do lado esquerdo da página, abrindo a quarta coluna de notícias publicadas na primeira página do jornal *O Combate (SP)*. Foi assim que o impresso paulistano destacou, já quase no final de novembro de 1918, a situação da pandemia. A tradução de “razzia” é “ataque”. No topo de um jornal de circulação diária, o título foi taxativo na mensagem que queria transmitir: estávamos sendo “atacados” por uma nova peste.

Como mencionado no começo deste Capítulo, a relação da humanidade com as doenças transmissíveis sempre foi presente ao longo do percurso histórico. Durante o período da pandemia de “espanhola”, verificou-se que os impressos também noticiavam sobre essa constatação:

A epidemia pandêmica que, sob a moderna denominação de influenza ou gripe hespanhola, anda a devastar o nosso globo – é uma dessas rajadas pestilenciaes que de tempos em tempos afligem a humanidade. Até ha poucos meses perdurava a superstição hygienica segundo a qual as epidemias faziam victimas de preferencia entre as classes populares, onde a falta de conforto corre parrelhas com a ausência de asseio. Esta, porem, que ainda não está de todo extincta, veio provar que a hygiene e os recursos pecuniarios pouco ou nada valem contra as equalitarias arremettidas da morte. Nunca houve – segundo os testemunhos históricos – epidemia tão generalizada como esta, e essa extraordinária generalização força-nos a meditar nas causas que a tornaram effectivas. (O COMBATE (SP), 27.11.1918, p. 1).

Ao abrir a reportagem com o uso de “rajadas pestilenciaes que de tempos em tempos afligem a humanidade”, o texto jornalístico teve por objetivo dizer ao leitor que se encontrava perdido pelo avanço rápido da influenza, sobre aquela situação não ser inédita e que a história da humanidade tem muitos momentos marcados pelo surgimento de pandemias. A matéria afirmava, então, que estes movimentos de contaminação se faziam normais e eram, inclusive, cíclicos.

O recurso de se analisar o passado, a fim de encontrar situações similares que ajudem a entender o que se vivencia no presente, faz parte dos estudos históricos. É uma

¹³⁶ O Combate (SP), 21.01.1920, p. 1.

¹³⁷ O Combate (SP), 27.11.1918, p. 1.

tentativa de entender as situações e os problemas atuais a partir do que já aconteceu. Não foi diferente com a “gripe espanhola”, quando os impressos passaram a fazer referências a palavras conhecidas pelo povo, como a “peste”, para informar sobre o estado da nova contaminação que se alastrava pelas cidades.

Neste sentido, Le Goff (1985) corrobora que a relação do homem com as doenças é histórica e própria de sua existência social:

A doença pertence à história, em primeiro lugar, porque não é mais do que uma ideia, um certo abstracto numa ‘complexa realidade empírica’, e porque as doenças são mortais (...) A doença pertence não só à história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades (LE GOFF, 1985, p. 8).

Sendo um “abstrato” em meio a uma “complexa realidade empírica” e não sendo “mais do que uma ideia”, pode-se considerar que um dos percursos necessários para poder materializar a doença é nomeá-la. Por si só, como Le Goff (1985) elucidou, diante de sua capacidade de matar, qualquer enfermidade assume uma existência concreta. Desta forma, o que uma doença necessita é de reconhecimento social capaz de estabelecer uma relação com os homens para que estes consigam, ao saber identificá-la, agirem de maneira efetiva para sua proteção e conseqüente erradicação.

Todavia, é necessário delimitar que os saberes e as práticas no mundo social também têm a ver com o fato de que esta doença não é a mesma para os ricos e para os pobres. O trecho acima destacado do jornal *O Combate (SP)* defendeu que, no momento da pandemia de influenza, pouco importava os conhecimentos e as práticas de higiene adotadas, pois a doença iria contaminar a todos. Passava-se a ideia de se estar em contato com uma moléstia era algo generalista, ou seja, que atingia a todos os cidadãos sem distinção.

Essa compreensão se desmitifica com o estudo mais aprofundado e não fragmentários das notícias. Ao longo deste mesmo Capítulo 2, a análise das fotografias publicadas pelos impressos mostra como as diferenças de classe social foram determinantes ao se analisar o número de vítimas fatais e os principais prejudicados pela crise social provocada pela pandemia, pois, considerando as diferenças sociais, para cada um desses grupos, a pandemia aconteceu e foi noticiada a partir de um formato diferenciado pela imprensa.

Sobre a existência das escolhas feitas pelos impressos daquele período, dos assuntos que seriam noticiados, e o formato que eles se utilizariam para produzir os noticiários sobre a “gripe espanhola”, vemos as formas de representação que a pandemia assumiu e a consequente interpretação feita pelo público-leitor dos jornais e das revistas. Nesse sentido, as reflexões produzidas por Sontag (1977) se fazem oportunas para a análise de como este processo aconteceu na imprensa periódica de 1918.

Na produção das notícias sobre a pandemia de 1918, constata-se, como dito, que foram utilizadas as seguintes palavras em referência à doença: “mal”; “peste”; algo que “reinava” e “marchava” ante a população. Como pode ser feita a interpretação de seu uso, dados os contextos sociais daquele período? Para tanto, ao analisar e estudar a documentação do banco de dados, foi usado o pensamento de Sontag (2020), que precisou:

A interpretação (ao contrário do que muitos supõem) não é um valor absoluto, um gesto mental situado num campo atemporal de competências. A própria interpretação precisa ser avaliada dentro de uma visão histórica da consciência humana. Em alguns contextos culturais, a interpretação é um ato libertador. É um meio de rever, de transvalorar, de escapar ao passado morto. Em outros contextos culturais, é reacionária, insolente, covarde, sufocante (SONTAG, 2020, p. 20).

As proposições de Sontag (2020) convidam-nos a ponderar que a interpretação das reportagens publicadas em 1918 e dos relatos produzidos pelos jornalistas não pode desconsiderar o contexto histórico que constrói o próprio sentido do que é uma pandemia, dando certos pesos de significados às palavras que a marcaram como existente e observável. Devemos imaginar que tais palavras são frutos de uma sociedade pautada pelo medo que está construindo e que faz circular também com os jornais, criando expectativa negativa. Elas carregavam todo um sentimento da vivência daquele momento.

Na consideração e análise dos contextos históricos, é necessário um adendo sobre o desenvolvimento desta pesquisa, dado que este estudo e o contato com a documentação sobre a pandemia de 1918 se estabeleceu, conforme já mencionado na Introdução, no momento em que também vivíamos uma pandemia, a de covid-19. Dessa forma havia sempre o perigo de que a interpretação sobre a imprensa durante a “gripe espanhola” sofresse interferências de outro tempo, promovendo interpretações não

condizentes, já que era possível se deixar levar pelos documentos, a partir das atuais vivências de uma pandemia, desconsiderando o contexto daquela época.

Mas, para além da interpretação da “gripe espanhola” como um fato histórico, uma passagem da entrevista que Susan Sontag forneceu para a revista *Rolling Stone*, convida à reflexão sobre a produção das notícias sobre a pandemia de 1918 como também sendo uma forma de interpretar aquela doença totalmente desconhecida.

Não interprete a doença. Não transforme uma coisa em outra. Eu nunca defendi que não se deve tentar explicar ou entender algo, mas você apenas não diz que o verdadeiro sentido de x é y. Não abandone a coisa em si, porque a coisa em si realmente existe. Doença é doença. (SONTAG, 2015, p. 38).

A partir do momento em que os impressos passaram a noticiar a disseminação desenfreada da nova moléstia, dado o crescente volume de mortes, utilizando-se de expressões, palavras e verbos que remetiam a situações de guerra, além do uso constante de outros adjetivos que descreviam o quão perigosa se fazia a pandemia de 1918, as palavras de Sontag à *Rolling Stone* mostram que não se trata apenas de ler uma interpretação sobre uma situação nova e inédita, mas também sentir que se trata de algo real, ao mesmo tempo, cruel, pois atingia a integridade da vida humana e, assim, alterava drasticamente as formas de organização da sociedade.

O que discutimos é que, no caso da pandemia de 1918, em razão da disseminação de uma doença com características tão específicas, ao mesmo tempo inovadoras para a população de então, os documentos nos revelaram que as matérias jornalísticas produzidas fizeram muito mais do que contar sobre o que estava acontecendo, pois estipulavam certo tipo de doença alocada naquele tempo, inclusive construindo representações que envolvem os leitores com uma grande expectativa, seja pelo medo, pelo misticismo etc.

Neste ponto, podemos voltar ao que Le Goff (1985) registrou sobre a inevitabilidade da relação humana com as doenças: “as atitudes face às doenças em nada se alteraram” (LE GOFF, 1985, p. 7). É possível considerar que, diante de situações sanitárias adversas e que possuem a morte como consequência imediata, como uma pandemia, a reação das pessoas ao lidarem com algo inevitável possui similaridades, independentemente da época ou do problema em si. Aqui, remetemo-nos ao Capítulo 1, quando se especificou que os impressos publicaram sobre a ocorrência história da gripe ao longo dos séculos, antes da manifestação pandêmica ocorrida em

1918¹³⁸, justamente com o objetivo de registrar que o comportamento dos sujeitos diante das epidemias se apresenta com características similares.

Foi essa relação histórica dos homens com as doenças que fez com que Susan Sontag refletisse sobre as relações atuais da humanidade com as doenças ditas modernas, especificamente com duas delas, as quais a autora se dedicou a estudar: as manifestações de câncer e a pandemia de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). As reflexões produzidas por ela permitiram um paralelo possível para o entendimento do cenário de publicações da “espanhola”, pela imprensa periódica, no começo do século XX.

A partir das características da sociedade contemporânea, a autora observou como os sujeitos também constroem suas narrativas na tentativa de criar as representações mais palatáveis para tentar conviver com doenças que desestabilizavam seu corpo físico, sua mente e provocavam grande repercussão na sociedade. Em tais construções, constatou que o uso de metáforas se fez predominante.

De igual maneira, o emprego de metáforas nas notícias que retratavam a situação da pandemia de 1918 pode ser compreendido como consequência direta ao fato de os cidadãos se encontrarem assustados diante da velocidade com que o agente causador fazia suas vítimas e, ao mesmo tempo, ter esse sentimento retroalimentado pelos órgãos responsáveis pela difusão de informação sobre ela. Para conseguir passar a noção de desastre e calamidade à população, as matérias jornalísticas foram elaboradas usando uma tônica capaz de fazer com que as pessoas compreendessem a gravidade da situação e que elas atuassem para o término do caos que havia se instaurado. Além disso, o teor da notícia que chama a atenção, vende.

Desde as manchetes aos subtítulos que foram utilizados nas reportagens publicadas, o intuito foi o de imprimir uma comunicação direta e que fosse muito assertiva em falar sobre os problemas a serem enfrentados. Isso se vê na edição do jornal *O Combate (SP)* que, na sequência do título “A ‘influenza hespanhola’ em São Paulo”, devidamente destacado e no alto da página, trouxe o seguinte subtítulo, abrindo a primeira coluna de notícias: “Isso não!”, escrito com uma fonte cujo tamanho foi maior que as demais e, de igual maneira, negritada¹³⁹.

¹³⁸ O Estado de S.Paulo, 29.10.1918, p. 3.

¹³⁹ O Combate (SP), 11.11.1918, p. 3.

A notícia fazia uma comparação do avanço da contaminação da influenza na capital federal com São Paulo. O “Isso não!” se referia ao fato de que os paulistanos teriam, justamente, compreendido e colocado em prática os conselhos transmitidos pelas autoridades sanitárias, o que fez com que se preparassem melhor para enfrentar a pandemia e, de acordo com a notícia, evitassem que a cidade assistisse aos tristes episódios de falta de assistência médica e de desorganização social que foram vistos no Rio de Janeiro.

A proposta que os impressos passaram a estampar foi a da necessidade de se construir uma organização social capaz de conter o avanço da doença e superá-la de uma forma que trouxesse a menor quantidade de danos possível e preservasse vidas. Foi assim que o jornal *O Combate (SP)* suscitou os cidadãos: “A pandemia da ‘hespanhola’. Organizemo-nos, para obter o máximo rendimento possível com o mínimo esforço possível!”¹⁴⁰.

A manchete deste periódico ilustra este movimento político de forma clara, ao publicar, no alto de sua página, como a notícia principal do dia, que era necessário estar atento para que formas de organização fossem construídas, de modo que surgisse um esforço comunitário capaz de alcançar resultados promissores na contenção da influenza. Para tanto, construiu-se uma narrativa na qual a população conseguisse ter a dimensão da gravidade e seriedade da doença, por meio do uso de palavras e expressões que foram utilizadas pelos impressos para cumprir um papel formativo qualificado para dirigir e instruir os cidadãos, ainda que se valesse do fomento de “rixa” entre as duas cidades, Rio de Janeiro e São Paulo.

2.2 A própria doença como uma grande metáfora

Sontag (1977) se debruçou, justamente, nos mitos e nas fantasias que são criadas no entorno das doenças. Acima, quando mencionamos que ela analisou o emprego das metáforas, não fez isso apenas para situações de doenças, mas como um todo: “uma metáfora é a maneira mais válida e atraente de expressar um senso de desastre, do que deve ser repudiado” (SONTAG, 2015, p. 35).

Sontag (2015) não apenas refletiu sobre o uso das metáforas para representar os malefícios que atacam a humanidade. A pensadora considerava a própria doença como

¹⁴⁰ O Combate(SP), 31.10.1918, p. 1.

uma grande metáfora. Fez isso a partir de uma experiência pessoal, ao se vir com câncer: “a doença é uma maldição (...) um tipo de colapso do pensamento – é uma forma de parar de pensar e cristalizar as pessoas em determinadas atitudes” (SONTAG, 2015, p. 65).

Sontag (2020), em um ensaio de 1961, já havia se posicionado contra as formas possíveis de interpretação. A autora defendia que sua realização era “a vingança do intelecto contra o mundo. Interpretar é empobrecer, esvaziar o mundo – para erguer um mundo paralelo de ‘sentidos’” (SONTAG, 2020, p. 21). Seja na arte, em suas mais variadas expressões, ou em qualquer outra situação da vida rotineira, Sontag (2020) defendeu a livre manifestação do pensamento sem a necessidade de construir mecanismos que pudessem traduzi-los, explicá-los ou representá-los socialmente.

Não pensou de forma diferente quando se dedicou ao estudo das doenças. Pelo contrário. Antes mesmo de expor suas considerações sobre as mais variadas moléstias ditas modernas que passaram a se fazer presente na sociedade contemporânea, Sontag (1977) já abriu sua produção com a seguinte proposição:

Meu tema não é a doença em si, mas os usos da doença como figura ou metáfora. Minha tese é que a doença não é uma metáfora e que a maneira mais fidedigna de encarar a doença – e a maneira mais saudável de estar doente – é aquela mais expurgada do pensamento metafórico e mais resistente a ele (SONTAG, 1977, p. 6).

De forma clara e direta, a autora sentenciou que o caminho mais recomendado para se lidar e tratar qualquer tipo de doença é a partir da elaboração de um pensamento totalmente desprendido do uso de metáforas¹⁴¹ e de outros tipos de recursos linguísticos que podem se propor a modificar a real experiência de se estar enfermo, sendo uma tentativa de mascarar ou modificar a realidade que se enfrenta.

Sontag (2015) fez a proposição de que era preciso realizar uma “purificação das metáforas”. Com relação a seu uso, a autora defendia uma postura cética: “são fundamentais para o pensamento, mas não deveríamos acreditar nelas quando as usamos – deveríamos saber que elas são uma ficção necessária ou talvez uma *não* ficção necessária” (SONTAG, 2015, p. 64).

¹⁴¹ Neste ponto, para que existisse uma compreensão correta da proposta de trabalho de Sontag e das análises propostas por nossa pesquisa, recorreremos à definição do verbete “metáfora” proposta pelo dicionário Michaelis: “Figura de linguagem em que uma palavra que denota um tipo de objeto ou ação é usada em lugar de outra, de modo a sugerir uma semelhança ou analogia entre elas” (Fonte: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/metafora/>).

A partir do momento em que essas ficções são elaboradas, as pessoas encontram formas possíveis de viver o malefício que lhe acometeu, como a doença, valendo-se de outras perspectivas. Em muitas vezes, o intuito desta prática pode ter como objetivo transformar o trato com a doença em algo mais leve para aquele quem se encontra adoecido.

O que Sontag (1977) nos mostrou foi que a estrutura para interpretar uma doença é o resultado de todo um contexto social e histórico que se torna determinante para as representações que são criadas. Como já mencionado, ela vai exemplificar esta condição a partir da ilustração de duas moléstias: a tuberculose e o câncer. Em uma interpretação moderna para estas doenças atribuem-se suas causas muito mais aos sentimentos do que a problemas físicos ou biológicos:

A semelhança mais impressionante entre os mitos da tuberculose e do câncer é que ambas são, ou eram, entendidas como doenças de paixão. A febre na tuberculose era um sinal de uma chama interior: o tuberculoso é alguém “consumido” pelo ardor que leva à dissolução do corpo. O emprego de metáforas retiradas da tuberculose para descrever o amor – a imagem do amor “doente”, de uma paixão que “consume” – precede em muito o movimento romântico. A partir dos românticos, a imagem se inverteu e a tuberculose foi concebida como uma variante da doença do amor. (...) Assim como a tuberculose foi vista como uma doença provocada por excesso de paixão, que acometia os imprudentes e os sensuais, hoje muitos crêem que o câncer é uma doença causada por paixão insuficiente, que acomete pessoas sexualmente reprimidas, inibidas, sem espontaneidade, incapazes de expressar ira” (SONTAG, 1977, p. 3).

Podia-se esperar que, com o avanço dos conhecimentos científicos, novas descobertas seriam importantes para encontrar as causas do câncer e de outras enfermidades, o que não deixa de ser uma realidade. A reflexão que Sontag (1977) apresentou faz pensar que a interpretação sobre a doença mostra parâmetros que associam ideias à doença mesma, criando formas de percebê-la, de concebê-la, indicando que as possíveis causas para essas doenças estavam muito mais relacionadas aos sentimentos, como a paixão, do que a quaisquer situações de caráter biológico.

Para compreender melhor este movimento, Sontag (1977) fez um percurso até o passado para verificar como a doença era concebida e percebeu que as “especulações feitas sobre a doença pelo mundo antigo, no mais das vezes, era um instrumento da ira divina” (SONTAG, 1977, p. 4) e eram destinadas às comunidades inteiras.

Na modernidade, todavia, o que se constata é outro cenário, sendo que as moléstias se constituem muito mais como expressões individuais e de consequências

solitárias do que entendidas como fenômenos coletivos. Se se encontra uma pessoa com tuberculose, é porque é ela muito apaixonada ou, se está com câncer, é porque reprimiu muitos sentimentos de raiva ou com amores reprimidos. São vistas, como nos diz Sontag (1977), como “autojulgamento” e “autotraição” (SONTAG, 1977, p. 4).

A partir do que expõe Sontag (1977), observa-se as associações que as pessoas sempre fizeram para estabelecer culpados para o surgimento de determinada doença. Aconteceu com as doenças modernas que a autora estuda e assim também foi verificado com a “gripe espanhola”. A própria discussão já realizada sobre as nomenclaturas que foram dadas para a influenza mostra isso: nominá-la também era uma maneira de poder associar a algum inimigo a culpa pelo surgimento e a proliferação deste mal. De igual forma, assim como se pode atribuir sentimento de culpa à AIDS e ao câncer, os jornais e as revistas de 1918 se utilizaram das metáforas para expressar os sentidos manifestados durante a pandemia de gripe.

De maneira comum, independentemente da moléstia de que se fala, toda doença traz consigo dramas e horrores:

Existe uma história do sofrimento. Esta história das doenças conhece a febre conjuntural das epidemias. É uma história dramática que revela através dos tempos uma doença emblemática unindo o horror dos sintomas ao pavor de um sentimento de culpabilidade individual e colectiva: lepra, peste, sífilis, tísica, cancro, e, num pequeno território fortemente simbólico, a SIDA (LE GOFF, 1985, p. 8).

A culpa é um sentimento que ronda e cerca às pessoas quando se encontram enfermas, independentemente da doença que as aflige. Como Le Goff nos mostra, no caso específico das epidemias, apresenta-se “um sentimento de culpabilidade individual e coletiva”. Para ilustrar esta culpa que se faz coletiva, pode-se retornar para a reportagem citada acima do jornal *O Combate (SP)*, de 27.11.1918, na qual vemos noticiado que a falta de higiene das camadas populares sempre era considerada um motivo para a transmissão de doenças e outras moléstias entre os cidadãos de uma cidade. Justamente por este fato, não cabia o entendimento de que a pandemia de influenza atingia a todos do mesmo jeito. Os mais pobres foram mais atingidos.

Segundo os jornais, para evitar que isso acontecesse, era necessário que circulasse o maior número possível de informação, a fim de que a população conseguisse compreender o que acontecia com ela naquele momento em que muitos morriam de forma brusca e repentina. Com o advento da pandemia de 1918, foi preciso pensar em estratégias de divulgação coletiva de conhecimentos e saberes necessários

para que todos conseguissem se precaver e evitar serem contaminados, para que não amargassem a culpa sobre a própria contaminação. De acordo com *O Combate (SP)*, a princípio, tudo parecia controlado em São Paulo, porque o povo cumpria as ordens dos Serviços Sanitários:

O caracter da moléstia. A população paulistana da uma boa prova de ordem e disciplina, recebendo com calma a visita da <hespanhola>, pondo em prática, como lhe era possível, os conselhos do Serviço Sanitário e cumprindo obedientemente as ordens emanadas das autoridades. É isso mais uma razão para que se lhe diga a verdade. E a verdade é que a actual pandemia não tem absolutamente o caracter benigno que se lhe quer emprestar (O COMBATE, 31.10.1918, p. 3).

O título da reportagem já mostrava a intenção de se comunicar as características do agente causador da pandemia. Em 31 de outubro de 1918, São Paulo se encontrava em um estágio que não podia mais negar a transmissão descontrolada da doença. Ao longo da própria reportagem, inclusive, foram apresentados os números da contaminação na capital do país para que as pessoas pudessem se convencer de que a situação se tornava cada vez mais grave: “Será preciso demonstrá-lo? Pois não é conhecida a mortandade no Rio de Janeiro?”¹⁴². Esta pergunta impelia a todos e sua resposta se fazia decisiva para o controle da doença.

Este controle exigia uma decisão pessoal para que fosse possível se educar às novas práticas de higiene que visavam à contenção da doença. A reportagem do *O Combate (SP)* escolheu abrir sua matéria com uma celebração da compreensão dos paulistanos frente às recomendações transmitidas pelo Serviço Sanitário por meio dos impressos. O texto reforçava a necessidade do acesso às medidas profiláticas recomendadas para combater a influenza.

Dessa maneira, como agradecimento pela colaboração, o jornal “conta a verdade”: a gripe vigente era perigosa e podia matar. Este documento nos ilustra a condução narrativa que foi seguida, neste caso, pelo jornal *O Combate (SP)* como forma para que os cidadãos fossem educados às práticas de contenção da influenza.

O texto nos transmite a ideia de que era necessário ser obediente aos pedidos feitos, inclusive para que, diante de tantas notícias e anúncios da seriedade do caso, as pessoas também não fossem acometidas por um possível sentimento de culpa por não

¹⁴² O Combate (SP), 31.10.1918, p. 3.

ter tomado as ações corretas diante da doença que se impunha. Inclusive pelo fato de que esta atitude poderia ser fatal, custando a própria vida.

Diante da necessidade de transmitir as informações necessárias para o controle da influenza, os impressos que circulavam no período da pandemia de 1918 foram canais importantes para a publicação e à veiculação de orientação das medidas preventivas ao agente causador da doença. Cumpriram este papel de diferentes maneiras e a partir de muitos recursos textuais. Um deles foi o de tentar trazer as informações científicas da forma mais fácil possível aos cidadãos para que, mais do que entender o que se falava, todos pudessem aderir às recomendações dadas pelos especialistas.

A função, exercida pela imprensa periódica, no sentido de informar sobre a doença, orientava os cidadãos sobre os conteúdos científicos conhecidos e que se encontravam disponíveis naquele momento histórico; bem como da divulgação das características da influenza em si, tendo como meta prevenir às pessoas de se contaminarem, ao mesmo tempo em que espalhava informações para que a gripe pudesse ser controlada.

Não se pode deixar de considerar que a doença se faz como tal, enquanto acontece, aparece e, neste caso, destacamos o uso que as pessoas e, privilegiadamente, os periódicos, fazem das metáforas para se referirem às doenças e às manifestações das moléstias, bem como as formas de representá-la e interpretá-la a partir da divulgação das notícias que era feita pelos impressos da época, mostrando que a constituição de uma pandemia diz respeito às formas como estão condensadas e divulgadas as ideias, entendimentos, dores que se tem sobre ela.

2.3 Conselhos e prevenção: a orientação popular para erradicar a doença

A influenza é uma doença cujas características impõem, segundo a norma científica, a observação de determinadas medidas de higiene e de conduta para que uma pessoa não a adquira e, por conseguinte, adoça. A gripe é um tipo de moléstia que pressupõe a orientação de práticas e, uma vez adotadas pelos cidadãos, podem ser eficazes para evitar sua manifestação.

Diante de tal característica, é importante delimitar que a doença que grassava na pandemia de 1918 tinha uma profilaxia específica para ser observada. Isso quer dizer que, para não se contaminar com a gripe, as pessoas deveriam seguir determinadas

orientações que visavam ao controle da disseminação da “espanhola”. Ao menos assim era apresentada a sua contenção.

Os impressos de 1918 cumpriram um papel de veiculadores das medidas profiláticas contra a influenza. Eles assim procederam de várias formas:

E'com toda razão que a nossa Directoria de Hygiene e a nossa imprensa condemnam “in limine” todas as agglomerações de povo em espaço acanhado; a razão é que a atmosfera d'essas localidades está impregnada de princípios voláteis emanados de glândulas sudoríparas dos indivíduos acumulados (O ESTADO DE S.PAULO, 08.11.1918, p. 3).

O título e o subtítulo da matéria acima destacada foram: “A gripe epidemica. Sua prophylaxia e seu tratamento barato”¹⁴³. Assim, o principal objetivo da reportagem foi o de apresentar a medida profilática mais efetiva para se conter a contaminação por influenza: evitar aglomerações e não estar junto com outras pessoas em espaços nos quais o ar limpo não pudesse circular. Além desta recomendação, a reportagem orientou os tipos de medicação e de tratamento que poderiam ser adotados pelos cidadãos, caso contraíssem a gripe:

O grande eixo da medicação está todo inteiro na sudação, no acetato de ammonia principalmente. Os nossos antigos liquidavam todos os problemas dando em primeiro lugar um escalda-pé. Não pode ser mais perfeita a concordância entre a pratica antiga e a physiologia moderna (O ESTADO DE S. Paulo, 08.11.1918, p. 3).

Segundo o que o jornal OESP indica, a forma mais apropriada para se tratar alguém que contraiu a gripe eram as práticas de sudação, ou seja, aquelas que faziam o corpo suar e, com isso, acreditava-se eliminar todas as substâncias nocivas encontradas no organismo. Fazendo uma comparação com o que chamou de “práticas antigas”, o que o periódico recomendava era a adoção do procedimento de “escalda-pé”¹⁴⁴.

Nessa notícia de OESP, foi pontuada a importância de os cidadãos paulistanos estarem abertos às orientações e recomendações que a doença pressupunha para garantir seu controle e erradicação:

A gripe eppidemica é sempre uma cruel calamidade mesmo nos paizes mais adiantados. Por infortunio nosso estamos actualmente a

¹⁴³ O Estado de S. Paulo, 08.11.1918, p. 3.

¹⁴⁴ Prática que consiste na imersão dos pés em água fervente para aumentar a temperatura do corpo e, com o suor produzido, tem-se por objetivo a eliminação das toxinas do organismo.

braços com ella e não e mais possível é desconhecer o dever premente de cada um de nós contribuir com a sua pedrinha para o total debellamento da epidemia. Felizmente, no meio da perturbação geral um grande facto tranquiliza-nos e consola-nos: é o facto da excelente educação do povo de S.Paulo de tudo quanto diz respeito á esphera das noções indispensáveis em materia de hygiene (O ESTADO DE S.PAULO, 08.11.1918, p. 3).

O trecho destacado da matéria sobre a profilaxia da “gripe espanhola” asseverou que a melhor maneira de se conseguir alcançar o controle da proliferação da doença se dava por meio da orientação aos cidadãos. Conforme sentenciou: cada um tinha que contribuir com sua “pedrinha”. Ou seja, se a moléstia pressupunha cuidados e observações para ser evitada e cuidada, tais recomendações de higiene precisavam ser seguidas. Segundo OESP, a população de São Paulo assim procedia, pois tinha uma boa educação para com as questões de matéria de higiene.

A metodologia de orientação e prevenção que foi adotada pela imprensa da época se pautava por um tom de diálogo com a população, aconselhando-a sobre o que era preciso ser feito para não se contaminar com a “espanhola”. Constatou-se que as notícias que apresentaram recomendações profiláticas, não utilizaram expressões imperativas, que transmitissem uma mensagem de mando ou de cobrança às pessoas.

O estilo de comunicação que se fez mais presente à orientação popular foi o que adotou uma tônica de conselho. Inclusive, este foi o título usado pelos textos jornalísticos: “Conselhos ao povo”, que foi utilizado pelos jornais *Correio Paulistano*¹⁴⁵ e OESP¹⁴⁶.

Não se pode negar que este tipo de abordagem atendia a um caráter muito mais pedagógico e que poderia encontrar êxito entre os cidadãos. Afinal, seguir conselhos e orientações “ao povo” era muito mais palatável do que passar uma imagem impositiva de regras a serem cumpridas, talvez por senso de polidez. Este formato de se dirigir á população se estabeleceu como um padrão visual e gráfico nas notícias que foram impressas nos periódicos analisados.

A leitura destas matérias dava a conotação de que seu autor realizava uma orientação direta para seus interlocutores, estabelecendo uma recomendação. Elas foram transmitidas, a fim de que ocorresse uma total compreensão daquilo que se queria

¹⁴⁵ Correio Paulistano, 24.10.1918, p. 3

¹⁴⁶ O Estado de S. Paulo, edições de 24.10.1918 (p. 3) e 26.10.1918 (p. 4).

informar: as medidas práticas de prevenção individual, com base no que a ciência considerava necessário para o tratamento à nova doença.

Portanto, pode-se considerar que o objetivo maior das mensagens publicadas foi o de conscientizar a população sobre as medidas profiláticas e higiênicas que eram necessárias para se vencer a “guerra” que estava sendo travada contra um agente oculto perigoso. A primeira página do jornal *Correio da Manhã* apresentada pela Figura 21 ilustra este tipo de abordagem:

Figura 21 – Primeira página de jornal com conselhos profiláticos dirigidos ao povo

The image shows the first page of the newspaper "Correio da Manhã" from Rio de Janeiro, dated February 21, 1918. The masthead includes the newspaper's name, the date, and the address "Largo da Carioca n. 13". The main headline reads: "Não havendo pessoal suficiente para a desinfecção geral, a Saude Publica recommenda aos donos de casa a desinfecção de seus domicilios. E' tambem conveniente fazer queimar alfazema e incenso nas casas." Below this headline, there are two main text boxes. The left one is titled "AO POVO" and contains advice on hygiene, such as washing hands and avoiding public places. The right one is titled "Um conselho do director da Saude Publica" and advises convalescing patients to follow a diet and avoid premature exposure to cold. The newspaper's masthead and publication details are visible at the top.

Fonte: Correio de Manhã, 21.10.1918, p. 1.

Em duas caixas de texto, nas duas laterais do jornal, encontram-se dois *boxes* que trazem as orientações profiláticas. O primeiro deles se intitula “Ao Povo”. Nele, vemos pedidos que iniciam as sentenças estabeledoras dos cuidados que a população deveria ter: para evitar as aglomerações; com o tratamento da garganta e do nariz; a não produção de fadiga e de qualquer causa de resfriamento, entre outras atenções. Além destas atenções, também já era sinalizado quais as medidas a serem ser tomadas em caso de indisposição. Ir para a cama e repousar eram as mais importantes delas, a fim de evitar complicações, além de não receber qualquer tipo de visita.

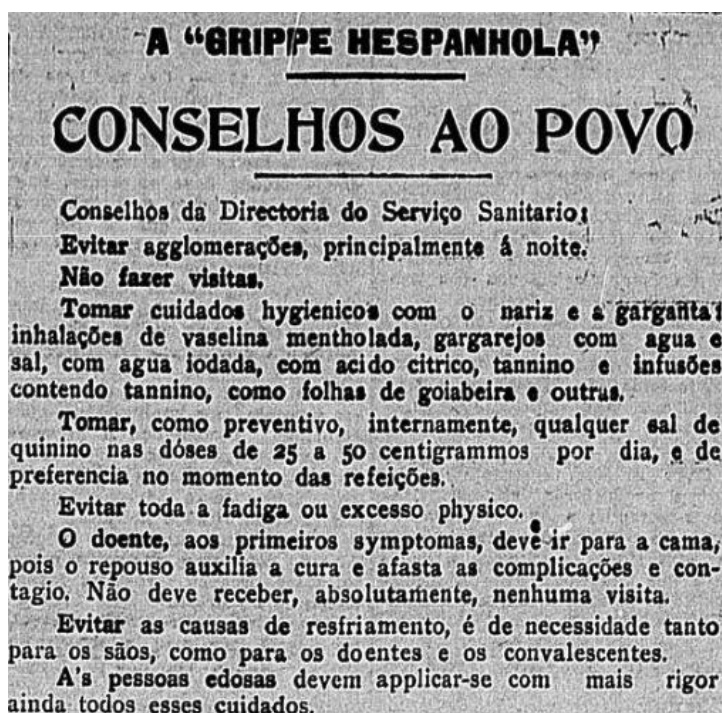
Mas a primeira página deste jornal apresentou outro texto orientador. Este sim intitulado “conselho” e que era dado pelo próprio Diretor de Saúde Pública do Rio de Janeiro. Na recomendação passada por esta autoridade sanitária, ele pedia aos convalescentes de gripe fossem cautelosos e não interrompessem o regime dietético orientado aos contaminados. Além disso, ele pedia aos cidadãos que não se expusessem

às intempéries de maneira prematura para que fossem evitadas recaídas as quais, segundo ele, sempre eram muito mais graves que a primeira manifestação da doença¹⁴⁷.

A partir dos dois exemplos acima, vê-se que esta matéria de primeira página do jornal o *Correio da Manhã* ilustra como se dava a abordagem orientadora dos jornais diante da crise sanitária instalada por causa da pandemia. Além das duas caixas de texto contendo as devidas recomendações, a própria manchete do veículo trazia como assunto uma orientação prática: na ausência de funcionários da Saúde Pública para fazer a limpeza das casas, recomendava-se que os próprios cidadãos assim procedessem e, para tanto, a queima de alfazema e incenso era dada como sugestão.

Contudo, verificou-se que, conforme feito na primeira página do *Correio da Manhã*, quando as medidas profiláticas de contenção e demais orientações a serem seguidas não se encontravam no próprio texto da notícia, eram publicadas sob uma formatação distinta, em formato de caixa de texto para se destacar, frente às demais notícias do jornal. As Figuras 22 e 23 auxiliam a uma melhor visualização de como este recurso gráfico foi construído.

Figura 22 – Box “Conselhos ao Povo” – Correio Paulistano



Fontes: Correio Paulistano, 24.10.1918, p. 3.

¹⁴⁷ Correio de Manhã, 21.10.1918, p. 1.

Figura 23 – Box “Conselhos ao Povo” – OESP

A EPIDEMIA REINANTE

CONSELHOS AO POVO

O "Estado" publica estes conselhos do Serviço Sanitário, com a autorização e impressão do dia 17.

Evitar aglomerações, principalmente à noite.
Não fumar viciado.

Tomar cuidados higiênicos com o nariz e a garganta: Inalações de vaselina metahálica, gargarejos com água e sal, com água lodada, com ácido cítrico, lavatório e infusões de plantas locais, como folhas de guaiacolo e outras.

Tomar, como preventivo, internamente, qualquer sal de quinoína nas doses de 15 a 30 centigramas por dia, e de preferência no momento das refeições.

Evitar toda fadiga ou excitação física.

O doente, nos primeiros sintomas, deve ir para a cama, pôr o repouso absoluto e não se afetar com complicações e contágio. Não deve receber, absolutamente, nenhuma visita.

Evitar as causas de restrição e de necessidade tanto para os doentes, como para os doentes e os convalescentes. As pessoas doentes devem aplicar-se com mais cuidado ainda, todas essas medidas.

RECOMENDAÇÕES ÚTEIS

Não chamar médico sem motivo sério: pagar-lhe quanto possível as visitas remotas. É preciso não esquecer que os médicos se ocupam com uma numerosa clientela do serviço, e muitos já se vêem bastante agitados, tornando-se difícil para de momento, que muitos possam fazer visitas gratuitas ao doente.

Não se utilizar do telefone, enquanto durar a epidemia, sendo em caso de real necessidade. Cuidem as comunicações locais. De contrário, não haverá em breve telefonistas que tenham para o serviço e os prejudicados serão os enfermos e as famílias aflitas.

Não recorrer aos postos de socorro sem a necessidade sem motivo sério. Tanto um como o outro têm muito que fazer em favor dos que sofrem.

Os uns farmacêuticos e outros do comércio devem oferecer o seu auxílio ao Serviço Sanitário, quando dispõem de tempo para isso.

As associações que têm medidas contratórias devem organizar postas particulares para os seus doentes.

Disponham-se cada qual a reservar um pouco do que lhe sobra em benefício dos mais necessitados. Não de desapegar e gastar inutilmente.

Seu como a maioria abastada, não verificada, é des-humana e inútil o sentimento humano.

POSTOS DE SOCCORRO

Serviço Sanitário: Rua de Santa Epitácia, 84 (teleph. Cidade - 3912). Largo do Córrego do Juruá, 7 (teleph. Cidade - 1812). Av. Europa Paulista, 218-A (teleph. Rua - 612). Av. Brigadeiro Luís Antônio, 42-C (teleph. Central - 2222). Rua Arago, 19 (teleph. Cidade - 824).

Os postos do Serviço Sanitário só abrem até 8h 30 horas, e dão um dia ao chamados deverão ser dirigidos à Antecâmara Policial.

Casa Vermelha: 1.ª Rua do Gasometro, 110. — 2.ª Av. Osório Garcia, 131. — 3.ª Rua da Mooca, 218. — 4.ª Rua da Graça, 55.

Liga Nacionalista: Rua 18 de Novembro, 19 (teleph. Central - 201).

Para as paróquias: Praça da República, 23, 2.ª and. Para os senhores de H. dos Empregados em, Condições: Na sede, das 8 da manhã e das 11 da tarde.

Em caso de chamado, procure sempre o posto mais próximo. Isto é necessário à boa ordem do serviço, em benefício do público.

Fontes: O Estado de S.Paulo, 26.10.1918, p. 4.

Sob uma perspectiva comparativa, os dois exemplos selecionados mostram como a publicação das orientações do “Conselho ao Povo” recebia destaque nos impressos. Nas orientações passadas pelo *Correio Paulistano*, observa-se um texto mais restrito, sendo as frases iniciadas com o tempo verbal do infinitivo para passar a imagem de comunicação mais direta e assertiva sobre o que era necessário ser feito. Já ao se considerar o exemplo do OESP, constata-se que o registro desse periódico era mais completo, inclusive indicando os postos de socorros disponíveis. No projeto gráfico deste jornal¹⁴⁸, a única quebra se dá quando o texto sob o título “A epidemia reinante” se apresentava dentro da caixa de texto. O uso das bordas mais espessas e negritadas foram elementos importantes para realçar as informações transmitidas em meio a tantas outras.

Um dos motivos para selecionarmos esta notícia do OESP reside no ineditismo das orientações presentes no campo “Recomendações Úteis”. Por exemplo, houve a sugestão de não se utilizar os telefones, a fim de preservar e garantir que as telefonistas

¹⁴⁸ As análises das características de *layout* dos impressos veiculados em 1918, dentre eles o jornal OESP, foram analisados no Capítulo 1.

pudessem continuar a prestar seus serviços durante a quarentena (orientação que, como já visto, tinha sido dada pelo próprio governo). O texto mostrou a importância de se ter consciência de que os médicos, e o uso dos prontos socorros, deveriam acontecer em caso de extrema necessidade. Tudo para poupar os profissionais que trabalhavam nestes setores de serem contaminados e terem de se afastar.

Essas recomendações transmitiam um convite para que os farmacêuticos pudessem se apresentar ao Serviço Sanitário para prestarem auxílio à população. Além dessas, um dos conselhos transmitidos foi para que os cidadãos não deixassem de poupar seus dinheiros e fizessem reservas financeiras para que pudessem se sustentar e sobreviver nos momentos de carestia. Não houve pedido de guarda de dinheiro para caso falecessem... já que este o assunto era o menos comentado pelas “recomendações úteis” produzidas pelo OESP.

De modo geral, os *layouts* de apresentação dos boxes “Conselhos ao Povo” foram feitos de maneira muito similar nos jornais que a utilizaram: em caixas de texto, com este título destacado no alto e, em alguns documentos, poderia ter antes uma chamada como “A epidemia reinante”. Foram três publicações que adotaram este formato: duas da cidade de São Paulo e uma do Rio de Janeiro: OESP (*quatro documentos*¹⁴⁹), *Correio Paulistano* (um texto¹⁵⁰) e *Correio da Manhã* (um texto¹⁵¹).

Destacamos tais notícias, uma vez que elas foram apresentadas de maneira diferenciada em virtude da formatação que utilizaram, buscando ser ágeis. Os três jornais citados organizaram as informações de orientação popular a partir de um estilo específico, mais detalhado, que não foi encontrado nas demais publicações que compõem o banco de dados de nossa pesquisa. Nos outros impressos, como já citado, as recomendações profiláticas que foram passadas aos leitores se encontravam no próprio texto da notícia, sem assumir qualquer destaque ou diferenciação das demais informações sobre a pandemia.

Quando comparamos os modelos destas caixas de texto “Conselhos ao Povo”, encontramos algumas diferenças no estilo de diagramação. Além disso, dois jornais desenvolveram uma versão que foi intitulada apenas como “Ao Povo”. Uma delas foi a

¹⁴⁹ No O Estado de S. Paulo, encontramos os textos com o título “Conselhos ao Povo” em dois documentos: de 24.10.1918, p. 3 e de 26.10.1918, p. 4. Os outros dois textos se intitulam apenas como “Ao Povo” e são datados de 01.11.1918, p. 1 e de 06.11.1918, p. 2.

¹⁵⁰ *Correio Paulistano*, 24.10.1918, p. 3.

¹⁵¹ *Correio da Manhã*, 21.10.1918, p. 1. Documentado que também estava intitulado “Ao Povo”.

do *Correio da Manhã*, cuja análise já realizamos acima. A outra foi do próprio OESP.¹⁵² Foram publicados dois textos “Ao Povo”, cujo tamanho da caixa de era maior que o utilizado no formato chamado “Conselhos ao Povo”. Também não se encontrava no alto da página, mas do meio para a parte de baixo do jornal, no canto esquerdo, mas o conteúdo era similar. O texto iniciava afirmando ser muito conveniente que as pessoas procurassem tratamento nos hospitais, em caso de sintomas. O incentivo para que os cidadãos reconhecessem os hospitais como locais seguros e fossem se tratar em tais espaços foi uma temática bastante trabalhada pelos impressos da época e que será analisada no próximo capítulo desta pesquisa.

Neste ponto, é importante considerar que a iniciativa de se publicar nos jornais textos de orientação sobre questões higiênicas não era um fato isolado ou descontextualizado, mas justificado naquele momento histórico. Para além de uma situação de pandemia na qual medidas profiláticas eram exigidas, a pauta higiênica já era uma realidade nos espaços urbanos.

Rocha (2003) evidenciou que, em tempos muito anteriores ao da pandemia de influenza, “a moradia saudável e higiênica vai sendo concebida como agente de domesticação dos hábitos do trabalhador urbano” (ROCHA, 2003, p. 33). Ou seja, a própria tentativa de constituição da cidade se dava a partir da manutenção de princípios higiênicos que deveriam ser seguidos por todos. Mas não foram.

Dadas às condições econômicas e sociais, a formação dos centros urbanos propiciou uma segregação na qual houve a delimitação de espaços ordenados e outros nem tanto:

Representados como lugar da confusão, da aglomeração, da pobreza, dos vícios e das doenças, os cortiços e as habitações coletivas estariam a exigir a urgente articulação de medidas ordenadoras, capazes de disciplinar essa população que, pelas suas formas de viver, constituía uma ameaça à sociedade (ROCHA, 2003, p. 32).

O que a autora evidenciou reside, portanto, na compreensão de que o próprio ordenamento do espaço urbano moderno, no começo do século XX, foi constituído a partir de diferenças existentes entre as formas de higiene a que cada classe social teve acesso, oferta e possibilidade de execução.

A partir do momento em que a pandemia de influenza se faz presente e os impressos passaram a publicar orientações de higiene como medidas de combate à nova

¹⁵² O Estado de S.Paulo, 06.11.1918, p. 2.

moléstia, dado tal contexto social, a pergunta que se estabelece é: quais eram, de fato, as pessoas para quem se destinavam os discursos preventivos? A quem eles alcançavam? Essa tal “educação” que os impressos exerceram também vem pela denúncia de que os mais pobres não possuíam cultura sanitária e prática de higiene e de cuidados para evitar e se proteger enfermidades.

As notícias não estavam apenas fazendo o relato de fatos novos e desconhecidos. Elas desempenharam um papel de distribuição de informações muito específicas de cuidado e zelo, seja com o próprio corpo ou para com o estado de alerta sobre o uso dos hospitais. Alguns deles tentaram assumir um caráter didático e de direcionamento das atividades sociais durante um período no qual uma crise de saúde pública se instaurou e afetou a todos, muito embora aos pobres sobrassem conselhos.

É interessante observar que a própria imprensa tinha consciência desta tarefa que cumpria. Em 24 de outubro de 1918, ainda nas primeiras semanas de disseminação da nova doença, já se estava claro que seria necessário encontrar formas para realizar a orientação do povo diante deste novo cenário. Logo após a manchete da edição do *O Combate (SP)* deste dia, lia-se: “Meios de divulgar conselhos ao povo”¹⁵³. Na primeira página deste impresso, encontrava-se a notícia sobre a importância de se divulgar informações para toda a população com o estrito objetivo de educá-las sanitariamente e como isto deveria acontecer pela própria imprensa:

Conselhos ao povo. Por iniciativa própria ou solicitação das autoridades, a imprensa, além de comentários a propósito, insere diariamente conselhos ao povo. Isso não basta, porém. É preciso fazer mais alguma coisa. Sabe-se quanto o nosso povo é ainda refractário a leitura de jornais. Em pelo menos dois terços das casas da Capital não entra uma única folha diária. É por isso que a propaganda pela imprensa é insuficiente. Demais, as classes precisadas de conselho sobre higiene são justamente as classes pobres, as que menos lêem jornais. Nos palacetes dos bairros ricos, mais ou menos, já há o que é necessário para que a prophylaxia se faça como aconselha o Serviço Sanitário. Nos <cortiços> é que é preciso agir, e nelles é que os conselhos são ignorados. Parece-nos que seria útil que o Serviço Sanitário mandasse imprimir instruções resumidas, em portuguez e italiano, para as distribuir de casa em casa. Nesse serviço, poderia ser empregada a policia: cada guarda-civico faria a entrega nos quarteiroes a seu cargo (O COMBATE (SP), 24.10.1918, p. 1).

Assim, como se observa, a notícia apresentou uma constatação que a própria imprensa fazia a respeito de seu trabalho de divulgar informações à população em

¹⁵³ O Combate (SP), 24.10.1918, p. 1.

formato de conselhos higiênicos, refletindo sobre a eficácia de tais ações diante daqueles que mais precisavam receber tais orientações e, o mais importante, praticá-las. A reportagem referendou que as classes mais pobres, as que mais precisavam de informações, eram as menos leitoras de jornais e que, por isso, ainda eram refratárias aos conselhos, uma vez que não detinham as condições materiais e culturais para serem instruídas sobre tais princípios higiênicos.

Mas o que se pode dizer das outras recomendações preventivas que visavam à contenção da circulação do agente causador da influenza e, por conseguinte, às garantias da boa convivência comunitária? A continuação desta reportagem do *O Combate (SP)* nos elucidou sobre sugestões para garantir que as informações de higiene chegassem a seu público de destino, o leitor: fazer a impressão destas recomendações em formato reduzido, o que nos leva a pensar em um formato específico de folheto, que pudesse circular entre as pessoas de forma mais rápida e efetiva.

Para tanto, chama a atenção de que, nesta proposição, sugeriu-se a inclusão de o texto estar em duas línguas, o português e o italiano, certamente pensando na ampla presença de imigrantes que compunham a parte das localidades periféricas da cidade, sendo eles parte da mão-de-obra trabalhadora que se formava em São Paulo. Caso não existisse efetivo de pessoal apropriado para garantir este trabalho, o jornal destacou que a própria polícia poderia colaborar na logística de tal operação¹⁵⁴.

É importante salientar o que a documentação nos mostra: diante da necessidade de garantir o acesso às informações sobre higiene e cuidados para com a influenza, foram utilizados diferentes formatos com a intenção de a imprensa cumprir uma parte seu objetivo de orientar o público. Se as pessoas não liam os jornais, a sugestão era mudar o formato para outro mais apropriado, que passasse de mão em mão pelas pessoas. Além disso, caso não fosse viável repassar estas informações pelos mecanismos disponíveis, a matéria jornalística cogitou que se revisitasse a compra e o uso de carros oficiais do governo a serem usados para levar o auxílio médico necessário e distribuir os folhetos com as informações de prevenção que o povo necessitava saber¹⁵⁵.

Em suma, o que a documentação nos mostrou foi que a própria imprensa fez menção, nas reportagens que publicava, ao trabalho desenvolvido pela veiculação de

¹⁵⁴ *O Combate (SP)*, 24.10.1918, p. 1.

¹⁵⁵ *O Combate (SP)*, 04.11.1918, p. 1.

informações pertinentes à orientação do povo. Neste ponto, pode-se, novamente, remontar à reportagem do OESP, na abertura deste subtítulo, registrando sobre a “educação” para com os princípios higiênicos, especificamente, à boa educação do povo de São Paulo frente às orientações de higiene como medidas profiláticas ao combate da “espanhola”.

Desta forma, a notícia nos certifica de que o movimento de orientar às pessoas diante do mal desconhecido foi uma prática educativa que animou ao menos o OESP. No entanto, é claro que o jornal tentou mostrar um otimismo de quem quer enaltecer a terra paulista e, por conseguinte a atuação dos órgãos sanitários e políticos, de maneira que toda a população, em todos os rincões, estivesse seguindo confiante e unida diante do ascenso do problema. Pode-se inferir que isto aconteceu pelo fato de o OESP ser um jornal atrelado à elite de São Paulo, com ligações ao governo da época, de modo que o enaltecimento da ação da imprensa à educação higiênica seja um fato merecedor de destaque da maneira como foi.

Analisamos os recursos linguísticos e constatamos como a influenza foi retratada por meio de palavras fortes. Foi assim que uma calamidade pública como a pandemia de 1918 foi ganhando forma na sociedade, a partir da representação feita pelo uso de adjetivos e de palavras que conseguissem expressar a violência de sua ação e de sua periculosidade, sob a tentativa de mostrar um povo unido e forte, no caso de São Paulo.

Quando analisamos as notícias do Rio de Janeiro aqui citadas, percebe-se que elas esboçam um movimento similar. Basta retomarmos a Figura 22, mostrando como o jornal *Correio da Manhã* também publicava aconselhamentos ao povo e se utilizava de expressões como “mal”, “pandemia reinante”¹⁵⁶ para se referir à doença. De acordo com o que foi apresentado na Introdução do presente trabalho, este jornal, com linha editorial mais popular, conseguia estabelecer críticas ao governo. Portanto, se vimos que, em São Paulo, *O Combate (SP)* exercia esta função de ser um jornal mais voltado ao povo, na capital do país, o *Correio da Manhã* seguia a mesma tendência. Contudo, há de se pontuar que as tônicas das notícias eram distintas. As notícias veiculadas pelo *O Combate (SP)* eram mais chamativas e, por vezes, apelativas, para além do que o constatado no impresso carioca.

Fato é que, seja em São Paulo ou no capital do Brasil, foi possível observar como as matérias jornalísticas se utilizaram de expressões e recursos linguísticos que

¹⁵⁶ Correio da Manhã, 05.11.1918, p. 1.

forneceram a impressão de exageros ou reações de temor muito acima da média frente ao malefício, ainda que ele tenha sido temeroso. Há o indicativo real de que havia segregação de mortes pela doença, de que nem todos tinham acesso ao tipo de informação oficial, de que a doença asfixiava e, neste aspecto, ela foi se constituindo como um fato cujo teor era ressaltado ao ser contado, aumentando o medo diante de um avanço rápido da moléstia.

A partir das notícias que ilustraram como a imprensa exerceu um papel educativo frente à disseminação da “gripe espanhola”, foi possível delimitar que esta tarefa tinha públicos distintos como destino. Apresentou-se esse caráter orientador da imprensa paulistana, indicando que ele aconteceu com diferentes níveis de linguagem e de abordagem e, mesmo os mais populares, não pareciam destinados a toda população. Presumivelmente, a experiência da pandemia, documentada pelos jornais, aparece por nichos de mercado e experiência leitora.

2.4 Algumas histórias dos vitimados pela influenza

A sensação de medo e temor passava a dominar o contexto social da época e foi estampada nos jornais e impressos que circulavam. A ampla publicação de informações a respeito da influenza foi um mecanismo à tentativa de constituição de um público leitor dos assuntos científicos¹⁵⁷; as descobertas que levavam ao conhecimento de seu agente causador e quais eram as ações necessárias para sua total erradicação.

No presente capítulo, ainda nos dedicamos à análise das representações e interpretações que a influenza de 1918 assumiu nos impressos publicados entre o segundo semestre de 1918 e o primeiro de 1919. Vimos que as manchetes e os termos utilizados nas notícias foram determinantes para que os leitores compreendessem a gravidade da moléstia que se disseminava e se atentassem para as informações de contenção da doença que eram veiculadas. Mas a imprensa periódica também publicou e, em alguns casos, deu bastante destaque para os relatos de histórias e casos de tragédias que tiveram a “gripe espanhola” como principal responsável. Diante das características da doença e a maneira com que ela matava ou contaminava, muitos foram aqueles que, ao contato diário com este tipo de relato, não conseguiram se sustentar emocionalmente com tamanhas informações e acabaram enlouquecendo e

¹⁵⁷ Conforme será explanado no Capítulo 3.

cometendo suicídios e outras atrocidades. Todos estes fatos foram registrados e divulgados por alguns jornais daquele período.

Alucinado em virtude da “epidemia reinante”, o Sr. Arthur Pacheco se atirou sob as rodas do trem da estação do Meyer. Vinda do Rio de Janeiro, esta foi a primeira história trágica com registro encontrado em nosso banco de dados, publicada em 28 de outubro de 1918. O título desta informação sintetizou o que aconteceu: “Allucinado com o mal reinante, atirou-se sob as rodas de um trem”. A grande diferença desta história para todas as demais registradas aqui foi o fato inusitado de que Arthur Pacheco sobreviveu. Não apenas isso, mas “vivo e são”, assim como nos diz o jornal, ele procurou o periódico para pedir que a notícia fosse devidamente retificada.

Não foi o que aconteceu com os demais casos. O lixeiro João Gomari, de 48 anos, não conseguiu suportar a situação de estar contaminado pela “espanhola” e se suicidou. Morador da Rua do Gasômetro, no centro de São Paulo, a notícia falava que às 7 horas da manhã, atordoado por uma febre, ele se matou com um golpe de faca em seu coração¹⁵⁸. A página do jornal estava dividida, no lado esquerdo, em quatro colunas. O título, em letras maiores e negritadas era “A influenza em São Paulo”. Na quarta coluna, lia-se: “No delírio da febre” e, como subtítulo “Um pobre lixeiro suicidou-se”. Novamente, a notícia havia sido publicada pelo jornal *O Combate (SP)*.

Ao analisar o banco de dados, foram contabilizadas oito notícias cujos teores envolveram assassinatos, suicídios ou ataques de loucura provocados pela contaminação pela “espanhola”. Deste total, seis foram manchetes no jornal *O Combate (SP)* e apenas uma na *Gazeta de Notícias*, impressos que tinham como perfil uma linha editorial mais voltada aos assuntos que diziam respeito à vida dos trabalhadores.

Aliás, *O Combate (SP)* foi o jornal que mais noticiou esses tipos de histórias sinistras a respeito da pandemia. Pode-se inferir que essas narrativas de suicídios e fatalidades por causa da “espanhola” foram conteúdos que podiam interessar às pessoas em geral, mas tinham apelo popular, ao mostrar o povo trabalhador. Eram matérias que chamavam a atenção e, dessa forma, davam visibilidade ao jornal. Isso sem falar que as tragédias tinham conteúdo didático, no sentido de mostrar o que estava acontecendo. Em momentos de crise financeira, era uma forma de o jornal se manter na ativa. E as tragédias também apareciam como elemento popularizador da própria imprensa como tecnologia cultural.

¹⁵⁸O Combate (SP), 11.11.1918, p. 3.

Além disso, era um formato que deixava a pandemia mais próxima da realidade dos cidadãos. Camus (1947, p. 41), foi um dos pensadores que, ao escrever um romance sobre a peste, trouxe uma reflexão sobre como o número de mortos, em situações de calamidade social, como a guerra, tornam-se impossíveis de serem materializadas e entendidas pelas pessoas:

Mas que são cem milhões de mortos? Quando se faz a guerra, já é muito saber o que é um morto. E visto que um homem morto só tem significado se o vemos morrer, cem milhões de cadáveres semeados ao longo da história esfumaçam-se na imaginação (CAMUS, 1947, p. 41).

Ao narrar as histórias de pessoas que perderam suas vidas por causa da influenza, *O Combate (SP)* e a *Gazeta de Notícias* deram visibilidade às vítimas, ou seja, mostraram um pouco de suas trajetórias e contaram, com mais detalhes, como suas mortes aconteceram. Notícias como essas faziam com que os números de vítimas fatais da influenza não fossem apenas cifras publicadas nos jornais cotidianamente, como forma de mostrar a evolução da doença. Ao falar dessas pessoas, era como se os dois jornais mostrassem sua real existência e sofrimento com as consequências da moléstia. Uma maneira mais concreta de mostrar que a doença acometia as pessoas e as matava (ou as conduzia ao suicídio). Foi um movimento capaz de aproximar, ainda mais, a pandemia da vida dos cidadãos e que apresentou aos leitores histórias tristes e marcantes.

Uma delas aconteceu em um recanto da cidade de Sepetiba. Nesta localidade, vivia o casal Miguel Ottau e D. Isabel Ottau, em uma fazenda. Contaminada pela influenza, D. Isabel teve seu corpo apoderado por uma febre vertiginosa, de modo que, em um ataque de loucura, para aliviar seu sofrimento, ela se ateou fogo. Vendo as chamas, seu marido não pensou duas vezes em se lançar para cima dela em uma tentativa de salvá-la. Mas foi em vão. Esta história de delírio suicida não deixou de ser noticiada¹⁵⁹.

O vaqueiro Antonio Quartim de Albuquerque, morador da Avenida Celso Garcia foi um dos primeiros vitimados pela “espanhola”, que também acometeu sua esposa. Não querendo deixar de trabalhar, preocupado com os atrasos de seu negócio, resolveu continuar seus serviços, o que foi fatal para a piora de seu caso. Sua mulher, Ida, também estava contaminada.

¹⁵⁹ *Gazeta de Notícias*, 25.10.1918, p. 3.

Contudo, o título desta notícia já era capaz de nos revelar seu trágico final: “O desatino de um vaqueiro atacado de ‘gripe espanhola’”¹⁶⁰. Em uma manhã, após tomar o leite que sua mulher lhe ofereceu, tendo ele pedido mais, retirou-se Ida ao quintal para ordenhar a vaca. Sorrateiramente, Agostinho a acompanhou e, vendo-a de costas, acertou-lhe golpes que só não a mataram, pois foi contido por vizinhos, que também se feriram. Estava louco. Levado em camisa de força para a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, morreu dias depois.

João Nello Celioni, de 29 anos, era casado e atuava como operário. Não sabendo lidar com os fortes delírios causados pela febre proveniente da gripe, tentou se suicidar com um tiro em seu ouvido. Não tendo conseguido se matar, foi levado para a Santa Casa em estado grave. A última informação que temos é a de ter permanecido em tratamento aos cuidados do Dr. Francisco de Assis Berelli¹⁶¹.

Em uma breve nota de sua edição de 16 de novembro de 1918, *O Combate (SP)* informou sobre o falecimento do menor Arthur, filho do maquinista José Maria Alves¹⁶². A notícia não recebeu o mesmo destaque dos outros casos aqui citados. Contudo, não deixou de ser mais trágica. Falava de um menino que, acometido pela gripe, atirou-se ao Rio Tietê e faleceu afogado.

De maneira distinta, em outra edição do jornal *O Combate (SP)*¹⁶³, dois títulos de reportagens ganharam maior relevância: estavam no alto da terceira página do impresso: “Sena comovente”, devidamente destacada por letras negritadas e “Os desesperados”. Novamente, as histórias contaram situações extremas provocadas pela contaminação da influenza. Maria Izabel, de 20 anos, era quem protagonizava a manchete que indicava o desespero. Vendo-se totalmente sem recursos e sofrendo a enfermidade, esta moradora de Pinheiros tentou se matar ateando fogo em seu próprio corpo.

Já um casal de japoneses não identificados, moradores de Santana, eram os personagens da notícia que falava sobre uma cena comovente. A Assistência Policial atendeu a um chamado urgente, pois, em um prédio, há mais de 24 horas estava o referido casal de japoneses e seu filho trancados, sem darem notícias, fato que levantou suspeita dos vizinhos. Uma vez não tendo atendido aos chamados pela campainha, o

¹⁶⁰ *O Combate (SP)*, 31.10.1918, p. 3.

¹⁶¹ *O Combate (SP)*, 08.11.1918, p. 3.

¹⁶² *O Combate (SP)*, 16.11.1918, p. 3.

¹⁶³ *O Combate (SP)*, 23.11.1918, p. 3.

apartamento foi arrombado pelo clínico geral que acompanhava a ação. No quarto, encontram o casal morto. Não tinham recebido assistência a tempo. Contudo, sob o corpo da mãe, o filho deles ainda se encontrava deitado, tentando se amamentar. Diante desta imagem impactante, o jornal publicou, logo abaixo do título da reportagem, o seguinte subtítulo: “Uma criança esfomeada suga os seios do cadáver de sua mãe”¹⁶⁴.

Por fim, a última história que encontramos registrada, neste período, foi a de Eugenio Benzana. De nacionalidade italiana, o operário de 55 anos resolveu, uma vez que a chuva atrapalhava a continuação dos seus serviços, ir beber em uma venda. Fato é que sempre que tomava contato com bebida alcoólica, “Eugenio sofria ataques epiléticos ficando gelado como um defunto”¹⁶⁵. Foi o que bastou para que o operário se visse, quando acordou, ao redor de outras pessoas tão geladas quanto ele. Com a diferença de que aquelas eram cadáveres de verdade.

Eugênio Benzana não teve dúvidas em se levantar e fugir, pulando o muro do cemitério do Araçá em direção à Avenida Municipal¹⁶⁶. Foi o que bastou para sua história ir parar nos jornais. Não apenas como notícia, mas como matéria de página principal, tendo sido sua família visitada por um jornalista que desejava contar o absurdo de um episódio que poderia passar como uma história falaciosa.

Um dia antes do nome de Benzana ser revelado e sua história contada, a página principal do impresso já anunciava o acontecimento extraordinário, mesmo sem ainda ter a informação completa ou conseguido entrevistar o personagem principal deste episódio. No alto da página, ocupando um significativo espaço correspondente a três colunas de notícias juntas, a manchete foi taxativa: “Enterrado vivo!” A segunda linha informava que o caso se relacionava a um pedreiro e, por fim, o subtítulo informava não se tratar de uma mentira: “desta vez, não é ‘blague’”¹⁶⁷.

O efeito de uma notícia como esta não poderia ser outro a não ser o de provocar pavor e total espanto na população. Mesmo que as primeiras informações suscitassem muita desconfiança para o jornal que as recebera, afirmou-se que seria feita uma investigação para constatar se a história era verídica. Contudo, a publicação da notícia já estava feita, mesmo conscientes de que, conforme a própria reportagem apontou: “Desde que irrompeu a epidemia de grippe, começaram a correr boatos os mais

¹⁶⁴ O Combate (SP), 23.11.1918, p. 3.

¹⁶⁵ O Combate (SP), 30.11.1918, p. 1.

¹⁶⁶ O Combate (SP), 30.11.1918, p. 1.

¹⁶⁷ O Combate (SP), 29.11.1918, p. 1.

descabelados (...) era inconveniente argumentar o terror que se apoderara da população, salvo se fosse possível o cabal esclarecimento do caso”¹⁶⁸.

Se a história ainda não foi devidamente investigada e o próprio jornal documentou ter dimensão da consciência sobre os sentimentos de pavor que casos como aqueles produziam, sendo muitos deles meros boatos, a publicação deste tipo de texto como notícia teve um objetivo de promover, justamente, uma sensação ainda maior de medo e receio à contaminação pela “espanhola”. Os elementos gráficos que construíram a manchete nos mostraram que a notícia em si foi muito além de apenas informar o fato que poderia ser uma inverdade. Há um ar de folhetim que parece chamar a atenção do leitor.

Assim, os relatos publicados pelos jornais *O Combate (SP)* e a *Gazeta de Notícias* evidenciaram um estado de loucura e perturbação que acometeram as pessoas a ponto de, como registrado, não suportarem a doença e se matarem ou provocar outras mortes. A questão é que, observando todas as histórias, todas elas estão relacionadas ao povo trabalhador, imigrante, periférico. Novamente, retorna-se à pergunta: a pandemia de 1918 atingiu a todos da mesma maneira? Os registros sobre essas vítimas nos mostram que a “espanhola” atingiu de forma mais perversa os pobres e marginalizados. Os jornais mostraram que essas pessoas simplesmente se desesperavam, se por saber da falta de atendimento, se por horror.

Mas não foram apenas as histórias trágicas que circularam entre os cidadãos durante a pandemia. A pesquisa identificou e selecionou documentos de jornais e revistas que fizeram uso de fotografias retratando as cidades e como a vida urbana foi alterada diante de um cenário caótico marcado por uma alta incidência de contaminação e por um número de mortes expressivo.

2.5 A pandemia revelada pelas fotografias

As categorias temáticas criadas a partir da leitura e da seleção das notícias sobre a pandemia de 1918 mostraram-nos as formas como a chamada “gripe espanhola” foi representada e materializada nos impressos periódicos daquele período. Os exemplos citados ilustraram e delimitaram algumas maneiras de como isso aconteceu.

Destaca-se que houve a publicação de fotos que acompanham o que os textos das notícias informavam¹⁶⁹. De pronto, diante do volume de notícias que compõe o

¹⁶⁸ *O Combate (SP)*, 29.11.1918, p. 1.

banco de dados, é importante demarcar que o registro imagético não foi utilizado como uma linguagem comum e presente nos jornais diários. Trata-se dos primórdios do fotojornalismo. Justamente por isso, há este recorte analisando o volume de notícias que se utilizaram das fotografias e em quais impressos elas se fizeram presentes.

Sontag (1981) explicitou a importância que a fotografia assume para o registro material das situações e acontecimentos: “A fotografia talvez seja, dentre todos, o objeto mais misterioso que compõe e dá consistência ao mundo identificado como moderno. Na verdade, a fotografia consiste em experiências que se captam” (SONTAG, 1981, p. 4). Tendo nosso objeto de estudo delimitado na atuação da imprensa durante a pandemia de 1918, verificamos como um acontecimento se transforma em notícia, ou seja, como um momento é interpretado por um jornalista, por um profissional responsável por registrar uma dada situação. O que Sontag nos apresentou foi a consideração de que este mesmo tipo de análise se dá com a fotografia, sendo ela uma “experiência que se capta”. Compreende-se aqui que o registro fotográfico segue a mesma lógica da construção do fato noticioso: a produção de uma fotografia é a elaboração de um registro feito por uma pessoa que escolheu um ângulo, um enfoque ou posicionamento de uma determinada cena.

Desta forma, a leitura e a análise de uma foto não podem ser feitas sem considerar os elementos que perpassam a elaboração e a construção de uma fotografia. Não se pode descartar, inclusive, a condição técnica, tendo em vista que fazer “instantâneos”, no início do século XX, condizia a uma série de procedimentos e atitudes performáticas, mas que, ao tempo da análise da autora, poderia ser uma realidade construída e adquirida por “todos”. Diz a pensadora:

Aquilo se escreve sobre uma pessoa ou acontecimento é mera interpretação, do mesmo modo que são os depoimentos visuais criados por artistas, como pinturas e desenhos. A fotografia aparentemente não constitui depoimento sobre o mundo, mas fragmento desse, miniatura de uma realidade que todos podemos construir ou adquirir (SONTAG, 1981, p. 4).

É potente constatar, como elucidou Sontag (1981), que a foto pode ser entendida como um fragmento do mundo e uma “miniatura da realidade” que pode ser feita. Ao nos voltarmos para a situação em que se encontravam as cidades de São Paulo e o Rio

¹⁶⁹ Salientamos que, em algumas revistas, as fotografias foram publicadas em páginas inteiras que não traziam, necessariamente uma reportagem redigida a respeito da temática da “gripe espanhola”.

de Janeiro, no segundo semestre de 1918, pode-se precisar que os registros fotográficos deste momento histórico foram capazes de apresentar um fragmento da trágica realidade configurada naquele momento em que uma pandemia alterava profundamente todas as formas de organização social.

Contudo uma das constatações tirada dos dados é que o recurso fotográfico não era utilizado nas edições diárias dos jornais impressos daquele período. O formato de *layout* adotado pelos jornais privilegiava o texto impresso, majoritariamente publicado em diversas colunas sem favorecer qualquer tipo de quebra na sequência das informações a partir do uso de uma imagem. Isso se constatou no jornal OESP, um dos impressos em que não encontramos a publicação de fotos sobre a pandemia. Pode-se pensar que essa linguagem ainda não condizia com a ação jornalística. Também que fazê-las não era tão simples assim, levando em consideração o maquinário disponível.

Constatou-se que o uso de fotografias foi muito mais explorado pelas revistas de variedades. Em nossa massa documental, verificaram-se esses materiais em duas delas: *A Vida Moderna* e *Fon-fon*. Acentua-se que, a maior incidência de fotografias em revistas não é uma constatação apenas deste trabalho, mas obedece a propósitos editoriais. Moraes (2007, p. 60) auxilia nesta reflexão:

A revista traz matéria mais elaborada que do que as dos jornais, que visam à informação rápida. Além disso, a qualidade gráfica da revista em relação à do jornal é altamente superior, pois prioriza a parte estética. As revistas de variedades traziam assuntos diversos como arte, cultura, literatura, esportes, saúde, entre outros assuntos. Além disso, traziam muitas ilustrações e possuíam uma ótima qualidade gráfica, além de um espaço considerável à publicidade. Essas características se devem também ao fato dessas revistas serem empreendimentos comerciais, ou seja, a maioria das revistas de variedades priorizava o lucro, o comércio, a vendagem, procurando atrair público de várias maneiras (MORAES, 2007, p. 65).

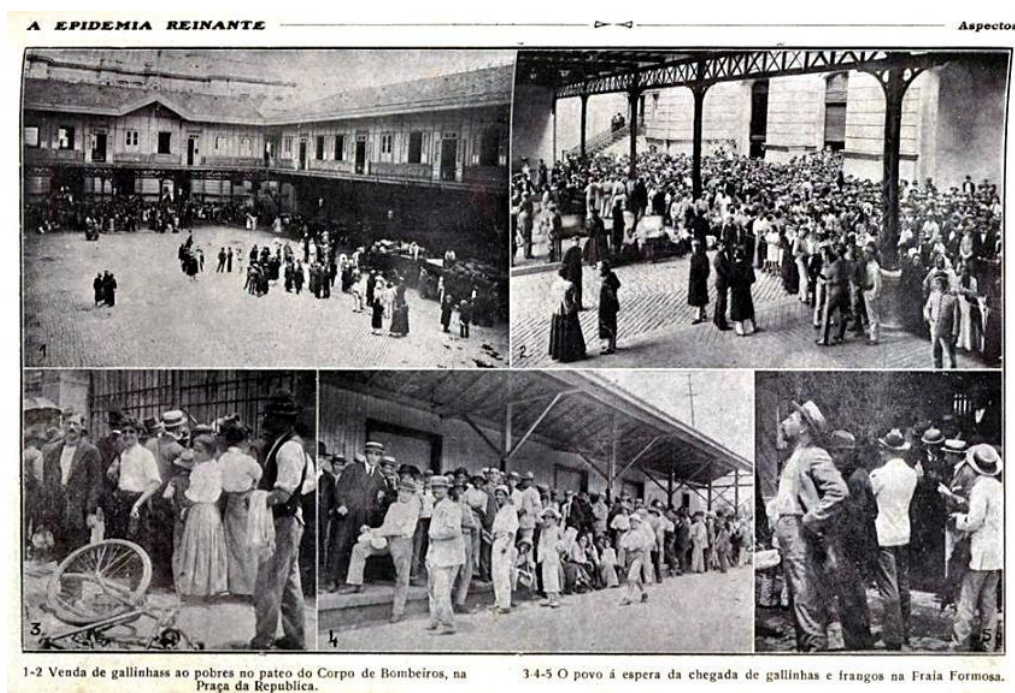
No caso da pandemia de 1918, as revistas citadas exploraram bastante o recurso visual, seguindo o que Moraes (2007) elucidou. A partir da apresentação das fotografias e a sua organização e seleção nas páginas dessas revistas, foi possível uma compreensão visual dos acontecimentos daqueles dias e, claro, a maneira e as intenções com as quais elas foram comunicadas, levando-se em consideração de que falamos de revistas de variedades, abertas a um público variado, leitor, branco.

Ao se analisar os materiais do banco de dados, há a edição datada de 26 de novembro de 1918 da revista *A Vida Moderna*, que totalizou seis páginas contendo, ao

todo, nove fotografias. Um mês depois, na revista de 26 de dezembro de 1918, temos uma foto do grupo de homens que compunha a Liga Nacionalista¹⁷⁰ e que eram divulgados como atuantes nas ações de solidariedade pela cidade. Já na edição do dia 12 de dezembro de 1918, registrou-se apenas uma fotografia.

Ao se verificar a revista *Fon-fon*, publicada no Rio de Janeiro, atesta-se que a expressão utilizada pela publicação para se referir à doença foi “epidemia reinante” e, com este termo, encontramos 11 documentos contendo muitas fotos apresentadas por meio de um formato gráfico que reuniu e compilou uma sequência de fotografias em um mesmo quadrante. Encontramos duas edições da revista com fotos da pandemia de influenza, uma data de 26 de outubro de 1918 e a outra do dia 02 de novembro do mesmo ano. A revista *Fon-fon* não apenas publicou uma quantidade expressiva de fotos como assim o fez a partir de um recurso gráfico de montagem que não era habitual nas apresentações impressas produzidas à época. Este impresso ficou marcado por um diferencial gráfico que pode ser observado na Figura 24.

Figura 24 – A procura por alimentos: quadro de imagens da revista *Fon-fon*



Fonte: *Fon-fon*, 02.11.1918, p. 25.

¹⁷⁰ Segundo Boto (1995, p. 1), a Liga Nacionalista era “uma organização política de cunho cívico-patriótico vinculada a uma sociedade secreta. Abrigava em seu interior representantes de camadas médias da população, inclusive professores de escolas oficiais. A Liga Nacionalista contrapunha-se ao PRP, embora fosse também dirigida por segmentos dissidentes da elite paulista”. PRP: Partido Republicano Paulista.

No exemplo da Figura 24, a foto de número 3 nos mostra uma das situações que marcou o período da pandemia: a escassez de alimentos. Em cada uma das fotografias, vemos um volume significativo de pessoas que esperavam por comida, no caso, as legendas nos revelaram se tratar de galinhas e frangos, comércio realizado na Praça da República, especificamente no pátio do Corpo de Bombeiros e na Praia Formosa. Contudo a revista não publicou outras informações na reportagem, não tornando possível ter maiores informações sobre esse ocorrido.

A quantidade de pessoas aglomeradas para esperar a chegada dos produtos nos revela a busca feita pelos cidadãos por alimentos que se tornavam escassos devido à situação da pandemia. Com 15 dias de pandemia, OESP já anunciava o desabastecimento de pão, ovo e carne¹⁷¹, por exemplo. A situação de desabastecimento, infere-se, trazia um inconformismo e um desespero para a população que seguia a recomendação de isolamento social, ao mesmo tempo em que via seu estoque de alimentos baixar e a oferta de produtos ficar cada vez mais limitada.

Na foto número 5 da referida composição, verificamos um homem com a mão na cintura e de expressões mais sérias a olhar fixo para uma situação certamente preocupante e com descontentamento, frente à espera de comida. Ainda que haja aglomeração, não se mostra tumulto, mesmo que não seguissem a recomendação profilática para evitar aglomerações. Em todas as imagens, constata-se a presença de pessoas apinhadas em um mesmo espaço e, em nenhum dos rostos, há máscaras. Ao se tomar atenção, verifica-se que este item não está presente em nenhum registro. Ao se fazer uma correspondência com as medidas profiláticas anunciadas pelo Serviço Sanitário e aqui apresentadas, é pertinente considerar que este instrumento não era utilizado pelas pessoas, à época, como medida para a não contaminação.

É importante frisar que, ao optar pela montagem de fotos, a revista *Fon-fon* dava um novo destaque às fotografias em uma publicação impressa. Elas não mais eram entendidas como mera ilustração para a reportagem em si, mas passavam a informar por si mesmas sobre determinado assunto relacionado à pandemia. Tal destaque era percebido pelo tamanho das fotografias e pelo espaço dado para a composição feita em

¹⁷¹ O Estado de S.Paulo, 07.11.1918, p. 4.

quadrante. No caso deste impresso, elas ocupavam de meia página a uma página inteira da revista.

Na mesma edição, a temática da pobreza e da fome está muito presente e se utilizou do mesmo destaque gráfico: uma montagem fotográfica mostrando a miséria e a falta de comida que abatia a população pobre da cidade. Além da alta procura pela venda de alimentos, as fotografias revelavam como a carestia também era enfrentada por movimentos de solidariedade e/ou filantropia de parte da população que procurou formas de ajudar os mais necessitados.

Em comum, as fotografias detalharam as ações caritativas de doação de comida realizadas naquele momento marcado por muita vulnerabilidade social. Na revista *A Vida Moderna* (Figura 26), a imagem ocupava metade do lado direito superior de uma página da revista. Acima da foto, apenas o título: “A gripe hespanhola, em S.Paulo”, escrita entre dois traços que serviam para delimitar o espaço no qual a fotografia foi publicada ao redor dos textos jornalísticos daquela página, os quais não tinham relação com o tema da fome causada pela escassez de alimentos provocada pela pandemia. A esta sequência de imagens fazemos conjunto a que foi publicada na revista *A Vida Moderna* (Figura 26):

Figura 25 – A solidariedade da população retratada na Fon-fon



Fonte: Fon-fon, 02.11.1918, p. 20.

Já na revista Fon-fon (Figura 25), a sequência de fotografias seguiu a mesma linha da montagem que caracterizou esta edição da revista e ocupou toda uma página deste impresso cujas únicas informações textuais foram as legendas construídas para indicar cada uma das numerações colocadas às respectivas imagens. Estes textos explicavam que as fotografias correspondiam a quatro sequências de registro de uma mesma cena: a distribuição de mantimentos aos pobres feita pela senhora Wenceslau Braz, com o auxílio de suas filhas, realizada no edifício da Escola Rodrigues Alves, no Catete, Rio de Janeiro.

Figura 26 – Ação caritativa publicada na revista A Vida Moderna



Fonte: A Vida Moderna, 26.11.1918, p. 10.

Nesta relação de nomes, vale destacar um: a Senhora Wenceslau Braz, mulher do presidente da República. Dentre todo o destaque gráfico dado às imagens, não se

pode desprezar a citação nominal desta senhora como uma das pessoas que realizava a assistência aos pobres; estes, conforme mostram as fotos 1 e 2 da referida montagem, formavam grandes filas para receber a doação. Mostrar a esposa do presidente em caridade, no momento em que uma pandemia matava gente, é o tipo de registro que marca bem a função de um estado um tanto frouxo na agenda pública, mas eminente no momento de apresentar a caridade.

Junte-se a isso a maneira pela qual a Senhora Wenceslau Braz foi referida na legenda da foto, junto com suas filhas e outras pessoas: como “gentis”, em uma sequência que registra a entrega de alguns sacos, mantidos em uma mesa, os quais, pela legenda, sabemos que continham alimentos. Tratá-la por tal adjetivo foi uma forma direta de a *Fon-fon* mostrar apoio a uma figura política. Ao mostrá-la em ação junto aos mais necessitados, prestava o serviço de mostrar aos seus leitores que os governantes estavam atentos e com ações junto aos mais carentes, ao menos no sentido da polidez civilizada.

Essas fotos, uma vez postadas em revistas de variedade, passaram a compor o conteúdo de uma publicação que continha, também, as colunas sociais, responsáveis por fazer o registro do que era feito pela elite da cidade. Desse modo, a publicação dessas fotografias deu espaço e publicidade aos atos feitos pelos poderosos e abastados daquela época em um momento delicado em que muitos passavam necessidades básicas.

Na foto que a revista *A Vida Moderna* veiculou, como nos mostra a Figura 26, a legenda que a acompanha não deixou de valorar as famílias do bairro da Liberdade que faziam tais gestos de caridade como pessoas “distintas” e “caridosas” por distribuírem sopa no Teatro São Paulo. Pelo grande portão do prédio imponente, as pessoas entravam a procura de receber alguma doação, mas o que ganhou destaque significativo foi a informação contida em uma placa, bem ao lado deste portão de acesso. A palavra “aos pobres”, além de escrita em caixa alta, encontrava-se em um tamanho maior que as demais. Ao lado de “aos” há dois arabescos, em formato de setas, que evidenciam ainda mais o público para o qual a sopa era destinada. Este efeito ficou ainda mais presente na fotografia pelo fato de as informações acima da frase “aos pobres” estar ilegível.

Vemos que os dois impressos trouxeram como conteúdo a situação enfrentada pelas cidades diante da proliferação da influenza. Por meio destes registros fotográficos, foi possível mostrar os contornos sociais e políticos de uma situação calamitosa. Conforme já exposto, ao longo da vigência da pandemia de influenza, principalmente

em seu começo, houve tentativas, por parte da imprensa, de esconder a gripe, classificando-a como benigna.

Com a publicação de fotografias que mostravam as mudanças provocadas nas cidades, os acontecimentos da “espanhola” ganhavam ainda mais materialidade e ajudava a compreensão de que a doença realmente existia, fazia-se concreta, era perigosa, além de alterar a rotina dos serviços sociais, de forma que os cidadãos, principalmente os mais pobres, passaram a sentir os efeitos de seu avanço. Como Sontag (1981) pontuou: “A fotografia fornece provas” (SONTAG, 1981, p. 5). Assim sendo, as ações de prevenção e de combate à moléstia eram apresentadas como ações importantes para a superação da doença e reestabelecimento da normalidade.

Desta forma, ao estampar em suas páginas as imagens que mostravam partes da cidade modificadas por causa do avanço da pandemia, as revistas reforçavam nas pessoas a existência de um cenário de crise e de excepcionalidade que não podia ser mais escondido, mesmo que os jornais e as revistas assim procedessem no início da contaminação pela “espanhola”.

As fotografias revelaram a situação das cidades de São Paulo e da capital do país conforme indica a Figura 27. As fotografias numeradas de 9 a 16 nesta composição foram impressas neste formato, dividindo um quadrante em oito partes e publicadas, de ponta-a-ponta, em uma mesma página da edição da revista Fon-fon. No alto da página, existia apenas um único texto, cuja primeira frase foi: “A ‘influenza hepanhola’ que se declarou em caracter epidemico no Rio, além das numerosas victimas que tem causado desorganizou inteiramente a vida da cidade”.

A sequência de imagens retratava o quanto o Rio de Janeiro mudou sua rotina em virtude da pandemia. Tais alterações, também em seus espaços físicos, retratavam as mudanças presentes em razão da contaminação desenfreada causada pela gripe.

A principal delas foi a necessidade imposta às pessoas de evitarem lugares cheios e para que deixassem de circular nas vias públicas sem motivo maior. As fotos numeradas como 9 e 10 mostraram um retrato de como se encontrava a Avenida Rio Branco: praticamente vazia. Observa-se apenas uma pessoa de frente, no plano principal da foto. Ao seu redor, mais ninguém. Não sem motivo a expressão usada pelo texto da legenda foi: “a completa falta de animação na grande artéria”.

A “grande artéria” a que a legenda se refere diz respeito à própria Avenida Rio Branco que foi inaugurada, em 1904, com este propósito: ser uma via que “cortou” o centro da cidade do Rio de Janeiro como parte das reformas modernizadoras feitas pelo

prefeito Pereira Passos, no começo do século XX. A partir dela, tinha-se por objetivo dar maior vazão ao centro da cidade que era acometido por doenças dada às aglomerações ditas “insalubres” de um período anterior. Assim sendo, é interessante observar, na fotografia, a ausência de movimentação em uma das principais avenidas da capital do país e que surgiu, justamente, para atender a objetivos sanitaristas e poder fomentar o livre caminhar por amplos espaços.

Figura 27 – Registros da cidade do Rio de Janeiro em plena pandemia de influenza



Fonte: Fon-fon, 26.10.1918, p. 31.

Na sequência do registro que mostrou vias públicas vazias e sem qualquer movimento, a foto 11 (Figura 27) nos traz uma quantidade significativa de pessoas em um mesmo local. Diferentemente do que se viu nas outras fotografias, elas não estavam ali para pedir comida ou suprimentos, mas sim para outra finalidade: uma procissão religiosa em honra de São Benedito e São Sebastião, que saía, segundo a legenda apresentada pelo impresso, da igreja de Nossa Senhora do Rosário, o que nem a pandemia impediu.

“A fotografia, ao mesmo tempo em que nos atribui a posse imaginária de um passado irreal, ajuda-nos também a dominar um espaço no qual nos sentimos inseguros” (SONTAG, 1985, p. 9). Ao tomarmos contato com as imagens retratadas daquele período, pode-se considerar, como Sontag (1985), que passamos a ter a posse imaginária de um passado que não vivenciamos. As fotografias numeradas como 9, 10 e 13 da Figura 27, retratam cenas de muita vulnerabilidade, frente a uma população que se encontrava cerceada de sua liberdade de circular pelos espaços públicos, com a real necessidade de procurar alimentos, diante de uma economia incapaz de manter o abastecimento, como se percebe nas imagens 12, 14, 15 e 16 e que, diante de tantas situações difíceis, procurava encontrar sentido e amparo na fé, como ilustra a fotografia 11, quando as pessoas se encontraram para uma procissão.

Os registros fotográficos, que não se fizeram tão presentes à época da “espanhola”, contribuem para aumentar a sensação de “insegurança”, como relatou Sontag (1985), frente a uma doença de significativas consequências para o povo. Justamente pelo fato de não se conseguir materializar, em imagens, os acontecimentos tão marcantes como os transcorridos em 1918 e que, com o passar do tempo, não receberam o destaque devido pela historiografia. A existência de imagens que nos revelam os acontecidos durante a influenza de 1918 nos permite “tomar posse imaginária”, da situação daqueles dias tão difíceis, narrados pelos olhos de outro alguém.

Contudo, assim como existiram as notícias com as trágicas histórias de pessoas que suicidaram ou enlouqueceram por causa da pandemia, as fotografias também acabaram por proporcionar uma sensação de isolamento e insegurança, inclusive

alimentar, à população. Uma sensação de morte à espreita. Isso foi possível diante da publicação de imagens como a registrada pela Figura 28:

Figura 28 – A morte transita pelas ruas das cidades



Fonte: A Vida Moderna, 26.11.1918, p. 26.

Em pleno centro da cidade de São Paulo, em cima de um modelo de caminhão utilizado na época, o que se transportava era uma pilha de caixões mortuários. A imagem é capaz de nos mostrar como a revista evidenciou a seus leitores a situação grave que se estabelecia naqueles dias: em vez de o veículo conduzir pessoas, o que seria o esperado e normal, via-se um amontoado de caixões.

Na Figura 28, chama a atenção a imagem da criança. A cena nos mostra a existência de poucas pessoas defronte ao estabelecimento. Algumas estavam sentadas logo em frente ao portão do que parece ser uma garagem. Depois, percebem-se algumas atrás daquele que lembra ser um chofer. No entanto, a que se destaca é a da criança que está na entrada do prédio.

Parada e parecendo mirar o centro da câmera fotográfica, é possível conjecturar que o menino olhava para aquele que registrou a foto, mas não antes de ver o carro bem a sua frente. Devia imaginar o significado do que estavam transportando. Algo que fica ainda mais claro quando observamos outra criança, aparentemente menor do que aquela em pé, sentada ao lado do homem na porta da garagem, olhando de maneira fixa para os caixões à sua frente.

Esta não foi a única foto existente que registrou este tipo de cena. Na mesma edição de *A Vida Moderna*, foi publicado este registro:

Figura 29 – Pilha de caixões em São Paulo
A GRIPPE HESPANHOLA, EM S. PAULO



Fonte: *A Vida Moderna*, 26.11.1918, p. 19.

A Figura 29, em plano fechado, mostra-nos a cena capturada com foco em apenas em um único enquadramento: um vagão aberto encontra-se no centro da fotografia e, sob ele, existem dez fileiras de quatro caixões empilhados. A foto mostra um cenário mais assustador do que o visto na imagem anterior. O volume de caixões transportados, agora pelos vagões da “Light and Power”, ratifica as informações aqui já

apresentadas sobre como o volume de mortes na cidade cresceu e de que era necessário ter mais instrumentos disponíveis, a fim de que os falecidos pudessem ser enterrados.

Cenas como as mostradas pela Figuras 28 e 29 nos revelam o quanto a vida na cidade se encontrava fora de uma rotina convencional. O título acima da pilha de caixões da Light foi: “A gripe hespanhola, em S.Paulo”. Assim, vemos que o amontoado de caixões passando pelas ruas paulistanas foi uma das cenas que sintetizou aquilo que a “espanhola” provocava nas cidades: um crescente número de mortes.

Sontag (1985) elucidou que “A fotografia não é simplesmente o resultado do encontro entre evento e fotógrafo; tirar fotografias é em si mesmo um acontecimento” (SONTAG, 1985, p. 11). Durante uma pandemia, tal evento assume contornos imortalizadores da tristeza de uma verdadeira tragédia. O encontro de um determinado acontecimento com a pessoa que vai registrá-lo resulta em um ato potente de capturar aquilo que de mais importante acontecia no momento histórico da cena em si. No caso da “gripe espanhola”, as fotos existentes imortalizaram cenas de isolamento social, de busca por alimentos, de solidariedade na entrega de doações e de mortes.

Em um ambiente assim, tão impregnado pelo fúnebre, tanto na esfera das experiências concretas e cotidianas quanto no pano do simbólico e onírico, era inevitável que a morte ganhasse uma abrangência bem maior do que a dos óbitos causados pelo vírus gripal (BERTOLLI FILHO, 2003, p. 311).

A definição de como se encontrava a cidade de São Paulo durante o transcurso da pandemia foi como o apresentado por Bertolli Filho (2003): o ambiente urbano assumiu um tom fúnebre para além da simbologia, como definiu o autor. Isso porque o número de óbitos era muito alto, conforme apresentado na Introdução deste trabalho, mas a reprodução e a publicação das notícias sobre as trágicas mortes e as fotografias deste assunto deram rosto e materializaram a tragédia e a dor abatidas sobre a população neste período.

Sem deixar de considerar que a situação do serviço funerário se transformou em um verdadeiro caos pelas cidades. As manchetes que foram publicadas falavam em cadáveres insepultos pelas ruas e que incrementavam a pestilência¹⁷² e traziam, estampadas na primeira página dos jornais a contabilização do número de mortes que haviam ocorrido no dia anterior¹⁷³.

¹⁷² A Época, 21.10.1918, p. 6.

¹⁷³ O Combate(SP), 18.11.1918, p. 1.

Sontag (2003) nos adverte: “mas as pessoas querem sentir-se horrorizadas? Todavia há fotos cujo poder não se enfraquece, em parte porque não se pode vê-las com frequência” (SONTAG, 2003, p. 71). A reflexão que a autora fez em seu ensaio se devotou muito mais às imagens de atrocidades cometidas nas guerras. Ela defendeu que registros com estes não podem ser banalizados ou tampouco esquecidos pelas pessoas. Devemos deixar que elas nos persigam para não se esquecer das maldades que o homem é capaz de fazer (SONTAG, 2003, p. 95).

Ao utilizarmos a reflexão feita por Sontag (2003) em um contexto de uma pandemia, podemos transferir o papel do promotor de atrocidades à própria doença, muito embora já saibamos que a doença é histórica, porque surge diante de nós com realidades experienciais, há isolamento, mais morte de pobres do que ricos, escassez de alimentos etc. e as fotos de caixões acabam por deixar um enigma sobre o agente causador da mortandade, um vírus.

As fotografias analisadas estamparam os sinais de como a pandemia afetou à população mais pobre e que se fez mais vulnerável, uma vez vivendo nas regiões com menos condição sanitária da capital do país e em São Paulo. Bairros como o Brás, a Mooca, o Belenzinho, o Bom Retiro e a Bela Vista eram os distritos que mais contabilizavam mortes, informação que virou notícia de jornal ao situar que “os bairros pobres eram os que possuíam maior número de mortos”¹⁷⁴.

As filas para pegar alimentos e receber doações mostravam o público para quem tais ofertas eram destinadas: o pobre, como bem nos mostrou as Figuras 24 e 25.

A pobreza pede socorro. Muita gente não tem ideia, mesmo aproximada, das proporções da miséria existente dentro dos limites da zona urbana. O número de verdadeiros indigentes de muito excede as estimativas dos que poderiam se julgar mais pessimistas. Temos visitado diariamente dezenas e dezenas de habitações colectivas em muitas das quais se encontram centenas de indivíduos (O IMPARCIAL, 01.11.1918, p. 7).

O título da matéria foi contundente e forte: “A pobreza pede socorro”, seguido de uma transcrição de quais foram os ambientes propícios à proliferação da gripe diante das condições de saúde estabelecidas: casas coletivas nas quais viviam muitas pessoas juntas e em condições precárias. Tal situação contribuiu para a formação de “verdadeiros indigentes”.

¹⁷⁴ O Combate(SP), 04.11.1918, p. 1.

Só que, da mesma maneira que as revistas publicaram as imagens de caixões circulando pela cidade, a fim de dar conta do volume de cidadãos mortos, elas também registraram os cortejos e velórios de membros da elite das cidades. A divulgação desses conteúdos estava mais atrelada às características do público-leitor de tais revistas de variedades. Em meio a tantos cidadãos morrendo, imagens como a retratada na Figura 30 foram publicadas:

Figura 30 – A distinção de um cortejo fúnebre



Fonte: A Vida Moderna, 12.12.1918, p. 25.

Nesta foto, não vemos a imagem de uma “pobreza que pede socorro”, tampouco de vários caixões amontoados em um caminhão pela cidade. A cena se faz distinta. Em vez de cidadãos em uma fila para pegar alimentos destinados aos pobres, os trajes de ternos utilizados pelos homens da fotografia nos revela tratar-se de outra classe social. Todos os presentes de gravatas e sapatos estão ao lado de outro homem com farda solene. Os sinais de distinção foram corroborados pela legenda, que comunicou a foto

se tratar do enterro de um “distinto cavalheiro” nominado José Paulino Nogueira.

Realmente, a fotografia mostrava o cortejo de uma pessoa que não era desconhecida, mas um político. Desde o final do Império, José Paulino Nogueira foi um dos membros mais ilustres do Partido Republicano. Em 1889, tornou-se prefeito da cidade de Campinas no momento em que eclodiu uma epidemia de febre amarela. Segundo consta na bibliografia, José Paulino Nogueira fez movimentações entre os políticos para conseguir canalizar a água de sua cidade e, assim, oferecer melhores condições higiênicas com o intuito de controlar a febre amarela. Já no começo do século XX, em São Paulo, assumiu a presidência da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, funções exercidas até sua morte¹⁷⁵.

Conhecido pela atividade pública durante o período em que a febre amarela se manifestou, João Paulino Nogueira, conforme indicou a legenda da foto da Figura 30 veio morrer, justamente, de “gripe espanhola”. A divulgação de seu cortejo pela revista *A Vida Moderna* foi uma das publicações feitas naquele período na qual ficou evidente os contrastes sociais estampados pela imprensa periódica, momento em que a temática das fotos mostrava uma diferença de tratamento social presente em tais imagens.

Figura 31 – Ao invés de caixões, o transporte das coroas de flores



Fonte: Fonte: A Vida Moderna, 12.12.1918, p. 25.

¹⁷⁵ As informações a respeito da vida e da trajetória de João Paulino Nogueira foram feitas por meio do sítio eletrônico: <https://www.saopauloinfoco.com.br/jose-paulino-nogueira-o-homem-que-combateu-a-febre-amarela/>. Acesso em 02.07.2023.

Todavia, em cada uma das ilustrações aqui analisadas, observa-se que um dos assuntos abordados pela imprensa foi a situação das mortes e das tragédias ocasionadas pela influenza. A documentação também mostrou a rotina das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro alterada em razão da gripe, atingindo todas as classes sociais, desde os pobres aos mais ricos, ainda que se possa dizer que aos ricos há a benevolência do comunicado da morte e, aos pobres, a omissão ou o sensacionalismo.

As notícias circulantes indicavam que o maior número de mortos foi registrado entre os menos favorecidos moradores em regiões insalubres:

A “hespanhola” mata mais nos bairros mais pobres. O comunicado de hontem do Serviço Sanitário confirma a nossa observação de sexta-feira, relativamente á grande porcentagem dos óbitos ocorridos nos bairros pobres, que citamos. (...). Que prova isso? Que a falta de hygiene das habitações proletarias, o accumulo de pessoas no mesmo aposento e a falta de promptos recursos therapeuticos e alimentares têm concorrido grandemente para agravar a letalidade da pandemia (O COMBATE (SP), 04.11.1919, p 1).

Coube ao jornal *O Combate (SP)*, responsável pelas notícias mais populares, ser o porta-voz daquilo que os dados já mostravam pelas notícias: as condições estruturais faziam com que as localidades mais pobres, por causa das condições de moradia, fossem as que registraram mais óbitos durante a pandemia de influenza.

Diante deste cenário, as revistas de variedades projetaram e publicizaram a ação dos setores dos mais ricos e elitizados da sociedade paulistana e carioca com o intuito de mostrar a caridade que desenvolviam. Neste ponto, pode-se retornar ao que foi explanado no item 1.2.3., quando apresentamos a situação de carestia e os movimentos caritativos feitos nas cidades. As fotografias que os jornais publicaram nos permitem visualizar essas pessoas em suas práticas de voluntariado. Mostrar os mais ricos e favorecidos em situações nas quais eles atuavam em prol dos mais pobres, como uma forma encontrada de justificar a letargia política e apresentando uma ação social legitimada. Seria algo como que para atenuar o fato de possuírem privilégios no momento em que grande parte da sociedade, menos abastada, sofre com as consequências de uma doença.

Privilégios e riquezas estas que, mesmo diante do sofrimento alheio e da crise social, deveriam ser mantidos e preservados. Foi o que Solnit (2020, p. 5) intitulou de

“pânico das elites”. A autora defendeu que, em uma sociedade, após a manifestação de qualquer tipo de calamidade, pode ser observado um comportamento vil dos poderosos que começam a agir assim a partir de uma crença de que os demais cidadãos passarão a se comportar de maneira reprovável.

Em outras palavras, Solnit (2020) precisou que as elites irão sempre colocar seus benefícios e suas propriedades à frente do senso de comunidade. Nos pensamentos propostos por esta autora, não se pode considerar que as ações dos mais ricos aos menos favorecidos durante, por exemplo, a “gripe espanhola”, fossem atitudes meramente altruístas ou marcadas por uma benevolência sem contrapartidas, ao contrário. Colocando-se a serviço dos outros, seja na distribuição de alimentos ou de dinheiro, os mais ricos projetam a imagem de que, por meio do compartilhamento de seus recursos e riquezas, eles conseguem atender e amenizar o sofrimento alheio. Deste modo, este tipo de ação torna mais justificada sua existência e a permanência de seus benefícios particulares, enquanto parte considerável da sociedade sofre as consequências de uma crise sanitária.

As imagens das ações caritativas durante a vigência da “influenza espanhola” ilustraram este cenário. A Figura 32 é mais um exemplo das manifestações de solidariedade ocorridas na São Paulo de 1918:

Figura 32 – Registro das pessoas que faziam caridade em São Paulo



Fonte: A Vida Moderna, 26.11.1918, p. 26.

Entre as distinções sociais tanto marcadas nas fotografias aqui apresentadas, nesta, ilustrada pela Figura 32, conseguimos ter um retrato da sociedade daquela época. Em um mesmo plano, encontravam-se homens e mulheres brancos. Elas, de vestido longo com os cabelos penteados e bem arrumados. Eles vestem terno e usam cartola. Estão juntos com outros cidadãos, estes pretos e pardos, com roupas simples e chapéus de pano à cabeça. Eles estão próximos, mas não se misturam. Ao centro, encontram-se às “senhoras, senhoritas e alguns cavalheiros”, como nos diz a legenda publicada. Margeando-os, os outros que seriam por eles assistidos com sopas.

Contudo, ao contrário do que se percebeu nas outras fotografias, nesta as pessoas não aparentam ser ricas e tão elitizadas assim. Não há nomes ou outros sinais de distinção social, a não ser os pronomes de tratamento que foram utilizados.

Na mesma edição desta revista paulistana, foi publicada outra fotografia cujo teor produzido foi muito similar ao da Figura 32:

Figura 33 – A ação da Cruz Vermelha



Fonte: A Vida Moderna, 26.11.1918, p. 20.

Novamente, o que vemos pela Figura 33 são pessoas bem vestidas no plano principal da fotografia. Ao observarmos as roupas utilizadas, constatamos ternos, chapéus e saias, em um retrato que não mostrou a presença daqueles que poderiam ser beneficiados pelas doações, com exceção da figura de uma criança e de um jovem, em um pequeno grupo, encontrados no lado esquerdo da foto e que apresentavam serem mais simples.

Não se observa o ato da “distribuição de viveres”, como a legenda informou. É uma imagem com todos posando para o fotógrafo, mesmo que apenas aqueles fardados estivessem olhando para o centro da câmera, uma vez que todos os demais se posicionaram de maneira lateral, o que dificultou enxergar seus rostos. Apenas pela legenda da fotografia entendemos se tratar de uma ação caritativa organizada pelas “damas da Cruz Vermelha Brasileira” que foram auxiliadas pelos funcionários da loja Mappin.

A referência ao termo dama para se referir às mulheres da foto na Figura 33 não era apenas um ato de distinção social, como registrado na Figura 32, na qual foram utilizados os termos “senhoras, senhoritas e alguns cavalheiros”. Na verdade, as damas da Cruz Vermelha foi um comitê criado por um grupo de senhoras da sociedade paulistana que deu origem à seção feminina da entidade. Elas foram as responsáveis pela criação de um corpo de formação de enfermeiras voluntárias.

No alto do prédio da Rua Direita, região central da cidade de São Paulo, o cartaz, mesmo que não muito nítido, apresenta a ação feita por aquelas pessoas, quando se pode ler: “Cruz Vermelha Brasileira. Socorro Alimentar”.

Fundada em 5 de dezembro de 1908, data da aprovação de seus estatutos, a formação desta entidade no Brasil teve início um ano antes, pela ação do Dr. Joaquim de Oliveira Botelho, que se inspirou nas atividades que a Cruz Vermelha realizava em outros países. Seu primeiro presidente foi, justamente, Oswaldo Cruz¹⁷⁶.

Contudo, Bertolli Filho (2003) apontou que a Cruz Vermelha Brasileira não deixou de receber críticas à sua atuação durante a pandemia de 1918. Segundo o pesquisador:

Isso se deu por ter esta entidade ter montado um hospital provisório em sua sede, em um prédio de escritórios situado na Rua São Bento,

¹⁷⁶ As informações relativas à formação da Cruz Vermelha Brasileira e sobre o comitê das damas foram retirados do site oficial da Cruz Vermelha do Brasil, cujo endereço é <http://www.cruzvermelha.org.br/pb/institucional/historia-da-cvb/>. Acessado em 26.02.2023.

na área central da cidade. Devido ao contínuo afluxo de enfermos para o local, os outros ocupantes do edifício logo se sentiram ameaçados pelo contágio, passando a se queixar cotidianamente da periculosidade da situação e, ainda, do medo que o hospital inspirava nas suas respectivas clientelas que deixavam de recorrer aos seus serviços (BERTOLLI FILHO, 2003, p. 267).

Desta forma, vemos que nem a atuação da Cruz Vermelha foi capaz de arrefecer os entraves sociais existentes na sociedade, mesmo que em meio a uma pandemia. Ao ocupar o prédio, na Rua São Bento, para atender aos acamados, a própria Cruz Vermelha, conforme o mesmo autor nos mostrou, teve que lidar com as queixas dos demais moradores do prédio os quais alegavam que os tipos de pessoas frequentadoras das instalações do hospital apresentavam periculosidade e transmitiam medo àqueles que frequentavam a região.

Neste sentido, podemos destacar a aferição de que, em ambas as fotografias presentes nas Figuras 32 e 33, temos a representatividade do retrato das classes sociais paulistanas durante a vigência da “gripe espanhola” e de como a pandemia as atingiu de forma distinta. Contudo, mesmo em meio a tal diferença de classe, todos os cidadãos tiveram de ser orientados e formados para lidar com a nova doença presente na cidade como um todo atingindo, inclusive, aqueles com melhores condições de higiene.

Lembramos, entretanto, que os jornais tinham alcance limitado por eles também. Cabe pensar que outras formas de comunicação foram articuladas para a composição do quadro de cuidados à doença. A clara visualização da morte nas ruas pode ter sido uma dessas comunicações.

Outros cidadãos se dedicaram a ajudar as pessoas mais necessitadas. Além da ação dos participantes da Cruz Vermelha, encontramos registro da atuação de um grupo que aqui já foi apresentado: a Liga Nacionalista. Para ilustrar, apresentamos duas imagens publicadas pela revista *A Vida Moderna*.

Em ambas as fotografias – Figuras 34 e 35 –, a mesma cena se repetiu: homens brancos, bem apresentados e vestidos, usando terno, gravata e um deles segurava um chapéu à mão. A cena registrada não mostra a atuação da Liga Nacionalista, de modo específico, em alguma ação solidária durante pandemia. É apenas um registro de seus membros posando juntos para o centro da câmera.

Figura 34 – Registros da Liga Nacionalista durante a pandemia de 1918



Fonte: A Vida Moderna, 26.12.1918, p. 20.

Figura 35 – Registros da Liga Nacionalista durante a pandemia de 1918



Fonte: A Vida Moderna, 26.11.1918, p. 32.

Em virtude deste ângulo específico, não se sabe ao certo que tipo de trabalho estas pessoas empreenderam para a sociedade. Temos apenas a informação apresentada na legenda das fotos: a de que se refere a um “grupo de moços” que prestaram relevantes serviços à população, tendo trabalhado muito durante a pandemia. Em uma das imagens, fez-se menção ao presidente da Liga, o Sr. Frederico Vergueiro, professor catedrático de Direito Comercial da escola do Largo do São Francisco, conforme nos diz Levi-Moreira (1982, p. 68).

Todo ideal de cidadania e república que a Liga Nacionalista possuía “traduziu-se em proposições pedagógicas” (BOTO, 1994, p. 156). Existia um projeto educacional focado pelo grupo na “feitura de um novo homem”. Portanto, no estudo que empreendemos sobre organização da instrução pública durante o período da pandemia de 1918, não se pode deixar de considerar a existência de escolas que foram construídas a partir dos ideários deste grupo intitulado Liga Nacionalista.

A pesquisa de Levi-Moreira (1982) evidenciou que a pauta nacionalista ganhou destaque no país naquela época dado o agravamento das condições sociais e econômicas do período desde 1917, colocando em xeque as ações da República. Dentro de tais características, a Liga Nacionalista teve “a predominância de profissionais liberais que poderia nos levar a considerá-la como um movimento oposicionista de classe média” (LEVI-MOREIRA, 1982, p. 71). As fotos de seus membros, estampadas nos impressos de 1918, revelaram-nos esta imagem dos cidadãos que, segundo a autora, seriam os responsáveis por regenerar a política do país e, por isso, imediatamente registrados como sujeitos que possuem ação diretiva no momento da moléstia. É possível fazer política e se apresentar como samaritano de enfermos.

A contextualização do que era a Liga Nacionalista e do que pensavam seus membros ajuda-nos na compreensão de como foi seu papel durante o avanço da “gripe espanhola”. As fotos apresentadas não mostraram cenas da atuação deles, mas a documentação de pesquisa enfatizou a assistência dada pela Liga, em nome de alguns periódicos:

O movimento dos hospitaes da Liga Nacionalista, em data de hontem, foi o seguinte: existiam 160 enfermos, entraram 50, sahiram 24 e faleceram 4, existem 182. Existem 53 leitos vagos. As patrulhas da Liga Nacionalista attenderam a 332 pessoas necessitadas de alimentação e 47 do socorro medico. Inscreveram-se mais para esse

serviço os srs. Francisco Comenale e Filho, Antonio Alves Ribeirto, Antonio Martins, José Godoy, Laffayette Cruz, Antonio Rinaldi e João Cobrera (CORREIO PAULISTANO, 07.11.1918, p. 2).

Parte dos jornais apresentaram a movimentação existente nos hospitais que estavam aos cuidados da Liga Nacionalista. O recorte acima é apenas um exemplo de edição de impresso que mostrou a rotina de elencar para a população os serviços de assistência prestados. De modo específico, a Liga foi uma destas instâncias que assim agiram. A cada dia, foi enumerada a quantidade de pessoas atendidas. Além disso, o jornal dava detalhes de quem eram as pessoas que passavam a colaborar com o hospital provisório montado.

Além do *Correio Paulistano*, podemos corroborar este alinhamento dos interesses das elites com este grupo quando observamos, novamente, uma associação feita entre o jornal OESP e a Liga Nacionalista:

Patrulhas de socorro. “O Estado” de acordo com a incansável e abnegada Liga Nacionalista, trata de fundar, desde hontem, um serviço de patrulhas de socorro que, umas após outras, percorrerão as ruas dos diversos districtos da cidade, para verificar as necessidades mais prementes dos habitantes e dar avisos imediatos áquelles a quem competirem as providencias (O ESTADO DE S.PAULO, 02.11.198, p. 4).

Assim como OESP se associou filantropicamente ao impresso *Fanfulla*¹⁷⁷, novamente esta notícia apresentou mais um momento em que o próprio jornal deu notícia de ter se juntado à Liga Nacionalista para construir, conforme foram intituladas, “patrulhas de socorro”. É interessante observar como o periódico apresentou este grupo: incansáveis e abnegados. Ao se juntar a eles, um dos objetos do OESP seria o de atrelar as mesmas qualidades a si mesmo. Vale apontar que, mesmo sendo abnegação caridosa de caráter político, não deixa de ser uma boa ideia fazer patrulhas para auxiliar nas necessidades prementes durante uma calamidade. Os estudos de como se comportam os sujeitos e atores sociais durante eventos catastróficos pela possibilidade de salvar vidas são interessantes, pois este é um assunto recorrente ao longo dos anos¹⁷⁸.

Da mesma maneira, quando voltamos à edição citada do *Correio Paulistano*, foram mencionados os nomes dos cidadãos que também passaram a atuar na Cruz

¹⁷⁷ Conforme analisado nesta pesquisa.

¹⁷⁸ A correlação entre ciência, bem-comum, a ação dos governos e o comportamento das pessoas sempre gera debate quando o assunto é uma catástrofe. Cf. <https://sul21.com.br/geral-1/2011/03/catastrofes-prevencao-eficiencia-e-solidariedade/> Acesso em 05/07/2023.

Vermelha. Não apenas a menção de cada um, mas também a citação de cada contribuinte e a respectiva quantia dada como colaboração e doação para as atividades empreendidas pela entidade. Já se pode dizer que agir pela filantropia durante a pandemia era ato esperado como atitude do status.

Portanto, as imagens que registraram os membros tanto da Liga Nacionalista, como da Cruz Vermelha, ilustraram a identidade dos cidadãos atuantes na sociedade por meio do trabalho em hospitais provisórios e da entrega de donativos e suprimentos. A expressão de tal assistência aos doentes hospitalizados teve um protagonismo de parte da imprensa que mostrou o interesse pelas ações feitas por estes grupos. O jornal *Correio Paulistano* assumiu o papel de noticiar, de maneira detalhada, as ações dos hospitais referentes à Liga Nacionalista, bem como o trabalho desenvolvido por meio da Cruz Vermelha. Neste ponto, cabe recordar este jornal como aquele que, no percurso de toda a pandemia e em todas as páginas principais de suas edições, não apresentou uma manchete de destaque a respeito do avanço da influenza pela cidade. Mas, ao dar créditos para as ações feitas por tais entidades, o *Correio Paulistano* apontou qual foi o caminho adotado para contar os fatos referentes à pandemia.

A análise da documentação revelou uma imprensa periódica que não se fez neutra na produção do noticiário da pandemia de influenza: periódicos que se valeram de metáforas para construir suas reportagens, outros narraram histórias dramáticas, outros dedicados a projetar as ações de voluntariado protagonizadas pelas elites das cidades.

No próximo capítulo seguimos com a proposta de mostrar como a imprensa, também se estabeleceu como um canal colaborativo para o desenvolvimento e a consolidação do pensamento científico. Diante de uma situação de crise sanitária, os cuidados profiláticos para erradicar a influenza foram validados e anunciados pelos cientistas. E eles também se utilizaram dos periódicos para exporem suas ideias e ensinamentos de acordo com os conhecimentos disponíveis naquele momento.

3. OS IMPRESSOS E A DIFUSÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO DURANTE A PANDEMIA DE 1918

“Nunca houve – segundo os testemunhos históricos – epidemia tão generalizada como esta, e essa extraordinária generalização força-nos a meditar nas causas que a tornaram efectiva”¹⁷⁹. O trecho da notícia “A ‘razzia’ da peste”, publicada pelo periódico paulistano *O Combate* (SP), sintetiza sua apreciação sobre as causas da nova doença que afetava o mundo todo.

No Capítulo 2, analisamos o destaque que esta notícia recebeu, publicada no alto da última coluna de notícias da primeira página do jornal, ao mencionar em seu título o ataque de uma nova peste. Apesar disso, esta reportagem sobre a “gripe espanhola” não fez uso de metáforas ou outras expressões para retratar a doença para os leitores. Ao contrário.

“A ‘razzia’ da peste”¹⁸⁰ foi uma notícia que ocupou duas colunas inteiras daquela edição e se dedicou a detalhar e a enumerar os possíveis motivos que poderiam explicar o surgimento e a proliferação da moléstia pelo Brasil, por meio da apresentação de um amplo conjunto de informações científicas que circulavam à época. Este documento apresentou um volume significativo de dados a respeito da doença e de suas formas de contágio, como se verá a seguir.

Esta matéria jornalística não foi a única a trazer elementos científicos capazes de explicar ao povo o que vinha acontecendo. Muito além das representações da doença utilizadas pelos jornalistas na elaboração das notícias sobre a doença de 1918, a pesquisa busca apresentar como os jornais e as revistas da época também foram responsáveis pela distribuição de conteúdos científicos justamente durante um período crítico de uma crise sanitária e social.

Esta circulação de informações tecnocientíficas se deu de várias formas: por meio de entrevistas com médicos e cientistas; a partir da publicação de comunicados da Associação de Medicina; de informações técnicas oferecidas pelo Serviço Sanitário, entre outras exemplificações que nos mostram como a imprensa fez circular conhecimentos científicos, em sua grande maioria desconhecidos da população, a partir

¹⁷⁹ *O Combate* (SP), 27.11.1918, p. 1

¹⁸⁰ *O Combate* (SP), 27.11.1918, p. 1.

da destinação de um espaço físico nas edições dos jornais e das revistas para que os especialistas pudessem expor suas considerações e seus saberes.

O estudo e a comparação de cada uma destas reportagens mostra como o trabalho de divulgação feito pelos impressos durante a pandemia se tornou importante para a formação de um público que, leitor imediato, passa saber sobre conhecimentos científicos a partir do momento em que a imprensa também começava a disseminá-los em suas publicações, exercendo papel na orientação do povo frente à nova doença. Diante de um fato novo e extraordinário, no caso, a nova doença chamada “gripe espanhola”, os impressos circularam saberes técnicos que, além de educarem o povo, constituíram a imprensa como um canal de divulgação das atividades científicas.

Dessa forma, durante o período da pandemia de 1918, a análise da imprensa daquele período mostra ser possível estudar como se deu o avanço da ciência e seu desenvolvimento *in loco*, ou seja, em sua plena atividade frente ao mal que se alastrava e como se estabeleceu o registro de tais realizações, orientações e descobertas científicas pelos jornais e revistas daquela época.

Se isso foi possível no começo do século XX, deve-se ao fato de que houve um percurso histórico da ciência até chegar ao ponto em que os jornais e as revistas impressas publicassem informações especializadas sobre a influenza ou de qualquer outra doença. De certo modo, temos em mãos a ideia de que a ciência é também o que se diz sobre ela, seus feitos, suas invenções apresentadas como soluções e administrações sociais, ou ainda uma forma que busca consenso para gerenciar os melhores caminhos para se viver ou morrer.

3.1 A formação do público leitor da Ciência

A história das ciências nos ajuda a compreender como se formaram os públicos que liam e se interessavam tanto diretamente por suas atividades quanto àqueles que receberam seus conhecimentos de maneira forçada. Ao longo do tempo, a ciência passou por um processo de intensa transformação que propiciou formas de divulgação e publicação de suas descobertas, tornando possível a constituição daqueles que se interessariam por ler e aprender sobre as ciências. Em grande medida, a história da ciência é a história da circulação e do compartilhamento dos seus feitos e de apagamento de seus erros.

A consideração básica, ao se projetar a existência de leitores, reside no fato de que existam formas de divulgação do conhecimento científico. Contudo, isso não aconteceu sempre na história. Do Renascimento ao século XXI, a ciência não teve o mesmo entendimento, compreensão e relevância, mas foi se formando e constituindo de acordo com o passar do tempo. Nieto-Galan (2011) delimitou ter sido apenas no século XIX que as ciências conseguiram se profissionalizar e se institucionalizar como atividade reconhecida e desenvolvida por especialistas.

O mesmo autor demarcou as características assumidas pela ciência, em cada fase da história e em seu processo de constituição sob categorias rígidas que separaram os criadores e os receptores de conhecimentos, como um debate contínuo de ideias que promoveram uma legitimação do saber e consolidaram a autoridade científica como marcos da modernidade.

En esa época (Renacimiento), las fronteras entre el conocimiento, el entretenimiento y la utilidad, entre el profesional y el amateur, se difuminaban entre el mundo académico y el profano. Entre la cultura de la curiosidad, que tenía sus precedentes en los cabinets y los autómatas del siglo XVII y la distinción moderna entre ciencia académica y ciencia popular que se consolidó a lo largo del siglo XIX, la ciencia ilustrada fue una amalgama de actividades multifacéticas (...) La profesionalización de la ciencia y su progresiva especialización a lo largo del siglo XIX crearon una creciente separación entre expertos y profanos. Los planes educativos y los programas de divulgación definían *a priori* unos determinados públicos de la ciencia, cada vez más regulados (NIETO-GALAN, 2011, p. 18).

Nieto-Galan (2011) sintetizou como as questões relativas às ciências estiveram, desde o Renascimento, voltadas ao debate sobre qual seria a função e o papel das atividades científicas na sociedade: se canal de conhecimento ou de entretenimento e a utilidade que ela teria entre os profissionais e os amadores. Os caminhos estavam entrecruzados e o que vemos a partir do século XIX é o desfalecimento da ideia de conhecimentos amadores, assim vistos a partir da constituição de uma ciência profissional.

Nesta linha, ao longo do século XIX, o autor nos mostra que a consolidação da distinção entre a ciência acadêmica e a popular fez com que se criasse uma separação presente entre aqueles que seriam os peritos e aqueles que não seriam reconhecidos como produtores de ciências.

Mesmo diante dessa separação entre os profissionais e os amadores, as atividades científicas não pararam de evoluir e de produzir conhecimentos. Contudo,

apesar do advento dos novos meios de comunicação audiovisual, a ciência não conseguiu difundir suas conquistas e suas descobertas de modo que conseguisse atingir e se fazer entender pelo grande público. Nessa transformação, diz-nos Eisenstein (1990):

Sin embargo, parece que la explotación de los medios de masas fue más común entre los charlatanes y agoreros que entre los hombres de ciencia que escribían en latín y que frecuentemente rehusaban imprimir su trabajo. Cuando aparecieron impresos tratados importante, raramente adquirirían el status de *best-sellers* (EISENSTEIN, 1990, p. 4).

A presente pesquisa tem como objetivo a identificação de como os conhecimentos e as informações científicas foram apresentadas pelos jornais e pelas revistas da época e como, desta forma, a imprensa exerceu um papel orientador aos cidadãos frente à doença que se espalhou.

Todavía, para além da disseminação do conhecimento científico oficial e reconhecido, o que foi dito por Elizabeth Eisenstein (1990) foi também constatado neste corpo documental: houve a circulação de muitos outros procedimentos e formas de combate à “espanhola” pautados não pelos saberes científicos, mas por credices e por tradições populares sobre combinados médicos que devolviam a saúde para o corpo.

As questões de legitimidade de conhecimentos e de palavras, bem como por onde circulavam, conta uma história da constituição da própria ciência, mas também da circulação e dos poderes dos saberes profanos, muitas vezes repassados oralmente, o que não se pode desconsiderar em meio às relações urbanas, de certo modo reconfiguradas pela aflição da moléstia.

Nesta concepção, é possível refletir sobre o que a autora expôs sobre a não familiaridade dos cientistas com as formas de divulgação de seus saberes por meio dos canais de comunicação social capazes de atingir as grandes massas da população e a difundi-lo com mais facilidade entre os cidadãos. Nieto-Galan (2011, p. 20) nos apontou que os grandes esforços de divulgação do conhecimento científico, principalmente na segunda metade do século XX, não deram certo.

A falta de efetividade da divulgação dos saberes científicos pelos meios de comunicação aliada ao fracasso de uma concepção positivista da ciência que projetava serem os avanços científicos capazes de promover uma transformação moral da sociedade, ou seja, que resolveriam os problemas causados pelos homens, instalou o que Nieto-Galan (2011) intitulou de um “mal estar da cultura científica”. Em outras

palavras, a ciência moderna não tornou possível o sonho ilustrado, não conseguindo resolver todas as problemáticas existentes.

A pesar de su crecimiento exponencial tanto a nivel cualitativo como cuantitativo, de su intenso proceso de especialización a lo largo de los últimos siglos, la conquista social de la ciencia nunca habría sido completa. La sabiduría popular tradicional se habría perpetuado en las comunidades más estables y en las personas menos adaptables. Las creencias y prácticas familiares habrían persistido y se habría desarrollado un conjunto variado de estrategias de supervivencia (NIETO-GALAN, 2011, p. 25).

Mesmo com toda a especialização adquirida nos últimos séculos, o que Nieto-Galan (2011) apontou foi a não efetivação da ciência, de forma plena, como uma conquista social contraposta e, até mesmo, substituta da sabedoria popular, que não deixou de existir e de se fazer presente nas dinâmicas sociais. Ao contrário, segundo o autor, elas permaneceram atuantes e relevantes em plena modernidade. Deve-se levar em consideração, inclusive, que tais saberes devem ser pensados como trabalhos amadores, ou por hobbies, por tradição ancestral, místicas, ou ainda o mais puro charlatanismo.

Apesar da permanência das tradições populares e da transmissão dos conhecimentos não especializados, o que não se pode deixar de considerar foi o avanço que a ciência conseguiu empreender a partir da conquista em, por meio da existência da imprensa, divulgar seus conhecimentos e descobertas.

Em la mayoría de los estudios acerca de los inicios de la ciencia moderna, las comunicaciones europeas se tratan en una forma tal que posponen las consideraciones de una transformación importante hasta la aparición de la prensa periódica. El desarrollo y mejora del servicio postal recibe así mayor atención que lo hace el establecimiento previo de los talleres de los primeros impresores, las redes de mercado y el comercio del libro (...) Estas revistas eruditas se destacan en los tratamientos convencionales debido a que aceleraron la circulación de noticias científicas y posibilitaron que los dispersos *virtuosi* se mantuvieran informados cada uno del trabajo de los otros. La publicación periódica se considera así como una prolongación ulterior del tipo de comunicación científica que anteriormente se había canalizado a través de la correspondencia manuscrita (EISENSTEIN, 1990, p. 13).

A partir da observação de um acontecimento como a pandemia de 1918, podemos considerar que a imprensa promoveu transformação na divulgação da ciência moderna. Ao nos voltarmos para o percurso histórico, vemos a comunicação científica,

outrora feita pelo modelo de correspondência manuscrita, reproduzida pela imprensa, veiculando os textos científicos das principais obras das ciências. A modernidade trouxe uma modificação do fluxo de informações a partir da substituição dos copistas pelos impressores, fazendo com que o homem deixasse de ser a medida literal de todas as coisas e os registros detalhados dos processos científicos pudessem ser reproduzidos, de forma exata, ao longo do tempo.

No momento em que foi possível a criação de revistas eruditas com notícias científicas, a circulação deste conhecimento passou a ser considerada algo mais convencional nos trâmites acadêmicos e foi um elemento decisivo e importante para o fazer científico. Agora, uma descoberta ou as etapas realizadas para um achado importante não ficavam mais restritas a seu descobridor, pois precisavam ser compartilhadas entre os pares: “Estas revistas eruditas se destacan em los tratamientos convencionales debido a que aceleraron la circulación de noticias científicas y posibilitaron que los dispersos *virtuosi* se mantuvieran informados cada uno del trabajo de los otros” (EISENSTEIN, 1990, p. 13).

Com esta prática, Eisenstein (1990, p. 27) pontuou que “muchas tradiciones científicas diferentes, antiguas y medievales, se transformaron gracias a la capacidad de la imprenta de transmitir los registros de las observaciones sin perder precisión y com todo detalle”. Portanto, o uso da imprensa foi decisivo para que a ciência pudesse aperfeiçoar sua prática e fazer circular um volume de informações sobre dados importantes os quais, anteriormente, não se fazia possível.

O percurso histórico nos mostra o quanto o uso da imprensa foi revolucionário para o desenvolvimento da ciência. Importa ressaltar que ele não ficou restrito ao ambiente acadêmico e científico dos peritos e dos especialistas. Se os saberes tradicionais do povo se faziam predominantes, foi necessário encontrar outros mecanismos populares para que os saberes da ciência encontrassem às pessoas comuns e letradas, constituindo, assim, um novo público leitor, agora formado por cidadãos que não se faziam teóricos ou especialistas em determinados assuntos.

Desta forma, em pleno começo do século XX, este papel de “vulgarizadores” dos conhecimentos científicos exercido pelos veículos de comunicação impressos pode ser compreendido como mais uma maneira de que a ciência se valeu, na história, a para fazer circular seus conhecimentos pela imprensa diária, ainda mais durante um momento histórico de crise sanitária e de saúde pública como foi a pandemia de 1918.

Contudo, não podemos vislumbrar que esse caminho de divulgação dos conhecimentos científicos se fez sem qualquer tipo de resistência.

Para muchos científicos profesionales, abrir demasiado la puerta de sus palacios del saber implica un riesgo no depreciable de equiparar la ciencia a cualquier otro corpus de creencias y valores, em una especie de alarmante simetria epistemológica com tintes relativistas, que ha causado gran desazón entre muchos profesionales en las últimas décadas (NIETO-GALAN, 2011, p. 28).

De acordo com o autor, a abertura dos “palácios do saber” significava, para muitos cientistas do passado, uma forma de perder prestígio ou a autoridade que assumiam por serem detentores de conhecimentos específicos, não convencionais ao grande público, leigo em determinados temas os quais, anteriormente, limitavam-se a um campo de saber e conhecimento dos profissionais. O risco temido era o de uma depreciação do papel que exerciam na sociedade.

No preâmbulo desta discussão, não podemos esquecer o que Latour (1998) mostra sobre a construção da ciência como uma atividade viva, prática, desenvolvida por pessoas, sejam elas os profissionais tecnicamente reconhecidos ou amadores. “Teremos de aprender a viver com duas vozes contraditórias que falam ao mesmo tempo, uma sobre a ciência em construção, outra sobre a ciência acabada” (LATOURE, 1998, p. 31). Falando do mundo atual, aponta para o passado, sugerindo que os próprios cientistas escalonaram a sua função, jogando para segundo plano certos conhecimentos técnicos, práticas de ensino e o mundo social para além do laboratório.

O estudo de como a imprensa divulgou os acontecimentos pandêmicos de 1918 permite verificar a construção da ciência desenvolvida pelos profissionais da área que viam e estimulavam a circulação de seus saberes em contraposição a uma certa população propagadora de formas de cura da gripe que se espalhava.

Tudo isso estava em movimento e em constante ação e ditou o percurso da narrativa da influenza nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, permitindo-nos a observação a partir das páginas dos jornais e das revistas, de como a ciência foi se construindo em meio ao avanço da doença.

3.2 O mistério da “espanhola”

A narração da história da pandemia de influenza pela imprensa de 1918 foi marcada pela publicação de histórias dramáticas das pessoas contaminadas, com muitas

metáforas e comparações sobre a doença, por conselhos do que deveria ter feito em meio ao desconhecido, mas ela também falou sobre como a ciência se estabeleceu no começo do século XX, diante de um cenário totalmente adverso ao conhecimento daqueles que detinham o saber e eram chamados de especialistas. Afinal, uma problemática se impunha: como era possível acreditar nas descobertas científicas, se milhares de pessoas morriam de uma forma rápida e trágica atingidas por uma doença que lhes desfigurava e matava brutalmente?

Esta foi uma pergunta estampada pelos próprios jornais, refletindo, junto com o povo, a estupefação de lidar com uma nova doença que se disseminava mesmo diante de um contexto histórico julgado como detentor de progressos que não mais permitiriam algo desta magnitude acontecer.

Sempre pensei que, actualmente, estivessem mortas as grandes epidemias deante dos recursos da sciencia moderna; que a hygiene levada ao extremo, os conscienciosos e custosos estudos da pathologia e bacteriologia, toda a vasta pretensão da medicina oficial, fossem barreiras suficientes para fazer recuar os bacillos insidiosos. Sempre estive certo de que a peste era um espantinho de papel, sepultado nas paginas do passado, do qual não deveriam ter o menor receio os homens maravilhosos dos dias do aeroplano, do sem-fio e do radio, poderosamente armados de desinfetantes e do conhecimento profundo do corpo humano e de suas funções. Despertei dessa ilusão deante do Rio de Janeiro de 1918 reduzido ao papel de Athenas do 4º século, antes de Christo. Porque o que descreve Thucydides eu tenho visto em plena capital moderna do Brasil, horrorizado (CORREIO PAULISTANO, 01.11.1918, p. 1).

No alto da primeira coluna de notícias na capa daquela edição, lê-se em letras destacadas: “A epidemia”. O texto acima, muito diferente do padrão adotado nas notícias que analisamos, foi assinado por “João do Norte”, identificado como jornalista¹⁸¹.

O relato do repórter foi publicado com destaque pelo impresso. Foi praticamente a matéria principal daquela edição que ocupou um espaço significativo de sua primeira página. O texto iniciou com a apresentação da peste mais antiga que se tinha

¹⁸¹ O trabalho de Magalhães (2009) mostra que “João do Norte” era um dos pseudônimos utilizados por Gustavo Barroso. Já como jornalista, ao chegar no Rio de Janeiro para trabalhar na cidade, a autora nos mostra que “Gustavo Barroso deseja ser o porta-voz de seu Ceará na Capital adotando o pseudônimo João do Norte” (MAGALHÃES, 2009, p. 47). A pesquisadora também pontua como Gustavo Barroso se consolidou como folclorista, ao mesmo tempo em que assumiu posições antissemitas e foi um expoente do movimento Integralista do Brasil fato que, segundo a autora, foi um dos motivos para um verdadeiro “apagamento” de trajetória acadêmico-literária de Gustavo Barroso, vulgo João de Norte (MAGALHÃES, 2009, p. 16).

conhecimento, que foi a de Atenas, ocorrida logo após a Guerra do Peloponeso. Ao contar toda a história de como esta moléstia havia se desenvolvido, inclusive apontando muitas similaridades com o que se via com a influenza, o autor se utilizou de tal contexto histórico para expressar sua descrença em viver uma situação similar no começo do século XX, fato que reconfigurou de toda a capital do país.

“João do Norte” atribuiu aos “recursos da ciência moderna” e aos “estudos da bacteriologia e da patologia” o fato de que não se poderia acreditar que uma nova “peste” se manifestava no mundo. Um posicionamento que o jornal, ao fazer esta publicação em primeira página, também assumia como o seu: era uma forma de indicar o espanto e a incredulidade frente a um acontecimento de que só se tinha registro na própria história, mas que, como a imprensa refletiu, não se esperava noticiá-lo em pleno começo do século XX. Ainda mais por uma moléstia que se espalhava de maneira veloz e era muito mortífera.

Além disso, outro ponto destacado pelo autor como motivo para não se conformar com a chegada de uma nova epidemia foi à adoção de uma “higiene levada ao extremo” que já pautava a sociedade daquele período. Neste ponto, não tem como não se voltar à contribuição que os próprios impressos deram para a veiculação dos hábitos e posturas higiênicas esperadas pelo povo na vida urbana, como se vê a seguir:

Os dez mandamentos da hygiene. Uma casa editora de Pariz pôz em concurso a questão seguinte: Resumir em dez conselhos as regras geraes prescriptas pela hygiene para viver bem. Cerca de quinhentas respostas chegaram á administração e o laureado do concurso foi o dr Dubornet, de la Ferté-sur-Aube (Haute-Marne). Eis os dez mandamentos elaborados pelo dr. Ducornet: I. Hygiene geral – Levanta-te cedo, deita-te cedo, e ocupa o teu dia; II. Hygiene respiratória - A agua e o pão entretêm a vida; mas o ar puro e o sol são indispensáveis á saúde; III. Hygiene digestiva – A temperança e a sobriedade são o melhor elixir da longa vida; IV. Hygiene da pelle – a limpeza preserva da ferrugem; as machinas melhor cuidadas prolongam mais tempo o seu serviço; V. Hygiene do sonno – O repouso sufficiente repara e fortifica; o muito repouso debilita e enfraquece; VI Hygiene do vestuário – Vestir de fórmula a conservar o corpo com o necessário calor e a liberdade de todos os movimentos, preservando o das variações bruscas da temperatura; VII Hygiene moral – O espirito repouza e activa-se com distracções e divertimentos! Mas o abuso conduz ás paixões e as paixões aos vícios; IX Hygiene intellectual – A alegria faz amar a vida e o amor á vida é metade da saúde. Ao contrario, a tristeza e a falta de coragem fazem aproximar a velhice; X Hygiene profissional – E o cérebro quem vos nutre? Não deixeis inactivos nem os braços nem as pernas. Ganha a tua vida manejando uma enchada. Não te esqueças de ornar a tua

inteligência e de engrandecer o pensamento (A VIDA MODERNA, 26.11.1918, p. 17).

A partir desta matéria publicada na revista *A Vida Moderna*, pode-se entender melhor o que foi dito por “João do Norte”, quando mencionou a expressão “higiene extrema”, e o nível da contribuição que a imprensa assumiu na divulgação de orientações com este teor. Conforme foi apresentado no Capítulo 1, indicamos o anúncio de medidas profiláticas que os impressos difundiram durante o período específico de transmissão da influenza na pandemia por meio de seções dos jornais intituladas como “conselhos ao povo”.

O conteúdo acima descrito nos mostra que a contribuição dos jornais e das revistas foi além, pois não se restringiu apenas a divulgar conhecimentos científicos e necessários para erradicar tão somente uma nova moléstia transmitida pelo mundo. Fez mais do que isso quando, de maneira muito ampliada, propagou orientações e novas recomendações transmissoras de um novo estilo de vida remodelado de acordo com as transformações sociais verificadas, principalmente, após a Revolução Industrial que configurou o desenvolvimento dos espaços urbanos.

Desta forma, constatamos que os impressos publicaram ensinamentos ao povo transmitindo valores de cuidado e de zelo para as diversas áreas do corpo: os hábitos gerais; a organização das atividades do dia; o cuidado para com a pele, a respiração e o sono; a instrução para usar o tipo de roupa mais adequado. Falou-se, até mesmo, de uma “higiene moral”: era preciso aprender a cuidar do espírito e garantir, também, divertimentos e viver fora dos vícios, mas, tudo isso, sem deixar de trabalhar¹⁸².

Todas as orientações passadas não traziam apenas uma única preocupação com o bem-estar do povo e sobre as necessidades frente aos novos arranjos da sociedade. Era preciso estar bem para ser um trabalhador: os braços e as pernas tinham que estar ativos para manusear a “enchada”. A doença não podia atrapalhar a força braçal. Como a própria notícia apresentou, todas as recomendações eram necessárias, pois “a limpeza preserva de ferrugem; as machinas melhor cuidadas prolongam mais tempo o seu serviço”¹⁸³.

Todos estes ensinamentos precisavam ser seguidos, obedecidos e colocados em prática pelas pessoas. Para tanto, a validação e o reconhecimento do povo eram

¹⁸² A Vida Moderna, 26.11.1918, p. 17.

¹⁸³ A Vida Moderna, 26.11.1918, p. 17.

necessários, a fim de que todos conseguissem compreender a utilidade de tais recomendações e como elas poderiam ser eficazes para melhorar sua vida. Inclusive para não adoecer. Para tanto, dois mecanismos foram usados na notícia: a religião e a ciência. O primeiro se evidenciava no próprio título da notícia: a alusão aos Dez Mandamentos. Colocados como uma atualização dos preceitos bíblicos apresentados no Antigo Testamento, a imprensa divulgava existirem novos encaminhamentos a serem seguidos e que diziam respeito ao cuidado do corpo e à garantia de uma vida digna.

Esses preceitos foram desenvolvidos e pensados por especialistas no assunto, por peritos e estudiosos detentores de um saber técnico transmitido com a intencionalidade de que as pessoas comuns pudessem deles se aproveitar e melhorar suas condições de existência. No caso da matéria acima, quem cumpriu este papel foi o “Dr. Dubornet”, apresentado pelo referido periódico como médico formado pela “Ferté-sur-Aube (Haute-Marne)”. Ele representava, portanto, a voz da ciência: a autoridade de um médico que transmitia um receituário para ser assimilado. Não era mais um enviado divino que apresentava os mandamentos em tábuas, mas os cientistas e os acadêmicos dedicados ao estudo formal e tradutores em orientações de guia de condutas e princípios físicos e também morais. As colocações de um médico cumpriam o papel de um especialista que validava cada um dos “mandamentos” estipulados.

É diante de uma sociedade recebendo este tipo de informação que uma nova doença se espalhou de tal maneira e com mortes tão numerosas que, como analisado no Capítulo 2, os corpos das pessoas chegavam a se amontoar pelas ruas; os caixões mortuários foram conduzidos em grandes quantidades em cima de caminhões e um aspecto fúnebre passou a compor a vida das cidades. A doença era tão devastadora que os governantes assumiram terem tomado medidas para que o sistema funerário não colapsasse.

Em uma situação drástica como a que a “gripe espanhola” trouxe, ficava a pergunta: para que tanto cuidado com o corpo? De que adiantava os mandamentos da higiene, se se morria de tal forma que não se tinha capacidade técnica para enterrar? É oportuno destacar que a edição da revista *A Vida Moderna*, que publicou os dez princípios higiênicos, datava de final de novembro de 1918, ou seja, no auge da pandemia em que já se contabilizavam milhares de perdas.

Bertucci (2002) se dedicou a analisar como os cientistas, os médicos e as autoridades sanitárias se comportaram durante este período de crise. Como a pesquisadora mesma os chamou, os “arautos da ciência médica na cidade de São Paulo”

(BERTUCCI, 2002, p. 10) os quais, diante do flagelo da “espanhola”, testemunharam como o aparato médico-sanitário todo construído pelas práticas e discursos científicos não se sustentou durante a pandemia.

Foi assim que a autora definiu, em sua obra, que a medicina se tornou ela própria “enferma” durante a “gripe espanhola”. Bertucci (2002) conseguiu categorizá-la desta maneira a partir do momento em que assumiu, como objetivo de seu trabalho, debruçar-se sobre o trabalho dos cientistas:

Partindo da ideia de que os caminhos da ciência são feitos e refeitos por homens em seus relacionamentos sociais, acompanhar um pouco da trajetória de alguns desses indivíduos em uma época singular, marcada pela epidemia, é tentar resgatar caminhos sinuosos de um conhecimento que é gerado na sociedade e se transforma e sustenta através da interação social das pessoas, inclusive dos chamados pacientes, com suas críticas e reivindicações, e dos portadores de outras formas de saber sobre a saúde e a doença, quer através de discussões e conflitos, quer por meio de aproximações e identificações (BERTUCCI, 2002, p. 11).

O que a autora pontuou foi o cerne da construção da atividade científica que se concretiza nas relações sociais dos cidadãos no dia a dia. Bertucci (2002) sintetizou aquilo que observamos nas páginas dos jornais e das revistas. A sociedade de 1918 gerou e transformou conhecimentos, a fim de conseguir encontrar a solução para a gripe. Por meio da interação social, além dos saberes validados pela ciência, circularam o que o texto apresentou como “outras formas de saber sobre a saúde e a doença”.

Durante a “gripe espanhola”, foi possível analisar, pela imprensa, como esta doença foi o palco de contradições e desmentidos entre os médicos e cientistas; de anúncios de novas descobertas; da divulgação de propagandas e remédios voltados para a cura; das dúvidas sobre o agente causador da influenza, entre outros assuntos. Toda esta movimentação a respeito da influenza esteve estampada, das primeiras páginas aos conteúdos dos impressos das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, evidenciando aquilo que Latour (1998) sentenciava sobre a ciência estar sempre em construção.

Este autor se dedicou à reflexão sobre a construção da atividade científica ao mostrar como ela se desenvolve a partir dos contextos nos quais se encontra inserida. Em sua obra, após analisar vários cenários e histórias de cientistas e de algumas descobertas que hoje conhecemos, o autor pontuou:

“Suspense”, “jogada”, “tom”, “prazo de publicação”, “boquiaberto”, “seis semanas no máximo” não são termos comumente usados para

descrever a estrutura de uma molécula. Pelo menos quando essa estrutura é conhecida e aprendida na escola. No entanto, quando ela está sendo devastada por um concorrente, essas palavras extravagantes são parte integrante dessa mesma estrutura química que está sendo investigada. Mais uma vez, contexto e conteúdo se confundem (LATOURE, 1998, p. 20).

Com esta reflexão, Latour (1998) mostra que, antes de um conhecimento científico se fazer vigente e se estabelecer como uma sentença, os cientistas percorrem um determinado caminho que envolve descobertas ligadas aos processos sociais de fazer ciência, nos quais há reviravoltas, contradições e uma série de situações que se tornam parte constitutiva de uma descoberta. O autor deixou isso claro quando especificou, nas palavras que abriram sua reflexão, tornar-se “parte integrante dessa mesma estrutura química quando ela está sendo investigada”.

Dessa maneira, podemos fazer um paralelo desta elucidação com o percurso desenvolvido para se descobrir o agente causador da pandemia de 1918. Ao mesmo tempo em que a doença grassava pelo mundo, os jornais e as revistas mostraram como os cientistas realizavam estudos e análises sobre a situação na tentativa de dar respostas concretas a respeito do malefício que se espalhava.

Acompanhar o desenvolvimento da “gripe espanhola” é também um exercício de reconhecer todas as considerações das autoridades científicas, buscando explicar e educar a população sobre o que aconteceu. Este percurso foi feito a partir da análise de como o conhecimento científico circulou pelos meios de comunicação da época.

Conforme o próprio Latour (1998) iluminou: “teremos de aprender a viver com duas vozes contraditórias que falam ao mesmo tempo, uma sobre a ciência em construção, outra sobre a ciência acabada” (LATOURE, 1998, p. 31). Ao nos voltarmos para o período da pandemia de 1918, as notícias e as reportagens mostraram este movimento da ciência “acabada” e em “construção” a partir dos vários tipos de notícias que circularam, desde aquelas apresentando certezas sobre as causas da doença e suas formas de prevenção ou das matérias jornalísticas que faziam, justamente, o contrário.

No caso específico da “gripe espanhola”, além das variadas versões que os especialistas deram para tentar explicar as causas da doença, esse processo contou com intensa participação de outros atores responsáveis por fazerem circular credences, “poções mágicas”, “remédios milagrosos”, além de expressões e manifestações religiosas e outras formas de conhecimentos sem comprovação teórica.

Assim sendo, fundamenta-se o que Latour (1998, p. 52) apresentou sobre o processo de construção da ciência que se faz, inevitavelmente, coletivo. Segundo o autor, o que será feito com todas as coisas que dizemos e fazemos está nas mãos de quem as usará depois, mesmo que a mensuração deste alcance se faça difícil.

Neste sentido, para pensar esse processo de circulação dos conhecimentos científicos, dadas as características das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro daquele período, faz-se necessário considerar as características dos públicos leitores dos jornais naquela época. Se os impressos tiveram uma ação orientadora, é válido considerar para quem este tipo de informação foi destinada. Conforme já apresentado no Capítulo 1, cada jornal ou revista possuía uma linha editorial e estava voltado para um público determinado, respondendo, assim, aos interesses e objetivos dos que mantinham o periódico em questão.

Schwarcz e Starling (2020, p. 162) mostraram como os jornais anarquistas foram implantados em São Paulo devido à presença imigrante espanhola e portuguesa. Eles se organizaram entre os operários por meio de associações de luta para reivindicar melhorias de trabalho e de vida, dedicados a muitas publicações. Conforme as autoras destacaram: “A classe operária tornou-se, então, um novo protagonista na vida pública brasileira” (SCHWARCZ e STARLING, 2020, p. 163). Isso em um período marcado por greve e por manifestações que foram divulgadas pelos impressos. Periódicos que não deixaram, também, de noticiar a escalada da influenza.

Cruz (2013) apontou que a necessidade do letramento passou a ser uma exigência de trabalho:

O letramento chega ao mercado de trabalho. Ao lado de exigências que abrangem honestidade, asseio e conduta afiançada, a capacidade de ler e escrever começa a aparecer como habilidade necessária ao exercício de certas atividades profissionais. Procuram-se copeiros de boa conduta e que saibam ler, caixeiros que tenham bom conhecimento das ruas da cidade e também saibam ler e escrever. Nas seções de anúncios desses periódicos, homens e mulheres “que sabem ler e escrever”, “que têm boa caligrafia” (CRUZ, 2013, p. 48).

Portanto, a partir do que foi apresentado por Schwarcz e Starling (2020) e Cruz (2013), inferimos que os jornais e o hábito leitor também entravam em processo de expansão entre as classes menos favorecidas. Inferimos que a circulação das notícias por impressos considerados anarquistas, como *O Combate (SP)* chegavam às classes mais pobres dado que, como apontou Cruz (2013), já havia demanda pela competência

leitora, além do próprio processo de escolarização pelo nível primário. Aqui pontua-se o movimento de circulação das informações e o conseqüente interesse por elas.

Além disso, como Fiorentino (1977) pontuou, não se podia deixar de considerar que, a partir da leitura feita por algumas pessoas, a notícia poderia ser contada e narrada por elas para muitas audiências. Ou seja, o conhecimento e as informações poderiam circular e atingir variados públicos, independentemente de sua capacidade leitora. Pode-se pensar que há um confronto bipartido entre a cultura popular, oral e a cultura erudita, escriturária. Mas, não é este o caso. Primeiro, pelo fato de as histórias circularem porque as pessoas, em geral, as contam. Além disso, Nieto-Galan (2011) nos lembra que o conhecimento científico nunca renunciou à oralidade para prosperar, haja vista as demonstrações, espetáculos, aulas, seminários, palestras, orientações etc.

3.3 A ciência, nas páginas dos impressos, durante o período da influenza: fatos ou ficções?

Desde que as primeiras notícias sobre as mortes começaram a se espalhar pelo país, os impressos que foram selecionados de São Paulo e do Rio de Janeiro publicaram as informações com o objetivo de explicar a nova doença e do que ela se tratava. Ao longo de todo o recorte temporal considerado, é possível visualizar que as notícias apresentaram variações sobre este assunto, seja em decorrência do momento em que se encontrava o contágio quando publicadas, ou em virtude dos dados que possuíam, segundo o médico ou os representantes de instituições entrevistados.

O que se pretende mostrar no presente tópico é que a atividade científica foi se definindo nas páginas dos impressos sob tentativas empreendidas para explicar a manifestação pandêmica da influenza em 1918. Ao retomarmos as palavras-chave elencadas no Quadro 1, na categoria “ciência”, encontramos: “remédios e tratamentos”; “médicos”; “outras doenças”; “ministério da saúde”; “agente causador”; “Congresso Médico” e “nomes da doença”. Cada uma dessas categorias indica temas desenvolvidos pelas matérias jornalísticas a respeito da pandemia de “gripe espanhola”. Aqui reunidas, possibilitam a análise sobre os assuntos científicos preferidos para o momento, o que permite observar seu entendimento sobre o que vinha a ser a ciência.

Contudo, antes de darmos sequência na análise destas publicações voltadas às atividades científicas, é importante nos atentarmos para um dado importante da história da pandemia de 1918:

Na virada do milênio, os cientistas ficaram com dois mistérios e um punhado de hipóteses acerca da gripe de 1918. O primeiro mistério era: de onde veio a gripe? Ela surgiu aparentemente do nada e matou gente por todo o mundo. Não havia uma origem óbvia para a cepa letal da gripe e as histórias e mitos que apareceram como explicações para a gripe pareciam absurdas para a maioria dos especialistas. A explicação mais difundida e a anunciada por um documentário de televisão, *Influenza 1918*, sugeria que a gripe surgira em Fort Riley, no Kansas, onde os soldados estavam alojados numa região rural, não muito distante dos porcos. Foi a queima do esterco dos porcos, com suas enormes nuvens negras, que transmitiu a doença, de acordo com esta teoria (KOLATA, 1999, p. 327).

A história do surgimento do causador da “gripe espanhola” é aqui contada por seu final. Isto pelo fato de que, como nos mostra Kolata (1999), a descoberta do vírus que produziu a pandemia de 1918 se deu certamente décadas depois do episódio em si. A revelação de que o agente da moléstia surgiu no Kansas e se relaciona a uma contaminação por meio de porcos, evidencia-nos que a própria alcunha pejorativa de “espanhola” se apresenta equivocada em toda a cobertura jornalística realizada, simplesmente pela possibilidade de outras hipóteses. Ratifica-se que o nome popular dado à doença cumpriu outros objetivos políticos e sociais sem correlação exata ao país que originou a nova peste.

Se até a terminologia para se referir ao malefício estava equivocada, o que dizer das orientações profiláticas que compuseram as matérias jornalísticas, bem como os conselhos transmitidos ao povo com o intuito de educá-lo para a contenção da transmissão desenfreada?

Interessante notar que estas contradições sobre a gravidade da doença e suas formas de combatê-la podem ser acompanhadas e analisadas no próprio transcurso da pandemia, por meio das manchetes e das notícias publicadas. No começo da proliferação da doença, o enfoque sobre sua gravidade era um. Conforme ela avançava de maneira deliberada e rápida, alterou-se o conceito de periculosidade da influenza, ao mesmo tempo em que muitas teorias passaram a circular sobre o que estava acontecendo e quais seriam os melhores caminhos a serem adotados para superar a pandemia.

No final do mês de outubro de 1918, as notícias se concentraram na ratificação da benignidade da doença e de que a população não deveria se preocupar. Para ilustrar um exemplo desta tendência, parte de uma notícia estampada na primeira página do impresso:

Felizmente, ainda não se alterou o caracter da moléstia. Continua a ser benigno, como a principio. A prova é que havendo ate hontem para mais de 6000 casos registrados em S.Paulo, o obituário é insignificante, comparativamente. A população não deve apavorar se com o cresceado em que vae o numero dos casos de cada dia. A questão é mais da virulência do morbus o que sua extensão (O COMBATE (SP), 25.10.1918, p. 1).

A manchete desta notícia foi: “A influenza hespanhola em S.Paulo. A epidemia segue a sua marcha natural”¹⁸⁴. Deste título, pode-se depreender a palavra “natural” e pensar qual o sentido dela naquele momento, final do mês de outubro de 1918. Ao confrontá-lo com o fragmento citado, é possível considerar, então, que o ciclo natural da epidemia seria o de continuar crescendo e matando um número, segundo o jornal, “insignificante” de pessoas? Quais eram os parâmetros existentes que poderiam, naquela época, determinar, realmente, como o avanço da doença poderia ser classificado desta forma?

Desde o surgimento das primeiras notícias sobre a propagação da nova doença, observamos que todas elas a atestavam como amena, que passaria com o tempo. Segundo a mesma reportagem citada, esperava-se que todas as pessoas iriam se contaminar, como um movimento natural, estabelecendo a doença como algo corriqueiro. Mas não foi o que se viu.

Para efeito de comparação, ao se analisar o mesmo impresso, o jornal *O Combate (SP)*, no dia 31 de outubro de 1918, ou seja, praticamente uma semana depois da matéria que citada, registra-se o agravamento da doença em extensão e intensidade. Além de fazer um apelo: era necessário falar a verdade ao povo para “francamente, convencendo-os dos perigos da moléstia”¹⁸⁵. Inclusive, tal solicitação para que o povo fosse respeitado sobre o conhecimento da verdade e compreender a seriedade do mal, estava destacada, em negrito, na parte final do espaço dedicado à manchete e, ao analisarmos, podemos considerá-la como uma síntese de nossa hipótese que se estabelece no papel educativo cumprido pelos impressos em meio à pandemia.

Entretanto, o que se observou foram às contradições estabelecidas naquele momento e como elas foram publicadas pelos jornais que traziam as informações sobre a nova contaminação. Em uma semana, o mesmo jornal noticiava algo distinto daquilo

¹⁸⁴ O Combate (SP), 25.10.1918, p. 1.

¹⁸⁵ O Combate (SP), 31.10.1918, p. 1.

que publicara em 25 de outubro de 1918. Contudo não se pode deixar de considerar que este tipo de movimento faz parte da dinâmica de se informar algo que era desconhecido.

Ao mesmo tempo, algumas notícias associaram a influenza a outras doenças já existentes, por exemplo: à pneumonia¹⁸⁶; à tuberculose¹⁸⁷; à “grippe africana”¹⁸⁸ e ao bacilo de Pfizer¹⁸⁹. Ou seja, no começo da pandemia, a imprensa noticiava os fatos ainda de forma muito incerta, levando-se em consideração que os sintomas da doença eram os mesmos de uma gripe, mas a forma rápida como se espalhava nas cidades se mostrava algo distinto, o que fez com que várias outras hipóteses de doenças já existentes fossem consideradas para explicar o que acontecia.

Conforme aponta Latour (1998):

Quando nos dirigimos da vida ‘cotidiana’ para a atividade científica, do homem comum para o da ciência, dos políticos para os especialistas, não nos dirigimos do barulho para o silêncio, da paixão para a razão, do calor para o frio. Vamos de controvérsias para mais controvérsias (LATOURE, 1998, p. 53).

Em um período no qual não existiam certezas sobre a situação sanitária, foram produzidas muitas controvérsias publicadas nos impressos. Vale evidenciar, por exemplo, a maneira como os conteúdos das reportagens informavam sobre determinados aspectos da doença, mesmo ainda sem total certeza científica sobre o causador da “espanhola”. Exatamente pelo fato de que, só muitos anos depois, descobriu-se o causador biológico da pandemia, como sabemos desde a abertura deste Capítulo. Ao retomarmos a edição citada do *O Combate (SP)*, de 25 de outubro de 1918, é possível destacar duas evidentes contradições.

A primeira diz respeito ao trato “natural” dado para a moléstia no texto da reportagem. A matéria chegou a utilizar, pela primeira vez, o registro da palavra “pandemia” ao apontar que as pessoas iriam se contaminar de qualquer maneira. Mas, diante de um cenário ainda tão incerto, parágrafos depois, o próprio jornal começou a refletir sobre a validade das medidas noticiadas para prevenção contra a gripe. Isso porque a matéria daquele dia informava sobre a necessidade de não se tomar, de maneira desenfreada, os medicamentos noticiados à época: a quinina, a aspirina e outros

¹⁸⁶ Correio Paulistano, 10.11.1918, p. 3.

¹⁸⁷ O Estado de S. Paulo, 25.10.1918, p. 3.

¹⁸⁸ O Imparcial, 24.10.1918, p. 3.

¹⁸⁹ O Combate(SP), 08.11.1918, p. 4.

sais¹⁹⁰. Além de não se saber sobre seus reais benefícios, o impresso alertava para o fato de que, a partir de uma busca sem controle por tais produtos, eles se tornariam escassos com muita rapidez.

Só que a recomendação para que a quinina fosse utilizada, não partiu de qualquer outra pessoa a não ser o próprio Arthur Neiva, diretor de saúde pública à época. Foi diante de tal orientação que o impresso não deixou de pontuar: “Não está em contradição com as recomendações posteriores?”¹⁹¹ Desta forma, constatamos que as informações apresentadas naquele momento ainda eram muito incertas, produzidas com base nas informações científicas existentes, mas sem a certeza concreta sobre, de fato, como tratá-la.

Assim, a própria imprensa colocava em dúvida as recomendações feitas à população no momento em que, com o passar dos dias, via-se que os efeitos esperados para detenção do avanço da moléstia não eram alcançados, acompanhando, cada vez mais, o aumento do número de infectados e mortos. Entretanto, aqui se estabeleceu uma dúvida que norteia o estudo deste capítulo: se ainda não havia certezas sobre o agente causador da “espanhola”, como se podia orientar o povo para fazer uso de remédios? Quais recomendações profiláticas, a partir dos conhecimentos científicos, eram corretas uma vez que não se estava vaticinado o agente causador da pandemia? Os cuidados eram apresentados por quais ordens?

Dentre os contrassensos, outro deles presente na primeira página da edição de 25 de outubro de 1918 do jornal *O Combate (SP)* não se dava de maneira tão direta como no fragmento acima citado e não por isso deixaria de estar às claras a partir do seguinte título de uma de suas principais reportagens: “A ‘hespanhola’ é ‘africana’”. Ao final daquele mês, todos os impressos de São Paulo e do Rio de Janeiro amplificavam a expressão “gripe espanhola”, como se fosse difícil mexer na notoriedade já estabelecida.

Contudo, publicações como a supracitada revelam que a própria maneira de se reportar à gripe, considerando-a como surgida na Espanha, era equivocada. Já falamos sobre isso. Kolata (1999) diz que a posição mais reconhecida, atualmente, é que sua origem se deu nos Estados Unidos, como também foi anunciado acima. Mas esta informação era inexistente em 1918. O que não deixou de acontecer foram as publicações que demonstravam exatamente essa situação: medidas profiláticas eram

¹⁹⁰ *O Combate (SP)*, 25.10.1918, p. 1.

¹⁹¹ *O Combate (SP)*, 25.10.1918, p. 1.

anunciadas, possível remédios recomendados, mas nem o próprio local de origem da doença era, de fato, conhecido.

A matéria acima remonta à Dakar. A notícia fez alusão ao chamado “golpe de bambu”, doença com características muito similares à “espanhola” e que era então existente na África, também conhecida como “peste de Senegal”. O destaque dado aqui reside na forma como isto se estabeleceu, ou seja, na maneira como o texto jornalístico foi construído para validar a informação passada: “A famigerada hespanhola é africana legítima, como qualquer preta de Dakar. Eis o que supõe o Sr. Etienne Brasil, que no ‘Imparcial’ do Rio, escreveu o seguinte”¹⁹².

A notícia foi construída por meio de um personagem principal: uma entrevista concedida por um médico. Por meio da fala de um especialista, buscava-se dar contornos científicos e de confiabilidade às informações apresentadas. Contudo, ao analisarmos minuciosamente o teor do texto, destacamos duas palavras que demonstram o antagonismo das declarações a respeito da influenza naquela época: “legítima” e “supõe”. A pergunta que fica é como algo pode ganhar uma legitimidade diante de uma suposição? Ao retornar para o cenário de Dakar, encontra-se naquela região uma moléstia com características muito similares e que era nomeada como “golpe de bambu”. Além disso, observa-se que o médico, do alto da sua suposta certeza, soube ser “naturalmente” racista e machista, ao compará-la com uma “preta de Dakar”.

É possível aferir discrepância em relação às matérias publicadas nos jornais *O Imparcial*, de 24 de outubro, e a do dia seguinte, no impresso *O Combate (SP)*. No texto publicado pelo jornal *O Imparcial*, foi feita uma explicação analisando as características da chamada “peste do Senegal” junto com o clima presente em Dakar, indicando que a frota brasileira presente naquela região, notícia apresentada na Introdução deste trabalho, deve ter sido contaminada, realmente, com esta doença. A utilização, no dia seguinte, dos depoimentos presentes na matéria assinada por “Etienne Brasil”, o jornal *O Combate (SP)* pegou a declaração feita sobre a possibilidade de a contaminação da esquadra brasileira ter sido pelo “golpe de bambu” e a isso associou que as viagens feitas para a Europa, de pessoas que passaram por Dakar, geraram a chamada “gripe espanhola”.

No entanto tal consideração não está presente na matéria original do *O Imparcial*. Ao contrário, o texto desta referida edição foi concluído da seguinte maneira:

¹⁹² O Combate (SP), 25.10.1918.

“Sendo assim, essa peste fulminante não deve ser confundida com a moléstia hespanhola (...). Mil vezes mais calamitosa seria a epidemia se nos chegasse a ‘grippe africana’, o golpe de bambú”¹⁹³. Já o do impresso *O Combate (SP)* terminou com a seguinte conclusão: “Assim, o golpe de bambú, ou moléstia africana, seria a moléstia que grassou na Hespanha, França, Portugal, etc., levada talvez por passageiros que fizeram escala em Dakar”¹⁹⁴. A conclusão que este impresso pontuou, tratando do mesmo assunto e informação da matéria acima, foi que “deste porto teria chegado ao Rio pelos paquetes”.

Esses exemplos nos mostram que não havia centralidade nas notícias. Elas falavam o que tinham convicção e, assim, geravam manchetes afirmativas de que a “gripe espanhola” era, na verdade, africana.

Ao mesmo tempo, ao final da mesma reportagem do dia 25 de outubro, que j já citamos, o texto não deixou de aludir aos médicos como os responsáveis por apresentarem esta conclusão sobre a “peste do Senegal” com a seguinte referência: “os homens de microscópio que deslindem esta história negra, se para isso têm meios”¹⁹⁵. Se não era por declarações ou entrevistas dadas, o que percebemos na documentação é que as figuras dos cientistas, dos médicos e das autoridades sanitárias sempre apareciam nos impressos. Na citação de *O Combate (SP)*, constrói-se uma imagem que descreve e valoriza aquele considerado um especialista: “os homens de microscópio”, ou seja, existia uma indumentária própria capaz de distinguir o perito do cidadão comum e que buscavam o estudo de “micróbio”.

A existência de “homens de microscópio” pressupunha, também, a presença de outros homens que não usavam tal instrumento, isso quer dizer, das pessoas comuns e dos cidadãos que viviam nas cidades. Os impressos mostrarão, justamente, tal dualidade: a dos especialistas e a do público em geral. Mais do que isto. Também se firmará como um canal de contato entre tais mundos, assumindo papel relacional em um momento no qual as certezas outrora existentes se esvaem em meio ao surgimento de uma nova doença.

Uma destas contribuições se estabeleceu quando os impressos se abriram para serem meios e instrumentos de orientação e divulgação dos conhecimentos científicos

¹⁹³ O Imparcial, 24.10.1918, p. 3.

¹⁹⁴ O Combate (SP), 25.10.1918, p. 1.

¹⁹⁵ O Combate (SP), 25.10.1918, p. 1.

para as pessoas em geral, todos os moradores das cidades, aconselhando-os em medidas preventivas necessárias para conter a pandemia. Mas, neste momento, o que vemos é, por mais que os jornais e revistas cedessem espaço para os pronunciamentos e as considerações dos médicos e cientistas, os conhecimentos circulantes sobre a nova moléstia foram divergentes até mesmo na classificação de seu agente causador.

Os jornais mostraram e publicaram as informações que se faziam novas a cada dia, próprias de um acontecimento ainda em percurso, ao mesmo tempo em que, como especificou Latour (1998), “a ciência tem duas faces: uma que sabe, outra que ainda não sabe” (LATOURE, 1998, p. 21) e isto foi possível observar pelas matérias impressas na grande maioria dos documentos. Dia após dia, novas declarações e conhecimentos circulavam e ganhavam destaque em uma trajetória formativa assumida pelos impressos.

Creio que já não há duvida sobre a natureza da molestia que aqui está grassando epidemicamente e estendendo-se com rapidez pelos diversos pontos do paiz onde possam transporta-la as vias de comunicação marítimas ou terrestres (CORREIO DA MANHÃ, 05.11.1918, p. 1).

A declaração acima foi dada nesta edição do jornal carioca pelo professor Pacífico Pereira, consagrado médico baiano, e abriu uma matéria jornalística que apresentava informações sobre a pandemia na primeira página do *Correio da Manhã*. O título, novamente nos remetia à grandeza da influenza: “A pandemia reinante”¹⁹⁶. A referida reportagem já se destacava pelo uso do termo “pandemia” em detrimento à “epidemia”, mais popularizado.

Na sequência, o citado professor explicou todas as informações a respeito da nova moléstia. O que não pode deixar de ser evidenciado foi o fato de que o professor Pacífico não falou diretamente com o *Correio da Manhã*, mas sim com um jornal da Bahia que não foi citado. A entrevista foi transcrita para a primeira página do jornal carioca e nós a consideramos por ser uma das notícias mais completas sobre a divulgação de conhecimentos sobre a gripe.

Antes, acentuamos o papel e da inserção dos peritos e especialistas nos impressos daquela época, apontando como foi feita a apresentação deste professor na reportagem analisada:

¹⁹⁶ Correio da Manhã, 05.11.1918, p. 1.

O nome do eminente medico bahiano, um dos mais antigos cathedricos da grande Faculdade de Medicina daquelle estado, onde quer no corpo docente ou discente, alcançou pela sua intelligencia, pela sua larga experiência e pelo seu valido saber, uma reputação consagrada, dispensa qualquer elogio. O professor Pacífico Pereira é hoje uma figura ilustre e respeitável nos meios scientificos do Brasil por julgarmos a sua opinião de technico muito importante no actual momento, em que o país está sendo assolado pela peste, damos abaixo o seu depoimento a respeito (CORREIO DA MANHÃ, 05.11.1918, p. 1).

No topo da matéria, antes das declarações do professor, a apresentação feita pelo jornal sobre sua figura não poupou adjetivos: “eminente”, “ilustre” e “respeitável”. Uma personalidade capaz de “dispensar qualquer elogio”. Tal preâmbulo nos mostra como se fazia necessária e importante a apresentação para o público da pessoa que iria falar, revestindo-a de autoridade. Novamente, como nos exemplos de notícias aqui já citadas, vemos serem utilizadas palavras com o intuito de referendar e validar o conhecimento a ser publicado por determinado especialista, a fim de que os cidadãos pudessem considerá-lo como uma fonte segura e se permitissem assimilá-lo.

No caso do citado professor Pacífico Pereira, o caminho percorrido pelo *Correio da Manhã* foi o de apresentá-lo como “um dos mais antigos catedráticos da Faculdade de Medicina” da Bahia, bem como destacar sua “inteligência”, “larga experiência” e “valido saber”¹⁹⁷. As credenciais dadas a tal figura tinham por objetivo formatá-lo como uma pessoa capaz de tecer contribuições para a sociedade que, naquele momento, encontrava-se diante de uma crise sanitária. Ele se distinguia dos demais justamente por ser muito inteligente e acumular uma larga experiência de trabalho e pesquisa.

Contudo, ao analisarmos o pronunciamento desse professor, constatamos muitas informações que não foram plenamente respondidas por ele. Sua fala mostra certezas sobre a natureza da moléstia e a forma como ela se disseminou. Foi uma declaração forte fazendo jus à apresentação que lhe foi feita pelo jornal: estávamos diante de um especialista aparentemente sábio acerca do que falar. Se não sabia, teve o terreno preparado para ser referendado. Mas não foi possível considerar que ele possuía certeza sobre a natureza da moléstia a partir do momento em que ele discorreu sobre qual seria o país de origem da nova doença.

¹⁹⁷ Correio da Manhã, 05.11.1918, p. 1

Este professor foi um dos que documentaram o fato de o nome “hespanhola” ocorrer em virtude da “neutralidade da Hespanha na grande conflagração mundial”¹⁹⁸, ao mesmo tempo em que apresentou a forma como os italianos a ela se reportavam: “morbo russo” para, depois, vaticinarem que era a “influenza”. E foi neste ponto que o médico, professor Pacífico Pereira se centrou, considerando que a nova doença a se espalhar era a mesma influenza conhecida. Conforme disse, “não tinha dúvida da natureza da doença”, mas não foi possível ser assertivo sobre a origem do novo mal que grassava, ou seja, qual foi o país que o originou e o espalhou.

Mesmo assim, o que esta reportagem do *Correio da Manhã* nos apresentou foi o registro documental, à época, sobre o que era a gripe ou a influenza, nome correto da doença:

“Influenza” ou “grippe” é esta a mesma molestia conhecida há mais de quatro séculos pelos surtos epidêmicos em que tem assaltado quase todos os paizes. Os tratados de epidemiologia registram diversas epidemias de enorme extensão desde 1403, mas quaes a molestia propagou-se da Asia por quase toda a Europa, tendo em 1739, se estendido pela America do Norte, Mexico e Peru. Uma das mais memoráveis pandemias da influenza foi a de 1889 a 1890, que tive occasião de assistir, parte em Paris, em 1889 e parte aqui na Bahia, onde ella appareceu no começo de 1890. Começou em 1889 na Russia, vindo da Asia, passou a Allemanha, Austria, paizes scandinavos, França, Belgica, Grã Bretanha, paizes do Mediterraneo, Africa e veiu até a América. A pandemia de influenza de 89-90, atacou na Allemanha 50 por cento da população e na França, 75 por cento. Nos grandes armazéns do Louvre, em Paris, atacou em 3 dias 670 empregados. Visitou o Brasil em 1890 e aqui na Bahia, fez um surto semelhante ao da “hespanhola” de hoje. (CORREIO DA MANHÃ, 05.11.1918, p. 1).

As notícias não poupavam o uso de adjetivos que conseguissem descrever a extensão e o domínio da “gripe espanhola” no começo do século XX. Contudo, o que o texto do professor e médico Pacífico Pereira apresentou naquela notícia foi a contextualização da existência de outras pandemias de influenza ao longo da História. Ao recorrer a outros momentos para ajudar a entender o que acontecia no país naquela circunstância, vemos como a imprensa mostrava que a influenza não era uma doença desconhecida pela população. Vale considerar esse trecho como um exemplo para se pensar o que é produzir um objeto científico e o que é fazer palestra ao estilo humanidades científicas.

¹⁹⁸ Correio da Manhã, 05.11.1918, p. 1.

O texto destacado acima mostra como o Brasil enfrentou uma pandemia de influenza muito poderosa entre os anos de 1889 e 1890. Além disso, a descrição que foi feita da doença nos revelou desde as origens daquele surto, na Europa, até o período exato em que ela chegou a nosso país. Não se tinha dúvidas de que a gripe já existia pelo mundo há mais de quatro séculos, manifestando-se por surtos epidêmicos, antes da explosão da “gripe espanhola”.

A grande discussão que os impressos publicaram naquela época residiu, justamente, na consideração de ser aquela doença, realmente, a influenza. Como vimos, no início do presente capítulo, tal confirmação, como vírus, só aconteceu décadas depois. Contudo, naquele período em que a doença se disseminava e fazia suas vítimas, as discussões e controvérsias tomaram conta das notícias publicadas e transformaram a imprensa em um palco de versões e opiniões dos especialistas.

A categoria “características da doença” criada no banco de dados, contabilizou 11 matérias jornalísticas, de variados jornais, a saber: *O Combate (SP)*, *OESP*, *Gazeta do Povo*, *A Noite* e, inclusive, de um periódico especialista chamado *O Brazil-médico: revista semanal de medicina e cirurgia*. Todos tinham em comum a apresentação dos elementos da moléstia e procuravam apresentar como suas características eram relacionadas à influenza.

Os jornais e impressos à época, muito mais do que apenas informar sobre o número de mortes, a abertura dos hospitais provisórios, as orientações profiláticas de combate à doença e as demais modificações feitas nas cidades, dedicaram-se a publicações tentando explicar ao povo do que se tratava a nova doença e desmistificavam informações inverídicas que também circulavam entre os cidadãos, como vemos a seguir:

É de gripe e tão somente desta doença a actual epidemia. Recebemos o seguinte: “Já se tem dito muito sobre a epidemia actual, sobre a sua symptomatologia, evolução, tratamento, etc. seria, pois, supérfluo repisar este mesmo assumpto, se não julgássemos necessário diluir, apagar uns certos e infundados temores sobre a sua verdadeira natureza. Embora o corpo medico de todo o paiz seja unanime em assoverar que a pandemia que no momento nos infelicita é de gripe e tão somente desta doença, há incrédulos por toda parte, desconfianças, temores de que, com este nome se queria ocultar doença mais grave; fala-se em cholera-morbus, em peste bubônica “e vis dicendo”. Outros, mais scepticos e mais medrosos, chegam a ter esta frase, que temos ouvido muita vez: “qual gripe, qual nada, isto é epidemia desconhecida; gripe sempre tivemos aqui e jamais se soube que causasse epidemia (O ESTADO DE S.PAULO, 29,10,1918, p. 3).

Além do clima de morte que tomava conta das ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro, constatamos uma grande desconfiança sobre a doença se espalhando por entre as pessoas. Junto com elas, uma série de notícias falsas a respeito da moléstia que era transmitida. A matéria do OESP, ao transcrever uma frase dita por aqueles se faziam mais céticos e inconformados, revela-nos o que muitos cidadãos pensavam naquele momento: se a gripe já existia e era uma epidemia conhecida, como poderia ser aquela doença a mesma influenza, se se encontrava em um estado pandêmico extremamente veloz e mortífero? Há conhecimentos corporais inseridos na memória das pessoas que pede posição na discussão.

Outro destaque dado à matéria deste jornal paulistano foi para a sentença dada, ao afirmar que todos os médicos do país, de forma unânime, asseguravam se tratar da gripe, e tão somente dela, a doença causadora da pandemia de 1918. Contudo, o que foi analisado sobre a gripe, é que a própria imprensa colaborou para a profusão dos mais diversos nomes para o agente causador da doença.

Hoje há um conhecimento comum e generalizado sobre a gripe ser causada por um vírus. Contudo, entre os anos de 1918 e de 1919, não encontramos registros nos impressos que associaram o agente causador da “espanhola” a esta categoria: “vírus”. Ao contrário. Variadas foram as nomenclaturas usadas para se referir ao causador da doença.

Contudo é importante salientar que a não utilização da palavra vírus para se referir ao agente causador da doença não significa que a sua constatação não houvesse sido apresentada. Levine e Enquist (2007, p. 10) apontaram que, ao final do século XIX, os cientistas Mayer, Ivanofsky e Beijerinck contribuíram para o desenvolvimento da ideia de “um agente filtrado demasiado pequeno para ser observado no microscópio de luz, mas capaz de causar a doença através da multiplicação de células vivas” (LEVINE e ENQUIST, 2007, p. 10)¹⁹⁹. Inclusive, Munakata (2021, p. 100) produziu um levantamento bibliográfico que documentou o uso dos aparelhos microscópicos como algo difundido ao longo de todo o século XIX, inclusive com as devidas orientações de como utilizá-lo na prática científica e cotidiana. Munakata (2021, p. 103) precisou que, naquele período, os aparelhos já eram utilizados nas atividades escolares como instrumentos de suporte ao método intuitivo.

¹⁹⁹ Uma definição atual: “Vírus são parasitas intracelulares obrigatórios que não possuem metabolismo próprio e não são formados por células” (Mundo Educação, 2023, n.p.).

Portanto, no momento em que vigorou a pandemia de “gripe espanhola”, temos o seguinte contexto: a influenza já era uma doença conhecida, assim como a constatação da existência do vírus, ainda que os conhecimentos não fossem todos atrelados. Não se identificava o vírus como sendo o agente causador da gripe. No caso específico da pandemia de 1918, também não se compreendia o que fez com que a doença se disseminasse daquela forma. Fato é que os impressos continuariam a se reportar ao agente causador da moléstia por meio de muitas terminologias. Em outras palavras, os vírus, pois são eles muitos e, alguns, ainda desconhecidos, têm a sua própria história.

No título da reportagem, houve menção de que a ciência estudava o germe da gripe²⁰⁰. Na mesma edição do jornal, existia a informação de que o Dr. Carlos Chagas, chefe dos postos-hospitais, recebeu um telegrama da Itália no qual outro médico, o Dr. Maldonado, estudioso do “micróbio” da gripe, conseguiu separar o germe para analisá-lo²⁰¹. A não utilização do termo “vírus”, a palavra “micróbio” e “germen” foram as expressões mais encontradas para se referir ao agente causador da influenza.

Ao retomarmos a notícia “A *razzia* da peste”²⁰², lemos que: “parece evidente que se trata de molestia microbiana, ainda que seu agente não fosse até agora insophismavelmente isolado”²⁰³. A matéria, seguindo a tendência que constatamos nos impressos, reforça não ter dúvida de se tratar de uma doença causada, pelo que se entendia naquela época, por um microrganismo. O que o texto procurou entender foram os motivos que levaram à virulência manifestada em 1918.

Contudo, para além dos termos “micróbio” e “germe”, houve outro que também apareceu e levantou a suspeita de a “espanhola” ser outra doença: o uso da classificação “bacilo”. Ele foi utilizado, por exemplo, como manchete de uma notícia, com o devido destaque, do jornal *O Combate (SP)*. “O bacillo da ‘hespanhola’” podia ser lido, em forma negritada, no alto da primeira de seis colunas de notícias que traziam informações sobre a pandemia²⁰⁴.

A confusão maior que o emprego deste termo causava se devia ao fato de que ele era associado à outra doença, a pneumonia. Naquele período, o bacilo de Pfeizer já era reconhecido como seu causador. Desta feita, a utilização da terminologia “bacilo” para

²⁰⁰ O Imparcial, 01.11.1918, p. 7.

²⁰¹ O Imparcial, 01.11.1918, p. 7.

²⁰² Apresentada no Capítulo 2.

²⁰³ O Combate(SP), 27.11.1918, p. 1

²⁰⁴ O Combate (SP), 08.11.1918, p. 3

se referir à gripe fez com as matérias jornalísticas publicadas tivessem de desmentir tais informações.

“A marcha da tuberculose, sobretudo era precipitada, e de tal modo que se chegou a afirmar que os doentes que sucumbiam de influenza, molestia ordinariamente benigna, eram de certos tuberculosos”²⁰⁵. Esta declaração foi retirada do jornal paulistano e havia sido dada por um médico, em mais um momento no qual as palavras de um especialista foram publicadas para esclarecer às características de ambas as doenças. A matéria jornalística foi, então, assinada por “Dr. Victor Godinho”, médico sanitarista formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro²⁰⁶. O fato de a reportagem conter tal assinatura a torna distinta das demais publicadas no mesmo período que apenas entrevistavam ou citavam as declarações dos especialistas consultados.

A única referência encontrada foi a que estava no começo da reportagem e que situava os leitores, quando ele falou ao jornal anteriormente, sobre a relação entre a gripe e a tuberculose, há exatos quase dez anos, em 1907.

O relato do médico tinha por objetivo esclarecer os motivos da associação entre a tuberculose e a gripe. Ele discorreu que tal correlação se deu justamente pelo fato de as pessoas contaminadas pela gripe, ao serem examinadas, também apresentarem em seus organismos a existência do bacilo de Pfeiffer:

A razão desse facto é ou parece ser a seguinte: o bacillo de Pfeiffer em a propriedade de facilitar as associações microbianas, as infecções secundarias, que marcaram inteiramente o caminho da observação. Encontram-se ao lado do bacillo da influenza estreptococos, pneumococos e vários germens causadores de outras molestias que graças ao auxilio do primeiro puderam invadir o organismo. O bacillo de Pfeiffer representa uma especie de gazua que franqueia os nossos tecidos a acção de outros micróbios, emprestando-lhes mesmo uma virulência que de ordinario não têm (O ESTADO DE S.PAULO, 25.10.1918, p. 3).

A observação descritiva foi dada para que as pessoas pudessem entender os motivos pelos quais existia tanta confusão entre a tuberculose e a gripe. Essa forma de comunicação científica, a descrição por observação, nos termos de época, “vulgarizava”-se. O que o Dr. Victor Godinho esclareceu, voltando a afirmar algo que já havia dito em 1907, foi que o bacilo de Pfeiffer, ao infectar primeiro o organismo de

²⁰⁵ O Estado de S.Paulo, 25.10.1918, p. 3.

²⁰⁶ Dr. Victor Godinho também foi o diretor do Hospital de Isolamento (BERTUCCI, 2002, p. 300).

uma pessoa, é o responsável por atrair infecções secundárias, ou seja, outras moléstias, tal qual a gripe, capaz de invadir aquele que já se encontrava debilitado pelo causador da tuberculose.

Dias depois da publicação desta explicação, podemos retornar à matéria jornalística do jornal *O Combate (SP)* que trouxe como a manchete “O bacillo da ‘hespanhola’”. Logo abaixo deste título, a informação dada já introduzia a tônica da notícia: “Pesquisas do Instituto Manguinhos”²⁰⁷. E foi assim o início da notícia, ao afirmar que o Instituto Manguinhos se dedicava às pesquisas sobre a epidemia de influenza “hespanhola”.

A matéria jornalística apresentou os resultados dos levantamentos que estavam sendo feitos na França, na Itália, na Espanha e na Suíça e mostravam como os mesmos resultados foram também apresentados, no Brasil, pelo Instituto Manguinhos: as pessoas contaminadas pela “espanhola” apresentavam o bacilo de Pfeizer. Contudo “o vírus da gripe talvez não seja nenhum desses germens”²⁰⁸. Além da ratificação dos dados que já haviam sido divulgados, é importante fazer destaque ao uso do termo “vírus”, por ser a classificação atribuída à influenza. Pelo exposto, observamos os esforços para compreender que havia um agente biológico causador e que, mais interessante ainda, havia ansiedade para saber dele e não buscar explicações alternativas. Este é um exemplo de constituição da ciência enquanto ela é feita.

A apresentação de cada uma dessas notícias nos evidencia como foi controverso o movimento voltado à explicação das características da doença causadora da pandemia. Ao citar os mais variados países que já haviam estudado o bacilo de Pfeizer, confundido com o causador da gripe, a reportagem do jornal *O Combate (SP)* acima citada nada mais fez que reforçar aquilo que Latour (1998) apresentou:

O adjetivo “científico” não é atribuído a textos *isolados* que sejam capazes de se opor à opinião das multidões por virtude de alguma misteriosa faculdade. Um documento se torna científico quando tem pretensão de deixar de ser algo isolado e quando as pessoas engajadas na sua publicação são numerosas e estão explicitamente indicadas no texto. A cuidadosa indicação da presença de aliados é o primeiro sinal de que a controvérsia está suficientemente acalorada para gerar documentos técnicos (LATOUR, 1998, p. 58).

²⁰⁷ *O Combate (SP)*, 08.11.1918, p. 3.

²⁰⁸ *O Combate (SP)*, 08.11.1918, p. 3.

O compartilhamento de determinada informação, principalmente quando existem controvérsias sobre a validade de seu teor e assunto, tornou-se um passo possível, entre pares, a partir do momento em que os conhecimentos científicos puderam circular impressos. Ao observarmos esta mesma tendência na veiculação das notícias sobre a pandemia de 1918, o que constatamos na reportagem do jornal anarquista acima analisado foi, justamente, o movimento feito de publicar em quais outros países existiam os mesmos entendimentos sobre o agente causador da influenza.

Assim, mostrava-se que a conclusão obtida, de que o agente causador da pneumonia não era o mesmo da gripe, não se fez como uma observação isolada como, por exemplo, no Instituto Manguinhos, dado em destaque, mas que os conhecimentos veiculados já haviam sido constatados em outras localidades. Vê-se que existe uma comunidade falante da mesma língua que, em princípio, troca informações no sentido de contrastá-las. Vale indicar que o Instituto Manguinhos participava deste circuito.

Apesar de todos esses movimentos que trouxeram os cientistas e os especialistas em saúde pública e em questões sanitárias às páginas dos impressos, os motivos, sejam eles sociais ou biológicos, para o surgimento do causador da “gripe espanhola” não foram explicados. Como visto, a própria validação de que a doença da pandemia era a influenza aconteceu muito tempo depois.

A proliferação de explicações e nomes para explicar o agente causador da moléstia só corroboravam aquilo que Bertucci sentenciou: “a ciência nocauteada pela epidemia procurava eclipsar sob a denominação ‘gripe’ as divergências e perplexidades que sobressaltavam os doutores durante aquela influenza que chamavam espanhola” (BERTUCCI, 2002, p. 302).

A autora comparou a ciência com um lutador de ringue. O resultado, para ela, foi o de uma derrota: a ciência, diante de uma pandemia como a de 1918, foi nocauteada. Isso pelo fato de que, mesmo após tantos conhecimentos clínicos transmitidos pelos jornais e impressos em um percurso formativo do povo, a “gripe espanhola” conseguiu se disseminar e provocar muitas mortes e perdas. Desta forma, como era possível, então, acreditar na ciência e validar os conhecimentos especializados? Mesmo após o espaço que foi dado para os médicos e as autoridades no assunto falarem, a ciência teve um dos principais momentos de descrédito em pleno começo do século XX.

Pensando com Latour (1998), entende-se a ação da ciência, durante a pandemia de 1918, não como um fracasso. Isso pelo fato de o autor defender que a ciência se constrói no processo histórico, ou seja, no fazer diário da história, no dia a dia dos fatos

e dos acontecimentos. Assim, ao longo de toda sua obra, Latour (1998) evidenciou que a ciência detém seu próprio processo, com avanços, retrocessos, dúvidas e falhas. Como algo próprio e inerente e que faz justiça ao ser humano, embora seja muitas vezes apresentada como algo de semideuses.

O que se vê nesta pesquisa é justamente isso: como a imprensa retratou o desenvolvimento da própria ação científica no relato diário dos acontecimentos da pandemia de influenza. Ou seja, a edificação da ciência no real da história. Em um processo que, evidentemente, foi falho e com erros, mas que não deixou de ser ciência.

Ao se considerar as representações assumidas pela ciência, como o mais alto grau do patamar civilizatório, projeta-se possíveis fracassos. Contudo, não se pode ter apenas a visão de que a ciência foi “nocauteada” durante a “gripe espanhola”.

As notícias falavam sobre a morte de muitas pessoas e se buscava a solução imediata para a crise vivida. Todavia, não se pode deixar de observar o processo construído e como a pandemia de 1918 se propôs, por meio da imprensa periódica, a dar espaço e visibilidade aos cientistas e às autoridades sanitárias daquele momento como o caminho mais seguro e viável para a situação.

O que se mostra aqui é que a imprensa tem o poder de criar representações e imaginários e, neste caso, reforçou a ideia de que a vida, a saúde, os procedimentos higiênicos são propriedades teóricas e práticas de um grupo muito específico de pessoas e de um profissional já constituído para apresentar assertividades.

Prova disso foram entrevistas e espaços dados para os peritos, os pronunciamentos dos cientistas e dos médicos foram documentados pelos impressos que circulavam por São Paulo e pelo Rio de Janeiro. O presente trabalho já se utilizou de exemplos nos quais foi possível constatar tal tendência e o banco de documentação ainda apresenta outras informações concernentes à participação ativa dos médicos e cientistas na colaboração da cobertura jornalística diária feita para a pandemia de 1918.


O depoimento e as colocações de um cientista, de um médico ou de uma autoridade sanitária se faziam presentes, na maioria das vezes, no próprio corpo da notícia. Em outras, o destaque era maior e a própria reportagem realçava a participação especial do especialista que falaria. Um exemplo disto pode ser analisada na seguinte reportagem:

Figura 36 – Entrevista com um médico

Como combater a epidemia e evitar o mal

A "Gazeta" ouve o Dr. Teixeira Coimbra

No intuito de orientar tanto quanto possível a população desamparada quasi que totalmente do auxílio, e da assistência do governo, no modo como deve agir para combater a epidemia, que ali está estendendo de lato tantos la-



O Dr. José de Alencar Teixeira Coimbra

moestia, os quaes têm sido desprezados tragicamente.

Antão por ali a equiparar que o quinino deve ser empregado como preventivo e como o melhor tratamento para a moestia.

Isso chega a ser barbaro, e não sei que juizo farão da nossa cultura medica os membros das delegações estrangeiras que aqui se encontram.

O quãoso ingerido por centenas de pessoas do meu conhecimento como preventivo longe de prevenir-as, pelo contrario provocava sempre uma irritação accentuada do aparelho digestivo que parecia até um certo ponto predispor á mesma enfermidade, e pela acção hypochonizante sobre o myocardio dava á moestia um caracter grave.

Como meio therapeutico, o quinino nos casos cõegulos ao meu conhecimento, só tem conseguido abaixar passageiramente a temperatura de certos doentes, os quaes com alta de hospitaes officiaes vêm cahir nas minhas mãos ainda gravemente enfermos.

Ao contrario de tudo isto, a "aspirina", por não aconselhada e usada na dose de 0,50 centigrammas diariamente, ao mesmo tempo que inhalações de menthol, zome-nol ou eucalyptol, tem conseguido sem uma unica excepção precaver milhares de pessoas.

Por esse motivo, acho que a

res, a "Gazeta", que tem suggerido diversas medidas que vão sen-

Fonte: Gazeta de Notícias, 22.10.1918, p. 2.

No centro da página 2 desta edição do jornal, a manchete dá destaque para o fato de que o jornal ouviu um especialista chamado Dr. Teixeira Coimbra, cujas referências o jornal reforça: "facultativo de mérito comprovado, culto, estudioso e que de sua grande competência deu recentemente a melhor prova num concurso a que se submeteu na Diretoria Geral de Saúde Pública"²⁰⁹.

²⁰⁹ Gazeta de Notícias, 22.10.1918, p. 2.

O título dado à reportagem que ouviu este especialista foi educativo por si só: “Como combater a epidemia e evitar o mal”²¹⁰. A frase marcada pelo uso de expressões de guerra, como o verbo “combater” e o adjetivo “mal”, deixou claro que todas as dicas e as orientações para que fosse possível lutar contra aquela doença e dela se proteger foram passadas pelo médico entrevistado. Por isso, passava-se a imagem do quão importante era que as pessoas pudessem ler a notícia e por ela se instruírem.

A reportagem com a entrevista com o Dr. Teixeira Coimbra ganhou amplo destaque na edição do jornal. Ela ocupa um espaço de duas colunas no centro das notícias daquela página da *Gazeta de Notícias*. Bem no alto, logo após o título, foi publicada uma foto, de tamanho médio, do referido médico. Logo na sequência, uma série de qualificações foi atribuída ao especialista: “facultativo de mérito comprovado”, “culto”, “estudioso”, “de grande competência”, tendo demonstrado sua capacidade após realizar a “melhor prova num concurso a que se submeteu da Diretoria Geral da Saúde Pública”²¹¹.

Após a devida apresentação, a qual novamente nos mostrou como os especialistas foram tratados com destaque e com pompa pelos impressos da época, o aclamado médico discorreu sobre os conhecimentos necessários para que as pessoas pudessem se proteger da influenza. O mais interessante é a ansiedade evidenciada pelo momento da entrevista e a forma como o médico se auto identifica, como autoridade na questão epidemiológica, podendo se manifestar:

Ha dias – disse-nos o Dr. Teixeira Coimbra – desejo falar a “Gazeta” sobre a grande epidemia que avassala a nossa capital, mas a minha obscura posição de medico formado há apenas cinco anos, o receio de magoar colegas altamente collocados, a duvida sobre a precisao das minhas observações têm tolhido os meus passos até a presente data. Hoje, porém, á vista do apelo que a “Gazeta”, a maioria dos jornaes e a propria Saude Publica fazem á classe médica e deante da grande mortalidade que se tem verificado, e também atendendo a sua solicitação, sinto-me animado á dizer ao publico o que penso acerca da epidemia, sua natureza, seu tratamento e meios de evitar o contagio (GAZETA DE NOTÍCIAS, 22.10.1918, p. 2).

Quem fez um apelo para ouvir a voz do especialista foi o próprio jornal. Segundo o referido médico, tanto a *Gazeta de Notícias* quanto “a maioria dos jornais” passaram a buscar o auxílio destes profissionais para que pudessem esclarecer a

²¹⁰ *Gazeta de Notícias*, 22.10.1918, p. 2.

²¹¹ *Gazeta de Notícias*, 22.10.1918, p. 2.

natureza da epidemia, seus tratamentos e orientações para evitar o contágio. Ainda segundo o relato feito pelo Dr. Teixeira Coimbra, ele expõe objeções para se manifestar ao jornal. Alega que se formou há apenas cinco anos, mas o que se entende é que o problema era outro. Ao dar uma declaração para a imprensa, ele sabia assumiria uma posição a respeito da doença. E, como sua declaração denota, ele tinha dúvidas a respeito da moléstia. Além disso, ele fez questão de pontuar que não queria se indispor com outro colega da área. Ou seja, ele sabia que, ao fazer suas considerações sobre a “influenza espanhola”, ele poderia se opor a algum pensamento já dado por outro cientista.

Desta forma, a introdução que o Dr. Teixeira Coimbra fez para sua entrevista no jornal *Gazeta de Notícias* foi a exposição das condições de como os médicos atuavam naquele período. Evidencia as contradições e as dúvidas existentes durante a vigência da pandemia, ao mesmo tempo em que a imprensa periódica da época cobrava posicionamentos e explicações para serem veiculadas em suas páginas.

Assim como disse Nieto-Galan (2011), há muito mais uma luta posta do que uma aceitação aberta sobre o que os cientistas, nestes últimos exemplos, médicos, pensam. Situação que não se manifestou apenas com a pandemia de 1918, mas já se fazia presente na sociedade brasileira²¹²:

Se trata de un fenómeno aparentemente paradójico pero de gran importancia en la construcción de la cultura occidental. Si en primer momento, la existencia de públicos cada vez más numerosos, consumidores de discursos científicos, sobre todo a partir del siglo XIX, habría contribuído a la construcción de nuevos y más fluidos canales de comunicación entre expertos y profanos, em realidade parece haber ocurrido precisamente lo contrario. Se há legitimado la autoridad de las elites científicas, creando una separación casi esotérica entre los creadores de ciencia y sus consumidores, construyendo a menudo la imagen pública de una ciencia objetiva, útil, en la que los públicos interpretan siempre un papel secundario. Desde esta perspectiva, nuestra ciencia contemporánea se habría forjado em una gran cruzada cultural destinada a lavar su mala imagen después de las dos guerras mundiales, com su victoria ante una opinión supuestamente enferma de irracionalismo y superstición (NIETO-GALAN, 2011, p. 32).

²¹² Um dos exemplos que provam a tensão existente ciência e a população na história brasileira foi o episódio da Revolta da Vacina, em 1904. Hochman (2011, p. 378) elucidou os embates existentes entre a população e a incompreensão da importância de se vacinar para conter o avanço da varíola. A situação alcançou, conforme disse o autor, contornos políticos, uma vez estipulada a lei de vacinação obrigatória em outubro de 1904 e a resistência surgida pelo entendimento de que seria, conforme precisou o autor, uma invasão de privacidade.

O autor enfatizou a criação de “novos e fluídos canais de comunicação entre especialistas e leigos” a partir do século XIX, quando houve um aumento significativo do público interessado pela ciência e por seus discursos. Assim, destacamos que o presente trabalho analisa, justamente, como a imprensa de 1918 exerceu este papel em um momento no qual existia uma pandemia. Contudo, Nieto-Galan (2011) jogou luz ao paradoxo ocorrido quando, na prática, o que aconteceu foi a legitimação ainda maior da autoridade científica e com ela a contraposição ao público não especialista, criando uma separação entre os criadores da ciência e seus consumidores.

Ao aplicarmos esta consideração no caso da pandemia de 1918, vemos que ela faz todo o sentido, uma vez que, naquele momento de grave crise social, o que o público leitor desejava era tomar contato as descobertas científicas capazes de colaborar para o livramento do problema da influenza. Concomitantemente, os públicos não especializados também continuavam a se manifestar, principalmente com a divulgação de práticas não validadas pelas autoridades sanitárias.

Todavia algo maior existia e os unia: a erradicação de uma pandemia. E, neste sentido, todos os esforços são válidos. Ocorre o que Nieto- Galan (2011) apresentou como haver a legitimação das autoridades científicas e o estabelecimento de mais canais de comunicação para que elas se expressassem. Foi pela possibilidade dessa expressão que analisamos o exemplo da entrevista que o médico Dr. Teixeira Coimbra forneceu à *Gazeta de Notícias*.

Ele, como especialista que era e pela declaração dada, passou a imagem de realizar um serviço inestimável muito além de sua própria capacidade, a fim de orientar às pessoas sobre os malefícios da “espanhola”. Utilizou-se disso para validar o motivo que o levou a dar a entrevista para o referido jornal, mesmo tendo mostrado as dúvidas e incertezas que permeavam esta ação, uma vez que os debates na área científica existiam e ainda não se tinham certezas a respeito das características precisas da doença.

Mas, para além das entrevistas e declarações dadas por médicos e especialistas de forma individualizada, houve espaço nos impressos para que as entidades médicas pudessem se manifestar, como a Associação Paulista de Medicina (APM), que, segundo mostrou Bertucci (2021, p. 227) foi fundada em setembro de 1918, ou seja, às vésperas de a pandemia iniciar: “em 14 de agosto, o jornal O Combate publicou artigo sobre a função da APM. (...). O texto do jornal afirmava que a instituição, como as congêneres europeias e norte-americanas, trataria especialmente de assuntos médico-sociais”.

Uma matéria do jornal OESP realizou uma síntese das atividades realizadas na última sessão do grupo, ocorrida em 25 de outubro de 1918. Tal reportagem mostrou como esta entidade paulistana se reuniu sob a presidência do professor Rubião Meira que realizou um discurso no qual falou sobre as dificuldades do período pandêmico; fez memória aos colegas mortos por causa da “espanhola” e enalteceu o trabalho de todos os médicos que eram chamados naquele momento, segundo ele, para contribuir com seus saberes, a fim de que fosse possível descobrir o melhor tratamento terapêutico para combater a influenza²¹³.

Assim, vemos que a publicação de uma notícia apresentando as atividades feitas por uma entidade médica foi mais um mecanismo encontrado para que o trabalho dos especialistas e dos peritos fosse conhecido pelo grande público. Não podemos deixar de mencionar a publicação de impressos específicos sobre a classe médica, como foi o caso da revista *O Brazil-Medico*, apresentada na Introdução do presente trabalho.

Além da veiculação das atividades desenvolvidas pelo grupo de médicos paulistas reunidos em uma entidade; esta análise também mostra que, no período concomitante ao acontecimento da pandemia, encontramos em uma edição na revista *Fon-fon* informações sobre a realização do Congresso Médico Internacional no país: mais uma maneira de publicizar para o público leitor como se construía as atividades científicas.

Na segunda metade do mês de outubro, diversos nomes da classe médica estavam reunidos no Rio de Janeiro. Neste período, as páginas dos jornais já contavam com informações a respeito do avanço da doença. Entre as matérias sobre tal situação, noticiava-se sobre chegada das delegações médicas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e os trabalhos ocorridos nas seções de cirurgia e de higiene, por exemplo.²¹⁴

As notícias sobre a contaminação da missão médica brasileira em Dakar e a chegada do navio Demerara já estavam nos jornais, assim como cresciam as informações a respeito das vítimas e mortes no país. Mas um congresso que reuniu expressiva parcela de médicos e autoridades foi capa de revista no país dada a relevância e a característica do evento em si.

²¹³ O Estado de S.Paulo, 27.11.1918, p. 5.

²¹⁴ O Estado de S.Paulo, 17.10.1918. p. 4.

Figura 37 – A notícia do 8º Congresso Médico Internacional



Fonte: Fon-fon, 19.10.1918, p. 19.

A primeira página da edição de número 42 da *Fon-fon* foi preenchida pelas imagens das autoridades científicas presentes para o 8º Congresso Médico (1918). Em um mosaico composto por sete fotografias (Figura 37), a montagem ocupou todo o espaço da revista no dia 19 de outubro de 1918, data em que a pandemia já estava estabelecida no Brasil e fazia suas vítimas.

No primeiro plano, bem ao alto, a fotografia que compôs o primeiro plano foi a da sessão solene de abertura do Congresso no Municipal. A cena nos mostra vários homens muito bem-vestidos ao redor de uma mesa. Junto a eles, a legenda²¹⁵ identifica

²¹⁵ As legendas para cada uma das fotos estão presentes embaixo da montagem elaborada na primeira página desta edição da *Fon-fon*. Foram preservadas para que fosse possível identificar a maneira como foram publicadas pela revista, mesmo que, na qualidade que aqui se encontra, não esteja legível.

o Ministro do Interior do Brasil, Dr. Carlos Maximiliano, o que traduz sinal de respeito e de autoridade ao evento e a seus participantes. Esta primeira foto não nos mostrou a presença de qualquer mulher, o que denota ser a atividade científica do começo do século XX um espaço no qual a figura masculina dominava.

Após a foto da solenidade de abertura, cada um dos quadrantes trouxe as imagens das demais delegações que compunham o congresso médico: Chile, Argentina, Bolívia, Uruguai e Paraguai. Ao centro desta composição, encontrava-se a reprodução da placa de bronze criada para o monumento em homenagem a Oswaldo Cruz e, abaixo, o retrato do Dr. Oscar D'Utra e Silva, o promotor do 1º Congresso Sul-Americano de Dermatologia.

Em suma, temos contato com as imagens de alguns dos médicos, dos peritos e dos especialistas daquela época em uma materialização de como os cientistas passaram a ocupar espaços de divulgação nos impressos diários. Seus rostos e personalidade passaram a ser divulgados nos jornais e nas revistas de variedades, além de suas ações e de seus feitos serem publicados com mais regularidade. Tais ações foram responsáveis pela configuração de um público leitor que talvez considerasse as atividades científicas como algo relevante e de grande contribuição à sociedade.

As notícias dos jornais nos mostram que, junto com o 8º Congresso Médio, realizou-se outro evento: o Congresso de Tracoma. As reportagens detalhavam o que acontecia naquele momento: as menções honrosas aos cientistas, os aplausos direcionados às figuras científicas que se encontravam no evento; as propostas e medidas anunciadas para debelar a doença em questão, neste caso, o tracoma, e os relatos das leituras de trabalhos científicos e resoluções produzidas pelos cientistas²¹⁶. Ou seja, mesmo em meio a tantas notícias sobre a tragédia da “espanhola”, que denotavam um possível fracasso das atividades científicas, publicavam-se as atividades acadêmico-científicas realizadas.

Contudo, mesmo com esta divulgação, inclusive dos congressos que ocorriam, regressamos a Nieto-Galan (2011) com um texto exemplar sobre a pandemia de 1918, que fez com que a separação entre os cientistas e seus públicos fosse a tônica. Diz respeito ao fato de que os jornais não paravam de publicar notícias com orientações ao povo e as formas de prevenção da doença. Todavia a “gripe espanhola” não arrefecia. Ao contrário, ela fazia cada vez mais vítimas. Desta forma, colocar a ciência em xeque

²¹⁶ Correio Paulistano, 19.10.1918, p. 3.

passou a ser um movimento possível diante de um cenário que se fazia cada vez mais grave. Mesmo que os jornais e as revistas não tenham deixado de dar espaço em suas publicações para as considerações dos especialistas, a doença continuava a se espalhar e a matar. Ou seja, a sensação era a de que nada do que se falava estava certo e que as orientações dos médicos e as informações dos especialistas não eram verídicas.

A isso pode se juntar, também, as contradições evidentes sobre a falta de certeza acerca da doença que se propagava. Elas foram as responsáveis pela publicação de notícias nas quais os cientistas se apresentavam, contradizendo-se, uma vez que, mesmo sem a certeza de se tratar da influenza, as recomendações preventivas não paravam de ser publicadas. Há algo nessa posição que diz respeito a confiança do status de ser membro da classe científica. Ao mesmo tempo em que isso acontecia, foi possível constatar a ocorrência de outro movimento pela imprensa: a apresentação de remédios milagrosos e outras fórmulas e receitas de cura para a “espanhola”. Esse conhecimento já diz respeito ao aparato tecnocientífico de produção, o que significa, ganhos com a doença.

3.4 Como curar e tratar uma doença desconhecida?

Esta é uma pergunta que pode ser aplicada à situação da pandemia de 1918 com muita propriedade. Ao observarmos as notícias que precisaram, veementemente, pontuar a disseminação da doença como gripe e não outra manifestação epidemiológica, junto com as orientações ao povo dadas pelos médicos, constata-se que foram tentativas embasadas nas evidências do que a ciência podia ofertar, à época, sobre o conhecimento que se tinha a respeito da influenza.

Os jornais documentaram o histórico da influenza no mundo e as demais manifestações da gripe ao longo do tempo, portanto, ela não era apresentada como uma doença nova. Todavia o que estava em questão naquele momento eram as incertezas de se tratar, realmente, do mesmo agente causador da gripe que já se conhecia, por conta de preocupações científicas.

Algumas páginas dos impressos que trouxeram medidas a serem tomadas para ajudar a combater a doença e as palavras dos médicos e cientistas foram aquelas que contaram sobre uma série de pessoas que enlouqueceram, suicidaram-se e tiveram mortes muito sofridas. Os leitores, naquele momento, recebiam as informações a respeito da “marcha” da doença em um contexto marcado por histórias dolorosas.

Em meio a este cenário, os jornais e as revistas também foram canais de divulgação de tratamentos e remédios que prometiam a cura e a prevenção à “espanhola”, mesmo em uma situação na qual o causador da doença não era conhecido, no sentido biológico. Estampada a gravidade da situação e o cenário de fome e carestia que prevaleceu nas cidades, às matérias jornalísticas falavam do medo e do pânico que as pessoas sentiam frente a tal situação: cenário propício para que as ofertas sobre os meios de combater o mal se estabelecessem. E elas ganharam projeção consistente.

Do volume de notícias que compõem o rol de documentos, foram contabilizados 26 com a palavra-chave “propaganda”. Eles foram selecionados para representar a tendência de aumento de espaço nos jornais e nas revistas daquela época que se destinavam às ofertas de insumos e outros preparados com potencial terapêutico preventivo frente à doença. Muitos deles assumiram formas de apresentação distintas de simples anúncios, os quais já existiam à época e eram publicados nos jornais, levando-se em consideração que a gripe era uma doença já conhecida.

O título da matéria foi “Cura da gripe hespanhola”²¹⁷. Ao tomarmos contato com esta notícia, a primeira leitura que podemos realizar é de que a reportagem continha informações a respeito da tão esperada cura para a doença pandêmica. Principalmente pelo fato de elencar uma série de médicos e especialistas que davam suas declarações a respeito.

Contudo, apesar da característica textual se confundir com uma notícia do jornal igual a todas as outras que compunham aquela edição do jornal OESP, não estávamos diante de um texto jornalístico, mas sim de uma propaganda do remédio “Grippina”. As declarações dadas pelos médicos e que foram publicadas diziam respeito a possível eficácia do remédio e seus benefícios. Dentro de um box, estas informações estavam na página 8 do impresso junto com outras propagandas e anúncios em geral. Havia uma mistura de conceitos sobre o remédio que prometia cura e o conteúdo que expressava essa necessidade. A propaganda se apresentava de forma mais sutil.

Aqui se especificou uma forma diferenciada de se fazer o anúncio de um remédio. O texto em si apresentava muitos aspectos de uma notícia, sem lembrar as características que compunham um anúncio trivial. Podemos compará-lo com a publicação feita no mesmo dia 25 de outubro de 1918, mas agora no jornal *O Combate (SP)*. Nela, o mesmo remédio “Gripina” é apresentado como “o remedio da gripe

²¹⁷ O Estado de S.Paulo, 25.10.1918, p. 8.

hespanhola – Preventivo e Curativo”²¹⁸ para, na sequência, apresentar o nome do médico que fez sua fórmula e o local onde poderia ser encontrado.

Na edição do jornal *O Combate (SP)*, a informação sobre o remédio intitulado “Grippina” ganhou a diagramação mais convencional como um anúncio publicitário. Encontrava-se dentro de uma caixa de texto, delimitada por linhas superiores e inferiores que, em conjunto com as que formavam as colunas dividindo a página do jornal, especificavam o espaço destinado para a propaganda, conforme indica a Figura 38:

Figura 38 – Propaganda do remédio “Grippina”



Fonte: *O Combate (SP)*, 25.10.1918, p. 2.

Nesta formatação, o conteúdo, ao contrário do que apresentado pelo jornal OESP, não se confundia com uma matéria jornalística sobre a pandemia. Este recurso foi novamente utilizado, pelo mesmo jornal, dias depois, na edição de 11 de novembro de 1918, tendo trazido a declaração do secretário da Cruz Vermelha de Santos, o

²¹⁸ *O Combate (SP)*, 25.10.1918, p. 2.

advogado Flor Horacio Cyrillo, que declarou ter dado autorização para que todos os hospitais de sua região administrassem este medicamento²¹⁹. A sutileza a serviço de um ganho.

Mas não apenas com a medicação “Grippina” pode ser observado este formato de divulgação:

A influenza vae em declínio, mas as recaídas são quase sempre fataes. Pode-se dizer sem exagero que uns 60% das victimas de influenza hespanhola foram devido a recaídas. Com effeito, a enorme fraqueza, a perda de phosphatos e o depauperamento geral dos convalescentes da influenza deixam o organismo em um estado tão crítico de saude que a menor estravagancia ou descuido pôde ser funesta consequência. Para apressar a convalescência e evitar o perigo das recaídas, deve-se fortificar o sangue com ferro assimilável, e o cerebro e o systema nervoso com isso é o COMPOSTO RIBOTT (O ESTADO DE S.PAULO, 05.12.1918, p. 6).

O título da matéria, em destaque, apresentou uma informação pública relevante sobre a situação da pandemia. Tratava-se do seu possível declínio. Além disso, trouxe uma orientação importante sobre uma ocorrência determinante neste momento da contaminação sobre as “recaídas”, ou seja, quando as pessoas voltavam a ficar doentes e se contaminavam, novamente com a influenza. Segundo a informação, isso poderia acontecer por vários motivos, dentre eles a fraqueza por que o corpo passava em um estado de depauperação no qual se tornava muito suscetível a ficar doente novamente.

A notícia ocupava um espaço considerável na página do jornal no qual a letra mais chamativa do título e os traços da caixa de texto destacavam uma informação que não se tratava de uma notícia, apesar de parecer com isso. Era um anúncio do nomeado “Composto Ribott”. Na verdade, era mais uma propaganda que se apresentava com características de uma notícia, incluindo informações técnicas sobre a doença, no caso, as condições em que o corpo dos contaminados ficava, uma vez doente. Para em situações como essas, o tratamento oferecido era justamente o remédio que deveria ser comprado e não uma orientação educativa vinda de uma medida preventiva contra a moléstia. No entanto, apresentava-se como uma indicação de prevenção, conforme a própria propaganda nos prova.

Em sua edição do dia 5 de dezembro de 1918, o jornal OESP repetiu o mesmo formato de propaganda do “Composto Ribott”. Isso nos mostra que a publicação deste

²¹⁹ O Estado de S.Paulo, 11.11.1918, p. 6.

modelo no qual uma propaganda se apresentava com características de uma matéria jornalística não foram apenas ações isoladas, mas que se repetiram ao longo do período da contaminação de influenza e não apenas por este impresso em questão. Era uma proposta publicitária.

Na mesma página de uma edição do jornal *Correio da Manhã*, praticamente lado a lado, temos duas ilustrações de propagandas. A primeira delas, como nos mostra a Figura 39, é a de um remédio que também foi muito comercializado naquele período: a “Emulsão de Scott”.

Figura 39 – Propaganda de “Emulsão de Scott”



Fonte: *Correio da Manhã*, 26.11.1918, p. 3.

No alto da página, no canto esquerdo, a caixa de texto em destaque nos diz que ele era um “bom fortificante na convalescença da gripe espanhola”²²⁰. De tamanho

²²⁰ *Correio da Manhã*, 26.11.1918.

regular e em formato retangular, a propaganda ocupou um espaço pequeno do jornal e deu bastante enfoque ao nome do remédio, grafado em destaque e sublinhado.

Mas, na mesma página desta edição, o título de uma notícia chamava atenção: “A influenza deixa os convalescentes com o cerebro fraco, devido a perda de phosphatos”²²¹. Novamente, poderia se pressupor da relevância de mais uma informação importante para a compreensão de como o corpo se manifestava, uma vez que a pessoa estivesse contaminada. O informe nos dizia como as pessoas se sentiam após a contaminação e as reações manifestadas pelo corpo quando se via com um elemento químico em falta como o fosfato. Contudo encontramos qualquer notícia que fundamenta este trabalho, validando a informação que a propaganda quis vender. Assim, o que se percebe é o anúncio se apropriar da possível ignorância e do medo dos cidadãos para vender seu produto.

Só que, mais uma vez, o exemplo mostra que o texto jornalístico não foi feito para apresentar mais algumas das consequências da doença, mas para propagandear: ao tomar o “Ribott”, conseguir-se-ia sair daquela situação deplorável que a doença causava no corpo. No texto da primeira propaganda analisada, a justificativa para comprá-lo se dava a partir da estratégia de dizer que, com seu uso, era possível evitar a reinfecção. Já no segundo documento, vemos que era dada importância para compra da medicação, uma vez que ela seria útil para suprir a carência de fosfato. Paramos para pensar o que significa perder fosfato, para quem estava procurando o que comer em filas bastante grandes.

Em comum nestes dois textos estava o fato de ambos terem utilizado o mesmo estilo textual na publicação de um remédio para conter a “espanhola”. Em vez da propaganda por si só, como um anúncio, ela se encontrava inserida no contexto que se assemelhava a uma matéria jornalística sobre uma determinada consequência causada pela doença. No caso, a perda de fosfato e as incidências de recaídas entre os que já tinham se contaminado. A relação entre o uso dos conhecimentos científicos e os aparatos de reconhecimento social, de prestígio, de conhecimento, são claros.

Os exemplos apresentados mostram como os anúncios publicitários que prometiam curar a “gripe espanhola” foram muito presentes na imprensa da época e se utilizaram de vários formatos, seja o de um chamado de propaganda dentro de uma caixa de texto, seja como estrutura de uma reportagem para se valerem como elementos

²²¹ Correio da Manhã, 26.11.1918.

de cura. De igual maneira, não apenas remédios foram vendidos como soluções para conter a pandemia de 1918. Objetos coligados à ideia de higiene se tornaram artefatos importantes para pensar o vínculo entre higiene e cura. Observe abaixo:

Importante. Todos os médicos são unânimes em declarar que o pó é o veículo da Gripe espanhola que tantas vidas levou e tantos lares enlutou no Brasil em tão pouco tempo. Escarlatina, tuberculose e outras doenças perigosas são também trazidas pelo pó. Evitar a poeira da rua é difícil porém evitar a poeira em casa é fácil usando em lugar da vassoura arcaica o **Cedar Mop** (A VIDA DA GENTE, 26.12.1918, p. 43).

“Cedar Mop”, que era um esfregão de cedro, era o produto que a edição de 26 de dezembro de 1918 da revista *A Vida Moderna* o anunciava como o elemento necessário para ajudar a conter a pandemia que, segundo esta revista de variedades da época, tinha no pó um de seus elementos causadores. Todavia, “Cedar Mop” não era um remédio ou algum xarope para conter os efeitos da influenza, mas um instrumento para retirar e remover o pó.

Como a propaganda disse em sua parte final, se era difícil tirar o pó que se encontrava na rua, era necessário e urgente ter um “mop” para que ele eliminasse a poeira dos espaços, a fim de que doenças graves fossem evitadas, como as citadas pelo texto da propaganda: escarlatina, tuberculose e a própria “espanhola” não atingissem os cidadãos.

Além de anunciarem o “mop”, as propagandas do período da “espanhola” foram além. A última página da edição do dia 9 de novembro de 1918 do jornal OESP trazia uma série de anúncios publicitários. Dentre eles, encontrava-se o seguinte:

Roupas para luto. Esta popular e mais antiga alfaiataria, em vista da situação actual e tendo um enorme sortimento de casimiras pretas, taes como, mongol cheviot, elasticotina sarja, etc., além dos resumidos preços marcados em todo os seus artigos faz durante o mez de Novembro um abatimento sobre os preços marcados de 20% (O ESTADO DE S.PAULO, 09.12.1918, p. 8).

A situação sanitária ficou tão crítica e o número de mortes tão elevado que até mesmo foi possível encontrar uma propaganda como a citação nos mostra, pretendendo vender roupas propícias para esta ocasião de luto, pretas, de vários materiais e, talvez, de preços diferenciados. A *Cidade de São Paulo Alfaiataria*, fundada em 1901, não perdeu a oportunidade que a doença trouxe para vender seus ternos de casimiras pretas

com desconto em um serviço, como dito na mesma propaganda, que era feito com perfeição, elegância e com bons forros em um período de 20 horas. Neste tempo, a oportunidade já fazia o negócio.

Assim, percebe-se uma cidade marcada pela desorganização social dada a situação epidemiológica que fazia aglomerações de cidadãos serem evitadas e que conduziram a uma ampla cobertura jornalística com o objetivo de educar as pessoas para medidas combativas e protetivas frente à nova doença; os mesmos impressos e periódicos não deixaram de veicular propagandas que falavam sobre produtos de eficácia duvidosa, vassoura para limpar o pó e ternos para poder cumprir o luto causado por tantas mortes. Diante das notícias que informavam a situação de carestia e a quantidade de pessoas que buscavam auxílio e a solidariedade de muitos movimentos sociais, a pergunta que fica é: a qual público se queria atingir ou chegar com uma propaganda que enaltecia ternos para momentos de luto? Cada momento histórico faz do artefato a melhor mercadoria.

Ao mesmo tempo em que se pode conjecturar o que mais poderia ser elemento de divulgação publicitária pelos impressos durante a “espanhola”, constata-se que até os itens voltados às atividades médicas, científicas e de assistência hospitalar aos contaminados se transformaram em publicidade nas páginas dos jornais e das revistas daquele período. A ideia de fazer da mercadoria algo aceitável em qualquer situação já estava instalada.

Para os médicos e os enfermeiros que trabalhavam durante a pandemia, foi anunciado grande sortimento de produtos que, como destacava o impresso, faziam-se necessários: agulhas, seringas, sacos para água quente, assentos de borracha, água oxigenada, tubos de borracha de todas as grossuras, sondas diversas e soluções de adrenalina²²². Todos estes elementos que compunham os utensílios básicos para o trabalho clínico de um especialista de trabalho de sustentação médica foram colocados em destaque pelas propagandas de então. Como isso era absorvido como insumo primordial para salvar vidas na relação entre estado e bem público, é algo a se pensar.

De igual forma, além dos produtos voltados à classe médica, os jornais também fizeram propaganda dos hospitais que passaram a atender os doentes de influenza. Aqui não falamos da divulgação, pelos impressos, da lista contendo os endereços de cada um destes locais de atendimento assim como de sua capacidade de lotação. Este movimento

²²² O Estado de S.Paulo, 07.11.1918, p. 7.

foi feito pela imprensa daquele período, mas também foram publicados anúncios que só tiveram como objetivo fazer propaganda dos hospitais, independentemente de sua atuação específica no combate à influenza.

Pelas páginas de um impresso soubemos que o Hospital Santa Catarina, localizado na Avenida Paulista, possuía instalações modernas; que a “Casa de Saúde Dr. Homem de Mello” cuidava de moléstias nervosas e mentais, tendo como enfermeiras as irmãs de caridade e que o “Hospital Samaritano” tinha quartos reservados para pensionistas que poderiam ser cuidados por médicos daquele lugar ou vindos de fora²²³. Ou seja, além de todos os produtos que eram anunciados nos jornais, os próprios hospitais, como locais de tratamento e recuperação dos doentes, pretensos guardiões da vida no moderno estado nacional, passaram a serem elementos de propaganda a partir de parâmetros como suas instalações, a qualidade de sua equipe médica e técnica, o tipo de público que atendiam e quais serviços prestavam.

Além de darem espaço para que os cientistas e os médicos fizessem declarações, dessem entrevistas e compusessem reportagens, os jornais também serviram para que os hospitais fizessem seus anúncios. As atividades científicas não apenas circularam limitadas aos fazeres médicos, mas também se observou como os hospitais, como espaço de tratamento para a cura, também ganhavam um espaço de divulgação e legitimação dos serviços que prestavam para a população. A partir destas propagandas, vê-se que uma parte dos cidadãos, aqueles que possuíam dinheiro para tanto, poderiam escolher quais seriam os locais em que se tratariam e se permitiriam receber assistência médica quando doentes, ou, no caso, contaminados pela influenza.

Para além dos conhecimentos e saberes técnicos que circularam e tiveram espaço nas notícias, a medicina também passou a ser presente na vida das pessoas que tinham agora a opção de escolher que hospital frequentar a partir de critérios pré-estabelecidos e que eram divulgados pelos jornais. No entanto, este foi um benefício destinado apenas para alguns membros da sociedade e ainda existia uma parcela considerável da população que sequer pensava o acesso a tais recursos de cuidados e tratamento e permanecia atenta e fazendo uso das receitas caseiras e domésticas para se tratar e curar dos males que lhes atingiam, porque isso lhes cabia, era legítimo e era o que a circunstância histórica lhes proporcionava.

²²³ O Estado de S.Paulo, 10.12.1918, p. 7.

Além de não terem recursos para se cuidarem em um centro de tratamento especializado e adequado que era um hospital ou pronto-socorro, ainda se percebia muito receio e desconfiança, por parte dos cidadãos, de que tais locais se faziam seguros e que seriam capazes de salvar suas vidas. Até pelo fato de que, mesmo na própria imprensa, as informações a respeito da efetividade dos tratamentos nos hospitais não estavam seguras.

O jornal *O Combate (SP)* apresentou, em uma de suas edições, a manchete taxativa: “Porque o povo foge dos hospitaes”²²⁴. A reportagem relatou três casos de pacientes que foram liberados dos centros de socorros nos quais tinham sido atendidos, mesmo que seus estados clínicos ainda não permitissem tal condição. A notícia se fez taxativa: “A verdade, porém, é que os factos estão justificando o pavor que o povo tem dos hospitaes”²²⁵. Em um dos relatos, a notícia mostrou a alta médica de duas moças pelo Hospital da Consolação. A reportagem contou que elas permaneceram, mesmo após a liberação, com tosse, fraqueza e febre. Sendo assim, a notícia revelou que a família dessas infectadas, por não terem acreditado na alta hospitalar dada, contrataram um médico particular. Este, segundo o que a matéria expôs, atestou que as duas pessoas ainda se encontravam com gripe pneumônica e o estado de saúde de ambas já era grave.

Quando um periódico publicava uma notícia como esta, ficava a pergunta: como era possível acreditar na eficiência dos hospitais? Em contraposição, o periódico OESP, mesmo antes da matéria acima citada, fez uma manifestação pública, na primeira página de uma de suas edições, para a conscientização da população sobre a importância de o povo frequentar os hospitais:

E da maior conveniência para os enfermos a sua ida para um dos hospitaes montados pelo governo ou por particulares. Nesses hospitaes, arejados, limpos, claros ha todo o conforto – boas camas, boa roupa, remedios, médicos e enfermeiros para acudir ao doente em tempo e hora. Todos os pobres que tenham um doente em casa, se tiverem amor ao mesmo e a sua família, devem tratar sem a menor demora de remover esse doente para o hospital mais próximo. Com a escassez de médicos e de pharmacias para atender a todos os enfermos espalhados pela cidade, muitos desses enfermos poderão perecer por falta de tratamento e de remedios. Indo para o hospital, não lhes faltara nada, e sahirão curados dentro de tres ou quatro dias (O ESTADO DE S. PAULO, 01.11.1918, p. 1).

²²⁴ O Combate (SP), 12.11.1918, p. 3.

²²⁵ O Combate (SP), 12.11.1918, p. 3.

Ao trazer este tipo de informação, em um texto intitulado “Ao povo” e devidamente assinado por “Redação D’Estado”, o periódico assumiu uma posição clara em favor dos tratamentos convencionais e promovidos pelos médicos, por meio de um forte convencimento da população para que acreditassem na efetividade dos hospitais. Era primeira página e apresentavam-se argumentos de convencimento.

Há algo na história que expõe certo medo e desconfiança sobre o espaço de hospitais. Talvez porque o seu histórico tenha imediata relação com a morte. Este mesmo box de informações foi novamente publicado no dia seis de novembro de 1918 sob o mesmo enfoque de orientação, para que o povo frequentasse os hospitais²²⁶.

Para tanto, as matérias dos dias 1 e 6 de novembro do OESP utilizaram-se de vários argumentos para justificar a necessidade de hospitais e guardá-los de seus possíveis erros: desde a falta de medicamentos disponíveis nas farmácias ao conforto que esses lugares especializados poderiam dar, oferecendo boas instalações e um tratamento que permitiria ao internado a recuperação de sua saúde e salvasse sua vida em questão de dias. Ora, não foi isso que o jornal *O Combate (SP)* mostrou. Esta publicação fez um registro forte e totalmente contrário ao que OESP preconizou. Para eles, a história era outra ao publicarem as informações que mostravam um tratamento discrepante e errático para com o povo.

Desta forma, verificamos que este periódico publicou informações com erros médicos e levando desconfiança para a população. Contudo o jornal também colaborou na educação das pessoas que, naquele momento de pandemia de influenza, questionavam a efetividade dos saberes científicos e, da mesma maneira, da preparação que os hospitais possuíam para atender os infectados pela gripe.

Ao confrontar estas matérias com os registros oficiais do governo, por meio dos *Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros*, aferimos na publicação governamental a descrição dos investimentos públicos realizados para a reforma dos hospitais já existentes e a adaptação de outros locais. Por exemplo, no Hospital de Isolamento, foi feita a religação do esgoto, uma demanda existente há mais de dez anos.

Além disso, informava-se que foram realizadas grandes modificações na lavanderia do local, permitindo maior espaço para a instalação da estufa. A “sala de engomar” também foi ampliada e se projetou a construção de um pequeno pavilhão para servir de vestiário e de banheiros. Por fim, mostrou-se que o hospital recebeu, ao longo

²²⁶ O Estado de S.Paulo, 06.11.1918, p. 2.

de todo ano, manutenção em sua pintura, limpeza e reparação no telhado; mais a construção de um espaço específico para cuidar de difteria²²⁷.

Foram registradas também as adaptações e as melhorias feitas no Desinfetório Central, no qual se documentou a aquisição de novos materiais e maquinários para a instalação de oficinas. A garagem e o depósito de material foram completados e o refeitório construído. Um prazo de três meses foi estipulado para que todas as reformas estivessem encerradas²²⁸.

Assim, por meio do documento do *Relatório do Presidente do Estado de São Paulo* e das notícias que foram publicadas por dois impressos de linhas distintas, *O Combate (SP)* e OESP, constata-se o esforço e a iniciativa dos periódicos na divulgação da importância de os cidadãos se tratarem nos hospitais. Diariamente, os jornais reforçavam, em suas páginas, sobre os locais provisórios montados para o atendimento emergencial²²⁹.

Não obstante, mesmo tendo cumprido um importante papel de convencimento popular para confiarem nos hospitais, nos médicos, na ciência, os jornais também publicaram muitos anúncios e propagandas que se voltavam aos tratamentos considerados não científicos, geralmente compostos caseiros intitulados como remédios, mas que não possuíam reconhecimento dos especialistas, mesmo quando se declaravam capazes de curar a “espanhola” ou de amenizar suas consequências físicas.

Mesmo tendo como contexto a realidade espanhola, sendo seu país, foi o que Nieto-Galan (2011, p. 129) delimitou por “medicina alternativa: “ Apesar de que las elites profesionales de la medicina del siglo XIX combatieron las manifestaciones de essas prácticas médicas alternativas, el número de publicaciones de este estilo y de sus públicos lectores creció de manera espectacular”. Podemos utilizar a consideração deste autor, pois se observou que, no caso da pandemia de 1918, mesmo diante do esforço das autoridades científicas em evitar a divulgação deste tipo de prática, percebeu-se que os tratamentos não convencionais continuavam populares e sendo noticiados. Ainda assim, diante de uma população pobre como a do Brasil, pode-se compreender que, na

²²⁷ Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros (SP) – 1890 a 1930, p. 31 e 32.

²²⁸ Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros (SP) – 1890 a 1930, p. 32 e 33.

²²⁹ No OESP, por exemplo, a divulgação da relação dos hospitais, com suas taxas de ocupação, estava na sessão fixa como “Notícias Diversas – A influenza hespanhola” que, em nosso banco de dados, ficou concentrada pela palavra-chave “organização da cidade”. A Introdução deste trabalho já explicou sobre esta estrutura do referido periódico.

ausência de acesso a tratamento especializado, as receitas de produtos caseiros eram muito utilizadas pelas pessoas.

Um dos mais famosos preparados para conter a gripe ficou conhecido como “caninha do ó” e era feito a partir da mistura de pinga com limão, em um composto chamado de “batida”²³⁰. Na verdade, muitos identificam esta mistura como a precursora de uma bebida atual e muito popular no Brasil que é a “caipirinha”. Mas é preciso destacar que, na construção da propaganda sobre os benefícios de se ingerir a “caninha do ó”, vemos a citação que é feita aos médicos e sua validação deste procedimento: “todos os médicos aconselham como o melhor preservativo a caninha do Ó com limão”²³¹.

Mesmo sendo uma substância sem qualquer comprovação de eficácia dada pelos peritos no assunto, na hora de vender e anunciar a marca que oferecia “a mais pura ‘caninha do ó’”, fazer menção aos especialistas e peritos no assunto era uma forma de dar credibilidade e poder de persuasão ao produto, a fim de que as pessoas o adquirissem.

Tomar a “caninha do ó” era uma das formas populares que existiam à época e que se propunham conter a “espanhola”. Eram os saberes de cura, conforme pontuou Bertucci (2002), ao analisar as práticas do povo frente ao conhecimento científico que, em nossa pesquisa, vemos documentado nas páginas da imprensa. O conhecimento que era transmitido pelos jornais e revistas fazia frente a uma sabedoria popular que já possuía uma série de ações para o caso de doenças muito antes de a medicina oferecer tratamentos específicos para as doenças, inclusive a influenza.

A autora delimitou como “medicina popular” e “remédio popular” todas as “práticas de cura realizadas, utilizadas ou indicadas por pessoas ‘especializadas’ (curandeiros, ervanários, etc.) ou não (como as donas de casa) que a medicina oficial desqualifica” (BERTUCCI, 2002, p. 217). E, no centro das análises sobre os efeitos terapêuticos dos produtos naturais, a pesquisadora nos mostrou como o limão foi um dos componentes essenciais para a compreensão de seus benefícios nos tratamentos aplicados contra a influenza. Mas, como Bertucci (2002) também indicou, a gripe foi tão devastadora que não se dava conta de produzir tantos medicamentos. Assim, esta foi

²³⁰ O Estado de S.Paulo, 29.10.1918, p. 5.

²³¹ O Estado de S.Paulo, 29.10.1918, p. 5.

uma das justificativas para que o limão tivesse de ser utilizado para dar conta de tamanha demanda.

Acostumados a combater a gripe que periodicamente os visitava sem ser convidada, os paulistanos pareciam dispor de um estoque de “fórmulas” para acabar com a impertinente moléstia. Entre as mezinhas, além do limão (com ou sem sal) e da cachaça, estavam a canela, prontamente industrializada, a cebola, o alho e as folhas de eucalipto. Cinco folhas de eucalipto fervidas em um litro de água resultavam em substância apropriada para uma balsâmica lavagem intestinal, afastando a gripe (BERTUCCI, 2002, p. 222).

A autora esboçou que fazer remédios para conter a gripe por meio de receitas caseiras e a partir de produtos naturais já era uma realidade dos moradores de São Paulo antes mesmo de a pandemia de 1918 se estabelecer. Isso pelo fato de que, conforme Bertucci (2002) pontuou, os paulistanos já estavam acostumados a combater a outros tipos de gripe.

O que não se pode desconsiderar era a questão de os cidadãos possuírem um conhecimento prévio para tratar situações de doenças e, talvez, de influenza. Assim, diante de um cenário no qual todas as evidências dadas pelos médicos e as demais autoridades do assunto apontavam se tratar de uma nova forma de gripe, os jornais nos mostraram que as pessoas nas cidades passaram a fazer uso dos preparados que sabiam ser efetivo para a cura desta doença, mesmo que não fossem referendados ou se seriam efetivos contra a “gripe espanhola”. Este foi um fator que não se podia desconsiderar ou tampouco deslegitimar:

“Em general se trataba de cuestionar el monopolio y los privilegios de los profesionales, de promocionar tratamientos que no habían conseguido reconocimiento oficial, de criticar los modelos hegemónicos y sus métodos asociados, en la frontera de una concepción alternativa del cuerpo humano y de la salud” (NIETO-GALAN, 2011, p. 132)

Mesmo que diante da realidade e de crise de saúde pública como foi a pandemia de 1918, vemos que a discussão aqui estabelecida reside no papel assumido pelos não especialistas, no que concerne às atividades de sua vida, sua experiência, no caso, às tentativas de poder debelar um malefício que provocava uma grande tragédia. O que aqui se coloca é o fato de, mesmo não validado ou amparado por fundamentos teóricos, as pessoas procuraram formas de poder aliviar suas dores e encontrar tratamentos alternativos para manter a vida do seu corpo e sua saúde.

Nieto-Galan (2011) delimitou que tal tipo de prática se fez presente na história da ciência e não poderia ser compreendida como algo equivocado ou não condizente. Existia uma situação distinta. Em um cenário no qual as respostas oficiais para a doença eram escassas, o advento e a divulgação de ações populares para combater a moléstia se mostraram mais do que necessárias.

Assim sendo, além do uso exponencial do limão e da preparação da “batida”, as Schwarcz e Starling (2020, p. 184) apresentaram outros itens e outras substâncias que também foram utilizadas para o combate da gripe: “as inalações de vaselina mentolada, os gargarejos com água e sal, com água iodada, com ácido cítrico e infusões de plantas contendo tanino”. Elas esclareceram, inclusive, que o sal era muito utilizado para outros tipos de tratamento, como da malária, mas que passou a ser também utilizado como forma de combate à influenza.

Para o tratamento da malária também se destacava a quinina, substância que passou a ser recomendada também para o tratamento da “espanhola”. Conforme apontou Bertucci (2002, p. 151), no Brasil, a “cinchona peruana” teve muita importância nos cuidados aplicados às febres terçãs, quartãs, perniciosas ou intermitentes. Dada sua capacidade de contê-las e sendo a febre alta um dos principais sintomas da “espanhola”, logo a quinina passou a ser utilizada também para a contenção da gripe. Assim como a queima do alcatrão, conforme pontuaram Schwarcz e Starling (2020, p. 184), mesmo utilizado no combate a outras doenças como a febre amarela, a peste bubônica e a febre tifoide, também foi empregada no tratamento contra a influenza.

Diante da proliferação de remédios e soluções naturais, as recomendações e as orientações de cuidados paliativos contra à influenza foram publicadas pelos jornais que, em uma mesma página de uma edição daquele período, poderia fazer menção aos remédios industrializados como, também, aos tratamentos profiláticos de várias formas, desde a indicação de medicamentos alternativos como aos preparados caseiros.

Assim, na primeira coluna de notícias reunidas na manchete “A ‘influenza hespanhola’ em São Paulo” do jornal *O Combate (SP)*, lê-se um título, devidamente destacado, que anunciava existir uma “poção” para os convalescentes. Esta “poção” não foi feita por nenhum curandeiro ou feiticeiro, e sim por um médico mesmo, chamado

Dr. Figueiredo de Vasconcellos. Ele foi apresentado pelo jornal como um o “ilustre chefe do Instituto de Manguinhos e ex-diretor da Saúde Pública do Rio de Janeiro”²³².

Na poção que estava sendo vendida, vemos o uso de outras substâncias apresentadas contra a gripe. A receita era a seguinte: “água de canela, 100 gramas; carbonato de amônio, 1 grama; tintura de cola, 1 grama; xarope de alcatrão, 30 gramas. Adultos – 1 colher de sopa de 3 em 3 horas. Crianças – 1 colher de chá de 3 em 3 horas”²³³.

Mais abaixo da notícia do composto feito pelo médico Vasconcellos, encontrava-se mais um anúncio publicitário. Agora em formato convencional e não transcrito como uma notícia. Nele se garante que há um “antídoto seguro e uma melhor arma no combate ao terrível flagelo”²³⁴ que apenas foi nominado como “Água purgativa Queiroz”, sem qualquer descrição sobre seu composto, tão somente que se encontrava disponível em todas as drogarias e farmácias.

Desta forma, constatamos que foram publicadas notícias indicando remédios populares e preparações alternativas para o combate à “espanhola”. Sem embargo, como o próprio volume do uso da palavra-chave “propaganda” revelou, os impressos divulgaram de forma presente e contínua durante a pandemia remédios que prometiam tratar o malefício. Além dos já mencionados, a quinina foi um item muito anunciado. Algumas propagandas a associavam com outro tipo de remédio intitulado de “Pílulas Rosadas do Dr. Williams”, cuja composição também não era revelada nesta propaganda do jornal, apenas que seu uso poderia ser combinado ao de laxante²³⁵.

Na sequência de produtos e medicamentos contendo o nome dos cientistas que descobriram seu composto, citamos outro anúncio publicitário que trazia um tratamento da “espanhola”. Tratava-se das “Pílulas Sudoríficas de Luiz Carlos”²³⁶ cuja posologia indicava duas doses por dia para a prevenção, mas, se a pessoa estivesse “atacada” de tosse, a propaganda informava que seu uso poderia ser estendido de seis a oito doses por dia. Juntamente com tais pílulas, recomendava-se tomar o fortificante “Vanadiol” o qual, segundo a publicidade, era um “energético levantador das forças”. Segundo Bertucci (2002, p. 164), “Pílulas Sudoríficas de Luiz Carlos” eram utilizadas para

²³² O Combate (SP), 11.11.1918, p. 3.

²³³ O Combate (SP), 11.11.1918, p. 3.

²³⁴ O Combate (SP), 11.11.1918, p. 3.

²³⁵ A Rua, 04.11.1918, p. 4.

²³⁶ Correio da Manhã, 28.10.1918, p. 3.

combater a febre amarela, asma e, até mesmo, dores de dente. Eis que se tornaram, diante da situação pandêmica, mais um remédio utilizado para debelar a “espanhola”.

Também era anunciado, sem maiores especificações sobre sua preparação, o remédio “Eucenia Werneck” o qual, segundo a propaganda veiculada, deveria ser utilizado com os primeiros sinais de “dôr de cabeça, mal-estar, dores pelo corpo, inapetência, somnolencia”²³⁷. Outro produto foi o “Lugolina” que prometia tratar um dos supostos efeitos dado à “espanhola” que era a queda de cabelo: “a Lugolina tonifica os bulbos piloso, cuja inercia é a verdadeira causa de sua queda”²³⁸. Este foi o único anúncio que associou a perda capilar como uma das consequências da gripe, sendo a matéria publicada em janeiro de 1919.

Além da queda de cabelo, um ano depois da pandemia, até mesmo a impotência sexual era apresentada como uma consequência da doença. Produtos foram ofertados para tratá-la, associando-a à gripe. O “Diabolico Radiomagnetizador” da “Medicamentally”²³⁹ foi prometido como oportuno para combater o sintoma ocasionado pela influenza, sem comprometer o funcionamento do estômago, dos intestinos e dos outros órgãos.

Mas para além dos remédios surgidos aos efeitos deixados pela contaminação, multiplicaram-se as soluções e os produtos que prometiam tratar as consequências imediatas da gripe. Variados exemplos foram encontrados na documentação acerca medicamentos apresentados aos cidadãos pelos impressos.

Um deles foram os “Comprimidos BAYER de A spirina e Phenacetina”²⁴⁰ foram destacados, em uma página inteira da revista *O Malho*, como eficientes para o tratamento da “espanhola”, tendo sido valorados como “enérgicos e eficazes”. Interessante observar, neste exemplo, que o nome do medicamento é, atualmente, de amplo conhecimento e se faz muito comum na rotina das pessoas: um remédio que existente em 1918 e que ainda existe.

Outro formato de medicação disponível que os jornais publicaram foram algumas espécies de “bombons” antissépticos que, ao serem colocados na boca, segundo a informação da propaganda, garantiriam a proteção da garganta e das vias áreas da ação de micróbios patogênicos. Um deles era conhecido por “Balas

²³⁷ Oráculo, sem data especificada, p. 6.

²³⁸ A Noite, 30.01.1919, p. 4.

²³⁹ Correio da Manhã, 28.12.1919, p. 15.

²⁴⁰ O Malho, 28.02.1918, p. 10.

Peitoraes”²⁴¹. Também foram apresentados como um bom auxiliador para o tratamento contra a doença os chamados “Sal de Uvas”²⁴² que, de acordo com a propaganda, favorecia à digestão, estimulava o fígado e os rins e aumentava as secreções biliares e da urina, eliminando as toxinas do sangue.

De igual maneira, muitos foram os xaropes ofertados para cuidar da tosse que era provocada pelo vírus, conforme ilustram as Figuras 40 e 41:

Figura 40 – Propagandas de xaropes

“INFLUENZA HESPANHOLA”

CONTRATOSSE

É o remédio receitado pelos médicos mais illustres do Rio, para a gripe hespanhola. Na segunda colher principiam os effectos. Uma das suas ha'as é o mikania guaco. Concretisa o catharro e obriga o grippado a expelli-lo. A TOSSE CESSA COMO POR ENCANTO. Os pulmões respiram m'lhor. A febre desapparece. O appetite volta. E' o rem'dio agradabilissimo que fortifica o peito, dá o som natural á voz e o somno vem natural e conciliador. PARECE INCRIVEL. O seu effecto é tão prompto que os proprios doentes até por telegrammas nos agradecem. Lemos as provas verdadeiras:

Telegrammas urbanos.

Exmo. Sr. Pharmaceutico — Grippado, á rua 24 de Maio 126, C. 6, Estação Hachuelo, confesso-me muito grato pelo bem que o vosso CONTRATOSSE me fez. Deus o ajude por tão grandioso rem'dio ter-me salvado. **GASTAO VIEIRA**

Testemunha: — **JACINTHO LOPES**, empregado no telegrapho e **PLINIO MONTEIRO**, negociante.

Vende-se em todas as boas pharmacias e em todas as drogarias do Rio. Em S. Paulo: S. Soares & C., Baruel & C., Braulio & C., Drogaria Americana; Juiz de Fora — Bruno Barbosa; Pelotas — Drogaria Bojunga; Porto Alegre; Bahia — M. Conde; Nictheroy — Drogaria Barcellos e pharmacias, etc., etc. — Preço 28500. Duzia 248000.

LABORATORIO ARAGAO — Rio — Rua de Sant'Anna, 216.

NÃO VOS DEIXEIS ILLUDIR. ACCEITAE SO' O CONTRATOSSE.

Fonte: O Tico-tico: jornal das crianças, 13.11.1918, p. 3.

²⁴¹ Fon-fon, 02.11.1918, p. 56.

²⁴² Fon-fon, 02.11.1918, p. 56.

Figura 41 – Propagandas de xaropes



Fonte: Correio Paulistano, 21.04.1919, p. 9.

A propaganda da Figura 40 continha uma ilustração mostrando uma família toda enferma, rostos aparentando debilidade e com tosse. Na propaganda, o remédio “Contratosse” promete curá-la como que “por encanto”²⁴³. Para comprovar seus efeitos, lista uma série de depoimentos de usuários que teriam se beneficiado de tal “encanto”: palavra que associa à magia e à cura por meio de algo fabuloso e mítico, mesmo que fosse um produto preparado a partir de um estudo científico.

O mesmo remédio, em outra propaganda anos depois, prometeu devolver o dinheiro imediatamente, caso o paciente tenha “tosse, mesmo que de tuberculose de 2º grau, bronchites simples ou chronicas, asham, constipação, gryppe”²⁴⁴. “Contratosse” conseguiu permanecer no mercado, mesmo após a pandemia, mantendo um estilo de propaganda que se valia do recurso de devolução de dinheiro como se seu produto fosse um bem durável que poderia não trazer os efeitos desejados.

²⁴³ O Tico-tico: jornal das crianças, 13.11.1918, p. 3.

²⁴⁴ O Malho, 05.04.19124, p. 5.

Já o anúncio do “Xarope S. João” (Figura 41) adotou estilo de desenho, com uma imagem na qual os rostos não são tão sofridos quanto da ilustração publicada no jornal *O Tico-tico*, mas mostram todos os membros de uma família (até o cachorro), em fila, segurando o vidro de um xarope em mãos, como que esperando, na porta da drogaria que fez o anúncio, a possibilidade de comprar o remédio que aliviaria sua tosse.

Desta maneira, vemos que as publicações dos impressos durante o período da pandemia de 1918 contiveram muitas propagandas em diversos formatos, sobre vários tipos de remédios, compostos e tratamentos, validados cientificamente ou não, mesmo que a doença como um todo ainda não tivesse sido totalmente diagnosticada pelos cientistas. Justamente em virtude de tal característica, consideramos que foi por motivação financeira que os impressos da época publicaram e veicularam anúncios de remédios e tratamentos para a influenza “hespanhola”.

“Os periódicos é que saíram ganhando com o lucro extra que conseguiram publicando propagandas pagas de medicamentos e receitas que ocupavam todos os espaços livres de suas páginas” (SCHWARCZ e STARLING, 2020, p. 185). Conforme elucidou Barros (2023, p. 20) o “jornal como empresa inserida em um certo sistema político-econômico”, precisa ser compreendida como uma instituição que visa manter suas contas em dia, a fim de garantir seu funcionamento e almeja, como toda empresa, lucrar. Não foi diferente em 1918, mesmo que, para isto, os anúncios publicitários veiculados não fornecessem produtos com sólidas garantias da concretização do prometido, porquanto se lidava com uma doença que não tinha seu agente causador totalmente descoberto.

Sendo assim, a rentabilidade de se divulgar remédios, convencionais ou não, e promessas de cura, em consequência da ressonância na população, foi uma forma utilizada pelos jornais e pelas revistas para conseguirem mais recursos financeiros:

Sob o subterfúgio de estarem contribuindo para a defesa da sociedade, todos os jornais analisados inseriram em suas páginas anúncios que colocavam produtos à venda como preventivo ou curativo gripal, certamente criando falsas esperanças em uma população susceptível a qualquer mensagem que garantisse colocá-la a salvo da influenza (BERTOLLI FILHO, 2009, p. 23).

O autor, ao analisar o desenvolvimento da “espanhola”, especificamente na cidade de São Paulo, apresentou o mesmo apontamento visto por este trabalho, no que

concerne às publicações feitas pelos impressos dos mais diversificados produtos e remédios para debelar a pandemia.

Assim, constatamos o que Bertucci (2002, p. 161) enunciou: “trazendo o nome ‘gripe espanhola’ ou ‘influenza espanhola’ em letras maiúsculas, as propagandas destes remédios revelavam o oportunismo comercial de seus vendedores, muitos dos quais já exploravam o medo das febres”. Dessa maneira, os mesmos veículos de comunicação que orientavam medidas de contenção da pandemia, foram os mesmos facilitadores de um cenário no qual as propagandas de remédios e soluções mágicas pudessem coexistir e produzir lucros.

Dada veiculação de anúncios publicitários de remédios contra a gripe, no período da pandemia de influenza, a própria imprensa periódica refletiu criticamente com relação a essa situação.

Figura 42 – Uma doença de muitos remédios



A « influenza ».
 A simples leitura, actualmente, duma pagina de anuncio de jornal, bastará para immunizar da « influenza hespanhola ». Neste momento, á falta de afhrmação positiva da sciencia, toda a droga cura o já celebre mal...

Fonte: Fon-fon, edição 40, p. 28.

A ilustração registra vários frascos cujos rótulos indicam se tratar de remédios. É possível ler em alguns: “xarope”, “sabonete”, “supositório”. O desenho feito reuniu várias medicações espalhadas de maneira não ordenada, o que indica uma multiplicidade de produtos. A legenda construída mostra a mensagem que se desejou passar.

No título, lê-se “A influenza” para, na sequência, fazer menção às páginas dos anúncios dos jornais que, segundo a publicação, encontra-se repleta de reclames de remédios que se propunham curar a gripe. Mas a construção leva-nos à ironia ao mencionar que bastaria uma pessoa fazer a leitura do jornal para já estar praticamente curada.

Não apenas isso, a frase final do texto que acompanhou a ilustração foi taxativa no que concerne à compreensão do papel da ciência no contexto da pandemia de 1918: “neste momento, à falta de afirmação positiva da sciencia, toda a droga cura o já celebre mal...”²⁴⁵. Isto é, sem um posicionamento claro por parte da ciência sobre a efetividade de uma medicação, qualquer tipo de remédio poderia ser o caminho para que as pessoas buscassem suas curas. A crítica estabelecida por *Fon-fon* foi um alerta ao exagero de substâncias e promessas feitas por várias propagandas nos impressos em um momento em que não se tinha certezas e garantias sobre suas eficácias. No entanto, vale dizer que, eficazes ou não, eles todos procuram estampar um invólucro científico em meio às empresas químicas farmacêuticas, como a Bayer.

Nesta discussão, não se pode esquecer uma situação importante que também foi a crise financeira pela qual os jornais e as revistas passaram durante a pandemia., Como já visto, muitas redações tiveram seus contingentes de funcionários reduzidos quando atingidos pela contaminação. Diante desta realidade, aproveitando-se da demanda do povo que buscava a cura da pandemia, a venda de espaços para anúncios publicitários foi uma fonte financeira de ajuda para a imprensa que sofria com a falta de profissionais e da venda de seus materiais.

A imprensa arrecadava parte de seu sustento com a venda de espaços publicitários em um momento de quase paralisação das atividades econômicas e comerciais da cidade de São Paulo. A necessidade de lucro, mesmo em contexto de crise, certamente coagiu os jornais a

²⁴⁵ Fon-fon, edição 40, p. 28.

reverem a prioridade de seus anunciantes, e assim a imprensa contou com um número significativo de anúncios tematizados pela crise sanitária (BERTOLLI, 2009, p. 19).

Não se pode dizer que a estratégia de anunciar a cura da “espanhola” por meio de medicamentos e vários tratamentos não tenha alcançado seu objetivo. O fato é que, diante da crise de saúde estabelecida, os medicamentos e os remédios venderam muito e se esgotavam. Os que ficaram disponíveis tiveram seus preços elevados de maneira considerável, conforme identificou Bertolli-Filho (2003, p. 226).

O Combate (SP) mostrou a “poção para os convalescentes”²⁴⁶ preparada por um médico, a notícia sentenciou em seu título: “A falta de medicamentos” e cobrou respostas das autoridades: “tratando-se de medicamentos largamente empregados no combate à gripe, perguntamos: que providencias já deu a respeito o Serviço Sanitário?”. Dentre os produtos faltosos, o jornal destacou a ausência de “benzoato de sódio”; de ventosas; das “aspirinas de Bayer” e do “acetato de ammonea”²⁴⁷.

A relação de possíveis substâncias benéficas ao tratamento da influenza e a circulação dos conhecimentos científicos estampados nas notícias dos jornais por meio das falas dos especialistas fez com que muitas indicações profiláticas e de tratamento fossem sugeridos. Eles foram diversificados e muito abrangentes. Em alguns casos, sua comprovação de validade se fez muito difícil. Um exemplo disso foi a indicação que o médico identificado como “Dr. L.P Barreto”²⁴⁸ fez, em um texto assinado e publicado, com o espaço considerável composto por duas colunas de notícias, no jornal OESP.

A proposta feita pelo referido médico foi a de que fosse utilizado arsênico no tratamento contra a “espanhola”. Indo muito mais além do que utilizá-lo apenas para o combate da influenza, o médico defendeu que seu uso é necessário por fazer parte do núcleo das células humanas cuja função era a de proteger todas as outras de nossos

²⁴⁶ *O Combate (SP)*, 11.11.1918, p. 3.

²⁴⁷ *O Combate (SP)*, 11.11.1918, p. 3. Os compostos citados eram produtos químicos. O benzoato de sódio é um tipo de aditivo químico e o acetato de amônio se configura como um sal orgânico (Fonte: https://sistemasinter.cetesb.sp.gov.br/produtos/produto_consulta_completa.asp). Já a “aspirinas de Bayer” é um não esteroide de propriedade anti-inflamatória (Fonte: https://www.bayer.com/sites/default/files/2021-12/Aspirina%20Complex_%20RCM_%20PT.pdf). Por fim, as ventosas são instrumentos de sucção para remoção de ar.

²⁴⁸ “Dr. L.P. Barreto” é um nome que contém as iniciais de “Dr. Luiz Pereira Barreto”. Nascido em 1840 e falecido em 1923, segundo Pereira (2021, p. 8): “era natural de Resende, filho de um abastado fazendeiro de café do vale do Paraíba fluminense. Formou-se em medicina em Gand em 1863. Na Europa, Pereira Barreto entrou em contato com a doutrina positivista de Augusto Comte (...). De volta ao Brasil, passou a clinicar nas cidades do vale do Paraíba fluminense e paulista até se estabelecer em Jacareí”.

tecidos, produzindo glóbulos vermelhos e transformando o sangue humano em um composto bactericida para combater a proliferação de patógenos²⁴⁹.

Assim sendo, o que o Dr. Luiz Pereira Barreto defendeu foi algo inovador e que, conforme a própria notícia apresentava, trazia espanto dos leitores, já que o arsênico era uma substância também utilizada para envenenamentos. O que o especialista observou e defendeu foi o fato imprescindível de que esta substância possui, nas doses corretas, uma ação de promover proteção dos tecidos do corpo, principalmente dos idosos. De todas as medidas e propostas feitas pelos especialistas, o uso do arsênico, diante do temor em utilizá-lo dadas suas características, foi a notícia que trouxe uma contribuição científica das mais inusitadas para o tratamento da influenza.

Os impressos foram espaços nos quais os cientistas e os médicos puderam expor seus estudos, achados e propostas de tratamento para auxiliar as pessoas a se protegerem da influenza e, aos contaminados, encontrarem à cura, ou alívio. Ainda assim, não se pode deixar de fazer uma leitura crítica sobre o uso de tais seções nos jornais para evitar uma validação indiscutível de que declarações de especialistas deveriam ser consideradas como verdade absoluta, tão somente por terem sido veiculadas em um jornal ou uma revista. Mesmo que os textos jornalísticos informassem e apresentassem as considerações clínicas dos especialistas sobre o que estava disponível de conhecimento naquele momento, pode-se pressupor que alguns dos assinantes das colunas nos jornais e as orientações médicas procediam de descobertas infundadas, primeiro porque as bases do material genético do patógeno não haviam sido separadas; depois porque o mero intuito de enganar as pessoas não pode ser descartado. Além disso, a pandemia foi finalizada por imunidade coletiva do que, mais tarde, foi reconhecido como um vírus.

Esta possibilidade de cilada não pode ser descartada frente a um volume tão diversificado e díspar de informações sobre a influenza e suas formas de tratamento, desde o uso do arsênico à elaboração de outras medicações. Desta forma, cada uma delas, anunciadas pelos impressos e se valendo dos nomes dos cientistas e dos médicos para sua validação, poderia ser considerada enganosa em razão de não se saber ao certo quem era o agente causador da influenza “hespanhola”.

Assim, o que aqui apresentamos é a incidência de notícias que traziam, abertamente, falas e promoções da cura da pandemia oferecidas por médicos a partir de

²⁴⁹ O Estado de S.Paulo, 06.12.1918, p. 3.

tratamentos controversos. Mesmo os remédios de indústrias farmacêuticas cujas bases científicas já eram reconhecidas, colocaram-se como soluções infundadas. Um dos exemplos destas histórias diz respeito ao Dr. Guilherme Eisenlohr, apresentado como especialista no tratamento contra a tuberculose. Ele entregou uma carta ao Serviço de Saúde Pública, em 27 de outubro de 1918, com o objetivo de difundir um tratamento que havia inventado contra a influenza.

O referido médico apontou que, em sua clínica, empregava um tratamento de injeções intramusculares as quais, segundo ele, produziam uma rápida melhora de todos os sintomas da moléstia. Dr. Guilherme Eisenlohr afirmava que este remédio havia sido criado por ele para tratar da tuberculose, mas que estava muito satisfeito com os resultados alcançados em cada cliente em que aplicou sua substância. Para validar sua eficácia, o médico citou o nome de um médico do exército que teria conseguido curar²⁵⁰.

O nome do especialista foi utilizado como título da matéria jornalística que apresentava essa tal invenção. Esta reportagem do jornal o *Correio da Manhã* dividiu espaço com outras notícias sobre as substâncias que poderiam ser usadas no tratamento contra a gripe e as que continham indicações de homeopatia. É importante ressaltar que chama atenção o fato de este tipo de matéria ter sido impressa logo abaixo das informações sobre os medicamentos que poderiam ser tomados: uma estratégia para chamar a atenção a outro tipo de acompanhamento a ser dado. Assim, mesmo que sem qualquer tipo de comprovação, apenas tendo a divulgação de um nome de um suposto curado, o impresso deu abertura para mais um possível tratamento. Não se pode dizer que faltaram esperanças.

A prova de que esta notícia está associada à propaganda pode ser vista na edição do dia seguinte deste mesmo jornal, conforme mostra Figura 43. Na seção de anúncios e propagandas, em meio a uma página repleta de caixas de texto contendo os anúncios dos mais infundáveis produtos, encontrava-se um box intitulado “A Influenza Hespanhola”. Neste espaço, descrevia-se o endereço do consultório em que o Dr. Guilherme Eisenlohr clinicava e se comunicava o tipo de intervenção por injeções, oferecida por ele e prometendo um resultado eficaz no período de “4 para 16 horas”.

²⁵⁰ Correio da Manhã, 28.10.1918, p. 3.

aplicadas em uma série de doenças, vemos a utilização da homeopatia. Bertucci (2002, p. 184), a partir do exemplo da medicação “Gripina”, elaborada por um homeopata, esclareceu-nos que a homeopatia se configurou uma “alternativa para acabar com e epidemia, bastava confiar no *simila similibus curantur*, ou os semelhantes curam-se, princípio do sistema médico elaborado pelo alemão Cristiano Frederico Samuel Hahnemann”.

A partir das postulações de Hahnemann, uma doença poderia ser o resultado de um desequilíbrio no sistema vital de um indivíduo. “Em linhas gerais, a tese homeopática postulava a existência de uma força vital, imaterial e dinâmica, intermediária entre o corpo físico e o espírito” (BERTUCCI, 2002, p. 184). A partir destes princípios, a autora elucidou que a base da homeopatia se encontrava na premissa de que a saúde era possível por meio do equilíbrio corporal. Para tanto, os medicamentos deveriam ser ministrados, de forma particularizada, para cada pessoa.

“A homeopathia triumphante na cura da ‘Grippe Hespanhola’. O sucesso extraordinário do medicamento homeopatico ‘**Albapenitum**’. Curas radicaes em 24 horas – milhares de atestados”²⁵¹. O destaque dado para o nome do remédio tentou representar o formato assumido na página desta edição do jornal *Correio da Manhã*. Nela, a palavra Albapenitum foi colocada em letras ainda maiores e ainda mais enaltecida. A página do jornal se encontrava dividida em duas. No lado esquerdo, o título acima, em letras garrafais e destacadas, anunciava o assunto tratado: “A EPIDEMIA”. De um espaço que reunia cinco colunas contendo reportagens, o setor destinado à propaganda do remédio Albapenitum ocupava duas. O destaque dado para este tratamento homeopático foi grande e distinto se comparado com os demais anúncios.

Na sequência, foram dadas as credenciais do produto em questão. Antes de descrevê-lo, a informação principal era de que ele havia sido enviado ao presidente da República. Sinal de que tentava encontrar prestígio entre as autoridades nacionais. Em seguida, foram apresentadas as qualificações do farmacêutico homeopata que preparou a composição do Albapenitum. Ou seja, seguiu-se o trâmite já analisado neste trabalho de que para se conseguir validade e reconhecimento do povo, fazia-se necessário possuir uma chancela de um especialista ou perito no assunto.

²⁵¹ Correio da Manhã, 28.10.1918, p. 3.

O responsável em questão era identificado como “Sr. Affonso Corrêa Bastos” e, no espaço que ocupava mais da metade da página da edição do jornal, também foi enaltecido o fato de ele, ao contrário do movimento até então visto, não ter aumentado o preço de frasco de seu remédio. Com esta medida, o farmacêutico permitiu aos cidadãos que o consumiam a garantia de tê-lo. E a edição do Correio da Manhã delimitou quem eram estas pessoas: “o povo suburbano”²⁵². Desta forma, vemos que a propaganda tinha um público específico e se voltava aos menos favorecidos. Certamente visando atingir aos cidadãos que já sofriam com a falta de medicamentos nas drogarias ou pelos altos preços que lhes foram aplicados.

A questão principal é que, no contexto de 1918, a homeopatia se encontrava presente na configuração das cidades e se estabeleceu como uma das formas de contato das pessoas com saberes que assumiam contornos mais científicos e especializados. Segundo Bertucci (2002, p. 190) era “fácil a população encontrar folhetos, artigos e livros sobre homeopatia”. Isso significa que a circulação das atividades e dos conhecimentos homeopáticos se realizava entre as pessoas, por meio dos impressos, antes de a pandemia grassar pelos espaços urbanos. Assim sendo, já era esperado que sua aplicação fosse utilizada pela população como um recurso para se livrarem do novo malefício causado pela gripe desconhecida.

Por fim, diante de um contexto configurado entre os saberes científicos, terapêuticas alternativas e as tradições populares que visavam à cura da doença por meio de diferentes práticas, surgem duas notícias com informações sobre a descoberta e a existência de vacinas contra a influenza.

Ja há a vaccina contra a grippe hespanhola. Os jornaes de S.Paulo noticiam que o eminente dr. Vital Brasil, director do Instituto Serumtherapico de Butantan, conseguiu a vaccina para a grippe hespanhola. A vaccina preparada no Instituto de Butantan é a polyvalente, preparada segundo as normas do processo norte-americano. No 1º Batalhão da Força Pública de São Paulo já começou a ser feita a vacinação (A REPÚBLICA ÓRGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO PARANAENSE, 26.10.1918, p. 1).

O recorte desta notícia é de um jornal do Paraná que não faz parte do escopo de análise desta tese, mas sua citação se estabelece por alguns motivos. O primeiro e fundamental reside no fato de que o título da reportagem remonta a um fato inexistente à época: a possível existência de uma vacina contra a “espanhola”.

²⁵² Correio da Manhã, 28.10.1918, p. 3.

Na sequência, a notícia faz menção aos “jornais de São Paulo” como os porta-vozes desta descoberta. Um dos pontos mais significativos é que dentre todas as matérias que compõem a documentação do trabalho, não foram encontrados quaisquer registros de uma reportagem informando sobre este assunto o qual seria, pelo seu teor, uma novidade muito esperada e aclamada por todos os cidadãos. Mesmo que o título desta notícia apresentasse o descritor de pesquisa utilizado em nosso trabalho: “grippe hespanhola”, o mesmo termo não remeteu a qualquer jornal paulistano consultado essa a informação sobre a descoberta de uma vacina para a influenza.

Desta forma, pode-se inferir que ou o jornal paranaense trocou a expressão “soro” por “vacina” e, assim, alterou o sentido do que desejava informar, uma vez que a notícia se originou em São Paulo, no Instituto Butantan; ou, realmente, o jornal publicou uma notícia que não era procedente.

Isso porque a própria documentação nos elucidou sobre as informações mais precisas a respeito da vacinação contra a “gripe espanhola”. Em março de 1919, meses após o pico de contaminação da influenza, o título da notícia apresentava: “Vaccina contra a ‘gripe hespanhola’”. A manchete retomou o uso de uma expressão bélica: “A Saúde Pública em pé de guerra”²⁵³. Meses depois do período mais drástico do contágio, a preocupação que a notícia trazia dizia respeito às complicações ocasionadas pela gripe, tempos depois de sua proliferação. Fabricada na Suíça, a notícia da produção desta vacina visava à contenção da pneumonia, uma das consequências mais diretas da contaminação. Além de indicar este país, o texto fez referência aos Estados Unidos e à Inglaterra como outras duas localidades nas quais uma vacina contra a influenza também já era preparada.

Já o outro documento data do começo de 1920. Transcorridos cerca de três anos da eclosão da doença, o jornal *O Brasil-Médico*, especializado na área clínica, ratificou que, ainda naquele ano, os laboratórios da América do Norte e da Europa ainda procuravam um soro ou vacina para tratar da influenza. O documento apresentou os relatos das descobertas feitas pelo “Dr. Lochelongue”, chefe do laboratório de Bacteriologia, registradas nas páginas da revista *Progrés Medical*.

Portanto, os documentos citados nos comprovam como a ciência conseguiu promover mais certezas sobre a influenza anos após o transcurso da pandemia. Assim, ao longo do período em que a “espanhola” “reinou”, todas as informações técnicas,

²⁵³ A Rua, 18.03.1919, p. 74.

pautadas nas falas dos cientistas e das autoridades da época se modelaram a partir das evidências existentes, mas que não eram determinantes para comprovar de que doenças se tratava a pandemia.

Além de a imprensa periódica ter atuado para a difusão dos conhecimentos técnicos em um momento determinante para o estabelecimento da ciência enquanto vigorava a pandemia de influenza, constatamos que os impressos, conforme indica o Quadro 1²⁵⁴, também destacaram as notícias referentes ao comportamento da instrução pública neste período: o que aconteceu com as escolas e o ano letivo durante os dias de “gripe espanhola”?

²⁵⁴ Presente na Introdução deste trabalho.

4. OS EFEITOS DA INFLUENZA DE 1918 NA INSTRUÇÃO PÚBLICA E NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS

Na esquina das ruas Augusta e Caio Prado, encontrava-se uma imponente construção *art-nouveau* projetada pelo arquiteto francês Victor Dubugras. Desde 1906, o palacete, que serviu de moradia para a família Uchôa, era propriedade das cônegas belgas da Ordem dos Regrantes de Santo Agostinho²⁵⁵.

Naquele espaço, essa instituição religiosa fundou um dos mais tradicionais colégios para o ensino feminino da cidade de São Paulo. Foi um local em que as moças da burguesia paulistana passaram a frequentar para receberem uma educação formal.

No dia 17 de novembro de 1918, os jornais traziam a informação de que sete novas crianças chegavam ao “Collegio ‘Des Oiseaux’”²⁵⁶, no entanto elas não foram lá para estudar. O prestigiado colégio das freiras, respeitado por sua excelência acadêmica, encontrava-se movimentado e cheio, mas por crianças e jovens que precisavam de ajuda médica.

Naquele momento do ano de 1918, São Paulo contabilizava um número expressivo de mortos pela “gripe espanhola” e precisava de mais espaços para atender a alta demanda de pessoas contaminadas. Dessa forma, o Colégio precisou se adaptar, deixando de ser um espaço para a aprendizagem e se transformou em um hospital infantil com 150 leitos, sendo 112 disponíveis na segunda quinzena daquele mês²⁵⁷. Pelo fato de o “Collegio ‘Des Oiseaux’” ser um internato para meninas, sua estrutura física já dispunha de camas, o que ajudou a instalação de um hospital provisório neste local.

Contudo essa não foi uma ação feita apenas pelo colégio do distrito da Consolação. Na emergência sanitária que abalava o Brasil, várias foram as notícias mostrando outras instituições de ensino abrindo seus espaços para acolher crianças e jovens para salvar suas vidas da influenza. Em São Paulo, além dos médicos e cientistas que conquistaram notoriedade nos impressos em virtude da crise de saúde

²⁵⁵ Fonte: Biblioteca virtual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Acessado, dia 23/04/2022, pelo seguinte endereço: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=439420>

²⁵⁶ O Estado de S.Paulo, 18.11.1918, p. 4.

²⁵⁷ O Estado de S.Paulo, 18.11.1918, p. 4.

pública, outro personagem mereceu destaque: o Dr. Oscar Thompson, diretor geral da instrução pública do Estado²⁵⁸.

Coube a ele aplicar as medidas necessárias para a contenção da doença dentro dos espaços educativos: diante de um cenário de desestruturação e caos sanitários em São Paulo e no Rio de Janeiro, as escolas não ficaram indiferentes.

4.1 O fechamento das escolas e a suspensão das aulas

O agravamento da pandemia de 1918, diante da rápida proliferação da doença, fez com que as autoridades públicas tomassem medidas de contenção em caráter obrigatório. Além das publicações feitas nos jornais e nas revistas contendo as orientações preventivas contra a doença e do espaço dado pelos impressos para que os médicos e cientistas se posicionassem, foram necessárias ações governamentais que modificaram a estrutura urbana a partir da aplicação de medidas que pudessem atender à população naquele momento de vulnerabilidade. E elas chegaram à instrução pública.

No dia 18 de outubro de 1918²⁵⁹, o diretor geral da instrução pública paulistana, Dr. Oscar Thompson, entrou em cena solicitando aos diretores²⁶⁰ e aos professores dos estabelecimentos particulares de ensino atenção para a seguinte determinação:

Medidas da Directoria da Instrucção Publica: O Sr. Diretor geral da Instrucção Publica dirigiu a todos os diretores de estabelecimentos de ensino particular da capital e do interior a seguinte circular: “O governo do Estado está empregando todos os meios possiveis para evitar a propagação da grippe hespanhola na capital e no interior. Entre outras medidas adoptadas para esse fim, mandou fechar todos os estabelecimentos officiaes de ensino e solicitou dos estabelecimentos particulares a adopção de egual providencia. Como, entretanto, alguns estabelecimentos podem não pôr desde logo, em pratica essa medida, será de máxima conveniencia que em taes estabelecimentos sejam prohibidas as visitas aos alunos internos neles matriculados. Peço, pois, que no estabelecimento sob vossa direção seja, de prompto, adoptada essa providencia” (O ESTADO DE S.PAULO, 20.10.1918, p. 6).

²⁵⁸ Em maio de 1917, Dr. Oscar Thompson assumiu a Diretoria Geral de Instrução Pública do estado de São Paulo. À época, ele era o diretor da Escola Normal Secundária da capital. Assim o descreveu o jornal Correio Paulistano, no dia de sua nomeação: “Por seu turno, o Sr. Dr. Oscar Thompson, experimentado num longo tirocínio do magistério e depois, por muitos annos, na directoria da Escola Normal Secundaria, estava naturalmente indicado para a promoção com que hoje será distinguido”. (CORREIO PAULISTANO, 09.05.1917, p. 3).

²⁵⁹ Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros (SP) – 1890 a 1930, 14.07.1919, p. 10.

²⁶⁰ A documentação nos mostrou que, antes mesmo da manifestação oficial do governo, algumas instituições de ensino já resolveram fechar suas unidades. Uma delas foi a Escola Santo Alberto, do Frei Willibrordo (Correio Paulistano, 17.10.1918, p. 3.).

O posicionamento do Diretor de Instrução Pública foi claro para que as unidades escolares de São Paulo fechassem as portas. Como justificativa para essa atitude, Dr. Oscar Thompson citou que o governo tomava as medidas necessárias para a contenção da moléstia. Uma das mais importantes foi proibir a aglomeração de pessoas em espaços públicos, determinando serem evitados os locais que permitiam concentração popular.

A sequência da notícia acima também informou que, em caso de descumprimento das medidas solicitadas após o prazo estipulado de 24 horas para fechamento das unidades de ensino particulares, seriam aplicadas multas nos valores de 100\$000 a 600\$000²⁶¹, a serem pagas para o tesouro do Estado, em até oito dias. O governo deu um prazo para que todas as escolas pudessem se organizar²⁶²e, caso não conseguissem, a recomendação dada foi a que não mais recebessem a visita de alunos em seus espaços.

Além das escolas particulares, a diretoria geral de instrução pública paulistana determinou o fechamento de todos os grupos e escolas da capital e do interior, além das escolas superiores do Estado, das Escolas Normais e a Faculdade de Direito.²⁶³ O encerramento e a paralização das atividades escolares foi uma medida que se espalhou das capitais para todas as cidades do interior de São Paulo e todas as notícias mostravam que a suspensão dessa medida só ocorreria quando as condições sanitárias estivessem propícias.

Mesmo com a maior parte dos jornais insistindo para a necessidade de as medidas de controle serem seguidas, existiram escolas particulares em São Paulo que se mantiveram abertas e em funcionamento. Inclusive, esses estabelecimentos passaram a receber alunos dos grupos escolares que estavam fechados em observância às determinações governamentais. Diante de tal descumprimento, é importante salientar que os jornais da época não deram o destaque merecido para denunciar o descumprimento da regra por parte de alguns estabelecimentos de ensino. Dentro de uma matéria do OESP, que falava sobre as atitudes tomadas pelo governo na cidade, lia-

²⁶¹ As nomenclaturas do dinheiro vigente no Brasil em 1918: 100\$00: 100 mil réis. 600\$00: 600 mil réis.

²⁶² O Estado de S. Paulo, 23.10.1918, p. 4.

²⁶³ Correio da Manhã, 20.10.1918, p. 3.

se: “Ainda existem escolas particulares a funcionar e, segundo nos informam, graças á ganancia mercantil de certos ‘educadores’”²⁶⁴.

Contudo, os casos existentes de desrespeito não se fizeram prevaletentes diante do agravamento da pandemia. Pela análise do volume documental de nossa pesquisa, constatamos que, em grande maioria, os responsáveis pelos colégios e pelos grupos escolares de São Paulo se mostraram preocupados e, em determinados locais, até se anteciparam às medidas governamentais. O Padre Dr. Henrique Mourão, diretor do “Lyceu do Sagrado Coração de Jesus”, foi um dos que, no mesmo dia em que o decreto do presidente do Estado, Altino Arantes, entrava em vigor, já tratou de cumprir a orientação e encerrar as aulas de sua instituição, iniciando a retirada dos alunos internos²⁶⁵.

Padre Henrique Mourão também se preocupou em tentar passar para as famílias dos estudantes do “Lyceu Salesiano” a segurança de que havia tomado a melhor medida, seguindo as resoluções da diretoria do serviço sanitário da cidade. Para tanto, o diretor redigiu um comunicado interno para toda comunidade educativa. Nesse documento, ele fez questão de enaltecer a “excelência sanitária” que sua instituição possuía, sendo motivo de orgulho. Segundo o diretor, nenhum caso de gripe, nas instalações do “Lyceu Salesiano”, foi constatado nos últimos três anos ²⁶⁶.

Das palavras do Padre Henrique Mourão, vale destacar o uso da expressão “excelência sanitária” atrelada a um registro temporal. O diretor creditou a tal excelência o fato de que seu colégio não possuía nenhum caso de gripe nos últimos três anos, ou seja, período muito anterior à pandemia de 1918. Desta forma, depreende-se que a preocupação com os aspectos higiênicos e sanitários dos espaços escolares já existia antes de a “espanhola” “visitar” as escolas.

Mas não foi apenas esta instituição de ensino que mostrou tal preocupação. O “Gymnasio Anglo-Brasileiro”, localizado na Chácara da Conceição, bairro da Vila Mariana, era um local cercado por bosques de pinheiros e de eucaliptos. A natureza que o rodeava oferecia um ar muito mais puro e natural que beneficiava seu corpo discente. Esse aspecto foi enaltificado pela direção do Ginásio, na carta enviada às famílias para comunicar as medidas adotadas pelo colégio na contenção ao avanço da epidemia.

²⁶⁴ O Estado de S.Paulo, 22.10.1918, p. 2.

²⁶⁵ Correio Paulistano, 18.10.1918, p. 3.

²⁶⁶ Correio Paulistano, 18.10.1918, p. 3.

Assim como o “Lyceu Salesiano”, aquela instituição de ensino enalteceu o fato de não ter tido nenhum de seus alunos contaminados pela influenza.

Desta forma, percebemos que o “Gymnasio Anglo-Brasileiro” adotou uma postura de valorização dos seus espaços escolares, ou seja, fez questão de destacar que mantinha a ordem e a preservação de suas estruturas a partir de princípios higiênicos, marca que pautava a educação paulistana no começo do século XX. A carta que foi assinada por seus diretores e enviada para toda comunidade educativa felicitou o trabalho do corpo docente da instituição e destacou a preocupação com a aprendizagem dos estudantes e o currículo adotado naquele período, o qual tinha como centro as atividades físicas que garantiam uma postura vigorosa e de força para seu corpo discente.

Oportuno destacar que todos os documentos dos diretores publicados pelo OESP e pelo *Correio Paulistano* eram de instituições particulares. Vemos também que essas notícias foram dadas por dois impressos específicos, de características editoriais semelhantes. Podemos pensar que tais reportagens, além de mostrar o ocorrido com os espaços escolares, podem ter sido um canal oportuno para que os diretores dessas escolas informassem e propagandassem as ações de prevenção realizadas em suas unidades educativas diretamente para as pessoas que se interessavam por esse tipo de informação: pais, alunos e famílias que poderiam se interessar pelo colégio em questão.

Frente a tal cenário, é importante tomar contato com os dados que nos revelam a dimensão da estrutura educacional em São Paulo no ano de 1918 e compreender como estavam organizadas as instituições de ensino desse estado no momento da chegada da pandemia de influenza, seja em suas propostas educativas como em seus currículos.

4.2 As características da educação escolar paulistana em 1918: dados e propostas pedagógicas

Ao mencionarmos a reorganização das atividades letivas em 1918, para que se tenha uma dimensão da realidade educacional especificamente do estado de São Paulo, é pertinente conhecer os dados da realidade atingida e modificada por causa da pandemia. Mesmo que referente a apenas um estado brasileiro, os dados apresentam o cenário da instrução pública de uma determinada região no período da “gripe espanhola”; cenário que possui elementos capazes de nos dar a dimensão de como o ensino escolar se reorganizou.

Em São Paulo existiam, à época, 489.164 crianças em idade escolar, isso quer dizer, entre os sete e doze anos. De acordo com a Diretoria Geral de Instrução Pública, 253.406 alunos estavam matriculados nas escolas municipais, estaduais e particulares. Deste montante, 232.261 frequentavam o ensino primário. Mesmo diante do aumento de estudantes matriculados em comparação a 1917, 247.643 crianças não frequentavam escolas no ano da gripe²⁶⁷.

Essas informações compuseram o relatório que o presidente do Estado de São Paulo²⁶⁸, Dr. Altino Arantes, apresentou no dia 14 de julho de 1919 ao Congresso Legislativo paulistano²⁶⁹. Como um balanço contendo dados da administração estadual, as informações oficiais apresentadas contribuem à compreensão de como estava composta a instrução pública paulistana e dimensionam a realidade que foi afetada pelas contenções e remanejamentos das atividades escolares necessárias para o controle epidêmico.

Por meio desse balanço, tomamos contato com a quantidade de grupos escolares que existiam em São Paulo: 170, sendo que 30 deles estavam na capital e 146 no interior. Ante o ano de 1917, houve um aumento de seis unidades nas regiões de Araraquara, Laranjal, Lorena, Pirassununga, Monte Azul e Taubaté. Eles foram frequentados por 101.129 estudantes.

O documento destacou a quantidade de classes em um total de 2.412, tendo duplicado o número de escolas reunidas, de 15 para 31. As escolas isoladas eram 1.595 unidades. Foi este contingente de estabelecimentos educacionais que precisaram encerrar suas atividades letivas antes do tempo em virtude da pandemia de influenza.

Mas, para além dos números que mostram como estava organizada a estrutura do ensino público e privado de São Paulo na época da influenza, retoma-se a importância de se entender quais eram as propostas pedagógicas e os princípios educativos norteadores da educação no começo do século XX, no sentido de se prezar espaços higiênicos.

Para tanto, vale voltar às declarações dadas pelos diretores do “Lyceu Salesiano” e do “Gymnasio Anglo-Brasileiro”. Ambos os responsáveis pelos centros educativos valorizaram as estruturas em que atuavam e como elas prezavam por um espaço de

²⁶⁷ Correio Paulistano, 15.07.1919, p. 1.

²⁶⁸ Nesta época, o cargo de “presidente de Estado” era equivalente, hoje, à função de governador.

²⁶⁹ Correio Paulistano, 15.07.1919, p. 1.

higiene que não permitiu o desenvolvimento de qualquer doença contagiosa, nos últimos três anos, em suas escolas.

Tal similaridade de posicionamento não era mera coincidência. Silva (2002, p. 11) indica um dos princípios básicos para se compreender o que guiava a educação no começo do século XX: a existência de uma “pedagogia da saúde” calcada nos princípios da higiene. O Anuário de Ensino de 1918 trouxe as principais características desta pedagogia:

Na instrução e na hygiene, reside a grandeza futura de nossa Patria. Que não ouçamos mais as afirmações de que < o Brasil é um imenso hospital >, ou de que, nelle, < tudo é grande, menos o homem >. O mestre pratica e propaga a hygiene do corpo, da alma e do espirito. Pela gymnastica e pelos jogos – promove a hygiene dos músculos. Ahi o corpo, com os exercícios moderados, se fortalece – com doudas instrucções se aperfeiçoa o espirito. É a hygiene do corpo que faz, por effeito reflexo, a hygiene mental (ANNUARIO DO ENSINO DO ESTADO DE S.PAULO, 1918, p. 226).

O documento organizado pela Diretoria Geral de Instrução Pública estipulava as diretrizes de uma prática de ensino que unia os cuidados mentais com os corporais. A visão era a de que o professor cuidaria da formação do estudante de forma integral: seja a do seu corpo assim como, segundo o texto, a de sua alma e de seu espírito. Na sequência dessas diretrizes, o documento faz uma citação em latim: “Mens sana in corpore sano”, identificando-a como um aforismo dos higienistas. A máxima da “mente sã em corpo são” fundamentava o ensino no momento em que uma pandemia se instaurou e colocou à prova tal concepção.

A instrução e a higiene passaram a andar lado a lado. Como o próprio texto do Anuário nos mostrou, esta concepção passou a ser entendida como aquela que garantiria a “grandeza futura de nossa pátria”. Deste modo, um dos pontos centrais para a compreensão do ensino em 1918 reside no entendimento de que, naquele período, a higiene era entendida como ciência e assim foi apresentada ao corpo docente como fundamento para a prática educativa:

A hygiene, como dizem os mestres, é habitualmente definida – a arte de conservar a saúde - tendo por fim a salvaguarda do individuo contra os perigos da molestia. Mas o fim da hygiene, como nos mostram os sábios do Butantan – não é somente a conservação do sêr, é também o seu aperfeiçoamento. Mas o desenvolvimento do sêr e a sua conservação não podem ficar entregues aos únicos impulsos do insticto: exigem, ao contrario, uma vigilancia e uma disciplina

constante, inspiradas por uma sciencia precisa. A hygiene é essa sciencia (ANNUARIO DO ESTADO DE S.PAULO, 198, p. 227).

Destaca-se no texto do Anuário a menção feita aos “sábios do Butantan”. Aqui a referência vai para os cientistas do Instituto Butantan, que tiveram um papel central no momento em que a “gripe espanhola” se proliferou pelo Brasil, uma vez que se fazia um centro de estudos e de pesquisas científicas. Ao citá-lo, o Anuário do Estado de S.Paulo fez uma junção entre os conhecimentos da ciência e os da educação, delimitando que a prática da higiene visava à proteção das pessoas contra as moléstias, mas, mais do que isso, tinha por objetivo aperfeiçoá-los na prática educativa e não apenas conservá-los.

Dessa forma, a higiene podia ser entendida como uma ciência que proporcionaria a tão requisitada conservação do corpo, fazendo com que as pessoas pudessem ser vigilantes neste aspecto, e não apenas seguir seus meros instintos quando precisavam cuidar de seu corpo. O Anuário fundamentou que as regras de higiene eram válidas para todos os momentos da vida e sempre visava ao aperfeiçoamento do indivíduo. Sendo assim, elas deveriam fazer parte dos conteúdos a serem ensinados na escola, não apenas como sobrecarga aos programas de ensino, mas como eixo constituidor. A ideia central desta reflexão foi marcada pela seguinte máxima: “Eis porque, hoje, o professor deve ser um *medico*, assim como o medico tem sido um *professor*”²⁷⁰.

Os ideais que o Anuário apresentava se fundamentavam no princípio de que a educação e a medicina deveriam andar juntas. Preconizavam a necessidade de o Brasil deixar de ser “um hospital de doentes para se tornar um paiz de gente forte, sadia e bonita”²⁷¹. A educação dos cidadãos foi fundamentada por uma proposta que valorizava o cuidado do corpo e os princípios higiênicos como forma de evitar às doenças e as moléstias que sempre visitavam as cidades.

A partir do momento em que tais preceitos foram para dentro de sala de aula e se tornaram conteúdos a serem aprendidos pelos estudantes, constata-se a educação pautada na saúde do corpo como uma realidade que, inclusive, guiou as ações de uma categoria atuante dentro das escolas: os inspetores médicos escolares. Eles seriam os encarregados de aferir e garantir este padrão de cuidado e atenção para com o corpo nos espaços educativos.

²⁷⁰ ANNUARIO DO ESTADO DE S.PAULO, 198, p. 227.

²⁷¹ ANNUARIO DO ESTADO DE S.PAULO, 198, p. 234.

A comprovação de que a formação de higiene, saúde e cuidado com a constituição física humana se fizeram presentes nas práticas educativas das escolas, quando do advento da pandemia de 1918, é comprovada ao analisarmos as propostas de organização curricular que foram feitas ao final do Anuário de Ensino daquele ano. Indica-se alguns exemplos de como esta temática foi apresentada neste documento, de acordo com o tipo de escola e a classe para a qual se destinava.

O anexo do número 1 do Anuário apresentou, por exemplo, um programa de ensino das Escolas Rurais. Nele, havia um tópico específico intitulado “*Sciencias Physicas e Naturaes – Hygiene*” e, dentre os objetivos requeridos, lia-se o propósito de passar as propriedades dos corpos e as noções de cultura de acordo com a região em que a escola estivesse inserida. Para o 2º ano, as propostas higiênicas contemplavam:

Noções sobre hygiene. O asseio, hygiene da alimentação e da respiração. Insectos transmissores de molestias. Hygiene rural. Effeitos do fumo e do álcool. Vaccinação contra a varíola e contra a febre typhoide. Sôro anti-ophidico, anti-diphtherico e anti-tetanico. Molestias contagiosas e infecciosas: impaludismo, ancilostomose, tuberculose, lepra, trachoma, e raiva; meios de evitar e tratar (ANNUARIO DO ESTADO DE S.PAULO, 198, p. 580).

O destaque para as recomendações de conteúdos a serem ministrados para os 2ºs anos das Escolas Rurais mostra que vários conhecimentos científicos já estavam associados aos conhecimentos escolares, de modo a serem reconhecidos na rotina das pessoas. Sem contar as medidas profiláticas que poderiam ser adotadas, como o uso dos soros e das vacinas já existentes, disponíveis para que os cidadãos pudessem se precaver de contágio.

Os conteúdos que foram propostos em outros modelos de escola podem ser vistos e comparados, como o das Escolas Distritais. Nelas, em uma proposta para o 3º ano, repetiu-se o mesmo texto sobre as noções de higiene²⁷². Já ao verificarmos o programa de ensino dos grupos escolares do Estado de São Paulo, o mesmo componente de “*Sciencias Physicas e Naturaes – Hygiene*” propunha para o 1º ano:

Regras uteis sobre hygiene da alimentação: boa mastigação; frugalidade e sobriedade; regularidade nas refeições. Conselhos hygienicos sobre o asseio individual. Effeitos nocivos do fumo e do álcool (ANNUARIO DO ESTADO DE S.PAULO, 198, p. 607).

²⁷² ANNUARIO DO ESTADO DE S.PAULO, 198, p. 590.

Ao analisarmos o conteúdo de ciências físicas e naturais para o 2º ano, encontramos as mesmas recomendações citadas acima, com o único acréscimo de também estudar as observações gerais de todos os sentidos e, de modo específico, a higiene dos dentes²⁷³. Assim, neste ponto, constata-se a preocupação para com os processos que envolvem a alimentação, presente nos programas de conteúdos propostos.

Por fim, no mesmo programa de ensino voltado aos grupos escolares paulistanos, há as seguintes diretrizes nos conteúdos elencados para os 4^{os} anos:

Hygiene da habitação, do vestuário e da alimentação. Exercícios physicos; sua necessidade e suas vantagens. Insectos transmissores de enfermidades. Molestias contagiosas e infecciosas: - Impaludismo, ancilostomose, tuberculose, trachoma, lepra; meio de evitá-las e seu tratamento. Sôro anti-ophidico, anti-diphtherico e anti-tetanico. Raiva e seu tratamento. Vaccinação contra a variola e febre typhoide (ANUARIO DO ESTADO DE S.PAULO, 198, p. 622).

Nesta última exemplificação, além de se manter a preocupação com as doenças existentes e suas formas de prevenção, destacamos a orientação para os exercícios físicos, assim como de toda a higiene correspondente ao vestuário e a habitação. Neste ponto, não há como deixar de associar que os estudos e as concepções sobre os cuidados para com o próprio corpo e, principalmente, da higiene, não teriam por intenção provocar apenas modificações e melhorias individuais, mas visavam atingir toda a comunidade.

A partir do momento em que os cidadãos eram orientados aos cuidados preventivos para com as doenças e os benefícios de se atentarem para sua própria saúde, todo o entorno em que viviam e estavam inseridos era afetado pelas noções de higiene aprendidas na escola e reproduzidas em casa. Ao menos era isso que as prescrições entendiam com a ideia de difusão da pedagogia da higiene pelas escolas.

Desta forma, é indissociável a questão da educação com o desenvolvimento do espaço urbano, principalmente ao se considerar uma cidade como São Paulo. Ao final do século XIX e no início do século XX, há uma pujança de crescimento marcada pelo progresso e pela civilização que alterou profundamente as características espaciais, principalmente em virtude de uma economia que girava em torno da atividade cafeeira e contava com a mão-de-obra de imigrantes.

²⁷³ ANUARIO DO ESTADO DE S.PAULO, 198, p. 611.

Rocha (2003, p. 25) nos diz que pela “itinerância pelas ruas de São Paulo, esses novos habitantes vão construindo novos cenários”. Nesta configuração, os trabalhadores, sem dinheiro e acesso aos recursos, foram os públicos que se amontoaram nas vilas e nas casas dos bairros centrais da cidade, estabelecendo uma “rígida demarcação” entre o mundo dos “fortunados cafeicultores e empresários”, como a própria autora nos explicou (ROCHA, 2003, p. 27). Para bem acomodar esta nova elite emergente, foram várias as melhorias que fizeram com que São Paulo se modernizasse. Um dos pontos fundamentais a serem aperfeiçoados foi o tratamento sanitário dado à cidade.

Para tanto, nesta mesma época, surgiu o Serviço Sanitário paulistano e o primeiro Código Sanitário, datado de 1894²⁷⁴, que estabeleceu, conforme nos diz Rocha (2003, p. 35), um conjunto de normas com o objetivo de remover “os óbices que antepunham o crescimento ordenado da cidade”. Este código foi revisitado em 1911, a fim de que conseguisse analisar os problemas já causados pela urbanização.

O exame do modelo de ordenação urbana, que vai se consolidando por meio dessas iniciativas – calcado nos princípios de diferenciação espacial e segregação social -, deixa claro que o controle das habitações é a ponta de lança de um projeto de intervenção direta sobre a vida das pessoas (ROCHA, 2003, p. 37).

Esse processo de higienização das pessoas, como bem ressaltou a autora, não se limitou apenas aos espaços, mas também foi incorporado às suas vidas, ou seja, para a construção de espaços urbanos que se desejavam limpos e ordenados e que prezassem pela higiene, foi fundamental que esses hábitos passassem a ser incorporados na vida dos cidadãos.

Justamente por isso que a educação assumiu um papel central nesse processo, uma vez que, em nome da saúde e da higiene, foi necessário desenvolver novos hábitos de cultura que precisavam ser aprendidos.

Em São Paulo, assim como em outras cidades do país, defendia-se que a solução desse problema, considerado como calamidade pública, estava na associação entre educação e higiene. À primeira competiria resgatar a dignidade do povo, a sua condição humana, à segunda possibilitar a formação e manutenção dos corpos saudáveis. Dessa maneira, acreditava-se, o país trilharia o caminho do progresso e das ‘nações cultas’ (SILVA, 2002, p. 14).

²⁷⁴ Decreto nº 233, de 2 de março de 1894.

O que Silva (2002) e Rocha (2003) nos evidenciam são os fatores que conduziram uma mudança cultural e organizacional das cidades em seu processo de crescimento e de organização que vão considerar como sinal de progresso e evolução todas as questões de saneamento que passaram a fazer parte da rotina dos cidadãos. Mas não somente dos espaços ocupados, se não também de seus próprios corpos, conforme o texto nos apresentou: “na manutenção dos corpos saudáveis”. Para fazer com que as pessoas seguissem as novas normas de asseio, Rocha (2003, p. 23) enfatizou que a higiene entrou em suas vidas por meio de leis e regulamentos, cuja desobediência acarretava punição.

Desta forma, foi necessário estabelecer um comportamento higiênico que ainda aparecia como uma novidade para a maior parte dos cidadãos. O desenvolvimento dessas novas práticas foi uma das preocupações e das propostas que passaram a compor os currículos escolares nos anos 1910.

Objetivo da educação sanitária a aquisição de hábitos, compete ao professor descobrir como despertar o interesse do aluno e torná-lo predisposto aos ensinamentos. Procedimentos como: destinar notas diárias aos hábitos ‘garantidores da saúde’, fazer anotações nos boletins sobre a higiene corporal do aluno e estabelecer competição para identificar o grupo que comete menor número de infrações referentes às orientações recebidas podem motivar a participação, mas não determinarão, obrigatoriamente, a formação de um hábito higiênico (ROCHA, 2003, p. 27).

Nesta passagem, vemos como Rocha (2003) detalhou a motivação e a educação que os professores ministravam aos estudantes para que eles pudessem compreender e seguir os ensinamentos relacionados aos hábitos de saúde. Dentre as ações, encontrava-se a proposta de fazer anotações em seu boletim de higiene corporal ou, inclusive, estabelecer uma competição entre grupos para verificar quem menos cometia infrações às orientações recebidas.

Por este exemplo, foi possível analisar com mais detalhes como existia uma proposta educativa, em 1918, que pautava a educação corporal e a obtenção dos hábitos de higiene. Isso significa que, quando a “gripe espanhola” se proliferava pela cidade, as crianças já possuíam em seu currículo escolar uma formação destinada aos hábitos de higiene e aos cuidados para o próprio corpo.

Assim, a educação sobre os novos hábitos de higiene e de cuidado com sua própria saúde não eram essencialmente uma novidade para o público escolar. Desta maneira, pode-se considerar que o movimento constatado na imprensa da época se configurou em uma ação de educação, mas que ali aparecia como algo emergencial, tendo por objetivo explicar às pessoas as características da doença e orientá-las para evitar o contágio disseminado de maneira descontrolada. O que se vê pelo currículo da escola é uma ideia de prosperidade desta ideia de cuidados com o corpo e com o espaço no sentido de se evitar doenças. Cuidados de si, dos espaços e dos outros. A escola não está alheia a este dito da modernidade científica.

4.3 As consequências do fechamento das escolas na organização das atividades educacionais

Os prédios das escolas foram fechados e, por consequência, as aulas tiveram de ser interrompidas. A paralisação das atividades educativas trouxe um problema para ser resolvido: como as crianças e os jovens continuariam a aprender durante esse período de pandemia? O que foi feito com a programação das aulas e o ano letivo?

Se o diretor do “Lyceu Salesiano” havia se antecipado na própria recomendação do fechamento das unidades educativas, é possível considerar que ele também teria dado um encaminhamento sobre as questões relativas à continuação do ensino durante a pandemia. E ele assim procedeu. Ao retomarmos as ações do Padre Henrique Mourão, vemos que ele se preocupou com a situação do ano letivo e deu um direcionamento para sua comunidade educativa: antecipou, em 15 dias, a conclusão do ano letivo e substituiu os exames finais pelo uso das médias obtidas nas notas mensais.

Levando em consideração que a “gripe espanhola” se manifestou na segunda metade do mês de outubro de 1918, constatamos que as medidas adotadas pelo diretor do “Lyceu Salesiano” não foram ações isoladas. As notícias mostram que muitas outras instituições de ensino seguiram pelo mesmo caminho, antecipando o encerramento do ano letivo. Esta foi uma ação praticamente incontestável. Contudo, não pode se dizer a mesma atitude referente à situação dos exames finais, realidade para todas as unidades educativas em virtude da proximidade do final do ano.

Sobre essa questão, no dia 20 de novembro de 1918, foi enviado à Câmara dos Deputados um Projeto de Lei, elaborado pelo Senado, pedindo a promoção dos alunos das faculdades e dos ginásios do governo, independentemente da realização de exames finais. O documento justificava a medida em virtude da epidemia de gripe que assolava

a capital federal, o Rio de Janeiro, e outras regiões do país. O Projeto foi levado à comissão de instrução pública e teve seu parecer favorável, sendo divulgado no dia seguinte²⁷⁵. Dessa forma, a legislação pretendeu alcançar não apenas os estudantes da educação primária, mas de todos os níveis de ensino, inclusive da universidade.

Esse projeto surgiu para contemplar uma petição feita pelos estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Como eles haviam sido convocados para trabalhar durante a crise sanitária, a alegação que apresentaram foi a de que não tiveram tempo hábil para se preparem para as provas finais e, assim, não consideravam justa sua aplicação²⁷⁶.

A partir da garantia que foi dada, outros estudantes, inclusive que não eram da educação primária e secundária, manifestaram-se e foram contemplados pela medida. Foram eles os alunos de engenharia, das Faculdades equiparadas e dos estabelecimentos preparatórios. De igual maneira, os diretores da Escola Politécnica também teriam enviado um ofício ao ministro da Justiça por considerarem injusto a não contemplação de seu alunado na promoção direta, alegando não existir nenhum prejuízo que impedisse de considerar, para aquele momento crítico, as notas que já haviam sido obtidas em exames passados²⁷⁷.

Para validar a necessidade de se garantir a aprovação automática de seus alunos e a não realização de exames, os professores da Faculdade de Medicina expuseram suas opiniões por meio de entrevistas e declarações a favor da medida. Foram noticiados os posicionamentos dos professores Austregesilo, Benjamin Baptista, Fernando de Magalhães e de Carlos Chagas, que era o diretor do Instituto Oswaldo Cruz. Todos os profissionais apontavam a necessidade de se reconhecer o esforço empregado pelos estudantes no combate da pandemia e, em razão disso, ratificavam que eles não estavam preparados para as provas conclusivas de 1918.

Ao final de tantas polêmicas, das declarações e das entrevistas que foram dadas por professores e acadêmicos que movimentaram os jornais naquele momento, a medida requisitada foi apresentada como um projeto na Câmara dos Deputados²⁷⁸ e, uma vez aprovada, tornou-se extensiva para os estados brasileiros e a todos os estudantes, mesmo aqueles que não tenham estudado durante o período da pandemia.

²⁷⁵ A Noite, 20.10.1918, p. 2.

²⁷⁶ O Imparcial, 09.11.1918, p. 2.

²⁷⁷ O Imparcial, 09.11.1918, p. 2.

²⁷⁸ A notícia em questão não apresentou o número desse projeto e a transcrição de seu teor.

Contudo, não foram todos os que concordaram com sua vigência e a polêmica da aprovação sem a realização dos exames finais se espalhou para todo o Brasil. Para exemplificar tal situação, surge uma notícia veiculada no jornal *A Província*, de Pernambuco, mas que falava sobre a situação judicial concentrada em São Paulo e no Rio de Janeiro. O título em destaque trazia a informação: “Aprovação por decreto”²⁷⁹. Em uma matéria jornalística assinada por “Gonçalves Maia”, o autor registrou os seguintes posicionamentos:

Não sabemos si os estudantes de Pernambuco foram ouvidos a respeito e si aceitam esse favor da compulsória nos exames, aprovando-os por decreto. Mas tomaríamos a liberdade de chamar a sua atenção para os telegrammas de hontem, onde se diz que os estudantes da Faculdade de São Paulo repelliram essa maneira de ganhar um anno (A PROVINCIA, 04.12.1918, p. 1).

O autor do texto se dirigiu diretamente aos estudantes de seu estado para indagá-los sobre uma possível aceitação a esta forma, segundo ele, de “ganhar um ano”. Para contribuir com a visão negativa de tal feito, ele ainda apresentou um dado segundo o qual os estudantes da “Faculdade de São Paulo” teriam repellido a garantia que foi dada. Mas “Gonçalves Maia” foi além e, em sua conclusão, apresentou a seguinte comparação:

Houve, ao rebentar a guerra, si não nos enganamos na data, um verdadeiro pânico no commercio de todo o paiz; e logo foi suggerida e decretada uma moratória legal para todos os commerciantes em difficuldade. A praça de Pernambuco repellio esta moratória. Não precisava della. Achava-a humilhante para os negócios e para seus créditos. E não se utilizou. Hoje, quando se alude á sisedez desse commercio, se recorda esse fato, realmente honroso. Em todo tempo, hoje, amanhã e sempre, quando as futuras gerações de estudantes paulistas quizerem elevar os créditos da sua Faculdade, recordarão tambem com orgulho a repulsa da sua mocidade a essa compulsoria da ignorancia, ou das promoções de exames por decreto (A PROVINCIA, 04.12.1918, p. 1).

O relato acima, que foi assinado e se encontrava na primeira página do jornal *A Província*, pode ser, então, entendido como sendo um posicionamento também deste impresso. A questão da aprovação automática foi entendida como uma situação vexatória e humilhante. Mesmo garantida por lei, muitos foram os focos de resistência e

²⁷⁹A Província, 04.12.1918, p. 2.

os movimentos de persuasão registrados para que os estudantes não se permitissem a tal garantia. Foi assim que, ao comparar tal medida com a adotada no comércio de Pernambuco quando a guerra eclodiu, “Gonçalves Maia” construiu sua argumentação com o intuito de repelir e desmoralizar aqueles que se beneficiassem da aprovação por decreto.

Mas outros exemplos foram verificados na documentação, inclusive em publicações de revistas, como a matéria veiculada no impresso *A Vida Moderna*:

Idéa Infeliz. A medonha epidemia, que passou por S.Paulo como sopro devastador, espalhando o lucto e a desolação, veio, mais uma vez, provar a leviandade com que encaramos tudo no Brasil, sem a menor consideração quanto ás consequências inevitáveis dos actos praticados. Outra coisa, com effeito, nos revela o projecto submetido pelo senador Jeronymo Monteiro ao Congresso Nacional, mandando promover, sem exame, ás classes immediatamente superiores, os estudantes das escolas federaes da Republica. A razão em que se funda esse projecto, que já teve a plena approvação do Senado, chega, pela sua absurde, a parecer pilheria: allega o sr. Jeronymo Monteiro que quase todos os moços beneficiados pela curiosa medida, andaram, durante a epidemia, a prestar serviços nos hospitaes ou na distribuição de socorro ás populações, não tendo, assim, tempo sufficiente para fazer os seus estudos de que careciam para apresentar-se perante as bancas examinadoras; e, por um raciocínio, cuja logica ninguém logrou perceber, conclue que e de justiça premiar os taes moços por aquella orginialissima forma.

Póde ser muito bôa, e muito nobre a intenção do signatário do projecto; mas o certo é que não há nada que o justifique seriamente. Dê-se do barato que os estudantes, durante a epidemia, fizesse, de facto, prodígios; que, com um sublime espirito de abnegação, se expuzessem até á morte na sua nobre missão caridosa. Tudo isso é naturalmente bello, magnifico, digno de admiração; mas, dahi, será licito concluir que deva o governo galardoal-o com a fallada promoção? De forma nenhuma. Procedendo, como procederam, nada mais fizeram os estudantes do que cumprir um dever de solidariedade humana; e premiar um homem só porque elle soube cumprir o seu dever, não é um acto de justiça – é, simplesmente, a affirmação dolorosa de que a generalidade dos outros homens vive sempre claudicando.

Por uma parte; por outra, é preciso attentar em que a providancia proposta pelo sr. João Luiz Alves, falha completamente em relação ao seu objetivo: visando a beneciar estudantes, resulta, ao contrario, em seu próprio prejuiso, porque os dá por approvados em matérias por ella ignoradas e que lhes serão, talvez, imprescindíveis para o complemento da sua cultura scientifica.

Mas – perguntar-se-á agora – será justo obrigar a repetirem o anno rapazes que tanto se esforçaram, que tanto trabalharam no combate ao horrível morbo? Não, preciso valeria a cahir no extremo opposto. O que se poderia fazer, entretanto, para conciliar os interesses dos estudantes com os da moralidade do ensino publico, era transferir os

exames, arranjando-se uma época extraordinária, para dar tempo á conclusão dos estudos interrompidos.

Andaram, portanto, com muito juízo e com muita dignidade os alunos das escolas superiores de S. Paulo, protestando, num gesto exemplar de desprendimento, contra o monstruoso projecto. A sua briosa attitude, manifestada por intermedio do ilustre professor dr. Frederico Steidel, poderá, sem dúvida, desgostar os seus colegas do Rio e dos outros Estados; mas, em compensação, constitue um symptoma animador de que há ainda uma reacção salutar contra aquelles que pretendem desmoralisar tudo o que existe neste malfado paiz. (A VIDA MODERNA, 12.12.1918, p. 25).

O texto expõe a tônica das críticas que foram proferidas em virtude do cancelamento dos exames escolares, ratificando que a decisão pela promoção automática não foi entendida e tampouco aceita da mesma forma no país. Enquanto se reconhecia o papel dos estudantes de Medicina e de outras áreas no enfrentamento da pandemia de influenza, as críticas que se impuseram foram em virtude das aprovações automáticas.

O documento transcrito da *A Vida Moderna* ilustrou essa situação de forma clara, especialmente a resistência verificada em São Paulo, em paralelo à defesa de uma medida de possível equilíbrio nessa situação, propondo que as provas não fossem suprimidas para os estudantes, mas apenas transferidas para quando o momento sanitário permitisse sua realização. Havia o argumento de que os estudantes não seriam conhecedores da ciência, mas, ao mesmo tempo, estariam atuando, na forma prática, pelo voluntariado que o momento exigia. Não parece justo o comentarista no jornal forçar a ideia de prestação de exames, enquanto são os outros que arriscam a sua vida em hospitais em meio a uma pandemia. Em outras palavras, o voluntarismo prestigioso é aquele que faz benevolência caridosa na forma de doação e, não necessariamente, que se põe voluntário da forma de trabalho.

Em meio a tanta polêmica e confusão sobre as condições para a aprovação automática, o fato foi que a conclusão do ano letivo de 1918, após o fechamento das unidades escolares, trouxe outras situações complexas que precisaram ser administradas, principalmente referentes à aprovação dos estudantes. Todavia poucas foram as reportagens que apresentavam outra preocupação do momento: a garantia da aprendizagem dos estudantes e que eles não ficassem ainda mais prejudicados em virtude da interrupção das aulas.

Há um exemplo do “Lyceu Salesiano” sobre o que fazer em relação ao corte nos estudos. Esta escola informou às famílias de que todos os programas de estudo já haviam sido cumpridos afirmando que, nos dias cujas aulas seriam paralisadas em virtude do fechamento do prédio, as atividades letivas que aconteceriam seriam apenas destinadas à revisão de exercícios e de repetição para os exames. Além disso, a instituição de ensino do Padre Dr. Henrique Mourão informou que os boletins seriam substituídos por cartas de aprovações, já seguindo as mesmas diretrizes que se estabeleceriam, posteriormente, para as Escolas Normais, federais e instituições de nível superior.

O “Lyceu” também se preocupou em pontuar para as famílias que a festa de encerramento do ano não deixaria de acontecer, sendo apenas transferida para março de 1919, quando se esperava ter um cenário epidemiológico melhor e que garantisse segurança para sua realização²⁸⁰.

De modo semelhante, o “Gymnasio Anglo-Brasileiro” também explicou para sua comunidade educativa todas as ações tomadas para proteger seus alunos e reorganizar as atividades escolares. A justificativa que o colégio utilizou para a suspensão das aulas, para além da determinação governamental que o forçou a assim proceder, foi o fato de que não haveria a menor possibilidade de a epidemia desaparecer até o final do mês de outubro de 1918.

A fim de evitar uma divisão das férias escolares e não ter gastos desnecessários para os alunos cujos pais residiam muito longe, a decisão tomada foi pelo fechamento do internato e do externato até o dia 14 de janeiro de 1919, mas a manobra que a instituição de ensino fez foi diferenciada: o período que corresponderia ao dia de reabertura da escola até o dia 3 de fevereiro seria entendido ainda como parte integral de 1918, e não como um novo ano letivo (no caso, o de 1919). O começo das atividades escolares de 1919 ainda corresponderia às de 1918: uma adequação estratégica para o calendário escolar.

Dessa forma, o “Gymnasio Anglo-Brasileiro” propunha fazer uma revisão que fosse a mais completa possível do semestre que ficou inconcluso em razão da pandemia. Somente após o término deste período de retomada, os estudantes seriam promovidos, sem a necessidade de realizarem os exames finais. No mesmo comunicado que foi enviado para explicar tais medidas, foi agendada a data de admissão para estudantes

²⁸⁰ Correio Paulistano, 18.10.1918, p. 3.

novos e estabelecida a recomendação para que também eles pudessem cursar a revisão oferecida como uma forma de retomar os conteúdos necessários²⁸¹.

As notícias apresentadas tratavam de instituições de ensino particulares em detrimento das públicas. Constatava-se uma ausência de notícias que informavam sobre as medidas tomadas durante a “gripe espanhola” e o que aconteceu com as escolas públicas. Novamente, pode-se inferir que essa situação tenha relação com as características do jornal e de seus público-leitores. Também se cogita que os relatos tenham sido pagos, mas não houve forma de constá-lo empiricamente.

4.4 A Inspeção Médica Escolar paulistana e sua atuação na crise de saúde pública

Para além do adiamento dos exames para a promoção de ano e dos artifícios que as unidades escolares empregaram para a manutenção da aprendizagem das crianças, o fechamento dos espaços educativos provocou a interrupção e a transformação de um serviço público que funcionava na estrutura da instrução pública durante o período no qual a pandemia eclodiu: a inspeção médica escolar.

Os impressos não deixaram de registrar sua existência e atuação, explicando-a como uma função que objetivava, por meio da realização de exames físicos nos estudantes, constatar possíveis deficiências físicas, causadas por fatores étnicos. Para o acompanhamento da condição dos alunos, eram preenchidas fichas antropométricas ou “ficha antropométricas-pedagógicas”²⁸².

Mas a função do inspetor médico escolar ia muito além. Como sua atuação se fez determinante no contexto das ações emergenciais adotadas durante o período da pandemia, houve a necessidade de compreender como esta função passou a compor as atividades educacionais da instrução pública. Como visto, as propostas pedagógicas vigentes em 1918 tinham como fundamento um trabalho voltado às medidas higiênicas e do cuidado com o corpo. A constituição da inspeção médica escolar foi determinante para que estas tais ações se concretizassem de maneira eficaz.

Silva (2002, p. 11) elucidou que, para a concretização do termo “pedagogia da saúde calcada nos princípios de higiene”, era necessário firmar parcerias com a sociedade republicana. Se, conforme a autora especificou, no “imaginário republicano

²⁸¹ O Estado de S.Paulo, 18.10.1918, p. 5.

²⁸² Correio Paulistano, 15.07.1919, p. 1.

competia à escola” este papel de divulgar os saberes voltados para esta nova cultura da higiene, foi necessário criar estruturas e formas de garantir a concretização desta tarefa.

De forma concreta, a pesquisadora mostrou que, desde a criação do Serviço Sanitário em São Paulo, em 1892, foram construídos os alicerces para que as cidades implantassem uma estrutura de saneamento básico que primasse pela ordem e boa manutenção dos espaços, fazendo com que a higiene passasse a ser reconhecida como um valor a ser aprendido e mantido. Tal característica não era distinta com os espaços educativos. Tanto que, em 1911, a Inspeção Médica Escolar (IME) foi criada sob a forma de uma lei que também garantiu a obrigatoriedade das ginásticas nas escolas:

A Inspeção Médica Escolar, no Estado de São Paulo, foi criada pela Lei n 1310, de 30 de dezembro de 1911. Então subordinada ao Serviço Sanitário do Estado, tinha por finalidade atuar, na capital, nas escolas públicas e particulares de ensino primário, secundário e profissional, de modo a melhorar as condições higiênico-sanitárias desses estabelecimentos desde as instalações físicas, mobiliário, organização e seleção de métodos de ensino e material pedagógico até a preservação da saúde do aluno e da comunidade escolar (SILVA, 2002, p. 30).

Percebe-se que a atuação da Inspeção Médica Escolar se fazia muito abrangente. Desde a verificação das condições sanitárias e de higiene das escolas públicas e particulares, ou seja, a análise das instalações dos espaços físicos; até o cuidado para com a saúde mental e do corpo de toda comunidade educativa. Ou seja, os inspetores médicos escolares cumpriam uma tarefa fiscalizadora e formativa nas escolas.

Nessa perspectiva, Silva (2002, p. 33) detalhou que coube ao Dr. Balthasar Vieira de Mello a configuração dos marcos criadores da Inspeção Médica Escolar. Autor do livro “A Higiene na Escola”, Vieira de Mello tratou, nesta obra, de assuntos que envolviam desde a mobília escolar e a ventilação e a iluminação das salas de aula, assim como dos métodos de ensino e da organização do horário escolar a ser cumprido, o qual contemplava as horas destinadas ao estudo e às práticas de exercício físico.

Portanto, cabiam os inspetores médicos escolares uma série de atividades, a saber:

De acordo com as atribuições destinadas a IME, aos inspetores sanitários competia exercer a função de polícia sanitária e vigilância médica, executando um serviço de higiene do ponto de vista profilático, identificando e combatendo os fatores que podiam contribuir para o surgimento e a propagação das moléstias transmissíveis. Deviam promover a difusão dos princípios gerais de

higiene por meio de atividades que pudessem ser inseridas no cotidiano da escola. O desempenho das suas atribuições incluía a inspeção médica dos alunos, docentes e empregados das escolas, procedimento que permitia identificar a incidência de doenças transmissíveis e comunicá-la à Diretoria Geral do Serviço Sanitário a quem competia toma as providências cabíveis (SILVA, 2002, p. 34).

Nesta tarefa de exercer uma atribuição de controle e de educação, os inspetores médicos, além da formação que destinavam aos estudantes, criaram mecanismos para a aferição das doenças transmissíveis e outras comorbidades que poderiam existir no corpo discente. Para tanto, conforme a autora descreveu, foram criadas fichas individuais de controle de cada um dos estudantes que passaram a ser classificados como “normais” ou “anormais”.

A vigência da IME perdurou por toda a década, chegando até 1918, ano da pandemia, que desestruturou as noções de saúde e higiene vigentes até então e que remodelou a atividade dos inspetores médicos escolares. Ao longo deste período, a inspetoria passou por reformulações legais sendo, segundo Silva (2002, p. 47), uma das mais significativas a Lei n. 1541, de 30 de dezembro de 1916, que passou a IME para uma seção da Diretoria Geral de Instrução Pública, e não mais da Diretoria Geral do Serviço Sanitário.

Um dos pontos mais interessantes a ser observado no trabalho da IME reside na preocupação sobre os prédios escolares. Sua projeção arquitetônica e sua construção eram pensadas e tinham um objetivo para cumprir.

Aquilo que estava colocado como exigência na legislação demonstra que as especificações técnicas quanto às características das construções escolares buscavam uma adequação ao estágio de desenvolvimento físico das crianças, bem como procuravam contemplar o aspecto da higiene diária dos ambientes e tornar as salas de aula propícias ao desenvolvimento das atividades escolares (SILVA, 2002, p. 57).

O que vemos é que toda a característica desses espaços escolares tinha sido pensada e construída de acordo com rígidos padrões de qualidade voltados ao desenvolvimento físico das crianças e garantindo um espaço higiênico adequado. Quando a pandemia de 1918 sobreveio, ela encontrou unidades educativas como locais voltados à formação integral das crianças, a partir de uma arquitetura que dialogava com projetos pedagógicos responsáveis por contemplar o cuidado com o corpo e a valorização da saúde.

Silva (2002) nos indica que todos os detalhes de um prédio escolar eram pensados, a fim de garantir tais objetivos: a distribuição da luz e do calor pelas salas de aula e pelos corredores, levando-se em consideração a geografia dos espaços, a fim de garantir que os períodos de insolação fossem adequados a um espaço salubre; a escolha da mobília escolar por meio de carteiras apropriadas para o desenvolvimento da escrita e da leitura, garantindo uma postura corporal correta e, claro, o controle dos espaços educativos buscando evitar aglomerações de alunos e professores, contendo a proliferação de doenças transmissíveis.

Portanto, verifica-se neste período a montagem de toda a estrutura educativa de modo a contemplar as características de uma formação higiênica que passava desde a elaboração das atividades a serem desenvolvidas no espaço escolar, à construção de prédios escolares condizentes e a atuação de profissionais dedicados exclusivamente ao controle da saúde física, corporal e mental dos estudantes. Sintetizou Silva (2002, p. 87):

Ao médico-inspetor era destinada a tarefa de identificar, na escola, as situações que fugiam da 'normalidade', orientar quanto aos procedimentos que deveriam ser adotados e propor, quando fossem identificadas ocorrências que podiam comprometer o estado de saúde individual ou coletivo, as medidas que ao poder público competia viabilizar. Sob todos os pontos de vista disciplinados pela legislação, buscava-se manter sob controle as condições higiênico-sanitárias do local, do indivíduo e da coletividade. Muito embora coubesse ao médico-inspetor orientar sobre a profilaxia das doenças e zelar pela salubridade do ambiente escolar, não fazia parte de suas atribuições, de acordo com o que estava disposto na legislação, realizar, na escola, o tratamento dos casos diagnosticados. Não lhe competia prestar a assistência médica, apenas inspecionar, e sugerir aos pais, quando necessário, a conveniência do tratamento (SILVA, 2002, p. 87).

Diante de todas estas características que delimitavam a atuação e a existência da IME, pode-se conjecturar como esta atividade aconteceu e se ela ocorreu, durante o período da pandemia de influenza. Uma vez que os espaços educativos se encontravam fechados, os inspetores médicos escolares não podiam mais atuar dentro das escolas. Além disso, todos os cuidados e as orientações feitos nos ambientes educativos, voltados à higiene e à manutenção da saúde do próprio corpo, tiveram de ser ressignificados em um momento no qual uma nova doença provocava muitas mortes. Mas é possível especular de que tenha sido também pelo trabalho da Inspeção que foram escolhidas as escolas aptas a tornarem-se hospitais provisórios.

Quase um ano depois do epicentro da pandemia, vemos que foi notícia de primeira página de jornal a já citada mensagem que o presidente do Estado de São Paulo, Sr. Altino Arantes, entregou ao Congresso Legislativo. Neste documento, o político fez uma avaliação de toda a atuação ao longo do período da pandemia. Dentre muitas informações veiculadas, uma delas se destaca: a de que as visitas dos inspetores médicos escolares ocorreram de forma regular ao longo de 1918 e produziram números significativos sobre a atuação desses profissionais na esfera pública paulistana. Para melhor visualizarmos esses números, foi elaborada a tabela que os sistematizou:

Tabela 3 – Atividades da Inspeção Médica Escolar em São Paulo em 1918

Atividade	Quantidade
Realização de inspeções médicas paralelas	34.349
Revacinações	12.196
Boletins dentários expedidos	10.909
Realização de exames médicos individuais	10.797
Boletins médicos expedidos	8.896
Vacinação contra a varíola	3.643
Visitas às salas de aula	2.253
Preleções sobre higiene individual, coletiva e pedagógica	1.191
Visitas às escolas públicas	1.052
Visitas às escolas particulares	515
Visitas aos dormitórios	73
Visitas de profilaxia sanitária em escolas	70
Visitas aos internatos	40
Visitas de profilaxia em domicílios	12

Fonte: Correio Paulistano, 15.07.1919, p. 1. Organização dos dados feita pelo autor.

Os dados, que também constam no Anuário de Ensino do Estado de São Paulo (p. 211), evidenciam a expressiva quantidade de atendimento das inspeções médicas ao longo de 1918. É importante observar como as atividades oferecidas pela inspeção médica escolar iam além dos exames médicos individuais. Isso fica evidente ao se observar que mais de 12.000 alunos foram vacinados nas visitas feitas pelos inspetores.

De modo mais específico, além de uma vacinação geral, as informações nos revelam que existiu uma ação voltada exclusivamente ao combate à varíola.

Como o trabalho que as inspeções médicas realizavam era o de constatar possíveis deficiências físicas decorrentes de fatores étnicos e mesogênicos nos estudantes das escolas públicas e particulares²⁸³, observa-se o volume significativo de exames individuais realizados, assim como dos boletins médicos expedidos.

Para sua realização, o Dr. Vieira de Melo, médico-chefe da inspeção escolar, designou que houvesse um inspetor em cada unidade escolar para examinar individualmente os estudantes. Durante o exame, eles preenchiam a ficha antropométrica para organizar as médias estruturais e ponderais dos escolares e identificar as características físicas e de possíveis comorbidades predominantes em cada região.²⁸⁴

Além das campanhas de vacinações e dos exames individuais, a Tabela 3 mostrou que foram feitas mais de 1000 preleções sobre higiene pessoal, coletiva e pedagógica. Dessa forma, referendamos que, mesmo antes da proliferação da “espanhola”, as escolas já realizavam orientações sobre higiene, tanto de forma individual, como coletiva. Ou seja, a atuação dos inspetores médicos já pressupunha um trabalho formativo prévio que acontecia nas unidades escolares.

Quando a moléstia começou a se proliferar, a partir da segunda quinzena de setembro de 1918, os encaminhamentos de higiene eram presentes na rotina escolar. Dessa forma, quando todas as regiões da cidade, do estado e do país se encontravam em uma situação crítica pelo avanço da gripe, o médico-chefe da inspeção médica se manifestou a respeito da situação:

“A irrupção da pandemia de grippe nesta capital tem despertado da parte da classe medica paulista a mais bela prova de altruísmo e solidariedade, apressando-se cada um em solicitar do governo do Estado e do sr. director do Serviço Sanitario, a inclusão do seu nome entre os que a combatem. Accresce que alguns dos nossos municípios já estão sendo visitados por esse morbo e as camaras municipaes, atendendo ao apelo patriótico do sr. secretaria do Interior, asseguram o seu concurso a bem da saude publica regional, assim ameaçadas. Prevalendo-me desse movimento sympathico e attenendo as nossas relações officiaes, venho, por minha vez, pedir o vosso concurso ao Serviço Sanitario do Estado, empregando os meios ao vosso alcance para impedir a invasão e propagação do referido morbo nesse

²⁸³ Os dados da Tabela 2 nos mostram que as visitas dos inspetores médicos eram feitas tanto nas escolas públicas como nas privadas.

²⁸⁴ Correio Paulistano, 15.07.1919, p. 1.

município. Certo de que annuireis a esse apelo, aguardo a desejada resposta para transmiti-la ao sr. director do Serviço Sanitario, que vos dará instrucções para o cabal desempenho das novas funções do vosso cargo. Com os protestos da mais distincta consideração e muita estima, tenho a satisfação de vos apresentar” (CORREIO PAULISTANO, 24.10.1918, p. 2)

O que o texto do médico-chefe da inspeção médica escolar nos apresenta é que, diante da gravidade e urgência da situação sanitária, os médicos das inspeções escolares passariam a atender os vitimados pela doença. Somariam forças aos “que a combatem”. Ao retomarmos a representação que a pandemia assumiu no registro das notícias pelos impressos, confirmamos uma guerra que havia sido travada e para combatê-la era necessário “convocar” cada vez mais “soldados”. Dentre eles, os médicos escolares. Se não havia estudantes para serem examinados nas escolas, os médicos escolares foram atuar em novas frentes, ajudando os vitimados pela “hespanhola”.

Os postos médicos escolares tornaram-se espaços de acolhida e assistência à população e, diariamente, os jornais publicavam boletins que atualizavam a quantidade de gripados atendidos. No dia 22 de outubro de 1918, por exemplo, foram contabilizados oito enfermos. Não se localizou nenhum contaminado na zona que compreende a Lapa e apenas um na da Barra Funda. Na região da Vila Mariana, não houve registro de doentes internados. Na Bela Vista, contabilizou-se um. Na zona do Ipiranga e do Cambuci, da Penha e do Oswaldo Cruz também não havia contaminados internados nos postos escolares, todavia a região do Pari estava com cinco acamados e um se encontrava em Santana.²⁸⁵

Assim, os postos médicos escolares também estiveram presentes na relação de hospitais provisórios divulgada pelos jornais da época. Esses postos médicos eram voltados para atender os alunos que estivessem contaminados, seguindo as orientações do chefe da inspeção médica escolar, Dr. Vieira de Melo. As notícias dos jornais traziam os nomes dos profissionais municipais que se apresentavam ao Serviço Sanitário como voluntários para atuar como médicos escolares²⁸⁶

Além disso, as notícias informavam os horários de atendimentos que eram agendados para que os estudantes pudessem ser acolhidos.²⁸⁷ Na Tabela 4, iremos

²⁸⁵ Correio Paulistano, 22.10.1918, p. 2.

²⁸⁶ Correio Paulistano, 31.10.1918, p. 2.

²⁸⁷ Correio Paulistano, 28.10.1918, p. 3.

apresentá-las de forma completa (local de atendimento e os horários estipulados) para que observemos como os jornais veicularam estas informações.

A Tabela 4 apresenta como a cidade foi organizada por zonas que contemplavam cada uma de suas regiões: centro, leste, oeste e sul. Em cada uma delas, um ou dois grupos escolares foram escolhidos para realizar o atendimento ao povo, especificamente aos alunos. Os nomes dos médicos eram apresentados e a delimitação do horário de atendimento destinado aos estudantes que, em dias de situação normal, frequentavam tais unidades escolares.

Tabela 4 – Zonas, locais e horários de atendimentos dos médicos escolares

Zona	Nome do médico	Grupo Escolar	Horário
1ª zona	Dr. Dalton Malta	Da Lapa	8h às 10h
2ª zona	Dr. Francisco Lyra	De Vila Mariana Da Bela Cintra	8h às 10h 13h às 15h
3ª zona	Dr. “L.V.Catta Preta”	Do Ipiranga Do Cambuci	8h às 10h 13h às 15h
4ª zona	Dr. Araripe Sucupira	Da Penha Oswaldo Cruz	8h às 10h 13h às 15h
5ª zona	Dr. Ugolino Penteadado	De Santana Do Pari	8h às 10h 13h às 15h

Fonte: Correio Paulistano, 19.10.1918, p. 3. Organização dos dados feita pelo autor.

Contudo, diante daquela crise sanitária, os alunos não seriam mais apenas atendidos pelos médicos escolares para terem suas medidas anotadas nas fichas antropométricas. Naquele momento, eles ingressavam novamente às escolas e aos grupos escolares, contaminados pela “espanhola”, para receberem o tratamento necessário. Os jornais colaboravam na divulgação das instituições de ensino que prestavam esse serviço, a fim de orientar a população e organizar os procedimentos emergenciais para o controle da crise.

4.5 Quando as escolas passaram a salvar vidas

As reportagens sobre o fechamento das escolas estavam presentes nos jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Como visto, tal ação foi parte das medidas adotadas pelo

Serviço Sanitário para conter a disseminação da “espanhola”. Mais do que apenas encerrarem suas atividades, os impressos noticiaram, de forma reiterada, o que aconteceu com muitas delas após as aulas serem suspensas: transformaram-se em hospitais provisórios.

O número de escolas que seguiram este comportamento foi grande. A notícia do Correio Paulistano citou mais duas instituições de ensino que suspenderam as aulas: a Escola de Aprendizes Artífices e as Escolas “Sete de Setembro”. Além da paralisação das aulas noturnas, as professoras desses estabelecimentos de ensino fizeram preleções para orientar sobre os modos de se prevenir o mal.

Destacamos que os espaços físicos de ambas as instituições de ensino foram cedidos para a Cruz Vermelha, a fim de que pudessem estar à disposição para serem utilizados “caso se agrave a situação e seja preciso estabelecer postos de socorros e assistência”²⁸⁸.

Não foi diferente com o Colégio Nossa Senhora do Carmo, em Santos. Em 17 de outubro de 1918, diante do alastramento da “gripe espanhola” pela cidade, o diretor desta unidade escolar também resolveu, como medida preventiva, suspender a realização das aulas para que o prédio do colégio pudesse ser reaproveitado como hospital para a cidade de Santos. Uma comunicação que foi recebida e publicada pelos jornais da capital²⁸⁹.

Assim, diariamente, as páginas dos jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro passaram a trazer as informações dos hospitais provisórios que se encontravam abertos e de sua lotação. Uma grande parte deles eram prédios escolares que estavam fechados em virtude do encerramento do ano letivo.

Os impressos organizaram quadros informativos publicados neste formato para facilitar a organização das informações e, o mais importante, a localização de cada uma destas escolas. Eles continham o nome do colégio ou grupo escolar, sua localização e o contato telefônico²⁹⁰.

²⁸⁸ Correio Paulistano, 18.10.1918, p. 3.

²⁸⁹ Gazeta do Povo, 17.10.1918, p. 1.

²⁹⁰ Mesmo diante da existência do telefone de cada uma das instituições de ensino, não apresentamos tais informações por elas não terem, atualmente, relevância.

Tabela 5 – Instituições de ensino paulistanas transformadas em hospitais provisórios²⁹¹

Nome do Hospital Provisório	Endereço
Grupo Escolar Sant'Anna	Rua Voluntários da Pátria
Hospital Collegios Missionarios	Rua Consolação, 35
Hospital do Collegio “Santa Ignez”	Rua Tres Rios, 82
Hospital do Collegio Sion	Av. Hygienópolis, 49
Hospital do Collegio Diocesano	Largo do Jardim, 6
Hospital do Grupo Escolar da Barra Funda	Rua Albuquerque Lins, 1
Hospital do Gymnasio do Carmo	Rua do Carmo
Hospital do Mackenzie College	Rua Piauhy, 4
Hospital do Collegio de São Luiz	Avenida Paulista, 17
Hospital do Grupo Escolar da Lapa	N. Sra. da Lapa [...]
Hospital do Collegio Des Oiseaux	Rua Caio Prado
Hospital do Grupo Escolar Pudente de Moraes	Avenida Tiradentes, 3
Hospital do Grupo Escolar Regente Feijó	Avenida Tiradentes, 90
Hospital Salesiano (Lyceu de Artes e Officios)	Campos Elyseos
Hospital do Grupo Escolar do Ipiranga	Avenida Nazaré, [...]

Fonte: O Estado de S.Paulo, 17.11.1918, p. 4. Organização dos dados feita pelo autor. Os endereços dos grupos escolares da Lapa e Ipiranga são remanescentes de sua fundação, sem registro nos jornais.

A relação acima, sistematizando o nome das escolas e os endereços daquelas que se transformaram em hospitais, foi elaborada a partir do que constou nas notícias publicadas pelos jornais da época. De modo específico, na Tabela 4, os dados apresentados são do jornal OESP. Sua organização nesse formato teve como objetivo

²⁹¹ Informamos que o quadro foi organizado a partir das informações publicadas na edição 14.568 do jornal *O Estado de S.Paulo*, p. 4. Contudo, o nome do Colégio Nossa Senhora do Carmo não consta desta relação, uma vez que estava localizado na cidade de Santos. O quadro compreende apenas as informações relativas às unidades escolares da capital.

quantificar, de maneira mais visual, o volume de escolas transformadas em centros de atendimentos e sua localização na cidade de São Paulo.

Além do que foi publicado pelas reportagens dos periódicos, há o documento produzido pela cúria metropolitana de São Paulo e apresentado ao Presidente do Estado de São Paulo²⁹². Ele contém a relação de todas as instituições de ensino religiosas que se transformaram em hospitais provisórios em São Paulo. Os dados contabilizaram o custo dispendido com tais locais e a quantidade de escolas paulistanas que transformaram suas salas de aula em leitos de enfermaria, apresentando um cenário no qual foi possível analisar o comportamento da instrução pública paulistana durante a pandemia. Como se pode ver a seguir, há um número considerável de escolas católicas que se somaram ao atendimento de vítimas, fornecendo a inferência de que teria sido muito pior o quadro da pandemia em São Paulo, se não fosse os aparelhos de escolas públicas e privadas abrirem suas portas para o atendimento do cidadão.

Hospitales provisórios. Installaram-se, por conta da Comissão, 14 hospitales em 10 collegios, 3 grupos escolares e uma casa particular, com capacidade para 1500 leitos, numero este que poderia ter sido dobrado ou triplicado, se o exigissem as circunstâncias. O serviço de enfermarias, em todos esses e ainda em mais oito hospitales, esteve sempre ao cuidado de diversas congregações religiosas auxiliadas por enfermeiras leigas, voluntarias ou retribuídas. Dispensaram-se com o custeio parcial de todos esses estabelecimentos 51:501\$300, discriminados como segue: Grupo escolar Sant'Anna, montado pelas irmãs de S.José e logo depois confiado à Liga Nacionista; Collegio das Missionarias do S.C. Jesus, sob a proficiente e desinteressada direcção do dr. José Cassio de Macedo Soares; Collegio de Santa Ignez, das Irmans de N.S. Auxiliadora; Gymnasio Archidiocesano, aos cuidados dos irmãos maristas, efficazmente auxiliados pelos professores e alumnos do Seminario Provincial; Mostero de S.Bento, sob a direcção das Irmans de Santa Catharina; Collegio de S.Luiz, montado pelos padres jesuítas e dirigidos pelas Irmans de S.José; Hospital de S.Geraldo, montado pelo vigário da parochia, em casa particular generosamente cedida pela exma. sra. d. Maria Cristina Duarte; Grupo Escolar da Lapa, montado pelo vigario da parochia; Convento do Calvario, dos padres passionistas, em Pinheiros; Collegio de Santo Agostinho, da mesma congregação, especialmente destinado a crianças lactantes; Noviciado das Irmans Vicentinas, montado pelo vigário da Penha e dirigido pelas respectivas Irmans; grupo Escolar da Penha, montado pelo vigario da parochia; Lyceu do S.C. de Jesus, montado pelos padres salesianos e dirigido pelas irmans de N.S.Auxiliadora (O ESTADO DE S.PAULO, 14.12.1918, p. 10).

²⁹² Documento utilizado no Capítulo 1 do presente trabalho, quando mostramos os jornais como veículos de divulgação das atitudes de solidariedade.

No estado do Rio de Janeiro aconteceu o mesmo movimento. Seguindo aquilo que observamos em São Paulo, as aulas também foram suspensas muito em razão de as unidades educativas terem se tornado polos de contaminação. As notícias começavam a dar destaque para os casos encontrados nas instituições de ensino como na Escola Militar do Realengo que, segundo as informações, de uma manhã para outra, houve um aumento de mais de 160 casos²⁹³. Além desta unidade educativa, foram notificados relatos de contaminação em outras cinco escolas: Álvaro Batista, Tiradentes, Rivadavia Corrêa, Escola de Aplicação e Instituto João Alfredo²⁹⁴.

Assim como Oscar Thompson em São Paulo, o Diretor de Instrução Pública do Rio de Janeiro, Dr. Cícero Peregrino, manifestava-se sobre a situação sanitária da cidade e as providências que a instrução pública adotava para a contenção das ocorrências e a colaboração com o cenário pandêmico. No começo dos casos de contaminação naquela cidade, as orientações variavam muito e se modificavam de um dia para outro.

Na segunda quinzena de outubro de 1918, o Dr. Cícero Peregrino afirmava não existir necessidade de suspender as aulas, uma vez que já estavam sendo feitas, à época, sucessivas desinfecções nos prédios escolares, ao mesmo tempo em que reuniões com os inspetores médicos escolares eram marcadas para analisar como os desdobramentos da situação e as novas providências a serem tomadas²⁹⁵.

Contudo, dois dias após esta declaração do Diretor Geral de Instrução Pública do Rio de Janeiro, afirmando não existir necessidade de fechar as escolas, o prefeito da cidade determinou a interrupção das aulas nas escolas públicas e que a saúde do município passasse a oferecer os socorros em domicílio²⁹⁶.

Assim, após tal orientação, a cada dia, as notícias traziam os nomes das escolas que comunicavam o encerramento de suas atividades: o Lyceu Rio Branco, o Instituto Lafayette e o Colégio Pedro II²⁹⁷. Na sequência ao fechamento dos espaços escolares, as notícias dos impressos do Rio de Janeiro também falavam da transformação das escolas em hospital. Entretanto houve diferenças com o que aconteceu em São Paulo, segundo

²⁹³ Correio da Manhã, 14.10.1918, p. 1.

²⁹⁴ Correio da Manhã, 12.10.1918, p. 3.

²⁹⁵ Correio da Manhã, 15.10.1918, p. 3.

²⁹⁶ Correio da Manhã, 17.10.1918, p. 1.

²⁹⁷ Correio da Manhã, 15.10.1918, p. 3.

registros nos periódicos e estas são percebidas na maneira como os jornais transmitiram as notícias.

Nos impressos paulistanos, as informações sobre as escolas que adaptaram seus espaços em hospitais provisórios receberam maior destaque. As informações a respeito destes locais foram muito propagadas pelos periódicos e organizadas de forma sistemática em quadros, ao longo dos dias da semana, inclusive mostrando a quantidade de pessoas atendidas e o espaço de lotação das escolas para receber, ou não, mais atendidos²⁹⁸. Esta dinâmica não se verificou nos impressos fluminenses.

Dentre os jornais que compuseram nosso banco de dados, o *Correio da Manhã* foi o único que continha as informações mais claras sobre o fechamento das escolas e a transformação de alguma delas em hospitais no Rio de Janeiro. Todavia estes dados não foram tabulados e apresentados em tabelas como visto, por exemplo, no jornal paulistano OESP. Tais informações estavam localizadas na leitura das reportagens que tratavam sobre o avanço da “espanhola” pela cidade.

O espaço escolar se transformava em uma enfermaria com todos os que lá já estavam estudando: “a Escola Militar do Realengo tem sido afetada pelo mal. Há ali uns duzentos alumnos atacados. Os nossos jovens militares estão sendo recolhidos às salas de aulas, transformadas em enfermarias”²⁹⁹.

Nas escolas do Rio de Janeiro também ocorria a ação dos inspetores médicos escolares e, durante a pandemia, eles começaram a atuar dentro das unidades educativas a partir da prestação de consultas nas escolas públicas do município em que atuavam. As notícias mostravam que, além do cuidado aos gripados, os médicos escolares faziam o serviço de vacinação e revacinação nos cidadãos³⁰⁰.

Diferentemente do que ocorreu com os impressos publicados em São Paulo, não houve matérias jornalísticas contendo os endereços específicos dos hospitais provisórios pelo estado do Rio de Janeiro. Mesmo assim, foi possível destacar que as principais regiões do estado receberam o atendimento de tais unidades médicas, tais como: Praça 11 de Junho, Ramos, Meyer, Engenho de Dentro e Deodoro³⁰¹.

²⁹⁸ Vale destacar que, diante desta organização dos impressos paulistanos, foi possível estruturar as informações sobre as escolas que viraram hospitais e seus endereços em uma tabela, conforme os registros contidos na Tabela 4.

²⁹⁹ *Correio da Manhã*, 15.10.1918, p. 3.

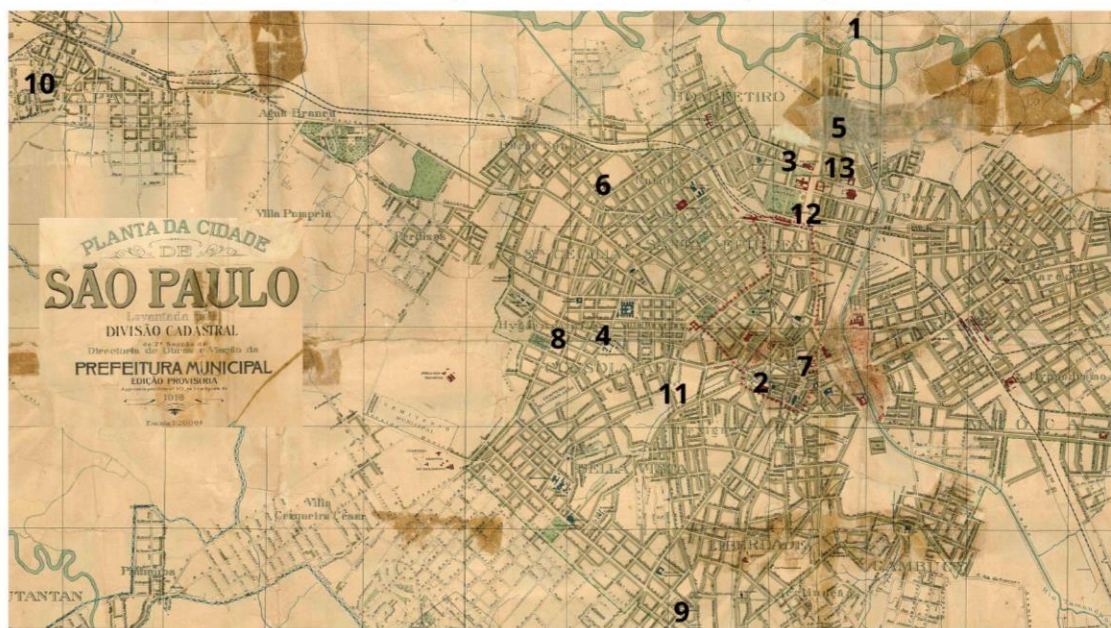
³⁰⁰ *Correio da Manhã*, 16.10.1918, p. 1.

³⁰¹ *Correio da Manhã*, 23.11.1918, p. 1.

Ao analisarmos as localidades em que os hospitais provisórios de São Paulo e do Rio de Janeiro foram montados, percebemos que a localização dos hospitais, pelos bairros escolhidos, priorizava a região central. A Figura 44 traz-nos um mapa de São Paulo daquele período, com a localização dos colégios e das escolas que se transformaram em hospitais, tornando possível termos uma visualização espacial das áreas que receberam assistência hospitalar na cidade, com mais clareza.

Figura 44 – Localização das escolas-hospitais – Cidade de São Paulo (1916)

Levantada pela Divisão Cadastral da 2ª Secção da Diretoria de Obras e Viação - Edição Provisória Ato 972/1916



Legenda

- | | |
|--|--|
| 1 - Grupo Escolar Sant'Anna | 8 - Hospital do Mackenzie College |
| 2 - Hospital Collegios Missionarios | 9 - Hospital do Collegio de São Luiz |
| 3 - Hospital do Collegio "Santa Ignez" | 10 - Hospital do Grupo Escolar da Lapa |
| 4 - Hospital do Collegio Sion | 11 - Hospital do Collegio Des Oiseaux |
| 5 - Hospital do Collegio Diocesano | 12 - Hospital do Grupo Escolar Pudente de Moraes |
| 6 - Hospital do Grupo Escolar da Barra Funda | 13 - Hospital do Grupo Escolar Regente Feijó |
| 7 - Hospital do Gymnasio do Carmo | |



Escala 1:20.000
Elaborado por André
Condes Ferreira

Fonte: Planta da cidade de São Paulo levantada pela Divisão Cadastral da 2ª Secção da Diretoria de obras e Viação da Prefeitura Municipal – 1, Acervo do Museu Paulista da USP.jpg. Arte criada pelo autor. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Planta_da_Cidade_de_S%C3%A3o_Paulo_Levantada_pela_Divis%C3%A3o_Cadastral_da_2%C2%AA_Sec%C3%A7%C3%A3o_da_Diretoria_de_Obras_e_Via%C3%A7%C3%A3o_da_Prefeitura_Municipal_-_1,_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg#metadata Acesso em 10.04.2023.

Há maior concentração de unidades hospitalares provisórias nos números 8, 4, 11, 2 e 7, correspondentes, respectivamente, ao Mackenzie College, Collegio Sion, Collegio Des Oiseaux, Collegios Missionarios e Gymnasio do Carmo.

Após estes colégios, analisamos mais algumas outras unidades educativas mais para as regiões norte e leste da cidade, especificamente sinalizadas com os números 5, 3, 13, 12 e 1. Um pouco mais afastados, mais ainda contornando a região central, encontravam-se os Colégios São Luiz (região da Avenida Paulista) e o Grupo Escolar da Barra Funda. Mais distante ainda, o Grupo Escolar da Lapa.

Portanto, é interessante observar tais pontos para que tenhamos a compreensão dos locais da cidade que possuíam, inicialmente, escolas. Como medida de emergência ao oferecimento de mais localidades para o tratamento da população, estes espaços foram escolhidos para abrirem hospitais. Mas, antes disso, eram espaços de educação.

O fato de estarem mais concentrados nestas regiões da cidade nos mostra como estas localidades paulistanas foram zonas específicas que se dedicaram ao oferecimento da instrução pública que, espalhadas pela cidade, facilitaram o deslocamento em busca de atendimento hospitalar. Portanto, delimita-se que tais dados apresentam alguns dos eixos de desenvolvimento de São Paulo naquele contexto histórico.

Bertolli Filho (2003) destacou a principal característica da cidade de São Paulo no começo da segunda década do século XX: ter deixado de se configurar como um burgo pobre e pequeno e se apresentar aberto para uma região voltada à imigração que foi trabalhar nas lavouras de café e que contribuiu para o desenvolvimento econômico desta região. Os dados que o autor destacou revelaram que a cidade já passava de meio milhão de habitantes naquele período.

Concentrando cerca da oitava parte de toda a população paulista, assim como expressiva parcela do parque industrial do Estado, São Paulo tornou-se a expressão maior da indústria do Brasil, a promessa de uma terra do progresso. Cognominada “Chicago Brasileira” e vista como ‘um pedaço da Europa transplantado nos trópicos’, cuja população constituía os ‘yankees da América do Sul’, a Paulicéia era registrada pelos viajantes que aqui chegavam no decorrer das primeiras décadas do século passado como o exemplo mais acabado do progresso material e da ‘civilização’ no Brasil (BERTOLLI FILHO, 2003, p. 36).

Como “expressão maior da indústria do Brasil”, como o autor frisou, a cidade passou por um amplo processo de transformação espacial que modificou sua realidade e fez com que seus espaços físicos se modernizassem, a fim de atender as novas demandas econômicas e sociais impostas. Nessa perspectiva, foram realizadas melhorias urbanas que contemplaram: “a retificação e a expansão dos sistemas de água

e esgoto, a iluminação e o alargamento das principais ruas e avenidas e a construção de pontes e novos edifícios públicos” (BERTOLLI FILHO, 2003, p. 36). Contudo, mesmo diante de certas melhorias, a cidade não conseguiu dar conta da demanda de doentes durante a pandemia de 1918.

Aconteceu de modo similar, em relação à surpresa do contágio, com a cidade do Rio de Janeiro:

A cidade, porém, encontrava-se totalmente despreparada para uma emergência epidêmica. Não havia lazaretos para isolar os atingidos, uma vez que a quarenta nosocomial era considerada obstáculo ao tráfego comercial e ao deslocamento da mão-de-obra. O lazareto da Ilha-Grande, única estação quarentenária ainda existente no país, situada no litoral fluminense, encontrava-se totalmente desapercebido. Não possuía instalações, nem material flutuante para as inspeções sanitárias dos navios que atracavam no porto. Os hospitais da cidade não possuíam leitos, remédios, nem médicos suficientes para dar combate ao mal (GOULART, 2003, p. 35).

A autora, a partir de uma notícia publicada pelo jornal *O Paiz*³⁰², considerou que a gripe de influenza possa ter se manifestado no Rio de Janeiro antes mesmo do mês de setembro de 1918 e que a melhoria na condição dos transportes tenha sido a motivação para que a moléstia se espalhasse. Um dos pontos principais da pesquisa de Goulart (2003) foi a apresentação da condição do estado dos serviços de serviço de saúde pública do Rio de Janeiro: seus hospitais não possuíam leitos, remédios e médicos suficientes para controlar a crise social instaurada e, sendo a capital do país à época, tratava-se de uma situação ainda mais vergonhosa.

4.6 Registro fotográfico e outras histórias das escolas-hospitais

Foi identificada foto de apenas uma escola-hospital dentre todos os registros que mostravam o funcionamento das escolas transformadas em hospitais provisórios. De todas as publicações dos jornais e das revistas selecionados, encontramos o registro fotográfico sobre o funcionamento de um hospital provisório em uma unidade educativa apenas no Colégio Sion, em São Paulo (Figuras 45 e 46), publicadas pela revista *A Vida Moderna*.

³⁰² O Paiz, 05.08.1918, p. 3.

Figura 45 – Fotografia de uma escola-hospital – Colégio Sion



Fonte: A Vida Moderna, 26.11.1918, p. 12.

A legenda da fotografia apresentada pela Figura 45 traduziu a cena registrada. Mostra-se um aspecto do hospital instalado no Colégio Sion e revelou que o Sr. Dr. Carlos Botelho o conduz como diretor. Na imagem, vemos cinco camas dispostas lado a lado e, em uma delas, aparenta-se ter um corpo deitado. Nas outras macas, vemos a presença de duas crianças sentadas. Inclusive, uma delas aparenta ter pouca idade e uma feição de abatimento.

O hospital se apresenta branco, limpo, arejado, com enfermeiras cobertas de branco também. Características que fizeram a legenda da foto defini-lo como: "edifício esse que é um dos maiores e mais modernos de São Paulo". Nesta cena, o médico está centralizado e sabemos que as crianças não são alunos do colégio, pois este era internato de moças.

Na Figura 46, observa-se a cena do mesmo hospital provisório montado nas instalações do Colégio Sion. Nela, há a figura de uma mulher com trajes de enfermeira. Ao redor, vê-se duas pessoas deitadas e cobertas. Ao seu lado, um paciente está sentado e aparenta tomar uma medicação.

Figura 46 – Fotografia de uma escola-hospital – Colégio Sion



Fonte: A Vida Moderna, 23.11.1918, p. 31.

Há escolas-hospitais que só atendiam crianças. Este era o caso do hospital do “Collegio ‘Des Oiseaux’” Em 17 de novembro de 1918, a notícia catalogava que sete novos pacientes no ‘Des Oiseaux’ haviam dado entrada, instituição esta que já abrigava 38 crianças, sendo que, no dia citado, uma delas havia falecido³⁰³.

São de admirar o zelo, o carinho e o cuidado das dedicadas irmãs desse collegio no tratamento dispensado, sem cessar, dia e noite, a essas criancinhas. Nada ali falta, lançando-se mão até do recurso de procurar amas para darem leite aos recém-nascidos. Há dois médicos assistentes: os drs. Chiaffarelli e Mario M. Silva (CORREIO PAULISTANO, 20.11.1918, p. 3).

As irmãs a que o texto faz referência são da congregação da Ordem dos Regrantes de Santo Agostinho. O “Collegio ‘Des Oiseaux’” foi o exemplo que abriu o presente capítulo. Neste momento, novamente o referenciamos, pois as matérias mostravam como foi a rotina deste hospital exclusivo para o atendimento de crianças com até oito anos de idade e com horário de funcionamento das seis às 20 horas³⁰⁴. Um dos pontos mais destacados foi a ampla assistência de donativos que ele recebia.

³⁰³ O Estado de S.Paulo, 18.11.1918, p. 4.

³⁰⁴ Correio Paulistano, 23.11.1918, p. 3.

As edições dos jornais traziam as informações dos nomes das pessoas que faziam suas doações para este colégio: a “menina Benedicta Carmen Vieira de Sousa”, filha do “Sr. Nelson Vieira de Sousa”, oferecia, diariamente, dois litros de leite para os pequenos internados neste hospital. Da mesma forma, conhecemos o nome da “Senhorita Lucilla Soares de Camargo” que, segundo o jornal *Correio Paulistano*, fez doação de sete variadas peças de roupas. Por fim, também foi registrada a doação do “Dr. Carlos Magalhães”, que enviou 24 latas de leite condensado³⁰⁵.

Vemos, então, como a rotina de um hospital provisório foi registrada em seus detalhes pelos periódicos da época. Neste ponto, vê-se, mais uma vez, o nome das pessoas que faziam as doações publicado. Além disso, destaca-se que dois professores que nele atuavam, foram mordomos do hospital: o “Professor Raphael Cavalheiro” e seu auxiliar, o “Professor Antonio Rodrigues”³⁰⁶.

Não apenas no hospital do “Des Oiseaux” houve professores que trabalharam como mordomos. No pronto-atendimento montado no “Gymnasio do Carmo”, por designação do Diretor de Instrução Pública de São Paulo, Dr. Oscar Thompson, os professores “Carlos Braga” e “Miguel Paulo Capalbo” foram designados para esta função no referido hospital provisório³⁰⁷.

Vemos que, muito mais do que apenas as instituições escolares cedendo seus espaços para a instalação de hospitais provisórios, foi o desempenho dos professores em colaboração direta para auxiliar na condução da crise de saúde pública que se estabeleceu com a pandemia. Seja atuando diretamente na rotina dos hospitais-escolas, seja promovendo outros tipos de inserções, como organizador da rotina de tais estabelecimentos provisórios, entre outros.

Na matéria veiculada no *Correio Paulistano*, lemos, por exemplo:

Ao apelo do sr. professor José Maria de Avila, no sentido de fazer uma subscrição cujo produto reverteria parte em beneficio das victimas da epidemia e parte em prol dos professores e de suas famílias que, porventura, venham a ser atacadas pela gripe, o magistério do Estado tem correspondido de maneira animadora. O sr. José Maria de Avila, em sua residencia, á rua Araujo, 33, continua a receber donativos. Eis a lista dos recebimentos de hoje (CORREIO PAULISTANO, 17.11.1918, p. 3).

³⁰⁵ *Correio Paulistano*, 23.11.1918, p. 3.

³⁰⁶ *Correio Paulistano*, 20.11.1918, p. 3.

³⁰⁷ *O Estado de S.Paulo*, 18.11.1918, p. 4.

O jornal divulgou os nomes de cada um dos doadores, bem como a quantia depositada por eles. Por este exemplo, observamos como o magistério paulista teve protagonismo nas ações contra a influenza. No caso do Sr. José Maria de Avila, sua atitude foi de arrecadar dinheiro para ajudar os infectados e, o mais interessante, auxiliar também os próprios professores contaminados e suas famílias.

No Rio de Janeiro, constatamos professores com a mesma postura. No caso, a notícia veiculada diz respeito aos professores municipais. Em uma edição da *Gazeta de Notícias*, o título se destacava: “Luto e lagrima”³⁰⁸. Nessa página do periódico, é possível verificar outras expressões que analisamos em nosso trabalho: “o mal de Seidl que ‘dizimava’ a população” e a “marcha da epidemia” – a referência a Carlos Seidl e às expressões bélicas nos referenda como elas foram amplamente utilizadas pela imprensa da época. Mas, nesta matéria jornalística, o destaque que fazemos foi para a notícia de que os professores públicos municipais resolveram, por conta própria, abrir novos postos de socorros³⁰⁹.

Como mais um exemplo do protagonismo assumido pela classe docente, os professores, segundo o jornal, tomaram a iniciativa de instalar 23 novos postos, cada um em um distrito, cujos suprimentos necessários seriam discutidos, posteriormente, com o prefeito. Alguns desses novos locais se encontravam em escolas, sendo elas identificadas por seus nomes ou pelos nomes das ruas em que estavam localizadas: Escola Barth; Escola da Rua Senador Octaviano; Escola da Rua Santa Christina; Escola do Morro do Castello; Escola Tiradentes; Escola Affonso Penna; Escola Prudente de Moraes; Escola da Rua São Francisco Xavier; Escola Ibiturana e Bella de S. João³¹⁰.

A relação dos postos criados pelos professores nos revela que o Rio de Janeiro também teve uma quantidade significativa de escolas transformadas em hospitais provisórios, cujo funcionamento foi garantido pela atuação direta dos professores que arrecadavam dinheiro e atuavam dentro de seus espaços.

Como as notícias indicaram, houve professores atuantes como mordomos nos hospitais provisórios. A eles, inclusive, houve a recomendação, na cidade de São Paulo, feita pelo Diretor de Instrução Pública, Dr. Oscar Thompson, de que fizessem um inventário de todos os móveis e os utensílios de dormitório, copa e cozinha, assim como

³⁰⁸ *Gazeta de Notícias*, 28.10.1918, p. 3.

³⁰⁹ *Gazeta de Notícias*, 28.10.1918, p. 3.

³¹⁰ *Gazeta de Notícias*, 28.10.1918, p. 3.

das roupas e outros objetos fornecidos, pelo governo do estado para montar a estrutura destes hospitais provisórios, pois era objetivo que estes materiais fossem utilizados, após a pandemia, nos hospitais efetivos de São Paulo e do interior³¹¹.

Mesmo com toda a estrutura disponível nos hospitais provisórios montados, a situação da pandemia se tornara ainda mais delicada quando da publicação de uma notícia que apresenta uma informação trágica: a morte de um aluno.

Segundo o cálculo de um ilustre clínico desta capital, existem actualmente no Rio cerca de 20 mil pessoas atacadas de gripe hespanhola. Victima desse mal faleceu o alumno do Collegio Militar Mauro Sodré. Está também atacada de gripe a atriz Rosalia Pombo, que foi substituída na Mulata do Cinema pela sua colega Albertina Rodrigues (O COMBATE (SP), 14.10.1918, p. 3).

Ao considerarmos o “Collegio ‘Des Oiseaux’”, que só atendia a crianças, podemos refletir sobre o número de crianças infectadas que morreram neste local. Contudo, de todas as notícias de nosso banco de dados, há apenas o registro da reportagem acima transcrita, informando a notícia específica sobre a perda de um aluno, cujo nome se fazia desconhecido.

Há um número considerável de matérias jornalísticas que abordaram o fechamento das unidades educativas e sua transformação em hospitais provisórios. A reabertura das escolas não recebeu o mesmo tratamento editorial. Este processo não ganhou o mesmo destaque pelos veículos de comunicação.

Na edição de final de novembro de 1918, do jornal *Correio Paulistano*, foi publicada uma nota de duas linhas sobre a reabertura de escolas. Referente ao Rio de Janeiro, ela dizia: “Começaram a reabrir as suas aulas muitos collegios desta capital”³¹². Esta foi a única notícia, em formato de nota, que identificamos contendo a informação sobre o retorno das atividades das instituições de ensino, ainda no mês de novembro do fatídico ano de 1918, momento em que já começavam a circular notícias indicando um período de desaceleração da doença.

Foi observado que os impressos, naqueles idos de 1918, já estavam concentrados em pautas distintas do que se via até então. Em vez de noticiarem a rotina dos hospitais provisórios instalados nas escolas ou de apresentar as ações caritativas feitas pelos professores, os jornais deixavam de lado a pandemia e informavam questões muito

³¹¹ O Estado de S.Paulo, 16.11.1918, p. 4.

³¹² Correio Paulistano, 04.11.1918, p. 3.

específicas e próprias da rotina da instrução pública, como um protesto de professoras normalistas em razão de um projeto no Conselho Municipal do Rio de Janeiro que criava o quadro de funcionários dos auxiliares de ensino em detrimento daqueles que cursaram a Escola Normal³¹³.

Neste capítulo, adentramos às informações mais específicas de como a instrução pública de São Paulo e do Rio de Janeiro foram afetadas com a pandemia de influenza. Mais do que isso, como as instituições de ensino se transformaram em verdadeiros polos de ajuda em meio a um cenário de desarticulação social, de alguma forma provando certa vocação higiênica de seus espaços que foram adaptados para serem hospitais. Mais uma vez, ficou marcado o cumprimento da função de voluntarismo e solidariedade na escola, estando ela como hospital, funcionando por caridade e abnegação, o que segundo os jornais, eram atitudes louváveis.

³¹³ O Imparcial, 23.12.1918, p. 4.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentando um panorama de como a imprensa periódica dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro realizou a cobertura jornalística da pandemia de influenza que eclodiu no segundo semestre de 1918, popularmente conhecida pela alcunha de “gripe espanhola”, foi possível apreender como a imprensa daquele período noticiou a tragédia da pandemia de influenza, que matou no mundo algo em torno “de 20 a 100 milhões de pessoas” (KOLATA, 2002, p. 17).

A partir da construção de um banco de dados com as notícias disponíveis em 28 impressos – jornais e revistas de São Paulo e do Rio de Janeiro – que se encontravam digitalizados na Hemeroteca Digital Brasileira e no acervo particular do jornal OESP, percebemos que a pandemia de influenza foi contada de maneira distinta pelos periódicos, valendo-se da proposição elucidada por Barros (2023, p. 45), de serem os jornais instrumentos e campos de luta e que, ao analisá-los, é possível desvelar os interesses políticos e sociais que o permeiam.

Dessa forma, observamos a imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro por jornais e por revistas de perfis editoriais bem variados e destinados a públicos leitores igualmente distintos. Não era interesse deste trabalho saber as condições de apropriação do texto, mas foi possível observar pelas marcas de edição a que público era destinado os respectivos periódicos estudados e qual seria a história da pandemia contada por eles.

Ao analisarmos alguns exemplos de primeiras capas de jornais, percebemos abordagens variadas a respeito da “gripe espanhola”, fosse em conteúdo ou no formato da apresentação da notícia, nos projetos gráficos das edições. Neste sentido, o de fazer uma análise sobre a posição dos periódicos frente à pandemia, compreendeu-se que ela foi construída por múltiplas facetas e que uma doença não é algo simplesmente dado por uma existência biológica catalogada, mas existe por uma condição social que a torna tangível, pela presença do medo e, também, pelas histórias que se contam dela.

Sontag (1977), por meio de suas reflexões sobre as metáforas assumidas pelas doenças, conduziu-nos à observação das marcas de representação empregadas para se referir à “espanhola”. Além desta expressão que marcou o nome da doença de forma pejorativa, constataram-se nas notícias veiculadas pela imprensa periódica outras referências para a influenza de 1918: “peste”; “mal de Seidl”; “febre das trincheiras”, entre outros nomes. Para além destes termos, observaram-se expressões que ligavam o

controle da pandemia a um conflito bélico: “guerra”; “combate”; a “marcha da epidemia”; a “epidemia reinante”, etc. Todas essas marcações foram entendidas como elementos que propagaram o medo entre os cidadãos e os responsáveis pela construção de uma imagem, para o público leitor dos jornais e das revistas, sobre o que seria aquela manifestação de influenza em 1918.

Um dos principais assuntos dessas notícias diziam respeito às transformações da cidade diante do surgimento de uma nova manifestação da influenza, mas que detinham características desconhecidas e que a fizeram muito mais transmissível e mortífera. O trabalho mostrou como os jornais e as revistas selecionaram os conteúdos que apresentariam sobre a “gripe espanhola”, como a vida urbana estando transtornada por uma penetra indesejável: crise de abastecimento; duas cidades esvaziadas; usufruto improvisado de alguns aparelhos públicos e privados; aulas suspensas e os prédios escolares transformados em hospitais provisórios; uma espécie de “salve-se quem puder”.

Jornais de São Paulo como OESP e o *Correio Paulistano*, mais alinhados aos interesses governamentais, não publicaram em suas páginas, ao longo de todo o período de vigência da pandemia, manchetes a respeito do assunto. De maneira indistinta, o periódico *O Combate (SP)*, de cunho anarquista, e o jornal carioca *Correio da Manhã*, mais popular, foram canais de críticas às ações governamentais e apresentaram notícias que se destinavam mais aos trabalhadores e à população em geral.

Por suas páginas, concluímos que os impressos cumpriram um papel orientador na divulgação das medidas profiláticas anunciadas pelo Serviço Sanitário do governo federal e outros grupos, principalmente instituições científicas e médicos, imediatamente identificados com a ciência, o conhecimento mais preciso, a higiene. Ao mesmo tempo em que publicavam orientações ao povo, por meio de colunas que se tornaram fixas em suas edições diárias, procedimento de conduta: a evitar os lugares com muitas pessoas, além de reforçar medidas de higiene pessoais etc. A questão que transpareceu nesta pesquisa foi o fato de que nem todos os cidadãos de São Paulo e do Rio de Janeiro recebiam as orientações da mesma maneira, levando-se em consideração as diferenças sociais que marcavam a sociedade urbana e as variações de conhecimento sobre a própria doença.

Frente a uma situação de carestia e de privações piorada devido à pandemia de influenza, as revistas de variedade divulgavam fotografias nas quais se registrou o povo em busca de comida e de suprimentos que se tornaram escassos. Ao mesmo tempo,

alguns impressos revelavam as atividades caritativas realizadas por determinados grupos sociais. Algumas vezes mostrando que a ação de voluntarismo caridoso era esperada socialmente, não apenas entre as classes abastadas. No entanto, os impressos, como as revistas *A Vida Moderna* e *Fon-fon*, documentaram os trabalhos de caridade feitos pelos mais ricos aos menos favorecidos. O que prevaleceu na cobertura jornalística foi a divulgação de como as elites paulistas e cariocas se envolveram em trabalhos voluntários de distribuição de comida, sendo eles e elas registrados e divulgados pelos jornais que compactuavam dos mesmos interesses.

A pesquisa mostrou que determinados impressos, como OESP, envolveram-se em atividades filantrópicas ilustrativas de sua condição de representação política e de classe, como algo que é próprio deles. Há ganhos sociais em se autorrepresentar como uma empresa que atua na sociedade, em um momento de crise social e de saúde pública. Esse tipo de voluntarismo aconteceu diante do fato de o poder público, à época, ter sido mostrado como desorganizado, sectário, letárgico, não conseguindo dar conta das demandas sociais impostas em meio à tragédia.

Ou seja, diante de uma enfermidade que começou a se espalhar de maneira rápida pelas cidades brasileiras, especificamente as de São Paulo e do Rio de Janeiro, o que a imprensa periódica mostrou foi uma inaptidão do estado, em diferentes instâncias legislativas, em não se apresentar realmente como tal. Vemos que no início do século XX, expressões como “estado nacional” e “republicanismo” estão no plano das ideias, solapados como algo em processo lento, uma verdade já sabida por outros eventos, mas evidente diante do susto da pandemia.

A concepção que se poderia ter sobre poder público se encontrava, durante a “espanhola”, mancomunada com ações de uma elite política que passou a ser a provedora de assistencialismo ao povo no lugar daquilo que o próprio estado, como instituição impessoal, não conseguia prover. Assim sendo, diante desse cenário, seja o nome que possamos dar para tais ações: filantropia; “samaritarismo”; “benevolência” ou apoio; ainda vimos que era isso o que existia, na imprensa, como assistência aos mais pobres.

Concomitante à publicação dos atos de caridade que se manifestavam nas cidades, junto com as orientações protetivas para não se contaminar pela influenza, constatamos que a imprensa periódica fez entrevistas com médicos e sanitaristas; publicou posicionamentos a respeito do avanço da pandemia e ouviu cientistas a respeito das causas da doença. Enfim, concluímos que ela se estabeleceu como um canal

de difusão dos conhecimentos científicos disponíveis naquele período e de formação de um específico público leitor de ciências. A imprensa não deixou de divulgar uma série de remédios; tratamentos milagrosos, “poções” que prometiam cura da influenza, apontados como produtos farmacêuticos, muitas vezes por classificados pagos. Como ilustrações, relembramos as “Balas Peitoraes”³¹⁴, os chamados “Sal de Uvas”³¹⁵, a “Emulsão de Scott”³¹⁶, entre outras. Isso, sabemos, conviveu com os preparados feitos por produtos naturais, reunidos em um âmbito de saberes populares, não validados pelos especialistas, mas que não deixaram de circular entre os cidadãos e de serem registrados pelos jornais e pelas revistas, como se vê, por exemplo, na divulgação de se tomar pinga com limão, algo conhecido como “caninha do ó”³¹⁷.

O que este trabalho mostrou foi como se deu o desenvolvimento de uma pandemia em um momento no qual a ciência profissional se encontrava em processo de coalização de conhecimentos. A “espanhola” atingiu o país no período em que os conhecimentos científicos se estabeleciam e conquistavam reconhecimento, utilizando-se, como visto, dos impressos como veículos de divulgação e montagem públicas de representações sobre esse saber.

Este contexto social nos leva a pensar sobre as pessoas comuns e como elas se comportaram ao longo da pandemia de 1918. Assim, para além de como os jornais apresentaram as notícias sobre a “espanhola” e descontados os embates que os periódicos travaram entre si dados seus posicionamentos políticos e ideológicos, o que a presente pesquisa também mostrou foi o fato de que as pessoas comuns tentavam fazer o possível para se salvar daquela tragédia.

Esta pesquisa evidenciou que, em situações complexas, ou seja, em meio ao caos, iniciou-se uma auto-organização capaz de encaminhar e tentar solucionar os problemas sociais e sanitários surgidos, neste estudo, o caso de uma pandemia. Isso significa mostrar o que os sujeitos são capazes de se estruturar, coletivamente, diante da calamidade pública instaurada, para se salvar e para ajudar os próximos, buscando algum laço de comunidade, salvando-se. Isso mostra que a ideia de cidadania é uma batalha, mas também faz emergir esse potencial de organização social, quando a situação se apresenta caótica.

³¹⁴ Fon-fon, 02.11.1918, p. 56.

³¹⁵ Fon-fon, 02.11.1918, p. 56.

³¹⁶ Correio da Manhã, 26.11.1918, p. 3.

³¹⁷ O Estado de S.Paulo, 29.10.1918, p. 5.

Um exemplo concreto que este trabalho projetou pode ser aferido com as notícias que indicaram o fechamento das unidades educativas, por determinação governamental, como uma prerrogativa para o controle do número de contaminação nas cidades. Uma vez encerrado o ano letivo e as atividades escolares, as instalações das escolas se transformaram em hospitais provisórios e passaram a atender o público, principalmente infantil, contaminado pela influenza. As matérias jornalísticas mostraram os trabalhos que os professores passaram a desenvolver, de forma voluntária, dentro das escolas que antes lecionavam. Eles atuaram como mordomos e prestaram serviços de enfermagem, sem contar os trabalhos de arrecadação de dinheiro e suprimentos que foram noticiados para a manutenção desses espaços. Há precariedade política neste tipo de improviso. Mas, tornar escolas, principalmente internatos, hospitais, conjuntamente à operação entre pessoas e diferentes profissionais, aconteceu pela necessidade imediata e, até onde se sabe pelas reportagens, salvou vidas.

Empiricamente, a presente pesquisa não conseguiu demonstrar a quantidade de docentes que assim atuaram, mas esse estudo faz lembrar que o professorado, como corpo profissional e oficial do estado, não é de hoje, assume funções para além do que deveria. Contudo, a partir deste tipo de ação docente, observamos a constituição de organizações pessoais que, utilizando-se das tecnologias disponíveis naquele momento histórico, trabalharam para reverter um quadro de desorganização social.

Desse modo, concluímos que as escolas, para além de terem sido hospitais provisórios, fizeram-se verdadeiras comunidades que, por suas prerrogativas higiênicas, transformaram-se em organizações sociais para o bem comum: salvar vidas. Evidente que foram, em primeiro lugar, ações motivadas por uma situação de sobrevivência em meio a uma tragédia, mas também podemos entendê-las como resultado do que as catástrofes produzem, no seio do tecido social, quando se manifestam. Algo que Solnit (2020) definiu como a construção do “paraíso” em meio ao “inferno”.

Além desse exemplo constatado nas notícias, percebemos que, na rotina das cidades, em meio aos acontecimentos da influenza e, até mesmo, a partir do contato com os conhecimentos higiênicos mais divulgados neste período, outras maneiras de organizar a vida surgiram. Pudemos ver essas novas formas de organização social quando verificamos as notícias publicadas pela imprensa a partir do ano de 1919. Ao analisá-las, temos contato com práticas e empreendimentos efetivados em São Paulo e no Rio de Janeiro, frutos e resultados de viver uma pandemia.

A primeira constatação é que a difusão dos conhecimentos científicos permaneceu no ano seguinte à pandemia. As notícias revelaram que os jornais e as revistas continuaram a publicar matérias com conteúdos ligados à ciência e à medicina. Desta forma, podemos concluir que uma emergência sanitária como a causada no período da “espanhola” foi um acontecimento que marcou uma tendência nos jornais e nas revistas nacionais de noticiar, ainda mais, as informações pertinentes sobre as questões relacionadas à higiene, à saúde e ao combate de doenças pela população.

Em março de 1919, a notícia que circulou dizia respeito à abertura do hospital de Manguinhos, no Rio de Janeiro. O título da matéria já era expressivo: “Pelos melhoramentos da capital”³¹⁸. Ao informar sobre a visita do senhor prefeito da cidade, Dr. Paulo de Frontin, ao subúrbio, o jornal mostrava como a ideia da melhoria dos espaços públicos era presente e uma necessidade para o controle das doenças e da manutenção da higiene no espaço urbano, valores que foram reforçados após a manifestação da “espanhola” e que se perpetuaram como tendência de comportamento para o qual as pessoas já haviam sido orientadas.

O destaque que a notícia dava era para o hospital de Manguinhos, “destinado á cura e ao estudo das doenças tropicaes”³¹⁹. Segundo a reportagem, o hospital ainda se encontrava em obras, mas, ao visitá-lo, o prefeito do Rio já conseguiu ter acesso a alguma de suas alas em funcionamento, constatando as melhorias que ele traria para a capital do país. Guiado pelo Dr. Carlos Chagas, ele passou por vários laboratórios, viu a produção de vacinas e a fabricação do quinino, a mesma substância que vimos ter sido muito citada e usada pelos cidadãos na esperança de cura da influenza³²⁰.

Para além das notícias jornalísticas, vemos que a valorização das atividades científicas se fez tônica predominante ao final da segunda década do século XX. No documento de prestação de contas do ano de 1918, entregue à Assembleia Legislativa, o presidente do estado de São Paulo, Altino Arantes, apontou o avanço da frequência das pessoas ao Instituto Pasteur. Naquele ano, 1460 pessoas deram entrada no Instituto, em relação aos 910, em 1916³²¹.

De igual maneira, no mesmo relatório, Altino Arantes enumerou o trabalho desenvolvido pelo Instituto Bacteriológico em 1918. Foram preparadas 30.000 vacinas

³¹⁸ Correio da Manhã, 28.03.1919, p. 3.

³¹⁹ Correio da Manhã, 28.03.1919, p. 3.

³²⁰ Correio da Manhã, 28.03.1919, p. 3.

³²¹ Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 14.07.1919, p. 35.

“anti-typhica” e foram fornecidas 17.956 doses, sendo 2.278 pessoas vacinadas³²². Também o Instituto Soroterápico foi destacado: “prestou, durante a gripe, relevantes serviços, fornecendo elemento therapeuticos para todos os hospitaes, instalados na capital e no interior”³²³.

O relatório elaborado por Altino Arantes, contendo uma síntese das atividades realizadas no fatídico ano de 1918, mostra como as instituições científicas da cidade, neste caso, São Paulo, trabalharam de forma intensa e ativa, fundamentalmente durante o período da pandemia de influenza. Portanto, quando verificamos que a imprensa, ao publicar os pareceres dos especialistas durante o período da “espanhola”, assim o fez diante de uma sociedade que introduzia a confiabilidade aos institutos científicos. Como analisado neste trabalho, em virtude da disseminação descontrolada da doença, eles foram colocados na berlinda. No entanto, as vozes de seus cientistas e a reprodução dessas ideias passaram pelos médicos e todos continuaram a ser divulgados pelos impressos e indicados como os instrumentos de orientação mais importantes ao povo.

Isso pelo fato de que, a convivência com as doenças não era um fator novo. Ao contrário. Já era parte da rotina do país que, ao longo dos anos, a partir do desenvolvimento de suas cidades, começou a reconhecer, incentivar e apoiar a ciência em detrimento dos conhecimentos, ditos, “amadores”. Reconhecemos que o período apresenta ainda um processo de profissionalização do cientista, cujo foco profissional é recortar a realidade de modo a questioná-la e, neste caso, prever ou curar doenças fatais. Percebe-se o já reconhecimento da ciência como prática que pode livrar as comunidades de doenças e malefícios dados pela nossa relação com o mundo natural e pela ignorância sobre a higiene entre nós mesmos.

As ilustrações foram usadas como forma de comunicação e expressão de dada realidade social. Nas considerações finais, ainda damos destaque a uma charge publicada pelo *O Malho* em 1923 (Figura 47).

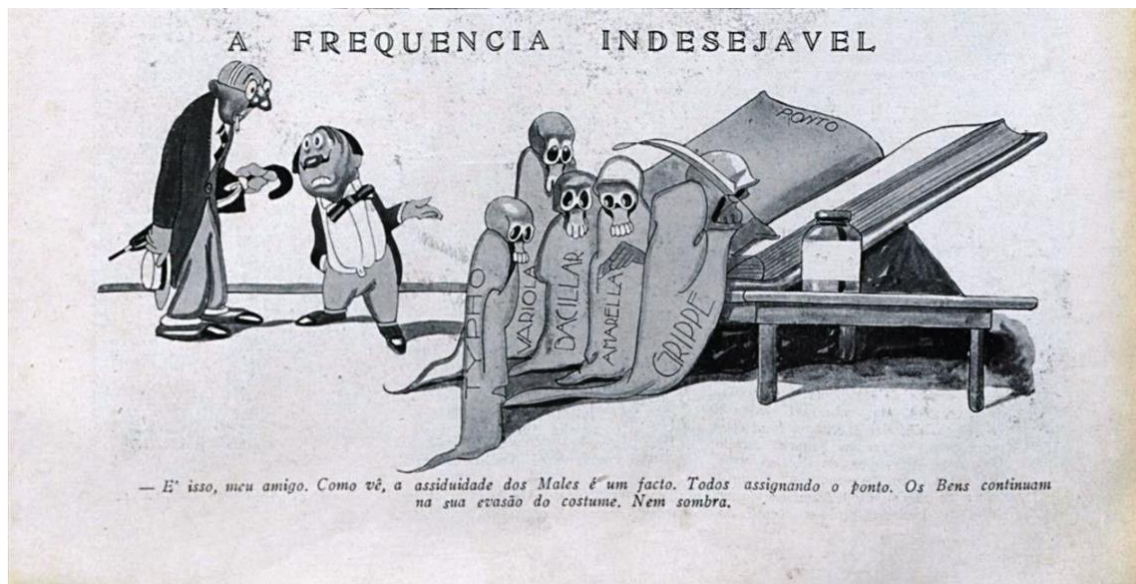
A legenda da ilustração nos diz: “a assiduidade dos males”. Na imagem (Figura 46), a gripe, o typho, a varíola, a “amarella” estão representadas com traço moderno, como enfileiradas para colocarem sua assinatura no livro ponto. É a “frequência indesejável” anunciada pelo título. Inevitáveis às doenças, uma a uma, manifestaram-se no país, ao longo da história, com seus graus variados de virulência. No presente caso,

³²² Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 14.07.1919, p. 33.

³²³ Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros, 14.07.1919, p. 33.

verificamos como a influenza, manifestada em 1918, assumiu contornos grandiosos, dado seu poder de transmissão e mortandade.

Figura 47 – A rotina das doenças no país



Fonte: O Malho, 1923, ed. 1069, p. 31.

Nas páginas dos jornais e das revistas, vimos materializada a representação da doença como um mal a ser combatido e enfrentado. Com alusão à guerra e às batalhas, em consonância a um período histórico marcado pelos acontecimentos finais da Grande Guerra, a “gripe espanhola” foi traduzida como um mal contra o qual se devia lutar com todas as armas possíveis.

O Sr. Azevedo Sodré, médico e político brasileiro, um dos secretários da revista *O Brazil-médico*, disse a respeito da situação do país naqueles dias pandêmicos:

Neste lutuoso momento, que vem atravessando o país, assolado pela gripe pandêmica que, além de perturbar profundamente toda a vida nacional, tem feito vítimas em numero assombroso, jamais atingido em época alguma de nossa história; nesse momento em que bem vivas ainda conservam as impressões de pânico, ansiedade, magoas, abandono e desolação gravadas no espírito de nossa gente pela visita dessa temerosa doença; nesse momento, em que por entre a desordem, a confusão e a anarquia, que aqui reinaram, presenciamos uma quase falência dos nossos serviços de higiene e assistências públicas, não é sem propósito que a Câmara volte a sua preciosa atenção para o problema do saneamento e da defesa sanitária do Brasil, procurando dar-lhe solução conveniente (O BRAZIL-MEDICO, 14.12.1918, p. 5).

Soma-se aos números altos de pessoas vitimadas pela doença a imagem da pandemia construída pela imprensa, seja pelos textos carregados de expressões bélicas, seja pelas ilustrações feitas ou pela divulgação das notícias as mais sensacionalistas possíveis sobre pessoas enterradas vivas, enlouquecidas ou que sofreram muito com a contaminação; o resultado que se seguiu foi o de pensar a melhoria do saneamento, mas não antes de reiterar que havia muito de improviso, desordem, confusão, “anarquia”.

Por isto, as valorizações da ciência e a melhoria dos espaços urbanos, que passariam a se pautar ainda mais pela estrita observação dos princípios de higiene, podem ser vistas como boas ideias e, quando assumidas, traduzem boas consequências deixadas pela pandemia de influenza, quando essas ações não são usadas para mais um lampejo autoritário do mais cultos. A declaração de Azevedo Sodré conseguiu resumir o cenário de doença, descontrolado, vivenciado em 1918 e, neste caso, o que fica é que o retorno de uma situação tão calamitosa como aquela deveria ser evitado de todas as formas.

Tanto que, na continuação de sua declaração, a proposta que o político fez foi, justamente, para a criação do Ministério da Saúde Pública³²⁴, ou seja, um órgão integrador que visaria: “reunir, em um só departamento, serviços dispersos e subordinados a autoridades diferentes, buscando remodelal-os, amplial-os e completal-os, instituindo um fundo especial para a obra do saneamento e a defesa sanitaria do Brazil”³²⁵.

Além de todas as proposições que a imprensa periódica elencou após o período da pandemia, observamos também que um tema era presente a partir de 1919: o temor do reaparecimento da doença ou o surgimento de supostos novos casos de influenza pelo país.

Em um período de dez anos, de 1919 a 1929, registramos 47 notícias que falavam sobre o reaparecimento da “gripe espanhola”, veiculadas em todo o território nacional. Em caráter de ilustração, seguem alguns exemplos: sobre novos casos surgidos na Europa: “O mundo pesteadado – a hespanhola reaparece”³²⁶ foi a manchete

³²⁴ A proposta da criação de um “Ministério da Saúde Pública” foi apresentada por Azevedo Sodré, no final de 1918, como uma das proposições feitas após a crise provocada pela pandemia de “gripe espanhola”. Contudo, de acordo com o sítio eletrônico oficial do Ministério, ele só foi criado, realmente, 35 anos depois, por meio da Lei n. 1920 de 25.07.1953. Fonte: <https://bvsmms.saude.gov.br/25-7-aniversario-de-criacao-do-ministerio-da-saude-3/> Acesso em 04.07.2023.

³²⁵ O Brazil-Médico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, 14.12.1918, p. 6.

³²⁶ O Combate (SP), 21.01.1920, p. 1.

usada pelo jornal; em 1923, também na página principal deste mesmo periódico, lia-se uma notícia que assim versava: “A gripe hespanhola acaba de fazer cerca de quarenta victimas, em uma semana, na capital do Brasil. É doloroso constatar que estão voltando os tenebrosos dias de 1918, tão dolorosamente lembrados por quase toda a família brasileira”³²⁷.

No periódico *O Brazil-Médico*, a maior parte de informações veiculadas a respeito da “espanhola” se centraram em entender as consequências que a influenza “espanhola” deixou para a sociedade e, principalmente, para que a classe médica-científica pudesse estudar suas consequências. Neste sentido, contabilizaram-se 14 reportagens que passaram por assuntos tais quaisas vantagens de fazer quarentena quando se está gripado³²⁸; a apresentação das estatísticas sanitárias da gripe que mostraram um coeficiente de vítimas fatais muito maior do que o registrado pela imprensa da época³²⁹ e, dentre todas as informações, um compêndio publicado, ainda em 1918, do Dr. Carlos Seidl. É oportuno apresentá-lo em virtude de seu caráter de síntese a respeito das características da influenza.

Dr. Carlos Seidl pede para que sejam inseridas em acta nove conclusões, que redigiu, sobre a epidemia de influenza que ora tanto preocupa a população. Falar sobre algumas dellas seria repetir o que se acha nos compendios. Ha conclusões que são axiomáticas e outras que precisam de provas. Si a Academia não as discutir, o orador tomará este silencio como acatamento a essas conclusoes que passa a ler: 1º. A influenza hespanhola é a simples influenza, synonymia de gripe. 2º. A gripe ou influenza é doença multi-secular, que, sob a forma pandemia e sob varias denominações, de quando em vez percorre o globo. Presentemente assim procede, tendo chegado até nós, depois de ter explodido em Dakar a 10 de Setembro. 3º. A gripe revela-se basicamente pela imediata intoxicação mais ou menos profunda, porém sempre duradoura do systema nervoso. Apesar de proteiforme, em seu quadro clínico, esse é o seu caracter pathognomonic. 4º. A gripe é a doença de maior diffusibilidade, contagiosidade e morbidade. 5º. Sem causa especifica única demonstrada, a gripe é, sem duvida, de causa microbiana, única ou múltiplice, sobre a qual actuan influencias metereologicas morbigenas. 6º. A epidemiologia registra a existencia, em toda parte do globo, da gripe nostras, menos difusível e de menor contagio do que a gripe pandêmica. 7º Tentar impedir a invasão pela gripe ou influenza de uma região ou de uma cidade, é procurar resolver um problema actualmente insolúvel, é um sonho, uma utopia scientifca. Em sua marcha caprichosa e vagabunda, a influenza ou gripe tem,

³²⁷ O Combate (SP), 09.03.1923, p. 1.

³²⁸O Brazil-Médico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, 14.02.1920, p. 7.

³²⁹O Brazil-Médico: Revista Semanal de Medicina e Cirurgia, 28.06.1919, p. 6.

até agora, em todos os países, menosprezando todos os regulamentos, todas as medidas administrativas e todas as quarentenas. O mais a que pode o higienista aspirar é preservar limitados agrupamentos humanos, como enfermarias, prisões, collegios, etc. O isolamento, tão eficaz em geral em todas as doenças contagiosas, é irrealizável na gripe epidêmica, a menos que se interrompam por tempo longo todas as relações sociais e todos os contatos daí oriundos. A gripe ou influenza epidêmica é, portanto, doença ubíqua, inacessível a medidas de prophylaxia internacional. 8º. As medidas de prophylaxia individual são, porém, recomendáveis, com probabilidade de êxito. Em primeiro lugar é recomendável a rigorosa antissepsia da boca e das fossas nasais. A prática de vários médicos deve-se o conselho da administração, pela via gástrica, de doses de quinina, em dose útil, como preventivo (...) 9º A benignidade, geralmente reconhecida na gripe, não justifica o terror que por vezes se apodera de algumas pessoas, diminuindo-lhes a resistência orgânica e abrindo as portas a infecção (O BRAZIL-MEDICO, 14.12.1918, p. 9).

Ao longo da pesquisa, verificou-se que as conclusões apresentadas pelo periódico *O Brazil-médico* fizeram parte dos conteúdos divulgados pela imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro ao longo da pandemia de influenza que marcou o segundo semestre de 1918. O documento produzido por Carlos Seidl, enquanto Diretor Geral de Saúde Pública, mostra-nos que muito sobre a informação produzida e circulante a respeito da gripe fazia parte do que já se encontrava nos compêndios.

Tanto que a abertura de seu texto foi taxativa ao precisar que ela se tratava da manifestação da influenza cujo sinônimo era a gripe. Este documento ratificou o que foi mostrado ao longo de todo este trabalho: a convivência com epidemias era algo costumeiro nas sociedades e a influenza não se tratava de uma doença desconhecida. O que havia de novo, no contexto da “gripe espanhola”, eram os motivos que conduziram essa moléstia ao patamar de uma pandemia, ao ponto do termo ser usado nos impressos.

Para entender esses motivos, vimos que a imprensa não deixou de especular e dar palco a todos os tipos de manifestações que colocaram essa pauta em discussão, sugerindo sobre as mais possíveis e variadas outras doenças que poderiam explicar o fenômeno: tuberculose, pneumonia. Mas, em nenhum momento deste trabalho, constatamos a existência de notícias falsas ou que tivessem o interesse de disseminar mentiras com o intuito de produzir desinformação.

No começo da pandemia de influenza, quando os impressos ainda não noticiavam a respeito da doença, ou a consideravam como uma doença benigna, assim procediam em virtude das informações que possuíam até então e da falta de conhecimento sobre as novas características da moléstia. Havia sim, mal-entendidos,

como no caso do jornal do Paraná, um tanto de sensacionalismo, mas não houve mentiras produzidas e plantadas.

O que se quer criticar aqui é a desinformação pela mentira mesmo. Nesse ponto, não tem como não fazer um paralelo com o que foi vivenciado com a atual pandemia de covid-19, quando presenciamos uma disseminação desenfreada de notícias falsas e inverdades produzidas pelo próprio governo federal. Não se trata de fazer anacronismo, é posicionamento pessoal mesmo, à luz da pesquisa.

Como mencionamos, as notícias da imprensa periódica de 1918 mostraram um governo difuso e que sofria críticas pela demora na tomada de medidas e nas ações equivocadas que empreendia. Algo como distante e polido demais em suas posições. Em alguns casos, houve até tentativas de censura para determinados impressos.

No entanto, o governo de 1918, não foi “negacionista”. O termo está em voga e circula em torno à ciência em relação à evolução genética, ao holocausto, ao big-bang etc. Existia um componente ético em relação ao que era divulgado como informação. Não se pode dizer que “mentiam”. Faziam política, conservavam sua manutenção: amenizavam, omitiam dados, experiências etc., mas para dizer que negavam verdades e dados, não está correto. A difusão de conhecimentos de cunho popular acontecia, muitas vezes até em formatos de anúncios publicitários que bancavam os jornais e as revistas, embora não fossem publicados com o intuito de ir contra o que a ciência falava. Concluimos que eram conhecimentos paralelos e que assim foram divulgados.

Ao contrário do que aconteceu na pandemia da “gripe espanhola”, não houve comunicados do “Serviço Sanitário”, tampouco “Conselhos ao Povo” publicados pela imprensa periódica. E se aconteceu, foi para modificar dados e obstruir os processos competentes.

Ao longo da leitura deste trabalho, os paralelos de fatos e acontecimentos da pandemia de 1918 com a de 2020 podem ter sido feitos, uma vez que ainda temos presente os acontecimentos que tivemos que enfrentar com o advento da covid-19. No que concerne ao escopo do presente estudo, sobre o papel da imprensa e a forma com que ela noticiou a pandemia de influenza, há semelhanças entre os dois fatos históricos quando consideramos o papel exercido pela imprensa periódica na difusão da ciência e da orientação profilática à população. Contudo, no tocante ao papel exercido pelas autoridades nacionais e a forma como se utilizaram dos impressos para poder organizar as cidades e enfrentar a pandemia, as diferenças entre a “espanhola” e a covid-19 são notórias. Até porque, vale lembrar, o Consórcio de Imprensa³³⁰ assumiu vestes oficiais sobre os números de mortos e vivos no país.

Se recorrermos, novamente, às palavras de “João do Norte”, pseudônimo de Gustavo Barroso, em seu texto para o jornal *Correio da Manhã*, pode-se encontrar uma sugestiva conclusão para a pandemia de influenza (e, também, a do novo coronavírus):

Como todas as cousas boas e como todas as cousas más, a epidemia há de passar. Mas a sua horrível lembrança há de ficar gravada na retentiva dos habitantes da mais formoso e infeliz capital do Brasil. E eu, embora viva cem annos, jamais hei de esquecer que vi, na minha terra, em pleno século XX, as scenas que Thucydides descreveu quatro séculos antes da era christã, mesmo aquellas contidas na frase tristhesima: “Cada um enterrava seus mortos como podia” (CORREIO DA MANHÃ, 01.11.918, p. 1).

O relato do autor evidencia o sentimento que uma pandemia produz na vida das pessoas e das cidades. Ele falou em “horrível lembrança” que ficou gravada na “retentiva dos habitantes” e na “infeliz capital do Brasil”. E confessa que, mesmo que vivesse cem anos, não se esqueceria do que teve que viver “em pleno século XX”.

Conforme mostramos ao longo desta pesquisa, as pandemias são movimentos cíclicos na história da humanidade. Sempre ocorrem. Vêm e vão. “João do Norte” não

³³⁰ Formado pelos jornais *O Globo*, *OESP*, *Extra*, *Folha de S.Paulo* e pelos portais eletrônicos UOL e g1, estes veículos trabalharam juntos, por dois anos e meio, na coleta dos dados, diretamente nas secretarias estaduais de saúde, do número de contaminados e mortos pelo novo coronavírus (depois, os de vacinados). Criado em junho de 2020 e concluído ao final de janeiro de 2023, o Consórcio de Imprensa nasceu motivado a ser uma resposta da imprensa aos atrasos cometidos, propositalmente, pelo governo federal da época na divulgação dos números diários de mortes causados pela covid-19. Fonte: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2023/01/28/consorcio-de-imprensa-que-permitiu-transparencia-sobre-covid-chega-ao-fim.htm>. Acesso em 07.0.2023.

acreditava ter que viver uma situação dessas em “pleno século XX”. Mas nós também tivemos que vivenciar uma pandemia “em pleno século XXI”. O que permanece são os acertos e as consequências dos erros cometidos durante a vigência de uma crise de saúde pública em virtude da disseminação de uma doença.

A primeira e mais perigosa delas é a falsa compreensão de que uma pandemia seja ou não um problema social. É causada por motivações biológicas, mas suas consequências atingem a todos. Geralmente, como visto em 1918 e atualmente, de maneira distinta: os mais pobres e menos favorecidos sempre são os mais vulneráveis e que se tornam os principais vitimados. Portanto, é um problema social, segregador e resultado de inércia política.

O autor do texto acima precisou que “cada um enterrava os mortos como podia”. Uma frase que foi capaz de sintetizar a situação deixada pela pandemia de influenza em 1918: as cidades já não tinham mais estrutura. Se, como foi visto, a influenza recebeu muitos nomes e formas de representação, um deles foi “a bailarina” ou, como apresentou Brito (1997), “la dançarina”. Ele se deve à alusão que foi feita à maneira como a influenza se espalhou, de forma veloz: era como se fizesse os passos de uma bailarina que, ao dançar, ia preenchendo os espaços. Uma analogia macabra, pois se comparou os movimentos de uma dança aos que a doença produzia: a morte.

Foi justamente assim que aconteceu com a manifestação de influenza em 1918 e não foi diferente com o advento da covid-19. Elas foram como bailarinas que passaram por nossas cidades. De movimentos muito rápidos e que se fizeram ceifadoras de milhões de vidas. Tantas que atualizamos as palavras de “João do Norte”: as enterrávamos como podíamos. Oxalá que, quando outra “bailarina” passar, tenhamos os acontecimentos do passado como efetivos mecanismos de aprendizagem para construir um presente mais digno e comprometido para que as tragédias não sejam ainda maiores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Janete Silveira. **A Espanhola em Porto Alegre – 1918**. Dissertação – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II. Rua de mão única**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. **A gripe espanhola em São Paulo, 1918**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. Estratégias jornalísticas no noticiamento de uma epidemia: a gripe espanhola em São Paulo. In: MONTEIRO, Y.N. (org). **História da Saúde: Olhares e Veredas**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2009.

BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma. Ciência e prática de cura na época da gripe espanhola em São Paulo**. Tese – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

_____. **A gripe espanhola e o “brilhante trabalho” dos doutores Revoredo, Meira e Monteiro da academia paulista de medicina**. *Fênix - Revista De História E Estudos Culturais*, 18(2), 226-242., 2021.

BOTO, Carlota. Nacionalidade, escola e voto: a liga nacionalista de São Paulo. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 17/18, 1994/1995. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/108109>>.

BRITO, Nara de Azevedo. “La dançarina”: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, ciências, saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. IV, n. 1, p. 11-30, 1997.

BRUM, Cristiano Enrique de. A pandemia como inimiga: a Grande Guerra e a gripe espanhola na imprensa ilustrada brasileira. In: KORNDORFER, A.P., ROSSI, D., BRUM, C.E.de, FLECK, E.C.D. (orgs). **Em tempos de pandemia: reflexões necessárias sobre saúde e doenças no passado e no presente**. São Leopoldo: Oikos Editora, 2021.

CAMUS, Albert. **A peste**. Tradução de Valerie Rumjanek Chaves – 39a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador**. *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. Tradução. São Paulo: Humanitas, 2015.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Ligia. **O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S.Paulo” – 1902-1907**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

COSTA, Aline Santos, and ALMEIDA, Cintia Borges de. *O Tico-Tico: espaço de entretenimento e representação da prática escolar republicana*. In: SILVA, M.C., and BERTOLETTI, E.N.M., orgs. **Literatura, leitura e educação (online)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, pp. 99-132.

COTT, Jonathan. **Susan Sontag: entrevista completa para a revista Rolling Stone**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: **Projeto História. História e imprensa**. São Paulo: Educ, 2007.

_____. **São Paulo em papel e tinta – periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: EDUC, FAPESP. Arquivo Público do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial, 2013.

CUETO, Marcos. **El regreso de las epidemias: salud y sociedad em el Perú del siglo XX**. Lima: IEP, 1997.

DAMACENA NETO, Leandro Carvalho. **A "influenza espanhola" de 1918/1919 na cidade de Goiás**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 2011.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. Mídia, Cultura, Revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DE CASTRO ABREU JR, José Maria. **O vírus e a cidade: rastros no cotidiano da cidade de Belém**. Tese – Universidade Federal do Pará, Pará, 2018.

DE DECCA, Edgar Salvadori. **1930, O silêncio dos vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FARIAS, Eduardo Alexandre de. **Jornalismo à Espanhola: um olhar sobre o noticiário recifense da epidemia de gripe de 1918**. Dissertação – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

FARIAS, Silviane de Carvalho. **O espirito da morte: a gripe espanhola na cidade de Bragança-Pará (1918)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pará: Curitiba, 2021.

FERREIRA, Renata Braunner. **Epidemia e drama: a gripe espanhola em Pelotas – 1918**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Rio Grande do Sul, 1999.

FIORENTINO, Teresinha Aparecida del. A Produção e o Consumo da prosa de ficção em São Paulo (1900-1922). **Revista de História**, [S. l.], n. 112, p. 499-515, 1977.

FIorentino, Teresinha Aparecida del. **Prosa de Ficção em São Paulo: Produção e Consumo (1900-1922)**. São Paulo: Hucitec, 1982, p. 3.

Fontes, Virgínia. Capitalismo filantrópico? – Múltiplos papéis dos aparelhos privados de hegemonia empresariais. **Marx e o marxismo**, v.8, n. 14, 2020.

GAMA, Rosineide de Melo. **Dias mefistofélicos: a gripe espanhola nos jornais de Manaus (1918-1919)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Amazonas: Manaus, 2013.

GOULART, Adriana da Costa. **Um Cenário Mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro**. Dissertação – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2003.

GRAMSCI, Antonio. Filantropia, boa-vontade e organização. **Antologia de Textos Filosóficos**. Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HOCHMAN, Gilberto. **Vacinação, varíola e uma cultura da imunização no Brasil**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(2), p. 375-386, 2011.

KOLATA, Gina. **Gripe: a história da epidemia de 1918**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LE GOFF, Jacques. **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1985.

LEVI-MOREIRA, S. Ideologia e atuação da Liga Nacionalista de São Paulo (1917-1924). **Revista de História**, [S. l.], n. 116, p. 67-74, 1984. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i116p67-74. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61361>. Acesso em: 16 abr. 2023.

LEVINE, Arnold J. e ENQUIST, Lynn W. *História de Virologia*. Tradução, reedição e adaptação de Paolo M. de A. Zanotto. *Fields Virology*. 5a. edição. 2007.

LOVE, Joseph. **A locomotiva: São Paulo na federação brasileira (1889/1937)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MACENA, Fabiana Francisca. **Madames, mademoiselles, melindrosas: “feminino” e modernidade na revista Fon-fon (1907-1914)**. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília: Brasília, 2020.

MAGALHAES, Aline Montenegro. **Troféus da Guerra perdida: um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barroso**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009.

MARTINS, Maria José Moraes. **A Gripe Espanhola em Belém, 1918: cidade, cotidiano, medicina**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pará, Pará, 2016.

MORAES, Juliana Lopes de. **A vida moderna (1907-1922), o periódico-vitrine da cidade de São Paulo: tempos de modernidade com um leve toque português.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis: Assis, 2007.

MUNAKATA, Kazumi. **O microscópio na escola e a observação.** Anuario de Historia de la Educación, v, 22, n.2, p. 98-114. 2021.

OLINTO, Beatriz Anselmo. **Uma cidade em tempo de epidemia.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1995.

OLIVEIRA, Bruna Vieira Gomes de. **A Política Revista Combativa Ilustrada: o universo das crônicas de Coelho Neto.** Revista Ars Histórica, n. 8, Anais da VIII Jornada Discente do PPGHIS/URFJ, 2013, p. 236-246.

PORTO, Cesar Henrique de Queiroz. Gripe Espanhola e a imprensa escrita de Montes Claros em 1918. In: RODRIGUES, R.M.A. (org). **A História na Imprensa. A Imprensa na História.** Jundiá: Paco, 2016.

QUEIROZ, Jorge Valdevino. **Carlos Pinto Seidl: ciência e política, contrapontos em uma trajetória intelectual frente à Diretoria Geral de Saúde Pública (1912-1918).** XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015.

RIBEIRO, Anna Cristina Rodopiano de. **Entre alcunhas, altares e alcovas: a gripe espanhola na boca do Sertão Paulista. Botucatu, 1918.** Dissertação – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta Rocha. **Educação Escola e Saúde no Projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925).** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2003.

ROSEN, George. **Uma história da saúde pública.** São Paulo: Editora UNESP, 1994.

ROSSI, Pamela de Mattos. **Os acordos MEC-USAID no jornal O Estado de S.Paulo (1962-1973).** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANTANA, Adriana. **Entre o quinino e a cloroquina: ecos da gripe espanhola na cobertura jornalística sobre a pandemia no Brasil.** Ponta Grossa: Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, v.7, p. 1-32, 2020.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. **O Carnaval, a peste e a ‘espanhola’.** In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.13, n1, p 129-58, jan-mar.2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloísa Murgel. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SCHIAVON, Carolina Rieger Massetti. **Irmãos Koch, think tank, coletivos juvenis: a atuação da rede libertariana sobre a educação.** Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2020.

SILVA, Alexandre Caetano da. **Recife, uma cidade doente: a gripe espanhola no espaço urbano recifense**. Dissertação – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SILVA, Anete Charnet Gonçalves da. **A Inspeção Médica Escolar em São Paulo (1911-1930): a Escola como Lugar de Higiene e Saúde**. Dissertação: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SILVA, Camila Marchi da. História do Museu Pedagógico Nacional: Pedagogium – um museu de grandes novidades (1890-1919). Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2021.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. **A Influenza Espanhola e a Cidade Planejada, Belo Horizonte, 1918**. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense: Rio de Janeiro, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOLNIT, Rebecca. Um paraíso em el infierno. Las extraordinárias comunidades que surgen en l desastre. Tradução de David Muñoz Mateos. Madrid: Capitán Swing Libros, 2020.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

_____. **Contra a interpretação e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Ensaio sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia**. Tese – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007.

PEREIRA, Helcius Batista; RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **O guia médico do dr. Luiz Pereira Barreto: um estudo histórico-sociolinguístico da prática discursiva**. Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som. Rio de Janeiro: v. 6, n. 1, p. 31-70, 2021.

ZEM EL-DINE, Lorenna Ribeiro; MELLO, Vanessa Pereira da Silva e. **A gripe espanhola como lição: a pandemia de 1918-1919 nos jornais “O Globo” e “Folha de S. Paulo” (1941-2020)**. In: Revista Nupem, Campo Mourão, v.13, n.29, p. 13-35, maio/ago. 2021.